

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
(MESTRADO E DOUTORADO)**

TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO

**RASURAS DIGITAIS NA ESCRITA ACADÊMICO-CIENTÍFICA: A CONSTITUIÇÃO
DA ESCRITA DO GÊNERO RESENHA**

**MARINGÁ – PR
2021**

TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO

**RASURAS DIGITAIS NA ESCRITA ACADÊMICO-CIENTÍFICA: A CONSTITUIÇÃO
DA ESCRITA DO GÊNERO RESENHA**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Carneiro Capristano

MARINGÁ – PR

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

M149r Machado, Tatiane Henrique Sousa
Rasuras digitais na escrita acadêmico-científica : a constituição da escrita do gênero
resenha / Tatiane Henrique Sousa Machado. -- Maringá, PR, 2021.
188 f.: il., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Carneiro Capristano.
Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-
Graduação em Letras, 2021.

1. Letramentos acadêmicos. 2. Escrita acadêmico-científica. 3. Heterogeneidade. 4.
Rasura digital. I. Capristano, Cristiane Carneiro, orient. II. Universidade Estadual de
Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias
Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 410

Marinalva Aparecida Spolon Almeida - 9/1094



Fundação Universidade Estadual de Maringá

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE TEORIAS LINGÜÍSTICAS E LITERÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E ESTUDOS LITERÁRIOS

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO EM LETRAS DA PÓS-GRADUANDA TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO, REALIZADA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, NO DIA 7/06/2021.

Aos **sete** dias do mês de **junho** do ano de **dois mil e vinte um**, às **catorze horas**, por via remota, sob a presidência da Profª Drª Cristiane Carneiro Capristano, em sessão pública, reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado em Letras da pós-graduanda **TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO**, assim constituída: Profª Drª Cristiane Carneiro Capristano (orientadora/presidente – UEM/PLE), Profª Drª Neiva Maria Jung (membro do corpo docente – UEM/PLE), Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira (membro do corpo docente – UEM/PLE), Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (membro convidado – Universidade de São Paulo – USP – São Paulo-SP) e Profª Drª Fabiana Cristina Komesu (membro convidado – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP – São José do Rio Preto - SP). Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento, aos membros da Banca e a pós-graduanda, das normas que regem a Defesa Pública de Tese de Doutorado e definiu-se a ordem a ser seguida pelos Examinadores para a arguição. A seguir, a candidata passou à defesa de sua tese de doutorado intitulada **RASURAS DIGITAIS NA ESCRITA ACADÊMICO-CIENTÍFICA: A CONSTITUIÇÃO DA ESCRITA DO GÊNERO RESENHA**. Encerrada a defesa, procedeu-se ao julgamento em sessão secreta, tendo sido a pós-graduanda **APROVADA**, fazendo jus ao título de **DOUTORA EM LETRAS**, área de concentração: **Estudos Linguísticos**. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, Adelino Marques, secretário do Programa de Pós-graduação em Letras. Maringá, **7 de junho de 2021**.

Profª Drª Cristiane Carneiro Capristano
Presidente da Banca – Orientador (UEM-PLE)

Profª Drª Neiva Maria Jung
Membro do Corpo Docente (UEM-PLE)

Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira
Membro do Corpo Docente (UEM-PLE)

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa
Membro Convidado (USP – São Paulo-SP)

Profª Drª Fabiana Cristina Komesu
Membro Convidado (UNESP–São José do Rio Preto-SP)

Ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado)
ATA HOMOLOGADA EM REUNIÃO DO DIA **07/06/2021**, conforme
Regulamento do Programa.

Assinatura do Coordenador Adjunto do Programa

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constatando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica *decisão, escolha, intervenção* na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de *estudar por estudar*. De *estudar* descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante, alheado de nós e nós dele. Em favor *de que* estudo? Em favor *de quem*? *Contra que* estudo? *Contra quem* estudo? (Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de modo particular e respeitoso, à minha orientadora, que soube administrar os momentos nos quais precisei de apoio teórico-metodológico e científico, bem como os momentos que necessitei de incentivo emocional para seguir lutando pela nossa pesquisa e pela nossa profissão.

Agradeço aos professores Neiva Jung e Manoel Corrêa, pela valorosa contribuição na fase de qualificação desta tese, bem como à professora Fabiana Komesu e professor Neil Armstrong Franco de Oliveira. Obrigada por dedicarem seu valoroso tempo para cooperar com esta tese. Os senhores são exemplos de profissionais, nos quais me espelho.

Agradeço a todos os colegas do Grupo de Pesquisa, “Estudos sobre aquisição da escrita”, os quais, semanalmente, dividiram experiências, conhecimentos e foram fonte de incentivo e de aprendizado. Em especial, Mônica e Pedro, os quais caminharam mais de perto neste processo de doutoramento.

Expresso, ainda, um especial agradecimento, à minha família de sangue, que me apoiou e incentivou, depositando em mim mais confiança do que eu julgava merecer. Mãe, teu esforço foi recompensado. Agradeço, ainda, à minha família de afinidade, Luiz Roberto Prandi e Marina Gimenes, que me apoiaram e tornaram esta caminhada, principalmente, os momentos de isolamento social e de estudos, menos penosos e mais esperançosos. Sou grata por vocês apoiarem minhas escolhas. Saibam que, embora não diretamente, esta tese é fruto do investimento emocional que todos vocês me dedicaram.

Agradeço à Universidade Paranaense – UNIPAR, instituição que me concedeu bolsa de estudos para a realização desta importante etapa da minha formação, e à equipe do Programa de Pós-graduação em Letras da UEM.

Por fim, embora o protocolo estabeleça o agradecimento a todos que contribuíram diretamente, de maneira objetiva e concreta, à pesquisa, peço licença para agradecer a Deus, que foi e é a fonte de força para que eu mantenha meus objetivos, mesmo diante das inúmeras dificuldades, sociais, econômicas e emocionais impostas.

RESUMO

A partir de contribuições de estudos sobre rasura (como, por exemplo, CALIL, 2001; CAPRISTANO, 2013; MACHADO, 2014; MACHADO, CAPRISTANO, JUNG 2019), amparada pela noção de heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1998) e pela noção de gêneros do discurso de Bakhtin (2003), a presente tese, inserida na vertente dos estudos sobre Letramentos Acadêmicos, na linha de pesquisa de Ensino-aprendizagem de Línguas, analisou gestos retrospectivos na produção escrita realizada por meio de recursos tecnológicos, denominados rasura digital, observando, nesses gestos, negociações com diferentes outros constitutivos do discurso e da escrita. Para composição dos materiais desta pesquisa, inicialmente, foi realizada uma oficina sobre o gênero resenha acadêmica, com acadêmicas de Pedagogia, que cursavam, à época, o 1.º ano, em uma universidade particular do interior do Paraná. A partir dessa oficina, foram produzidas resenhas acadêmicas, por meio do aplicativo *Google Docs*, ferramenta que registra o processo de escrita, salvando suas alterações, bem como organizando-as em versões cronológicas e sucessivas. Partiu-se da hipótese de que as rasuras digitais sinalizam o sujeito negociando com a constituição do (seu) projeto de dizer no interior de um gênero discursivo. Para confirmar essa hipótese, o objetivo geral da tese foi propor uma interpretação sobre os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita, quando realizada no contexto digital, numa prática de escrita acadêmico-científica. Especificamente, buscou-se: (a) mapear os movimentos retrospectivos presentes na produção textual de uma resenha acadêmica, caracterizando o gesto denominado de rasura digital; (b) analisar as rasuras digitais, verificando como se representam nelas as negociações do sujeito escrevente com os diferentes outros (AUTHIER-REVUZ, 1990) que constituem a (sua) escrita; e, por fim, (c) verificar a existência de tendências nos modos como se mostravam essas negociações. O *corpus* foi composto por 23 textos, produzidos ao longo de 236 rascunhos digitais (versões de enunciados salvas pela ferramenta), a partir de uma proposta de produção textual intitulada “Escrita da resenha: Ética e Cidadania”. Para esta tese, foram selecionados 130 rascunhos digitais, por apresentarem gestos retrospectivos visíveis. Para análise, ancoramo-nos em princípios de uma pesquisa qualitativa, inspirada no Paradigma indiciário (GINZBURG, 1983), bem como em recursos metodológicos quantitativos, a fim de verificar possíveis tendências na emergência das rasuras. Em relação ao primeiro objetivo específico, foram identificadas 614 rasuras digitais, por meio de operações de substituição (43%/262), apagamento (32%/196), inserção (23%/141) e deslocamento (2%/15). A maior incidência de substituição foi reconhecida como indício da atuação da máquina, que sinaliza, com base em uma concepção prescritiva de língua, caminhos preferenciais algoritmizáveis ao escrevente, a partir de um inventário criado com as escolhas preferenciais de diferentes sujeitos. A maior parte das rasuras (88%/541) ocorreu ao longo das chamadas versões intermediárias, o que, a nosso ver, remeteria à reflexividade inerente da língua, já que marcariam pontos sensíveis que mostrariam a constitutiva opacidade sempre presente na escrita. Também houve maior recorrência de rasuras nas versões finais, quando comparadas à versão inicial, o que indicia forte eco das práticas escolares sobre o processamento progressivo do texto em etapas, que acomodam a revisão como etapa final. Em

relação ao objetivo específico segundo, à luz do aporte teórico de Authier-Revuz (1998) e Bakhtin (2003), pôde-se verificar a negociação com diferentes outros: outro discurso, outro sentido, outro estilo, outro tema, outra estrutura composicional, outro suporte e outro autor. Em relação ao objetivo específico três, lançando mão de uma análise quantitativa, foi possível verificar maior incidência sobre a negociação com outro estilo (47% - 290), especialmente, em relação aos aspectos ortográficos. Esse resultado foi interpretado como busca de ajustamento da interação a um endereçamento superior, sob atuação da memória digital, reforçada pelos facilitadores acessíveis na escrita digital que consideram apenas a dimensão técnica da língua. Embora a língua ofereça múltiplas possibilidades de combinações, no contexto de produção escrita digital, impõe-se ao escrevente tentativas higienizadoras, ligadas a uma noção prescritiva de língua presente também nas práticas de letramento escolar. Com base nesses resultados e respondendo à hipótese desta tese, concluiu-se que, de fato, rasuras digitais são movimentos retrospectivos que sinalizam o sujeito negociando a constituição do (seu) projeto de dizer no interior de um gênero discursivo, havendo, nessa negociação, atuação da memória digital que acomoda os sentidos algoritmizados e a possibilidade de ruptura, dada a diversidade social e histórica dos sujeitos que enunciam e da língua/escrita, uma vez que os caminhos sugeridos pelo autômato são autorizados pelo escrevente.

Palavras-chave: Letramentos Acadêmicos; Escrita Acadêmico-científica; Heterogeneidade; Rasura digital.

ABSTRACT

Based on contributions from studies on erasure (such as, for example, CALIL, 2001; CAPRISTANO, 2013; MACHADO, 2014; MACHADO, CAPRISTANO, JUNG, 2019), supported by Authier-Revuz's (1998) concept of enunciative heterogeneity and Bakhtin's (2003) concept of genres of discourse, the present doctoral dissertation, which is inserted in the strand of studies on Academic Literacies, in the research line of Teaching-Learning of Languages, analyzed retrospective gestures in the written production performed through technological resources, denominated digital erasure, observing, in these gestures, negotiations with various "others" constitutive of the discourse and of the writing. To create the materials for this research, initially, it was conducted a workshop about the genre academic review, with freshmen undergraduate students of Pedagogy, in a private university in the interior of the state of Paraná. From this workshop, academic reviews were produced through the Google Docs application, a tool that records the writing process, recording its changes, as well as organizing them in chronological and successive versions. It is hypothesized that the digital erasures indicate the negotiation of the subject with the constitution of (his/her) project of saying within a discursive genre. In order to validate this hypothesis, the general goal of the thesis was to propose an interpretation about the retrospective movements of the subject about (his/her) writing, when performed in the digital context, in an academic-scientific writing practice. Specifically, it sought to: (a) map the retrospective movements present in the textual production of an academic review, characterizing the gesture denominated digital erasure; (b) analyze the digital erasures, checking how the writing subjects' negotiations with the different "others" (AUTHIER-REVUZ, 1990) that constitute (their) writing are represented in them; and, finally, (c) verify the existence of tendencies in the ways these negotiations were displayed. The corpus was composed of 23 texts, produced throughout 236 digital drafts (versions of statements recorded by the tool), from a textual production proposal entitled "Writing the review: Ethics and Citizenship". For this dissertation, 130 digital drafts were selected, as they presented visible retrospective gestures. For the analysis, we grounded ourselves in qualitative research principles, inspired by the Evidentiary Paradigm (GINZBURG, 1983), as well as in quantitative methodological resources, in order to verify possible tendencies in the emergence of erasures. In terms of the first specific objective, 614 digital erasures were identified, by means of replacement (43%/262), erasure (32%/196), insertion (23%/141) and displacement (2%/15) operations. The higher occurrence of substitution was recognized as an indication of the machine's action, which signals, based on a prescriptive conception of language, preferential algorithmizable paths to the writer, from an inventory created with the preferential choices of different subjects. Most of the erasures (88%/541) occurred along the so-called intermediate versions, which, in our understanding, would refer to the inherent reflexivity of language, since they would mark sensitive points that would show the constitutive opacity always present in writing. There was also a greater recurrence of erasures in the final versions, when compared to the initial version, which points to a strong echo of school practices on the progressive processing of the text in stages, which accommodate the revision as a final stage. In relation to the second objective, in the lights of Authier-Revuz (1998) and Bakhtin (2003), we could observe the negotiation with different others: other discourse, other meaning, other style, other theme, other compositional structure, other medium and other author. In relation to specific objective three, resorting to a quantitative analysis, it was possible to find a higher incidence on the negotiation with other style (47% - 290), particularly in relation

to orthographic features. This result was interpreted as a search for adjusting the interaction to a higher addressing, under the performance of digital memory, reinforced by the facilitators accessible in digital writing that consider solely the technical dimension of the language. Although language provides multiple combinations possibilities, in the context of digital writing production, it imposes on the writer hygienic attempts, linked to a prescriptive notion of language also present in school literacy practices. Based on these results and in response to the hypothesis of this dissertation, we concluded that, in fact, digital erasures are retrospective movements that signal the subject negotiating the constitution of (his/her) project of saying within a discursive genre, with, in this negotiation, the performance of digital memory that accommodates the algorithmized meanings and the possibility of rupture, given the social and historical diversity of the subjects that enunciate and the language/writing, since the pathways suggested by the automaton are authorized by the writer.

Keywords: Academic Literacies; Academic-Scientific Writing; Heterogeneity; Digital Erasure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Rasura digital.	20
Figura 2: Rasura digital – substituição.	92
Figura 3: Inserções prospectivas de continuidade e não de rasura	92
Figura 4: Histórico de versões do arquivo do Google Docs	93
Figura 5: Rasura em contexto digital.....	94
Figura 6: Escrita colaborativa excluída.....	95
Figura 7: Escrita colaborativa excluída.....	95
Figura 8: Escrita fora do arquivo compartilhado em apenas uma versão.....	96
Figura 9: Rasura digital – Apagamento.	98
Figura 10: Rasura digital – Inserção.....	98
Figura 11: Rasura digital – Deslocamento.	99
Figura 12: Rasura digital – Substituição.....	99
Figura 13: Rasura digital – Substituição concatenada.	100
Figura 14: Rasura digital – Inserções + substituição.....	100
Figura 15: Rasura digital – apagamento + inserção + substituição concatenadas.	101
Figura 16: Rasura digital por substituição – Regência.	109
Figura 17: Rasura digital – substituição – aspectos lexicais.	110
Figura 18: Rasura digital – substituição – título.....	111
Figura 19: Rasura digital – inserção – sequência argumentativa.....	111
Figura 20: Rasura digital – substituição - negociação outro estilo.....	127
Figura 21: Rasura digital - apagamento - outro suporte.....	131
Figura 22: Rasura digital – inserção – estrutura composicional.	135
Figura 23: Rasura digital – apagamento – outra estrutura composicional.....	136
Figura 24: Rasura digital – inserção – outra estrutura composicional.	137
Figura 25: Modelo de resenha compartilhado.	137
Figura 26: Rasura digital – substituição - outro sentido.....	142
Figura 27: Rasura digital – substituição – outro sentido.....	143
Figura 28: Rasura digital – substituição – outro sentido.....	144
Figura 29: Rasura digital – inserção – outro conteúdo temático.....	148
Figura 30: Rasura digital – inserção – outro conteúdo temático.....	148
Figura 31: Rasura digital – inserção – outro conteúdo temático.....	149
Figura 32: Rasura digital – apagamento – outro autor 1.	153
Figura 33: Rasura digital – apagamento – outro autor 2.	154
Figura 34: Rasura digital – inserção – outro autor.....	154
Figura 35: Rasura digital – substituição – outro discurso.	158

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição quantitativa das rasuras digitais.	103
Gráfico 2: Distribuição das rasuras ao longo das versões.	104
Gráfico 3: Distribuição por tipo de gesto.	107
Gráfico 4: Mapeamento das negociações.	115
Gráfico 5: Mapeamento das negociações outro estilo – tipo de rasuras.	124
Gráfico 6: Mapeamento das negociações outro suporte – tipo de rasuras. ...	129
Gráfico 7: Mapeamento das negociações outro sentido – tipo de rasuras.	140
Gráfico 8: Mapeamento das negociações outro conteúdo temático – tipos de rasuras.	146
Gráfico 9: Mapeamento das negociações outro autor – tipos de rasuras.	151
Gráfico 10: Mapeamento das negociações outro discurso – tipo de rasuras	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição quantitativa dos escreventes que se enquadram na média rasura/sujeito/versão.	104
Tabela 2 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com outro estilo.....	125
Tabela 3 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com outro suporte.	130
Tabela 4 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com outra estrutura composicional.	134
Tabela 5 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com outro sentido.....	141
Tabela 6 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com outro conteúdo temático.	147
Tabela 7 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com outro autor.	152
Tabela 8 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com outro discurso.....	157

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Apresentação estrutural de uma resenha.....	83
Quadro 2: Tipos de rasuras digitais.....	91
Quadro 3: Organização dos materiais (continua).....	96
Quadro 3: Organização dos materiais (conclusão).....	96
Quadro 4: Distribuição das rasuras entre as versões primeira, intermediária e última.	105

SUMÁRIO

A GÊNESE DA PRESENTE TESE	15
DIÁLOGO ENTRE LETRAMENTO(S) E A HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA	
31	
1.1 Letramentos(s)	31
1.2 Letramento em contexto universitário e o processo de aquisição da escrita	37
1.3 A resenha acadêmica: diferentes modos de conceber.....	44
RASURAS: FISSURAS E ABERTURAS PARA O OUTRO	48
2.1 Rasura nos manuscritos, manuscritos digitais e rascunhos digitais da Crítica Genética.....	48
2.2 Rachaduras, fissuras: rasura e rasura digital no campo dos estudos da linguagem	61
2.3 Os outros e a noção de heterogeneidade em enunciativa	68
MODOS DE FAZER CIÊNCIA NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS	74
3.1 Questões metodológicas: pontos de partida	74
3.1.1 Paradigma Indiciário	76
3.2 Caminhos trilhados ou passos metodológicos	79
3.2.1 A constituição dos materiais de pesquisa.....	80
3.2.2 A constituição teórica dos materiais	86
3.3 Caracterização do objeto de pesquisa	90
RASURAS DIGITAIS NA ESCRITA DE UMA RESENHA ACADÊMICA	102
4.1 Olhar quantitativo	102
4.2 Os diferentes “outros” mostrados pelas rasuras	113
4.3 As negociações com os diferentes outros e tipos de rasuras	123
4.3.1 A atuação da negociação com outro estilo para emergência de rasuras digitais	123
4.3.2 O suporte como ponto de partida para a emergência de rasuras	128
4.3.3 Os efeitos da estrutura composicional nas rasuras digitais	132
4.3.4 Na fronteira entre memória discursiva e memória digital: negociações com outros sentidos.....	139
4.3.5 A atuação de outro conteúdo temático sob a emergência das rasuras digitais	145
4.3.6 A emergência de diferentes autores na rasura digital.....	150
4.3.7 O confronto de diferentes discursos mostrados nas rasuras digitais	155
4.4 Panorama geral sobre as rasuras digitais	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	171

A GÊNESE DA PRESENTE TESE

O ensino superior no Brasil iniciou-se com a chegada da família real portuguesa ao país, em 1808, devido à dificuldade de as classes dominantes que aqui se instalaram ingressarem em universidades da Europa (BORTOLANZA, 2017). Após 1850 (governo de Dom Pedro II), ocorreu uma gradual expansão das instituições educacionais, especialmente em 1889, com a Proclamação da República, expansão que, depois, foi seguida de mudanças, inclusive com a permissão de criação de instituições privadas (BORTOLANZA, 2017). Nesse cenário, somente entre 1889 e 1919 foram criadas 56 novas escolas de ensino superior, em sua maioria, privadas (BORTOLANZA, 2017). Contudo, Sampaio (1991) considera que essas escolas superiores somente adquiriram caráter universitário nos anos 1930, uma vez que ainda eram escolas isoladas e voltadas às áreas de profissionalização liberal de direito, medicina e engenharias e sob extremo controle do Estado. Objetivava-se, nesse período, assegurar diplomas profissionais que permitissem a uma classe privilegiada ocupar cargos de destaque no mercado de trabalho (MARTINS, 2002). Para tanto, cabia ao Estado determinar currículo, programas, livros e indicação de docentes (SAMPAIO, 1991).

Com a Constituição de 1891, abriu-se a possibilidade de criação de instituições privadas, vinculadas às elites locais e confessionais católicas (MARTINS, 2002). Nesse período, ocorreu a descentralização do sistema, permitindo o surgimento de escolas federais, estaduais, municipais públicas e as privadas, compreendidas como escolas autônomas, centradas em cursos únicos, com destaque às instituições privadas (SANTOS; CERQUEIRA, 2009). Nesse cenário, as instituições ganharam um caráter tecnológico, incluindo escolas politécnicas, cursos vinculados à agricultura e farmácia. Em especial, a partir de 1945, ocorreu o processo de federalização das universidades estaduais, criadas nas décadas de 1930 e 1940, como resposta aos esforços políticos regionais (SAMPAIO, 1991). Entre 1940 e 1960, expandiu-se o ensino superior, com a criação de instituições estaduais e privadas (SAVIANI, 2004). Houve, assim, naquele momento, uma ampliação do ensino médio, criando uma demanda para o ensino superior, este último considerado garantia de acesso ao trabalho.

Após a 2ª Guerra Mundial, bem como com a aceleração do processo de industrialização, em meados de 1960, observa-se preocupação com a formação universitária a fim de garantir o desenvolvimento econômico. Para tanto, nesse período, inicia-se a construção de

[...] uma rede de universidades federais, públicas e gratuitas, abarcando praticamente todos os estados da Federação. Em função dessa iniciativa, em 1965 o número de matrículas cresceu, atingindo cerca de 352 mil estudantes. (NEVES; MARTINS, s. d., p. 97).

Ainda, entre 1964 e 1985, com a ditadura militar, instaurou-se um movimento desenvolvimentista, buscando a internacionalização da economia, fato que se mostrou ineficaz para o aumento de vagas e motivou a criação de movimentos estudantis, que lutavam pela ampliação de vagas no ensino superior.

Destacamos, também, que, na década de 1960, a Reforma Universitária (1968) passou a definir a universidade como “o modelo preferencial para a expansão do sistema de Ensino Superior, tendo por função o ensino, a pesquisa e a extensão” (NEVES; MARTINS, s.d., p. 98). Contudo, como alertam esses autores, o aumento de vagas solicitado, contrariando a orientação da reforma universitária, acabou sendo promovido pelo setor privado, o que permitiu manter contidos os investimentos públicos, evitando a “massificação do ensino de graduação nos estabelecimentos públicos e diminuindo as tensões políticas” (*ibidem*). Nesse cenário, observa-se que, entre 1970 e 1980, o ensino superior privado cresceu, passando de 50,5% para 64,3% (DURHAM, 2003). Nele, asseveram Neves e Martins (s.d.), predominavam faculdades isoladas, voltadas ao ensino, as quais ofereciam cursos de baixo custo, vinculados às áreas de ciências humanas e sociais, no período noturno. Esses mesmos autores destacam, ainda, que, nesse período, os exames de admissão eram menos competitivos, facilitando o ingresso.

Posteriormente, um novo aumento foi observado na década de 1990, especialmente após um período de estabilização econômica (Plano Real de 1994). Cresceram 70,6% as matrículas no setor privado, contra os 26,6% do setor público (entre 1995 e 2000), chegando a 100% no setor privado entre 2000 e (NEVES; MARTINS, s.d.).

Mesmo com a institucionalização do ensino superior (público e privado) que impulsionou o aumento da população universitária, como observado nos dados acima,

durante muito tempo, o acesso ao ensino superior ficou restrito a uma pequena parcela da população brasileira, motivando a criação de políticas afirmativas para a sua democratização (NEVES *et al.*, 2007), a fim de reparar desigualdades historicamente acumuladas. Dentre essas, destacam-se diferentes programas governamentais, tais como, o FIES¹ (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior); o PROUNI² (Programa Universidade para Todos); o REUNI³ (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação das Universidades); o Pnaes⁴ (Plano Nacional de Assistência Estudantil); o SISU⁵ (Sistema de Seleção Unificada); o PROIES⁶ (Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento das Instituições do Ensino Superior). Mais especialmente, também a lei de cotas⁷ contribuiu para que o acesso à universidade se estendesse, lentamente, a públicos historicamente excluídos desse segmento no Brasil.

Tal observação sinaliza uma melhora lenta, em relação à ampliação da origem socioeconômica dos universitários, visto que, mesmo diante das mudanças promovidas ao longo do tempo, ainda muitos estudantes constituem-se como a

¹ O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES – foi criado pela Lei no 10.260, de 12 de julho de 2001 e profundamente redefinido pela Lei nº 12.202, de 14 de janeiro de 2010, objetivando financiamento para vagas nas instituições privadas. Disponível em: www.mec.gov. Acesso em: 01 fev. 2021.

² O Programa Universidade para Todos – PROUNI – foi instituído pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005 visa ofertar bolsas de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de educação superior. Disponível em: www.mec.gov. Acesso em: 01 fev. 2021.

³ O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação das Universidades Federais – REUNI – foi instituído pelo Decreto no 6.096, de 24 de abril de 2007 busca dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em dez anos, a partir de 2008, e permitir o ingresso de 680 mil alunos a mais nos cursos de graduação das Instituições Federais de Educação Superior. Disponível em: www.mec.gov. Acesso em: 01 fev. 2021.

⁴ Apoia a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial das Instituições Federais de Educação Superior (IFES), foi instituído pelo Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010 Disponível em: www.mec.gov. Acesso em: 01 fev. 2021.

⁵ Foi criado pelo Ministério da Educação em 2010, com o objetivo de substituir o vestibular tradicional nas instituições públicas de educação superior, assegurando gratuidade a todos os estudantes de escolas públicas e utilizando os resultados do Enem, combinados a um conjunto de ações afirmativas, como critério de seleção dos estudantes. Disponível em: www.mec.gov. Acesso em: 01 fev. 2021.

⁶ O Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento das Instituições de Ensino Superior (Proies) foi instituído pela Lei nº 12.688, de 18 de julho de 2012 objetiva assegurar condições para a continuidade das atividades de entidades mantenedoras de instituições de Ensino Superior integrantes do sistema de ensino federal, por meio da aprovação de plano de recuperação tributária e da concessão de moratória de dívidas tributárias federais. Disponível em: www.mec.gov. Acesso em: 01 fev. 2021.

⁷ A Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012 (Lei das Cotas) estabelece que as instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas e que, no preenchimento destas vagas, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita. Disponível em: www.mec.gov. Acesso em: 01 fev. 2021.

primeira geração universitária a ter acesso ao ensino superior no Brasil. A exemplo disso, nota-se que, no Brasil, no curso de Pedagogia (contexto pesquisado na presente tese), em 2009, apenas 7% dos pais dos estudantes tinham ensino superior (RISTOFF, 2013). Tais dados históricos, apresentados nesta síntese introdutória, sinalizam que a expansão do ingresso no ensino superior, promovida na década de 1960 e alicerçada pelo ensino privado, desde então, está longe de promover a sonhada democratização.

Partindo desse breve panorama do ensino superior no Brasil, sem pretensões de esgotar sua caracterização, busca-se situar em que cenário se insere a presente tese, ou seja, no interior do ensino universitário, especificamente, de uma instituição privada do interior do Paraná, em um curso de Pedagogia, no qual 66,7% dos acadêmicos compõem a primeira geração familiar a cursar o ensino superior.

Em 2019, conforme Censo do MEC⁸, foram matriculados 8.603.824 estudantes, 75,8% na rede privada e 24,2% em instituições públicas (BRASIL, 2020). Esses dados permitem compreender que, ao longo da última década⁹, no Brasil, houve um crescimento quantitativo de ingressantes no ensino superior, proporcionado, principalmente, pela expansão da rede privada de ensino, sinalizando um processo em curso de privatização do ensino superior que merece destaque. Esse crescimento, ainda que passível de críticas devido ao modo como tem ocorrido, deve ser reconhecido como significativo, já que houve um inegável avanço na quantidade e diversidade de pessoas que ingressaram na educação superior no Brasil nesse período.

Não nos cabe, nesta tese discutir, minuciosamente, as alterações ocorridas nas políticas da educação, contudo, dado o *locus* de nossa pesquisa, é importante resgatar esse cenário, uma vez que, mesmo reconhecendo que a inclusão de novos públicos é inegável, ela se deu, muitas vezes, de uma forma marginal. Ou seja, a inclusão de novos públicos fez com que surgisse, no ambiente universitário, uma comunidade heterogênea, formada por acadêmicos vindos de diferentes estratos sociais, alguns dos quais (sobretudo aqueles vindos dos estratos mais populares) são

⁸ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2019**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 03 jan. 2021.

⁹ Conforme Censo INEP 2019, em 2009, o Ensino Superior contava com 5.739.993, enquanto em 2019, 8.573.823, crescimento registrado, principalmente entre os cursos tecnológicos.

frequentemente etiquetados como aqueles que “não sabem”, “não conseguem”, “não atendem às demandas”. Não endossamos essa concepção marginal e cremos que ela se alicerça no fato de valorizar, por exemplo, nas práticas de escrita (foco da pesquisa), somente o produto final, sem, contudo, dar vazão ao processo de construção do dizer (sobre o qual nos debruçamos), bem como ao fato de as práticas sociais de escrita solicitadas na universidade nem sempre contemplarem as particularidades do sujeito que enuncia.

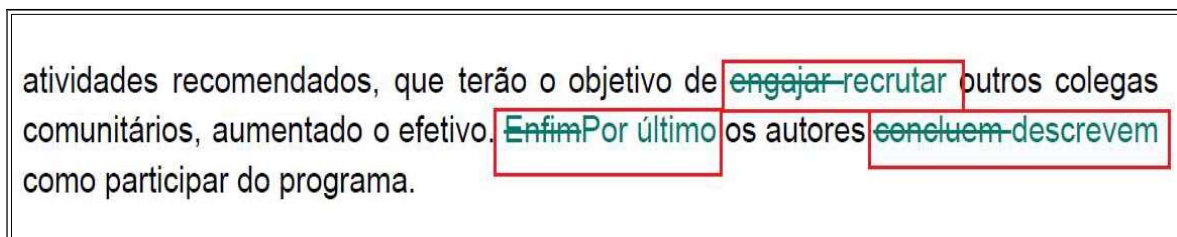
Por conseguinte, a fim de problematizar o processo de construção do dizer, e não meramente seu produto final, nesta tese, dedicamo-nos a olhar para parte do processo da escrita, em especial, para os movimentos de retorno (retrospectivos) do escrevente sobre a sua escrita, por meio de recursos digitais. Os recursos digitais são entendidos, nesta tese, como os equipamentos ou programas que possibilitam a escrita em rede, aqui compreendida como escrita na qual se utiliza recursos tecnológicos, tais como *desktop*, *notebooks*, *smartphones*, recorrendo-se, portanto, a aplicativos que permitam o processo de escrita e edição de textos.

Vale salientar que, ao escolhermos este campo de estudo, jamais imaginamos que estaríamos finalizando nossos estudos em um momento (de isolamento social, de pandemia) em que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) ganharam *status* de salvadoras, o que nos preocupou, visto que esse *status* foi conferido sem termos compreendido, de fato, o que significa a chamada inclusão digital e as possíveis consequências dessa inclusão nas práticas escolares.

Não nos filiamos a percepções ingênuas de que a inserção na tecnologia é natural e propulsora, automaticamente, de sucesso escolar e autonomia. Cremos ser possível, no entanto, por meio das rasuras digitais, dentro dos limites propostos por esta tese, analisar efeitos desse mecanismo sobre o “sujeito da linguagem” e não sobre o “usuário da tecnologia” (cf. KOMESU; GALLI, 2014). Para tanto, analisamos os gestos retrospectivos¹⁰ do sujeito sobre a sua escrita, denominados de rasuras digitais, conforme ilustrado a seguir (Figura 1):

¹⁰ Reconhecemos que os movimentos retrospectivos de retorno do sujeito sobre a sua própria escrita envolvem atuação dos movimentos prospectivos da escrita, uma vez que ambos fazem parte da constituição do discurso, contudo, para a presente Tese, lançamos o olhar somente para os movimentos retrospectivos.

Figura 1 – Rasura digital.



atividades recomendados, que terão o objetivo de ~~engajar-recrutar~~ outros colegas comunitários, aumentado o efetivo. ~~Enfim~~ ~~Por último~~ os autores ~~concluem-descrevem~~ como participar do programa.

Fonte: Dados da pesquisa.

O exemplo contido na Figura 1 refere-se a um excerto de uma produção textual escrita, produzida por um escrevente, no ensino superior, em resposta a uma atividade de produção textual proposta por uma docente, no âmbito de uma disciplina do curso superior frequentado por esse escrevente. O excerto foi elaborado por meio de um editor de textos pertencente a um pacote de aplicativos conhecido como *Google Docs*¹¹. Essa ferramenta tecnológica permite que seu usuário redija textos no ambiente digital e faça alterações das mais diversas naturezas, por meio de diferentes recursos (recortar, colar, substituir inserir etc.). As alterações podem ser recuperadas por meio do histórico de versões (salvo automaticamente pelo aplicativo) que é armazenado pela própria ferramenta. Na figura 1, destacamos as alterações feitas nas palavras “engajar”, “Enfim” e “concluem” que se encontram tracejadas em função de terem sido “excluídas” e, sequencialmente, substituídas por “recrutar”, “Por último” e “descrevem”, numa operação de substituição. Essas alterações, feitas por meio desse editor de textos e recuperadas pelo histórico de versões, constituem nosso objeto de investigação e serão aqui nomeadas como rasuras digitais.

Teoricamente, as rasuras são reconhecidas como manifestações da heterogeneidade mostrada, pontos sensíveis que nos permitem ver o sujeito “negociando” (AUTHIER-REVUZ, 1990) com o “não-um”, ou seja, o “outro”, sempre lá, mas que se esconde pela ilusão da transparência dos sentidos. Esse “outro”, nos estudos de Authier-Revuz, pode ser outra variedade linguística, outro discurso, outro sentido. Sabe-se que Authier-Revuz (1990) não se dedica à análise de rasuras, contudo, à luz de suas contribuições teóricas sobre heterogeneidade enunciativa e

¹¹ O *Google Docs* é um serviço gratuito da *Google*, vinculado ao *Google Drive*, mecanismo de armazenamento de arquivos no disco virtual. Com esses recursos o escrevente pode escrever, compartilhar arquivos com outros usuários, bem como definir o nível de permissão de acesso de outras pessoas aos arquivos. De modo geral, é possível editar os arquivos *on line*, visualizá-los, bem como acessar o histórico de alterações realizadas.

seguindo uma tradição teórico-metodológica iniciada em trabalhos como os de Calil (1997, 1998, dentre outros), Calil e Felipeto (2001, 2008), Capristano (2013), Capristano e Chacon (2018) e, especialmente, em nossos estudos, Capristano e Machado (2015), Machado e Capristano (2016) e Machado, Capristano e Jung (2019), temos entendido as rasuras como fissuras que sinalizam diferentes negociações do sujeito com diferentes outros que constituem o (seu) dizer.

Partindo da nossa pesquisa de mestrado (MACHADO, 2014), na qual nos dedicamos à análise de rasuras manuscritas¹² ligadas à segmentação gráfica (delimitação de espaços em branco) na escrita de crianças que cursavam, entre 2001 e 2004, do 1º ao 4º ano do ensino fundamental I, somada à nossa experiência como docente em diferentes cursos de graduação e reconhecendo que a aquisição da escrita, em sentido amplo, é um processo contínuo (CAPRISTANO, 2007), entendemos que as rasuras são importantes dados para investigação. Esses dados nos permitiriam caracterizar aspectos da escrita diferentes daqueles tradicionais que a etiquetam como “boa” ou “má”, mas buscando, nela, especificamente, nas rasuras, as negociações com diferentes outros constitutivos da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Nesta tese, de modo diferente aos nossos estudos anteriores, em que analisávamos a rasura manuscrita, propomos a existência de outro gesto, a *rasura digital*, a qual ocorre em práticas de escrita digital. Em nossos estudos iniciais, sobretudo no trabalho publicado por Machado, Capristano, Jung (2019), as rasuras digitais foram denominadas, à época, rasuras em contexto digital. Com o amadurecimento da reflexão, nesta tese, optamos por assumir essas rasuras emergentes em textos produzidos com o advento das novas TDICs como “rasuras digitais”, movimentos retrospectivos do sujeito sobre o próprio dizer, registradas por meio de recursos tecnológicos permitidos pelas TDICs.

Tais rasuras permitem-nos ver um sujeito negociando a constituição do (seu) projeto de dizer, sinalizando negociações com outras possibilidades da língua e do gênero discursivo, quando da escrita por meio de recursos tecnológicos, portanto, sendo afetado pelo quadro institucional do gênero discursivo, pela temática na qual se filia e pelas relações sócio-históricas que o sujeito estabelece com a escrita e com

¹² Essas rasuras foram nomeadas como manuscritas porque as crianças escreveram seus textos a lápis, na folha de papel e, em raras ocasiões, à caneta.

os recursos tecnológicos. O deslocamento do “em contexto” para “digital” deve-se ao fato analisarmos, neste estudo, a relação que o escrevente mantém com a (sua) escrita, especificamente, o diálogo com outros, quando da utilização dos recursos oferecidos pela tecnologia digital.

Entendemos que esses diálogos podem, em alguma medida, ser conduzidos pela memória digital (DIAS, 2018) que implica em outras duas, a memória metálica e a memória discursiva. Segundo Orlandi (2020), a memória metálica, produzida por meio de recursos tecnológicos, como o computador, produz um retorno do dizer no intradiscurso¹³. A atuação da memória metálica se organizaria pelo processo de **repetição**, pela distribuição em série, ou seja, pelo acúmulo da materialidade formal em que os sentidos são produzidos pela reprodução e replicação, que os homogeneiza e os limita. A memória discursiva acomoda a materialidade histórica, os já ditos, pelo processo da **reformulação**. Na memória discursiva, a construção de sentidos se dá pela filiação do sujeito a uma rede, ou seja, a filiação do sujeito a um ponto do interdiscurso¹⁴, a fim de textualizar no intradiscurso. Essa memória, ao mesmo tempo em que recupera o passado, o elimina com apagamentos, permitindo uma infinita rede de formulações, já existentes no interdiscurso de uma formação discursiva.

A memória digital, por sua vez, conforme Dias (2019), se daria na escrita digital que se lineariza pelo retorno ao interdiscurso, por meio de um processo de **atualização** de dados, abrindo espaço para a falha e para o escape do homogeneizante da memória metálica. Sendo assim, essas três memórias não são separadas, uma vez que a memória digital implica as outras duas, já que funciona pelos dados e sua relação com o interdiscurso, que escapa da estrutura totalizante imposta pelo processo da memória metálica.

Por conseguinte, reconhecendo a atuação da memória digital sobre a escrita digital, as rasuras digitais poderiam sinalizar diferentes modos a partir dos quais o sujeito se relaciona com o conhecimento, com a linguagem e com a escrita, quando

¹³ Em Orlandi e também nesta tese, o intradiscurso é reconhecido como o fio do discurso, lugar em que a forma-sujeito tende a absorver-esquecer a presença constitutiva do interdiscurso.

¹⁴ Em Orlandi e também nesta tese, interdiscurso é reconhecido como a memória discursiva, aquilo que fala antes, portanto, um conjunto de formulações realizadas e esquecidas que determinam o nosso dizer.

da produção de enunciados concretos, a partir do agenciamento de diferentes gêneros discursivos, numa negociação mediada pelo diálogo escrevente-leitor e máquina.

A partir desse objeto de investigação (a rasura digital) e de suas particularidades, cabe-nos, ainda, definir qual material de análise elegemos para investigar as rasuras digitais. Devido à expansão dos estudos sobre a escrita de universitários e por ser esse o nosso campo de atuação profissional, decidimos lançar nosso olhar sobre rasuras digitais presentes na escrita acadêmico-científica, especificamente, no gênero discursivo “resenha”, a fim de delimitar algumas negociações com as diferentes dimensões dos chamados “gêneros discursivos”.

Para tanto, nesta tese, ancoramo-nos na concepção de gênero discursivo bakhtiniana, ou seja, considerando a resenha acadêmica como um enunciado relativamente estável, que se insere no campo de comunicação “científico”. Especificamente, consideramos as resenhas como *escrita acadêmico-científica*, ou seja, textos construídos por pesquisadores, pesquisadores em formação e estudantes universitários, com base em parâmetros (linguísticos, textuais e discursivos) de uma comunidade científica (ASSIS, 2014). Sendo assim, optamos por analisar rasuras digitais presentes no processo de produção de resenhas acadêmicas, feitas por escreventes que cursavam Pedagogia em uma instituição particular do interior do Paraná.

Como apresentado inicialmente, a quantidade de matrículas no ensino superior privado é bem maior do que as matrículas no ensino público, o que, ao nosso ver, sinaliza para um projeto de privatização, em curso, da educação superior. Em contraponto, embora a rede privada acomode substancial quantidade de vagas em relação às universidades públicas, os estudos sobre a escrita na universidade se dão, principalmente, na análise de contextos públicos.

Reconhecemos que esse paradoxo entre maior quantidade de alunos universitários no ensino privado e menor quantidade de pesquisas realizadas neste contexto se deve a inúmeros fatores, dentre os quais podemos citar a dificuldade de autorização para pesquisa e o pouco investimento em pesquisa¹⁵ por parte das instituições privadas, principalmente na área da educação, dado o pouco prestígio

¹⁵ Vale a pena pontuar que, contra a tendência geral, a presente pesquisa contou com aprovação da instituição envolvida, bem como com bolsa à docente e pesquisadora em formação durante os 04 anos de sua realização, além de custeio para participação em eventos, mediante solicitação ao Programa Interno de Capacitação Docente. Essa iniciativa sinaliza uma preocupação das instituições de ensino (privada e pública) com a qualidade do ensino, investindo por isso, na capacitação docente.

tradicionalmente conferido a essa área de estudos. Esse desprestígio se soma ao cenário nebuloso de investimento governamental em pesquisas, principalmente, na área das Ciências Humanas¹⁶. Destacamos que, mesmo nessas condições, as pesquisas realizadas em universidades públicas são, ainda, as principais responsáveis pela maioria dos estudos realizados e disso, provavelmente, provém o motivo de as pesquisas se darem, principalmente, sobre a escrita universitária no contexto público.

Todavia, em oposição a esse cenário, a presente pesquisa parte de um contexto de ensino privado, especificamente, em contexto de formação inicial em Pedagogia. A escolha desses escreventes se deu em função de que, conforme o Censo 2019 do INEP, 75,8% dos alunos matriculados no ensino universitário estão na rede privada. Somado a isso, mesmo com o aumento do acesso ao ensino universitário nas últimas décadas, as licenciaturas não crescem com a mesma constância, já que, conforme dados do MEC, no Censo 2019 (INEP), 66% dos alunos estão matriculados nos bacharelados, 19,7% em licenciaturas e 14,3% em cursos tecnológicos. Nesse documento, destaca-se, ainda, que, nos últimos 10 anos, o número de alunos em cursos de licenciatura e bacharelado embora menor, se manteve: a) licenciaturas, 20,8% (2009) e 19,7% (2019); b) bacharelados 67,4% (2009) e 66% (2019). Comportamento diferente é observado nos cursos tecnólogos que cresceram de 11,9% (2009) para 14,3% (2019). Tais dados sinalizam, na nossa percepção, um desprestígio das licenciaturas em relação aos cursos de bacharelados, mas, principalmente, uma tendência de instrumentalização de mão de obra pelo crescimento dos cursos tecnólogos.

Outro fator que nos levou a eleger esse curso e esse público foi o fato de o profissional pedagogo ser, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), o responsável pela administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional, bem como pelas primeiras experiências de alfabetização, o que nos remete à importância de pesquisas nessa área. Ademais, destaca-se o fato de lecionarmos no respectivo curso.

¹⁶ A Portaria 1.122 de 19 de março de 2020 definiu as áreas prioritárias de atendimento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações, excluindo a área de Ciências Humanas. Após questionamento de associações científicas e grupos de pesquisa foi publicada a Portaria 1.329 de 27 de março de 2020. Nessa última, acrescentando as humanidades às áreas prioritárias, desde que contribuam para o desenvolvimento das áreas de tecnologia.

As considerações desse cenário justificam a relevância social do presente estudo que pode promover reflexão sobre a escrita acadêmico-científica de futuros professores, mediada por recursos digitais, num momento social no qual estudantes e professores de diferentes etapas estão inseridos, de maneira forçada, no ensino remoto emergencial mediado por TDICs, em função da pandemia¹⁷ provocada pela Covid-19.

Nesse panorama de ilusórias escolhas¹⁸, nosso interesse pela pesquisa que desenvolvemos nesta tese nasceu partir de nossa posição de pesquisadora em formação, somada às escassas pesquisas sobre práticas de letramentos acadêmicos no ensino privado, à nossa condição profissional, e ao interesse de contribuir com pesquisas que abarcassem a escrita desses sujeitos que tiveram a porta da universidade aberta, mas que, em muitas ocasiões, não se sentiam dignos ou aptos para fazer parte, e com os quais nos identificamos.

Reconhecemos que, nesse sentimento de não pertencimento ou de suposta inaptidão, se vislumbram práticas (ainda que mais brandas) de exclusão, vinculadas ao modo de sobrevivência desse estudante no sistema de ensino, e às suas dificuldades advindas das condições desfavoráveis de capital econômico e cultural familiar (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2001). Além dessas práticas de exclusão, também ocorrem dificuldades frente à naturalização do conceito sobre o que é ser estudante, uma vez que os estudantes não o são com as mesmas disposições, já que o estudo ocupa lugares variáveis em suas vidas; muitos dependem do trabalho para sobrevivência; têm formações básicas com qualidades diversificadas; muitas vezes, ainda, concebem o ingresso na universidade como “sorte” ou “chance”, duvidando da sua capacidade para atingir resultados positivos (ZAGO, 2006).

De modo semelhante, os escreventes participantes desta pesquisa, matriculados no curso de Pedagogia, no período noturno, podem ser considerados integrantes de grupo majoritário de estudantes universitários brasileiros que divide seu tempo entre as atividades trabalho (92,7% dos escreventes desta pesquisa trabalhavam) e estudo.

¹⁷ Foram confirmados no mundo 72.851.747 casos de COVID-19 (642.738 novos em relação ao dia anterior) e 1.643.339 mortes (12.407 novas em relação ao dia anterior) até 17 de dezembro de 2020. (Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS). Disponível em: <https://www.paho.org/>. Acesso em: 22 dez.2020.

¹⁸ Entenda-se que a adjetivação de “ilusórias escolhas” remete ao reconhecimento de que o pesquisador se constitui como sujeito afetado pelo consciente (escolhas metodológicas da pesquisa) e pelo inconsciente, inerente ao jogo interacional em que se encontra inserido.

Portanto, tal como os 61,8%¹⁹ dos estudantes de universidade privada que estudam e trabalham, não lhes é dada a condição de ser estudante na mesma medida daqueles que não trabalham.

Reconhecendo esse cenário e a importância de pesquisas que os acolham, objetivamos propor uma interpretação sobre os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita, quando realizada por meio de recursos digitais, na prática de escrita de uma resenha acadêmica. Ao lançar olhar para os movimentos retrospectivos no interior de uma prática de letramento acadêmico, sem tomar como base um modelo de escrita idealizada, cremos nos associar a um modelo ideológico de letramento (STREET, 1984), o que significa reconhecer a multiplicidade das práticas, as quais são/estão constitutivamente relacionadas a contextos sociais específicos, bem como com relações de poder e de ideologia. Para tanto, elegemos a escrita por meio de recursos digitais, especificamente, a ferramenta *Google Docs*, analisando os retornos do sujeito escrevente sobre o seu próprio dizer, por meio dos históricos de versões gravados pelo aplicativo.

Vale destacar que existem diferentes aplicativos nos quais poderíamos identificar as rasuras digitais, dentre eles, *Google Docs*, *Microsoft Office Live*²⁰ e *Zoho Writer*²¹. Elegemos, para este estudo, o *Google Docs*, devido à inserção desta ferramenta na universidade pesquisada, portanto, a possível familiaridade dos escreventes com o recurso.

Assumindo a concepção de aquisição da escrita como um processo contínuo e considerando o nosso interesse de pesquisa (rasuras, gestos de retorno do escrevente sobre o seu próprio dizer), propusemos, em julho de 2018, um Projeto de Extensão, “Letramento acadêmico: a prática da escrita na Universidade”, ministrado de 03 de setembro a 11 de dezembro de 2018, para acadêmicas²² de Pedagogia, presencial, que cursavam o primeiro ano. Objetivávamos trabalhar com os gêneros

¹⁹ Conforme o Mapa do Ensino Superior de 2020 publicado pelo SEMESP (Sindicato das mantenedoras de ensino privado), 61,5% dos estudantes das instituições privadas trabalham, enquanto nas instituições públicas 40, 3% (Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/educacao-10/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

²⁰ Produto da *Microsoft* baseado na *Web Live* que possibilita a criação de documentos e sites e compartilhamento de documentos.

²¹ É um processador no qual não precisa baixar ou instalar *softwares* adicionais de texto *on-line* que permite criar e compartilhar documentos *on-line*

²² Permito-me empregar “as acadêmicas” (e, na sequência, “as escreventes”) tendo em vista que a turma era composta somente por mulheres, mas adotarei também “o escrevente e o acadêmico” quando me referir à comunidade de estudantes de Pedagogia.

resumo e resenha, devido à recorrência de sua solicitação por outras disciplinas e da dificuldade das escreventes na sua produção. Contudo, em função da carga-horária autorizada pela instituição (04h presenciais e 10h à distância), somente a resenha teve produção final, e o resumo constituiu-se apenas como parte das discussões orais com o grupo. A escolha dos gêneros e da turma se deu a pedido das acadêmicas aos docentes da turma, especificamente, aos docentes de Estágio Supervisionado I e Sociologia da Educação, que solicitaram a produção do gênero resenha para fins avaliativos. À época, embora o curso de Pedagogia fosse presencial, a disciplina de Linguagem e Interação, ministrada por mim, estava sendo ministrada à distância²³.

Após aprovação da Diretoria de Extensão (tramitação interna exigida pela instituição), fizemos convite presencial em sala, informando a natureza do curso (acadêmica e científica). Na ocasião, as acadêmicas assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido), modelo apresentado no Anexo 1, no final desta tese. Posteriormente, aplicamos um questionário solicitando informações sobre o histórico de ensino das acadêmicas e familiares e enviamos um modelo de resenha às acadêmicas, para leitura prévia, antes da oficina presencial. O envio de modelo esteve atrelado ao horizonte do modelo de socialização acadêmica²⁴, constituiu-se como parte do material de estudo do projeto. Ao selecionar a resenha “modelar”, foi levado em consideração a concepção de resenha dos docentes que avaliariam a proposta final, bem como a área de estudo dos alunos, já que há diferentes modos de conceber o gênero resenha no meio acadêmico, como detalharemos no Capítulo 1.

Em síntese, nesta tese, assumimos a rasura digital como gesto retrospectivo do sujeito sobre a (sua) escrita, registrada por meio de recursos técnicos, definida por uma distribuição espaço-temporal – espacial porque direcionada a linhas anteriormente escritas, caracterizada por marcas visuais (taxado e cor diferente); e temporal porque marcada em versões cronologicamente distintas. Para investigar as

²³ A Portaria MEC n. 1.137/2016 conferiu integração entre o ensino à distância e presencial, estabelecendo um teto de 20% da carga-horária, no ano de 2018, época da referida coleta desta pesquisa, no curso de Pedagogia, a disciplina de Linguagem e Interação (1º ano de Pedagogia) da instituição pesquisada foi enquadrada nessa categoria. Posteriormente, no ano de 2020, a instituição retornou a disciplina para a modalidade presencial, em função de compreender os limites que a modalidade impunha para os acadêmicos. Contudo, devido à pandemia provocada pela COVID-19, todas as disciplinas passaram a ser ministradas de modo remoto, com atividades síncronas e assíncronas.

²⁴ Nessa perspectiva, conforme Lea e Street (1998), o professor assume que deve introduzir os alunos numa cultura acadêmica, a fim de que assimilem ou participem de práticas valorizadas e áreas temáticas da universidade.

rasuras digitais assim delimitadas, lançamos olhar ao processo de escrita de um gênero discursivo, a resenha acadêmica, realizada por meio de um mecanismo digital, o *Google Docs*, numa prática de escrita acadêmico-científica.

Metodologicamente, filiamo-nos à pesquisa qualitativa, recorrendo, nesse último caso, a uma estratégia indiciária (ROJAS, 2012), visto que consideramos as rasuras como “indícios” (GINZBURG, 1983), sem, contudo, realizar uma pesquisa, metodologicamente, indiciária – no capítulo metodológico, daremos mais detalhes sobre esse posicionamento. Também adotamos procedimentos quantitativos, por possibilitarem um melhor dimensionamento do objeto pesquisado, bem como uma melhor apresentação de tendências e regularidades no funcionamento das rasuras digitais.

Para guiar a presente tese, assumimos uma concepção enunciativo-discursiva de linguagem, focalizando, especificamente, as práticas de letramento (STREET, 1984), em contexto universitário, compreendendo que as rasuras (CAPRISTANO, 2013; MACHADO, 2014; CAPRISTANO; MACHADO, 2015; dentre outros) indiciam negociações com os diferentes outros (AUTHIER-REVUZ, 1990) presentes no discurso. Com base nesse recorte, nosso *corpus* foi composto por movimentos retrospectivos presentes em textos, especificamente, resenhas acadêmicas (escrita acadêmico-científica), produzidas no ano de 2018, por acadêmicas matriculadas no 1º ano do curso de Pedagogia presencial, de uma instituição particular, por meio de recursos digitais. A partir desse posicionamento teórico, elegemos as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Considerando que “as novas tecnologias, embora sejam tecnologias da escrita, atravessam a relação do sujeito com a linguagem de maneira particular” (ORLANDI, 2012, p. 69) e participam da produção de sentidos, como podemos caracterizar os movimentos retrospectivos **do sujeito sobre a (sua) produção escrita, quando realizada no contexto digital?**

- 2) O que significa ou quais são os efeitos para a produção escrita de uma resenha a emergência de **movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) produção escrita**, quando realizada no **contexto digital?**

- 3) Se, de fato, **rasuras digitais** podem ser interpretadas como índices de negociação **do sujeito com os outros que constituem o próprio sujeito e o seu dizer** (cfe. AUTHIER-REVUZ, 1990), é possível mapear essas negociações? Em caso de resposta afirmativa, como fazer esse mapeamento?
- 4) Nesse mapeamento, será possível encontrar regularidades, como, por exemplo, maior predominância de um tipo de negociação em detrimento de outros? É possível verificar tendências e relacioná-las aos tipos de rasuras identificados?

Para responder a esses questionamentos, objetivamos propor uma interpretação sobre os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita, quando realizados no contexto digital, numa prática de escrita acadêmico-científica. Especificamente, intentamos:

- a. mapear os movimentos retrospectivos presentes na produção textual de uma resenha acadêmica, caracterizando o gesto denominado de rasura digital;
- b. analisar as rasuras digitais, verificando como se representam nelas as negociações do sujeito escrevente com os diferentes outros (AUTHIER-REVUZ, 1990) que constituem a (sua) escrita;
- c. verificar a existência de tendências nos modos como se mostram as negociações realizadas pelos escreventes com os diferentes outros que constituem o (seu) discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Partimos da **hipótese** de que as rasuras digitais (aqui consideradas, como já antecipado, como movimentos retrospectivos do sujeito sobre o próprio dizer, registradas por meio de recursos tecnológicos oriundos das tecnologias digitais de informação e comunicação) sinalizam o sujeito negociando com a constituição do (seu) projeto de dizer no interior de um gênero discursivo.

Reconhecemos que pesquisas como a presente são imprescindíveis, tendo em vista a não existência de estudos (no campo dos estudos sobre a linguagem e, mais especialmente, na área de ensino-aprendizagem de línguas) sobre rasuras digitais em práticas de escrita na universidade, bem como devido ao espaço de atuação adquirido

pelos recursos tecnológicos nas práticas sociais de escrita, escolares ou não, sobretudo, contemporaneamente. Também almejamos contribuir, ainda que indiretamente, para o ensino universitário, por olharmos para as rasuras digitais, analisando o processo de produção escrita e não meramente o produto escrito, em si. Ao selecionarmos a escrita acadêmico-científica, no interior de um determinado gênero discursivo, desafiamos o “não” (sabem, conseguem, atendem às expectativas), vinculado à cultura do déficit (HENDERSON, HIST, 2007), que culpabiliza o aluno, por meio da análise do produto final (o texto), partindo de convenções monolíticas, que não observam a natureza plural dos letramentos dos escreventes.

Para melhor organização desta tese, a dividimos da seguinte forma: após esta introdução, na qual delineamos as principais informações desta pesquisa, apresentamos, no Capítulo 1, a noção de escrita assumida, bem como sua relação com o(s) letramento(s), uma vez que existem diferentes perspectivas, nos estudos linguísticos, para tratamento desses conceitos. Na sequência, no Capítulo 2, apresentamos a noção de rasura à qual nos filiamos, demonstrando em qual medida a rasura digital aproxima-se, mas também se distancia, das noções de rasura desenvolvidas em estudos anteriores. Também em função da concepção de rasura como um fato de heterogeneidade mostrada, logo, uma negociação (AUTHIER-REVUZ, 1990) do sujeito com diferentes outros que constituem a (sua) escrita, apresentamos como estamos agenciando este conceito na presente tese. Na sequência, apresentamos os materiais e a metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa, para, por fim, apresentar os principais resultados e as considerações finais.

CAPÍTULO 1

DIÁLOGO ENTRE LETRAMENTO(S) E A HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA

O objetivo deste capítulo é apresentar as balizas teóricas que orientam a reflexão sobre letramentos e gêneros discursivos desta tese. Para tanto, reconhecemos os diferentes modos de conceber letramento, discutindo o modelo autônomo, do qual nos distanciamos, aproximando-nos do modelo ideológico, como formulados, inicialmente, por Street (1984). Em função da concepção de letramento assumida e da prática letrada a partir da qual construímos esta tese, também problematizamos o letramento em contexto universitário, entendendo que o escrevente se encontra em processo de aquisição da escrita, dada a sua inserção em novas práticas sociais de escrita. Por fim, apresentaremos a noção de resenha acadêmica, assumindo, à luz de Bakhtin (2003), o seu caráter relativamente estável, observando os elementos constitutivos do gênero e problematizando a diversidade de caracterizações sobre esse gênero e os efeitos dessa diversidade nas práticas letradas realizadas em contexto universitário.

1.1 Letramentos(s)

Street (1984), em seus estudos, propõe a distinção entre modelo autônomo e modelo ideológico de letramento. No primeiro, a escrita é considerada autônoma, portanto, dissociada dos fatores histórico-sociais nos quais se insere. Nessa concepção, concebe-se: a) correlação entre escrita e desenvolvimento; b) oralidade e escrita como dicotômicas; c) atribuição de poderes inerentes à escrita e, conseqüentemente, àqueles que a utilizam. Enfatiza-se, portanto, a capacidade de o indivíduo escrever e ler de acordo com regras gramaticais, centralizando-se em habilidades cognitivas. Dentre os estudos que consideram a escrita segundo este modelo, destacam-se Goody e Watt (1963) e Ong (1991), citados pelo próprio Street. Para esses autores, existiriam efeitos da escrita nos processos cognitivos das pessoas, considerando que o surgimento da escrita permitiria vislumbrar diferenças cognitivas nesses sujeitos. Logo, haveria diferenças entre sociedades sem escrita (consideradas primitivas) e sociedades com escrita (denominadas avançadas), divisão pela qual essas últimas eram consideradas superiores.

Vale destacar que, com base em uma visão moderna de letramento autônomo, as sociedades ditas pós-modernas²⁵ têm atribuído forte poder (numa retomada da grande divisa) às práticas de leitura e de escrita em contexto digital, atribuindo a essas práticas um valor inerentemente positivo de acessibilidade e de poder. Lankshear e Knobel (2005) chamam tal concepção de letramento digital como vertente “*it*”, numa referência ao processo de coisificação atribuído ao sujeito que deve apenas saber executar comandos, como se escrever fosse uma tarefa de ventriloquismo. Nesta, como se verá subseqüentemente, concordamos com Lankshear e Knobel (2005) e, por isso, não atribuímos às práticas de leitura e de escrita em contexto digital um valor inerentemente positivo.

No letramento ideológico, por sua vez, considera-se a escrita como prática social, envolvida numa relação de cultura, poder e ideologia. Destaca-se o processo de socialização na construção de sentidos de letramento para os diferentes sujeitos participantes, não se restringindo aos processos escolares. Busca-se, nesses estudos do letramento, focalizar os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, não se restringindo à população alfabetizada, mas “aos aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 2010, p. 22). Internacionalmente, pesquisadores inseridos na perspectiva dos Novos Estudos de Letramento (*New Literacy Studies* – NLS²⁶) também se dedicam a pesquisas sobre letramento, tais como o próprio Street (1984), mas, também, Barton, Hamilton, Ivanic (2000), Gee (1989) e Lea e Street (1998).

Buscando aproximar-se do modelo ideológico de letramento, Lankshear e Knobel (2005) entendem letramento digital como as diferentes práticas sociais e concepções de engajamento na produção de significados mediados por textos que são produzidos, recebidos, distribuídos, trocados etc., via codificação digital, as quais variam em função da forma como as pessoas se identificam com elas, com seus

²⁵ A expressão “sociedades pós-modernas” é aqui entendida na acepção de Bauman (1998), em “Mal-estar da pós-modernidade”, trabalho no qual defende que a sociedade é marcada pela liquidez, fluidez, em que os seres humanos são identificados, principalmente, como consumidores ávidos de novas experiências, em que as ferramentas tecnológicas são enaltecidas e ocorre uma banalização das experiências.

²⁶ Os estudos de Lea e Street (1998) desenvolveram, no Reino Unido, um modelo denominado Letramentos Acadêmicos, ancorando-se nos Novos Estudos do Letramento (*New Literacy Studies*) de Street (1984), Gee (1989) que serviram de base para inúmeras pesquisas no Brasil, tais como: Marinho (2010), Fiad (2011), Corrêa (2011) e Komesu e Gambarato (2013), Siqueira (2019), Bovo (2019) dentre outras.

valores, grupos sociais, propósitos e afinidades. Na presente tese, aproximamo-nos dessa concepção, observando o modo como o sujeito negocia o (seu) dizer numa prática de escrita digital, sem atribuir-lhe caráter inerentemente positivo ou negativo, mas buscando examinar essa escrita em seu funcionamento e, mais particularmente, analisando quais outros se mostram em negociação nessa escrita.

Existem diferentes formas de conceber letramentos nos estudos, havendo, segundo Lea e Street (2006), quatro perspectivas predominantes: (a) aprendizagem de “habilidades” formais de leitura e escrita; (b) avanço do raciocínio abstrato por meio do letramento; (c) prática social em contexto social situado; (d) letramento como texto não restrito à estrutura da língua. As duas primeiras vincularam-se ao modelo autônomo de letramento e as duas últimas se associariam ao modelo ideológico.

A partir do reconhecimento da diversidade de práticas sociais para diferentes grupos, Street (2006) concebe a existência de inúmeras práticas de letramento, propondo o termo “letramentos”, ou seja, práticas sociais não homogeneizantes, criticando o fato de a escola valorizar uma prática em detrimento da outra. A esse fenômeno ocorrido na escola, Street (2014) denomina “pedagogização do letramento”, em que, mesmo existindo diferentes letramentos praticados, uma forma veio a ser considerada o único letramento padrão, marginalizando as demais práticas de letramentos, conferindo-lhes o status de “tentativas inferiores de alçar a coisa verdadeira” (STREET, 2014, p.121).

Pode-se notar, portanto, que, para Street (2014), letramento escolar é uma variedade entre letramentos (digital, literário, dentre outros), em que seria possível observar “diferentes práticas sociais letradas (tomadas, cada uma, na série de características que marca a unicidade, a (sua) homogeneidade)” (LUIZ SOBRINHO, 2018, p. 162). Nessa acepção, Luiz Sobrinho (2018) alerta que cada letramento seria único e homogêneo, em que atuaria “o um e o outro”, concepção não adotada pela autora. Assumimos, à luz das contribuições de Luiz Sobrinho (2018), a heterogeneidade dos letramentos que reconhece existir uma convivência do “outro no um”, pois as práticas são dialogicamente múltiplas e heterogêneas (LUIZ SOBRINHO, 2018). Por conseguinte, destaca a autora que a presença de outros letramentos e de outros sujeitos na produção textual escrita sinalizaria modos de o sujeito estar nos letramentos e os conflitos produzidos se dariam pelo jogo de expectativas promovido entre aluno, professor e produções textuais escolares.

Assumimos a heterogeneidade dos letramentos, concebendo letramentos como “soma entre práticas” (LUIZ SOBRINHO, 2018, p. 41), em que

Letramentos como práticas sociais languageiras, as quais implicam considerar tanto o aspecto linguístico, quanto o social e o histórico em sua constituição dialógica, segundo uma convivência entre letramentos, resultante da consideração do ‘outro no um’ da linguagem (LUIZ SOBRINHO, 2018, p. 46).

Nesta tese, em que analisamos rasuras digitais selecionadas de resenhas acadêmicas produzidas por meio de recurso digital (*Google Docs*), distanciamos-nos do modelo de letramento autônomo, entendendo que esse modelo “levaria apenas a uma visão técnica de uso e/ou ensino da escrita de diferentes povos” (STREET, 2014, p.97) de modo técnico e neutro. Associamo-nos ao modelo de letramento ideológico (STREET, 2014), compreendendo a escrita no interior de práticas sociais específicas, nas quais se integram questões de ordem ideológica²⁷ e sinalizam modos de o sujeito estar nos letramentos. Esse modelo permite-nos compreender a importância de determinadas práticas para determinados grupos sociais, observando o contexto social no qual emergem as práticas, sem atribuição valorativa a uma prática em detrimento da outra. Somada a essa posição, reconhecemos também a heterogeneidade dos letramentos (LUIZ SOBRINHO, 2018), a fim de analisar as negociações com diferentes outros nas rasuras que, a nosso ver, se devem ao encontro de diferentes letramentos (digital/escolar) no interior das resenhas acadêmicas produzidas, logo, as rasuras seriam índices de negociação do sujeito com os diferentes modos de representar a (sua) escrita.

Nesse tipo de visão, permite-se observar que “práticas de leitura e escrita em contexto digital são práticas sociais atravessadas por questões de poder e identidade” (KOMESU, GALLI, 2016), portanto, não são tecnologias neutras (STREET, 2014), mas sim, carregadas de sentidos socialmente construídos. É por meio desse modo de olhar que a presente tese se acomoda.

Ainda, entendemos que os estudos do letramento, no âmbito dos Novos Estudos de Letramento, nos permitem analisar a escrita de estudantes sem enquadrá-la em uma noção de *déficit*, mas, sim, observando-a à luz de três perspectivas, não

²⁷ Existem diferentes definições para ideologia e, neste estudo, consideramos a ideologia com base em Street (1984), que, ancorado nos pressupostos de Eagleton (1997), defende que a ideologia é um conjunto de crenças criadas com base em interesses sociais dominantes a fim de legitimar interesses de determinados grupos em função de outros, conferindo-se a essas crenças uma unificação social.

excludentes, mas sobrepostas, definidas por Lea e Street (2006) como: a) habilidades de estudo; b) socialização acadêmica; c) letramentos acadêmicos. No primeiro, o letramento é uma habilidade individual e cognitiva, em que caberia aos escreventes a transferência, por exemplo, dos conhecimentos oriundos de uma prática social para outra. No segundo, socialização acadêmica, preconiza-se a aculturação dos escreventes a determinados gêneros, logo, a partir do momento em que o escrevente “domina” determinadas convenções de escrita de um dado gênero, caberia apenas replicá-las, tendo em vista a natureza relativamente estável do gênero, apagando o sujeito. No terceiro modelo, o de letramentos acadêmicos, reconhece-se as relações de sentido, identidade, poder e autoridade, levando em consideração o caráter valorativo atribuído à natureza institucional que aprisiona e condiciona o que pode ser considerado como conhecimento nas práticas sociais de escrita. Há, nesse modelo, preocupação com as exigências institucionais e individuais do aluno e do corpo docente.

Pensando esses modelos nas práticas letradas de escrita digital, ou seja, naquelas em que a produção escrita ocorre mediada por tecnologias, tais como as desta tese, numa acepção de habilidade individual, caberia, apenas, ao escrevente, transferir as habilidades de escrita manuscrita, para a escrita virtual, por meio do novo suporte. Assim, a interpretação dessa escrita centralizaria no domínio da técnica, assumindo a vertente de letramento “it” definida por Lankshear e Knobel (2005), em que o escrevente precisaria apenas reproduzir ações automáticas como selecionar, copiar, digitar, clicar, sem preocupação com a produção de sentidos (LUIZ SOBRINHO, 2018). O enaltecimento da dimensão técnica também poderia promover a ideia de que os escreventes que não têm acesso à tecnologia teriam desenvolvimento cognitivo inferior (LUIZ SOBRINHO; KOMESU, 2015), uma retomada caricata da teoria da grande divisa e do conseqüente modelo autônomo de letramento.

Numa perspectiva de socialização acadêmica, por sua vez, caberia, nas práticas de escrita, por exemplo, promover produção de *templates*²⁸, a partir dos quais o escrevente reproduziria diferentes gêneros com base em uma matriz modelar, que, ao mesmo tempo em que apaga o “relativamente estável” do gênero, ou seja, o caráter

²⁸ *Template* é um modelo de documento criado no qual apresenta-se visualmente uma estrutura composicional prototípica de um dado gênero discursivo, por meio de tópicos e breves sínteses sobre o conteúdo do tópico, a fim de padronizar e “orientar” o escrevente. (referência)

dinâmico dos diferentes usos dos escreventes, também visa a uniformizar gestos de escrita, não permitindo que o escrevente retroaja “sobre o processo de produção de sentidos, procurando *amarrar* a dispersão que está sempre virtualmente se instalando, devido à equívocidade da língua” (TFOUNI, 2001, p. 80, grifos da autora).

A partir da noção de letramentos acadêmicos (terceiro modelo/perspectiva apresentada por Lea e Street (1998)), entendemos que a escrita, em contexto digital, ao mesmo tempo em que expõe o escrevente a um rol de possibilidades, também o oprime a reconhecer a autenticidade e a validade de todo “conhecimento” que lhe é apresentado, bem como pode conduzi-lo a caminhos pré-determinados, silenciando²⁹ os demais caminhos, constitutivamente abertos pela natureza sócio-histórica da língua. Para nossa tese, a noção de letramento acadêmico permite ao pesquisador analisar o processo de escrita de uma resenha, especificamente, as rasuras, sem conceber as produções a partir de supostos *déficits*, mas analisando quais diálogos são estabelecidos pelos escreventes com os diferentes outros, questionando posicionamentos legitimados e não legitimados e assumindo a heterogeneidade dos letramentos (LUIZ SOBRINHO, 2018, p.39).

Embora a instituição dos três modelos tenha sido didaticamente organizada, Lea e Street (1998) destacam o seu caráter não excludente, podendo esses modelos coexistirem, como destacamos anteriormente. Entendemos, também, conforme Zavala (2010, p. 74), que “é falso assumir o letramento como meio neutro e transparente que, ao mesmo tempo, se utiliza para aprender uma mensagem epistemologicamente transparente” (ZAVALA, 2010, p. 74), tal como fica implícito nos modelos de habilidades de estudo e no modelo de socialização acadêmica. Para essa autora, não se trata meramente de desenvolver habilidades ou de “vestir a máscara acadêmica”, mas sim lidar com identidades (ZAVALA, 2010).

Resta dizer, em forma de síntese, que a presente tese se vincula à concepção de letramento ideológico e às contribuições de Lea e Street (1998) sobre letramentos, assumindo a concepção da heterogeneidade dos letramentos (cf. SOBRINHO, 2018). Cabe-nos, ainda, em função do tipo de prática social de escrita analisada nesta tese, apresentar considerações sobre o letramento no contexto universitário.

²⁹ Dias (2018, p. 192) discute a dimensão técnica do silêncio que “consiste naquilo que os algoritmos deixam de nos mostrar ou não nos deixam ver” e, por isso, nos dizeres da autora “asfixiando o sujeito, já que não permitiria que o sujeito circule por diferentes formações discursivas, restringindo zonas de sentido, interditando posições de sujeito que ele poderia ocupar”.

1.2 Letramento em contexto universitário e o processo de aquisição da escrita

No Brasil e fora dele, pesquisadores, como, por exemplo, Lea e Street (1998), Fiad (2011) e Zavala (2010), destacam o fato de o processo de escrita, no período universitário, não ter sido tradicionalmente considerado objeto de reflexão, devido à ideia de que a aquisição da escrita já teria sido encerrada no momento de ingresso do escrevente na universidade ou mesmo em razão da crença de que o processo de vestibular realiza uma seleção de sujeitos supostamente aptos a se inserirem nas diferentes práticas letradas solicitadas na academia. Todavia, na experiência da docência no ensino superior³⁰, observamos docentes de diferentes cursos solicitando medidas “reparadoras” sobre a produção textual dos acadêmicos. Aliadas a esse cenário, algumas pesquisas nacionais e internacionais destacam que instituições superiores têm culpabilizado os acadêmicos pelos resultados negativos no processo de ensino e de aprendizagem da escrita ou têm buscado medidas reparadoras para resolver a problemática, avaliação na qual subjaz um modelo autônomo de letramento (STREET, 1984).

Observamos, portanto, que a suposta seleção realizada pelo vestibular não se mostra tão eficiente, visto que as instituições recorrem, frequentemente, a cursos de nivelamento, pois acadêmicos imersos em práticas letradas diversas das universitárias não conseguem atender às demandas de práticas sociais de escrita solicitadas na universidade. Em oposição a essa ideia de não atendimento, aproximamo-nos de uma concepção de aquisição de escrita que envolve a complexa relação sujeito-linguagem, entendendo que esses escreventes se encontram em processo de aquisição da escrita, dada sua inserção em novas práticas sociais de escrita.

Para afirmarmos que acadêmicos se encontram em fase de aquisição da escrita, reinterpretamos Capristano (2007), que concebe a aquisição da escrita como um processo “marcado por diferentes movimentos e/ou posições da criança [do escrevente, no nosso caso] na linguagem em sua modalidade escrita”

³⁰ Particularmente, como professora e pesquisadora em formação, que atua em diferentes cursos de licenciatura e bacharelados.

(CAPRISTANO, 2007, p. 78). A partir das contribuições de Lemos (2002)³¹, Capristano (2007) reconhece a aquisição da escrita como um processo contínuo, dedicando-se, especificamente, à constituição da palavra. A autora pontua que o processo de constituição da escrita deve ser entendido em termos de movimentos de subjetivação, nos quais a criança circunscreve-se em três posições, em termos de predominância. A primeira, submetida à escrita do outro (primeira posição), em que haveria flutuação de registros convencionais e não convencionais, sem vinculação com os parâmetros convencionais. A segunda, submetida ao funcionamento da língua, em seu modo de enunciação escrito (segunda posição), em que os registros convencionais e não convencionais incidem sobre possibilidades da língua. A terceira submetida à observação do próprio escrevente (terceira posição), nos quais aparecem rasuras, marcas de retorno que indiciam momentos em que a criança reconheceria a diferença entre a sua escrita e a escrita do outro.

Ancoramo-nos, especificamente, na terceira posição, em que as rasuras (apagamentos, escritas sobrepostas, inserções, dentre outros) denunciam que a escrita (do acadêmico, no nosso caso) parece submetida à observação do próprio escrevente. Logo, partimos da concepção de aquisição da escrita dessa autora, entendendo a não existência de um fim no processo, mas sim um procedimento que envolve diferentes posições do sujeito na língua, em função das diferentes práticas sociais com as quais ele interage.

Portanto, o acadêmico, seja do primeiro ano de Pedagogia, como qualquer outra etapa/curso, encontra-se em processo de aquisição da escrita, dada a inserção desse sujeito em práticas sociais, historicamente determinadas, inerentes à formação exigida na academia. Cremos ser coerente, nesta tese, assumirmos essa concepção de aquisição como processo, em função da concepção de escrita assumida: a escrita não como um mero código de representação, mas como um modo de enunciação a partir do qual se produzem sujeitos e sentidos.

³¹ Lemos (2002), em oposição a uma noção cognitivista de desenvolvimento, analisa o processo de aquisição da fala da criança, concebendo-o a partir de três posições não teleologicamente marcadas como desenvolvimento, mas como captura da criança pelo funcionamento da língua em que seus enunciados poderiam ser, marcados pela submissão a fala do outro, presentes por isso, fragmentos da fala do adulto (primeira posição); submetida ao movimento da língua, caracterizado pela ocorrência de erros e não reconhecimento da criança das correções do adulto (segunda posição) e, por fim, a terceira posição caracteriza-se pelo deslocamento da criança em relação a sua própria fala, visto que a criança se dividiria entre aquele que fala e escuta a própria fala, abrindo por isso, a possibilidade de reformulação e de reconhecimento da diferença entre a sua fala e a fala do outro.

Contudo, sabemos que as práticas sociais de escrita no interior da universidade são povoadas de ecos que a condicionam como habilidade a ser desenvolvida, a partir da seleção e do arranjo das palavras supostamente corretas ou adequadas, cabendo, nesse cenário, ao professor, dada as relações de poder, instituir o correto e o adequado. Diferentes pesquisas dedicaram-se ao estudo do letramento em contexto universitário, seja no âmbito brasileiro, como, por exemplo, os trabalhos de Fiad (2011), Zavala (2010), Marinho (2010), Aniceto (2016) Senen (2017), ou em âmbito internacional, como, por exemplo, os trabalhos de Delahunt *et al.* (2012) e McGowan (2005), McNaught e Hoyne (2012) e Stooke e Hilbert (2017), Lillis e Turner (2001). Nesses estudos, observa-se a preocupação, principalmente, com as dificuldades dos recém-ingressantes na universidade para atenderem à demanda de escrita solicitada na academia.

A escrita no âmbito acadêmico-científico pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas. Conforme Assis (2014), pode-se encontrar estudos que a nomeiam como escrita de pesquisa, escrita científica, escrita universitária, escrita acadêmica, dentre outras nomeações. Na presente tese, à luz das contribuições de Assis (2014), assumimos que o material selecionado para nossa tese, resenhas acadêmicas produzidas no *Google Docs*, a partir das quais analisamos as rasuras digitais, são textos acadêmico-científicos, visto que, nesse modo de conceber, incluem-se os textos de divulgação de conhecimento, mas também aqueles escritos por estudantes universitários.

Entendemos por *escrita acadêmico-científica* a prática social circunscrita no interior de um quadro institucional habilitado para fazê-lo (BOCH, 2014), em que o sujeito se inscreve numa determinada prática de escrita, buscando um ideal de dizer (BOVO, 2019) e assumindo certo grau de autoridade para dizê-lo. Todavia, para a instauração dessa autoridade, perfaz o agenciamento de relações de poder, de quem dita o que pode ser dito, e como pode ser dito, uma vez que,

muito antes do ato de leitura que particulariza uma avaliação sobre o dito (o que se diz) e o dizer (quem e para quem se diz), a antecipação desse encontro impõe uma série de restrições ao escrevente na qualidade de leitor de seu próprio texto, situando num dado processo histórico de produção do sentido. *Isso explica os procedimentos de edição mobilizados por ele, tais como, rasuras, alterações da ordem ou mudança de palavras na oração, uso do recurso de apagar etc.* Esses e muitos outros procedimentos que se observam na superfície do texto e marcam a execução do processo de escrever dão pistas do processo histórico em que o sujeito se insere ao

reconstruir o diálogo quando produz/lê um gênero (CORRÊA, 2013, p. 489, grifos nossos).

Portanto, as rasuras digitais, como procedimentos mobilizados pelo escrevente sob atuação do autômato ou não, dão pistas do processo histórico em que o escrevente se insere ao produzir e ler uma resenha acadêmica.

Esse processo histórico tem sido “uma atividade de 'alto interesse' no ensino universitário” (LILLIS & SCOTT, 2007, p. 9), visto que objetiva uma formação para a escrita acadêmico-científica e, ao mesmo tempo, forma os sujeitos por meio dela, pressupondo, portanto, inúmeras tensões (ASSIS, BAILY, CORRÊA, 2017, p. 11). Para, ilusoriamente, resolver essas tensões, como já apresentamos, muitas vezes, a universidade promove a “pedagogização do letramento”, atribuindo teor valorativo apenas a um letramento, o escolar, conferindo aos demais o caráter marginal e, conseqüentemente, aos sujeitos que com essas práticas se identifica.

Como destacamos na Introdução deste estudo, nas últimas décadas, observou-se uma expansão quantitativa do acesso ao ensino superior, fenômeno não exclusivo ao Brasil, trazendo aos bancos escolares uma população diversificada³². Essa diversidade também foi observada no Reino Unido, em que, conforme Lillis e Scott (2007), o acesso de pessoas de classes menos favorecidas, imigrantes e estrangeiros foi constituído de dificuldades para atender às exigências de leitura e de escrita solicitadas na universidade, uma vez que as práticas promovidas não os contemplavam, pois partiam de um modelo de aluno ideal e não real. Por isso, tanto no Brasil quanto fora dele, foram necessárias inúmeras pesquisas.

Acadêmicos universitários, durante o seu processo de formação, travam uma luta com as convenções da escrita acadêmico-científica solicitadas na universidade, que, em alguma medida, lhes são estranhas. No entanto, sobretudo, de acordo com Lillis e Turner (2001), lidam, ao mesmo tempo, com o fato de o seu estranhamento, quando comunicado, ser tratado pelo docente como senso comum. Assim, embora os alunos reconheçam que precisam escrever no interior de algumas convenções, lutam constantemente para “descobrir” quais são essas convenções (LILLIS, TURNER, 2001). Sobre isso, destaca Zavala (2010, p. 74):

³² Discussão apresentada na Introdução desta tese sobre o modo como o ensino universitário se deu no Brasil e sobre algumas mudanças ocorridas no ensino universitário ao longo do tempo.

Muitos estudantes concebem este letramento acadêmico como uma espécie de ‘jogo’ que lhes pede que assumam uma identidade que ‘não sou eu’ e que não reflete a imagem que têm de si mesmos. Portanto, os conflitos e mal-entendidos que emergem entre estudantes e formadores em relação ao tema do letramento acadêmico não se restringem simplesmente à técnica da escritura, às habilidades ou à gramática, mas a aspectos que estão relacionados com a identidade e a epistemologia (ZAVALA, 2010, p.74).

Como “solução” para o estabelecimento dessa nova identidade, os acadêmicos buscam apoio nos “suportes amigáveis³³ (SILVA, 2015) para atender às expectativas dos docentes. Dentre esses, destacam-se acadêmicos que já passaram ou estão passando pela experiência com a escrita acadêmica. Para a autora, esses suportes “podem implicar, ainda que a longo prazo, o reconhecimento, por parte dos discentes, de que há relações de poder e autoridade perpassando a produção textual acadêmica” (SILVA, 2015, p. 317). Entendemos que essa busca indicia negociações dos escreventes com a constitutiva possibilidade de existência, no uso da língua (na enunciação, portanto), “de outras *palavras*, outras *normas*, outros *gêneros*, outros *posicionamentos* conviverem com as *palavras*, *normas*, *gêneros* e *posicionamentos* acionados pela docente” (MACHADO, CAPRISTANO, JUNG, 2019, p. 954, grifos das autoras) e conduz a representações que ora comungam, ora diferem sobre qual atividade realizar, qual língua é válida e quais os possíveis interlocutores.

Em contrapartida, buscando uma ilusória solução, algumas universidades, como já destacamos, para suprir as julgadas dificuldades encontradas pelos acadêmicos universitários, ofertam cursos de leitura e de escrita, com caráter nivelador, visando a auxiliar esse público a atender às exigências acadêmicas (SIQUEIRA, 2019; GUNAWARDEN, 2017). Essas iniciativas, contudo, ainda estão vinculadas a uma concepção de letramento autônomo, numa perspectiva da socialização acadêmica, que condiciona escrita ao desenvolvimento, transferido automaticamente aos sujeitos que a dominam, conferindo a essa prática social uma dimensão meramente técnica.

No contexto pesquisado, em que nos inserimos como docente e pesquisadora, existe uma preocupação com a inserção dos acadêmicos na escrita considerada ideal (dadas as relações de poder historicamente construídas). Essa preocupação conduz

³³ Silva (2015) parte do conceito de Martucelli (2007) em “Gramáticas del individuo”, que preconiza suportes como forças sociais que apoiam o indivíduo para lidar com diferentes situações das quais participa, tais como suportes afetivos, culturais, religiosos ou materiais. Assim, para Silva (2015), a busca pela colaboração dos colegas, que já haviam cursado a disciplina, para a realização das atividades solicitadas pelo professor, por exemplo, constitui-se como um dos suportes, denominados por ele de suportes amigáveis.

a instituição à criação de programas de nivelamento, gratuitos, para acadêmicos ingressantes, bem como organização da grade curricular, contemplando o ensino de língua portuguesa, nos primeiros anos dos diferentes cursos. Tal tipo de iniciativa, por um lado, pode ser entendido como importante recurso de apoio à formação dos acadêmicos, mas, por outro, pode deixar subentendido aos demais professores, das diferentes áreas, que ensinar escrita acadêmico-científica é tarefa do professor da disciplina de Língua Portuguesa, quando, na verdade, todas as disciplinas recorrem à escrita para produzir conhecimento, bem como não há, muitas vezes, esse enfoque nos planos de ensino da disciplina niveladora.

Alguns autores, em busca de explicar as diferenças entre as expectativas institucionais e os resultados apresentados pelos alunos, reconhecem que as práticas de letramento, em contexto universitário, seriam permeadas por práticas do mistério (LILLIS, 1999) ou dimensões escondidas/letramentos ocultos (STREET, 2010), ou seja, para esses autores, existiriam práticas letradas consideradas comuns à cultura acadêmica que não seriam explicitadas pelo docente para os acadêmicos. Tais condutas, conforme assume Lillis (1999), limitariam a participação do acadêmico como atuante, uma vez que seriam cobrados dele critérios não explicitados.

Contudo, sob a perspectiva que assumimos, o acadêmico não simplesmente veste a fantasia de “cientista, acadêmico, universitário”, mas, sim, é capturado pela imagem da escrita acadêmico-científica, em função de sua inserção em determinadas práticas de letramentos. Essa captura não depende prioritariamente das dimensões verbalizadas pelo docente, que nos levaria a assumir a concepção de práticas de mistério ou letramentos ocultos (cf. LILLIS, 1999; STREET, 2010), ou seja, que haveria possibilidade de o docente tornar transparente a linguagem por meio de uma explicação minuciosa. Distanciamos-nos dessa concepção, reconhecendo que seria atribuir muito poder ao sujeito (seja ele professor, acadêmico), poder maior que o da língua ou da relação sujeito-linguagem, sempre aberta ao equívoco, dada a sua opacidade.

Em busca de “resolver” o cenário de não atendimento pelo acadêmico das expectativas institucionais sobre a escrita acadêmico-científica, a escola/universidade, muitas vezes, prescreve listas nas quais elenca aquilo que pode ou não aparecer num texto, a fim de supostamente auxiliar os escreventes no acompanhamento avaliativo de seus textos (LILLIS, 2001). Contudo, essas

explicitações, muitas vezes, não são eficientes, já que o docente conduz à prescrição de regras e estratégias. Essa não eficiência foi destacada em diferentes estudos, tais como Lingard *et al.* (2003), Stooke e Hilbert (2017) Delahunt *et al.* (2012) e McGowan (2005), Górska (2010), Cunning, Lai e Cho (2016) e Fischer (2016).

Para Street (2010, p. 543), as dimensões escondidas residiriam sob os “critérios que aqueles autores, investidos de poder no âmbito acadêmico, utilizam na avaliação dos trabalhos produzidos”, mas não verbalizam. Esses quesitos, muitas vezes, seriam tomados como conhecimento do acadêmico e, por isso, não explicitados pelo docente. Consequentemente, produziriam equívocos nos processos avaliativos, cabendo, então, a necessidade de as dimensões escondidas tornarem-se foco nas discussões entre docentes e acadêmicos.

Outros estudos, como os de Hirvela e Du (2013, p. 96), alertaram para a dificuldade de os acadêmicos “confiarem em si mesmos como escritores, diante do texto aparentemente superior produzido pelos autores originais cujo trabalho havia sido lido”. Hirvela e Du (2013) observaram que os acadêmicos se recusavam a recorrer à paráfrase, em detrimento da citação direta, aparentemente mais segura, mas que, ao mesmo tempo, também garantiria a voz de autoridade devido à associação com os autores originais.

Ancorados em Corrêa (2011), entendemos que esses não são propriamente aspectos ocultos, mas índices de um presumido social, que participa da construção dos sentidos e da construção do gênero, o “horizonte espacial e ideacional compartilhado pelos falantes” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, [s.d.] -1926, p. 5), portanto, impossíveis de serem plenamente explicitados. O presumido residiria em experiências, valores que não são de domínio público, mas determinados socialmente (PONZIO, 2016).

Em síntese, assumimos a necessidade de verbalização no processo de letramento, entretanto, não cremos na possibilidade de se explicitar claramente todos os aspectos envolvidos no processo de escrita e admitimos que, mesmo quando verbalizados, o processo de escrita é sempre opaco, já que o dizer não é transparente e, sim, constitutivamente habitado pelo “não um” (dada a sua heterogeneidade constitutiva). Assim, para defender-se da língua, alçar o imaginário do que julga a escrita adequada à situação imediata, caberia ao escritor atacá-la, em algumas ocorrências, pela rasura, gesto que uma explicitação de procedimentos pelo docente

não daria conta de coibir, uma vez que é constitutivo da construção do dizer. Ao mesmo tempo, esse ataque, por denegação, abre o espaço para a incompletude constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1990), uma vez que não se ataca algo que não existe, mas se pode atacar o sempre já lá, embora não percebido.

Reconhecendo os limites da verbalização de todos os aspectos envolvidos no tratamento do gênero discursivo, na próxima seção, apresentamos e problematizamos diferentes modos de conceber o gênero resenha acadêmica, partindo da noção de gênero discursivo bakhtiniana e vinculando essas diferentes formas a concepções de letramento.

1.3 A resenha acadêmica: diferentes modos de conceber

Nos diferentes campos de atividade humana, inclusive acadêmico, circulam diferentes gêneros discursivos, ou seja, enunciados concretos relativamente estáveis, vinculados a determinadas atividades humanas que envolvem papéis e relações sociais (BAKHTIN, 2003), constituídos de fatores textuais (da linguagem) e contextuais (relações sociais envolvidas) (MOTTA-ROTH, 2001), bem como caracterizados pelo tema, estilo e estrutura composicional. Esses enunciados concretos são dotados de uma parte verbal e outra extraverbal (sócio-histórica) e repletos de ecos de outros enunciados com os quais estão vinculados. Eles nascem em resposta a enunciados anteriores e sua conclusibilidade se dá pela alternância de sujeitos, pela exauribilidade temática e pelas formas típicas composicionais.

Historicamente, as resenhas, entendidas como enunciados concretos, surgiram no século XVII, em revistas como *Journal des Savants* (Paris), veiculando conhecimentos acadêmicos e, após negação, por parte de intelectuais, de vulgarizar o conhecimento, esse gênero acabou sendo dominado pela esfera jornalística, principalmente, na década de 1930 (BURKE, 2003).

Vale destacar que o entendimento sobre o gênero resenha é conflituoso entre os estudiosos da linguagem, tanto em relação ao conceito, quanto aos aspectos composicionais e à nomenclatura (OLIVEIRA, 2010). Além disso, em um mesmo espaço de socialização, existem concepções divergentes sobre gênero discursivo (OLIVEIRA, 2010). Em seu estudo, Oliveira (2010) observou que essas divergências, somadas à desconsideração da história prévia do letramento dos escreventes, geram

tensão entre as expectativas do escrevente e do professor envolvidos na atividade de interação. Sendo assim, ao se propor o ensino do gênero, deve-se levar em consideração tais informações.

O gênero discursivo resenha acadêmica pode ser compreendido como uma apresentação de conteúdos e informações centrais de outro texto lido, exigindo-se, ao longo do texto, que essas informações sejam apresentadas com criticidade, a fim de conduzir o leitor à emissão de opinião sobre a obra resenhada. Essencialmente, entendemos que “o ato de resenhar é uma ação de linguagem que, ao dar crédito ao trabalho desenvolvido por produtores de textos ou a obras de uma determinada área, visa uma apresentação crítica de um determinado fato cultural” (RUIZ; FARIA, 2012, p. 101). Segundo esses autores, a resenha pressupõe um “acordo tácito no sentido de um cuidado em se manter a polidez, a fim de se evitar tom agressivo, seja relativamente ao objeto resenhado seja ao seu autor” (RUIZ; FARIA, 2012, p. 102).

Para tanto, conforme Motta-Roth (2002), a resenha caracteriza-se por explorar *temas* variados, vinculados à área de estudo; por ter *estrutura composicional* fundamentada em apresentação da obra, descrição e avaliação (não necessariamente apresentados em uma ordem preestabelecida, mas desse modo didatizado pela autora); e *estilo* com marcas enunciativas de opinião, modalizadores, operadores argumentativos e adjetivos.

Assumimos ainda, à luz das contribuições de Bakhtin (2003), que o gênero discursivo é constituído a partir de enunciados concretos, unidades reais de comunicação discursiva que expressam uma posição avaliativa e diante dos quais se pode reagir dialogicamente, determinando a alternância de sujeitos do discurso. Os enunciados mobilizam a interação discursiva entre dois ou mais sujeitos e, portanto, pressupõem a presença de um autor e de um ouvinte (este último, presencial ou não), compreendido como o endereçamento, e será a partir da imagem valorativa desse ouvinte (a quem seu enunciado se endereça), da interação (autor-ouvinte) que se constituirá o gênero discursivo.

Embora o endereçamento não seja, em geral, apresentado como elemento constitutivo do gênero (à semelhança do que costumeiramente se faz com o estilo, o conteúdo temático e a estrutura composicional), temos entendido que, numa noção de gênero discursivo fraco, o endereçamento seria um adendo, parte do esquema interativo, mas, numa noção de gênero discursivo forte, a qual assumimos, o

endereçamento, sem negligenciar a natureza interacional, é constitutivo do gênero e determinado sócio-historicamente, já que é “sob uma maior ou menor influência do destinatário e de sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos que necessita” (BAKHTIN, 1997, p.326) – conferir, a esse respeito, reflexões dos estudos de Capristano e Oliveira (2014), Cangussú (2016) e Machado, Capristano e Jung (2019). Ou seja, o endereçamento é constitutivo do gênero e se mostra pela seleção de elementos linguísticos vinculados ao estilo, pelas características composicionais, pelo conteúdo temático, dizível e indizível, pelos sentidos que mobiliza e pelos discursos inseridos ou excluídos ao longo do processo de escrita, mostrando-se em diferentes aspectos do gênero discursivo.

Entendemos que tema, estrutura composicional, estilo e endereçamento, como afirmado por Silveira (2018)³⁴, numa análise dos textos de Saussure (cartas, artigos), à luz da Crítica Genética, podem ser fatores importantes, índices explicativos para emergência de rasuras. Ou seja, é possível que existam negociações, mostradas pelas rasuras digitais, vinculadas ao quadro institucional no qual se insere o gênero discursivo e, conseqüentemente, às diferentes imagens projetadas para seu endereçamento.

Em relação as suas finalidades, a resenha pode ser solicitada com diferentes propósitos: “ser publicada em um jornal especializado ou como resposta dos alunos a uma tarefa de um curso em contexto universitário” (ANICETO, 2016). Contudo, como destaca a mesma autora, na primeira finalidade, a resenha é redigida por um especialista que objetiva compartilhar seu posicionamento com os pares; na segunda, o objetivo é meramente instrucional, ou seja, conduzir uma prática hipotética, na qual o escrevente precise compartilhar conhecimento e opiniões. Especificamente, nas práticas avaliativas universitárias, muitas vezes, visa apenas avaliar o grau de compreensão do acadêmico sobre o texto lido, selecionando-se para tanto um gênero que lhe autorizaria colocar-se na posição de pesquisador, dotado de conhecimento para realização de uma análise crítica, um jogo de faz de conta que esconde uma mera prova de leitura. Entretanto, para atingir esse objetivo de compartilhar conhecimentos e opiniões, caberia aos escreventes universitários, ao longo da escrita, assumirem uma nova identidade, ou seja, “assumir-se como membro efetivo dessa

³⁴ O estudo de Silveira (2018) será melhor explorado na seção que apresentamos os estudos sobre rasura da Crítica Genética.

comunidade discursiva [apropriando-se] das práticas de dizer e de fazer que permeiam essa esfera” (ANICETO, 2016, p. 92). Assumir essa identidade não é uma tarefa simples e automática a ser conduzida por prescrições, conforme já problematizamos, não há como, simplesmente, vestir a fantasia de cientista.

Em síntese, com base nas reflexões apresentadas neste capítulo, assumimos o modelo de letramento ideológico, especificamente reconhecendo a heterogeneidade dos letramentos, ou seja, a existência de diferentes práticas sociais atreladas a diferentes grupos sociais, sem contudo, hierarquizar uma prática em detrimento da outra. Nesta tese, a presença de outros letramentos (diferentes do escolar) nas produções textuais, marcada pela rasura digital, será concebida como uma constitutiva da convivência do “outro no um” e não como uma suposta interferência de um letramento sobre outro.

As rasuras digitais, portanto, sinalizariam momentos nos quais o escrevente reconheceria a diferença entre a sua escrita (vinculada a uma prática letrada) e a escrita do outro (vinculada a outros letramentos). Esse reconhecimento indicaria negociações com o caráter relativamente estável do gênero resenha, que se mostrariam a partir de rasuras vinculadas à projeção de endereçamentos que se mostrariam em negociações com outro estilo, outro conteúdo temático e outra estrutura composicional.

CAPÍTULO 2

RASURAS: FISSURAS E ABERTURAS PARA O OUTRO

Neste capítulo, apresentamos o quadro teórico ao qual nos filiamos para definir o que consideramos como rasuras digitais. Para tanto, apresentamos alguns estudos da Crítica Genética, bem como estudos sobre a linguagem que, ao analisarem rasuras, se aproximam da presente tese. Também discutimos a noção de Heterogeneidade Enunciativa, de Authier-Revuz (1998), visto que, embora a autora não tenha se dedicado a estudar rasuras, assumimos, à luz de suas contribuições, que esses gestos se constituem como índices de heterogeneidade mostrada no discurso, sinalizando uma fissura na enunciação, ilusoriamente uma, mas habitada constitutivamente pelo não um.

2.1 Rasura nos manuscritos, manuscritos digitais e rascunhos digitais da Crítica Genética

Durante o processo de escrita, frequentemente, o sujeito rasura, ou seja, escreve, apaga, risca, acrescenta partes ao texto inicialmente escrito, objetivando alterar o seu projeto de dizer inicial por outro. No ambiente escolar, esse gesto, tem sido considerado uma “sujeira”, com conotação de desleixo, visto que caberia, nesse ambiente institucional, avaliar o produto final, o texto “passado a limpo” e não o seu processo, repleto de idas e vindas.

Esse caráter marginal da rasura também pode ser observado nos textos oficiais, uma vez que, devido à sua provisoriedade, “a rasura configura-se como alteração do documento, elemento do tipo penal de falsificação de documento público ou particular” (PACIELLO, 2016, p. 355). Aparentemente, por conta do enfoque no produto final e em sua avaliação conferido nas práticas letradas institucionais, espera-se que a rasura não apareça nesses textos, para conferir-lhe ilegitimidade.

Contudo, existem outras áreas que observam nas rasuras uma “inegável arte da recusa que possibilita chegar à forma” (LEBRAVE, 1992). Nessa área de estudo, denominada Crítica Genética, encontram-se diferentes estudos que analisam rasuras.

A Crítica Genética foi a primeira área que se dedicou a analisar rasuras, buscando compreender o processo de escrita fora de uma concepção de inspiração

(ZULAR, 2002). Para esta tese, interessa-nos destacar, nesses estudos, a diversidade da natureza dos objetos de pesquisa selecionados (escrita digital, vídeos) que pode contribuir indiretamente para a abertura de outras possibilidades de estudo no campo da linguagem, semelhantes ao objeto de estudo da presente tese, as rasuras digitais. Além disso, alguns estudos geneticistas sinalizam a existência de lugares privilegiados para a ocorrência de rasuras, bem como destacam o envolvimento de fatores ligados ao gênero discursivo, logo, dialogando com parte de nossas hipóteses.

A Crítica Genética foi criada ao final da década de 1960, na França. No Brasil, foi introduzida em 1985, por Willemart, durante a realização do I Colóquio de Crítica textual: O manuscrito moderno e as edições” da Universidade de São Paulo (ZULAR, 2002). Nessa área de estudos, concebe-se a rasura como “inegável arte da recusa que possibilita chegar à forma” (LEBRAVE, 1992). Tradicionalmente, os geneticistas analisam o processo de produção literária³⁵, questionando a estabilidade atribuída à noção de texto, concebendo-o a partir de tudo que se escreve antes ou em vista do texto a ser publicado (WILLEMART, 1993), sobressaindo-se à complexidade do conceito de autoria e distanciando-se das concepções de inspiração (ZULAR, 2002, p. 15).

O trabalho do geneticista consiste em “decifrar os rascunhos e a escritura escondida atrás das *rasuras*, das *manchas* e *rabiscos*” (WILLEMART, 1993, p. 17, grifos nossos), visando a definir o processo de criação. Caberia, portanto, ao geneticista, debruçar-se sobre o prototexto³⁶, ou seja, texto “não pronto”, reconhecido como os rascunhos, manuscritos, provas, todo o material que precede materialmente uma obra, analisando riscos, rasuras, correções, apagamentos, deslocamentos e figuras, para, a partir desses gestos, tecer interpretações e hipóteses que circunstanciarão a criação de uma determinada materialidade linguística.

Depreendemos, portanto, que, diferentemente do caráter marginal tradicionalmente conferido às rasuras nas práticas sociais de escrita institucionalizadas pela escola, para a Crítica Genética, “[...] a rasura é simultaneamente perda e ganho. Ela anula o que foi escrito, ao mesmo tempo em que

³⁵ A Crítica Genética inicialmente dedicava-se à análise de manuscritos literários, buscando desnudar o processo de criação do autor, a partir da análise de diferentes operações escriturais, contudo, na contemporaneidade, abrange outras áreas além da literatura como filosofia, psicanálise, história, linguísticas, artes visuais, psicologia, analisando não somente manuscritos, como croquis, rascunhos, anotações, dentre outros materiais.

³⁶ O termo prototexto foi proposto como conceito por Jean Bellimin- Noël, na obra “Le texte et l'avant-texte” (1972).

aumenta o número de vestígios escritos” (GRÉSILLON, 2007, p. 97). Podemos, então, entender que

Cada rasura é signo da intervenção do Outro³⁷ que obriga o escritor a deparar-se com um tesouro de vozes da quais o eco lhe chega através dos rastros das palavras ou o filtro da escritura. Situado fora do tempo, fora do mundo, esse tesouro não leva absolutamente em conta o valor posicional da lembrança ou da relembração [...] uma vez no papel, as vozes lutam, chamam outras, opõem-se às anteriores e percorrem o tempo lógico até o momento de concluir (WILLEMART, 1993, p. 94).

Teoricamente, isso significa reconhecer que a escrita é atravessada pela subjetividade, já que cada vez “que o escritor pára de sujar o seu papel ou que ele suja um pouco mais pela rasura, um silêncio se faz, um espaço em branco aparece, o sentido é suspenso, o significante reina” (WILLEMART, 1993, p. 91-92), ou seja, na concepção assumida, a língua, o Outro, em que

O autor não é mais o escrevente que transcreve um texto inspirado, nem o que se entrega à escritura esquecendo do que é constituído, nem simplesmente o sujeito da enunciação ou o sujeito do enunciado, mas a cada leitura, retoma-se inteiramente, desdobra-se e enxerga o texto como um objeto, visto de fora, ao qual aplica um olhar crítico. (WILLEMART, 1993, p. 67).

Portanto, o texto, ao ser relido, não é tomado como espelho a partir do qual o escritor se admira, mas, sim, um meio pelo qual um “Terceiro”³⁸, tomado como uma tradição literária, histórica, o próprio inconsciente do autor ou outros fatores que extrapolam o escritor. Podemos inferir, portanto, que não se atribui à rasura um caráter de consciência higienizadora ou reparadora.

Materialmente, segundo Biasi (2010), nas rasuras, para os geneticistas, existem cinco mecanismos: a) **supressão** (anulação sem substituição); b) **substituição** (traçado em que se pode perceber a substituição por outro segmento); c) **deslocamento** ou **transferência** (marcas de setas, quadros, traços que se identifica

³⁷ Outro destacado por Willemart refere-se à Psicanálise, especificamente, à proposição de Lacan, que, conforme Quinet (2012), “Outro” como discurso do inconsciente, inacessível, “morada do sujeito como ser de linguagem”, de onde vem as determinações históricas do sujeito, portanto, não localizável no cérebro, mas num lugar simbólico. O “Outro” é constituído de um conjunto de significantes que marca o sujeito em sua história.

³⁸ Willemart (1993) considera o Terceiro a partir da noção de Outro de Lacan, havendo uma distinção entre “outro”, parceiro imaginário, do “Outro”, o qual emerge da ordem da linguagem/simbólico, portanto, anterior e exterior ao sujeito, que a essa ordem se submete. Pode-se considerar que o atravessamento do sujeito pelo simbólico se dá pelo “outro”, contudo é o Outro que instaura um corte fundante no inconsciente do sujeito.

o deslocamento da escrita de uma zona para outra); d) **suspensão** (traçado/apagamento que demonstram que o segmento será extirpado do seu contexto inicial); e) **utilização/gestão** (notas ou rascunhos utilizados no decorrer do processo de escrita, cuja finalidade é a distinção entre segmentos ativos dos já utilizados).

Também se reconhece a existência de outro tipo de rasura, a “imaterial”, a qual só se pode ter acesso pela recuperação de sucessivas versões de um determinado manuscrito (GRESILLON, 2007), tal como ocorre nas rasuras digitais, somente observáveis à luz dos recursos que salvaguardam o processo de escrita, no nosso caso, o histórico de versões do aplicativo *Google Docs*.

Vale destacar que existem inúmeros trabalhos dessa área, contudo, pelos objetivos do presente estudo, apresentaremos apenas alguns que dele se aproximam e contribuem, a fim de facilitar a compreensão sobre como se orientam os estudos da rasura na Crítica Genética e como eles contribuem para esta tese.

Primeiramente, destacamos o estudo de Willemart (1998), que inter-relaciona escrita e subjetividade, dada a confluência entre literatura e psicanálise. Willemart (1998, p. 30) compreende a rasura como “signo de uma luta não resolvida entre elementos movimentando-se no espírito, pertencentes à função simbólica ou aos diferentes não sabidos [...] e que fará o escritor ver um pedaço do Real”. Consistem em manuscritos, croquis e outros prototextos que atuam como testemunhas dos processos de criação, permitindo ao pesquisador compreender o movimento do pensamento, constituído de intervenções do sujeito do inconsciente e do sujeito empírico.

Em outro estudo, Silveira (2018) analisa os manuscritos de Ferdinand Saussure, nos quais observou que as rasuras são mais frequentes quando da teorização sobre a língua e menos frequente em manuscritos sobre lendas e rascunhos de artigos. Também destacou a não existência de rasuras em cartas enviadas por Saussure. Ao longo de seus escritos, Saussure, como destaca Silveira (2018), frequentemente rasura quando da tematização sobre a língua, indiciando consequências teóricas e epistemológicas. Por fim, entende a autora que as rasuras estão vinculadas ao estilo, ao gênero discursivo (artigo, lenda, por exemplo), ao tema, ao endereçamento, mas que também parecem estar ligadas a questões mais complexas. Para a pesquisadora, a diversidade de frequência e funcionamento das rasuras nos escritos de Saussure

sinaliza que “a rasura também é capaz de impor as mudanças de gênero ou interlocução” (SILVEIRA, 2018, p. 857), ou seja, a rasura também moveria a direção dos escritos, desfazendo-o, em algumas situações, ou modificando o objetivo inicial. Observamos, nos estudos de Silveira (2018), aproximações com a presente tese, em função de a autora considerar existirem zonas privilegiadas para ocorrência de rasuras, vinculadas, em alguma medida, ao gênero discursivo.

Esses estudos, inicialmente apresentados, tais como, tradicionalmente, se realizam na Crítica Genética, partem de rasuras em manuscritos, entendidos como textos escritos “a mão”, contudo, alguns geneticistas entendem que entramos “numa era sem rascunhos”. Para esses pesquisadores, o chamado terceiro milênio “terá ainda, indubitavelmente, livros impressos. No entanto, provavelmente, haverá menos manuscritos de autores no *sentido escrito*” (GRESILLON, 2007, p. 63, grifos nossos), ou seja, haverá menos textos escritos “a mão”. A diminuição do número de textos escritos “a mão” levou muitos pesquisadores a questionar, como o fez Gresillon (2007), sobre a morte da Crítica Genética, visto que os estudos se ancoram no

suporte manuscrito: o papel. Além dele, os cadernos de notas são de papel. Os rascunhos, o fichário, a correspondência, idem. Todo o arquivo de um escritor, organizado ou não, está posto num mesmo suporte: o papel. Conclui-se, portanto, que a crítica genética só funciona se encontrar essa materialidade (SILVA, 2010, p. 45).

No entanto, Silva (2010, p. 45, grifos nossos) faz uma ressalva: “o geneticista não estuda o manuscrito em si, mas o *processo de criação revelado por ele, através das rasuras, das pegadas deixadas pelo escritor durante o processo de criação*”. Podemos dizer que, mesmo antes do advento do computador, já se encontravam alguns escritores que adotavam “documentos escritos à máquina, a mão, digitados no computador ou provas de impressão, que receberam alterações por parte do próprio autor” (SALLES, CARDOSO, 2007, p. 44). Portanto, não se pode considerar o uso do computador como uma limitação aos estudos genéticos, já que:

Graças à salvaguarda automática e programada [...] sem custo adicional de papel e de tinta, a memória do computador registrará todas as modificações que, adicionadas umas às outras, contarão a gênese da escritura [...] será um manuscrito numérico igual ao manuscrito no papel com acréscimos, substituições, supressões e deslocamentos (BIASI, [2019]).

Biasi (2010) vai mais longe, afirmando que a Crítica Genética ganha com o advento do computador, na medida em que o escritor lançará com muito mais facilidade suas ideias na tela em branco, do que o fazia no papel em branco³⁹.

Ao digitar um texto, o escritor não lida com folhas de papel dispersas ou constituintes de um caderno, que finda sua área de escrita ao se preencher o último espaço em branco da página. Com o uso da barra de rolagem lateral, existente no aplicativo Word, o 'papel virtual' funciona como um pergaminho de metragem indefinida, que rola para cima e para baixo, por tantas e quantas páginas o escritor achar necessário. Não cabe mais ao escritor o medo de chegar ao final da página e ter que reiniciar sua escritura em outra página em branco. (GÓES, 2013, p. 26).

Diante dessa sistemática, diferente da realizada no manuscrito, alguns geneticistas atribuem distinções entre o manuscrito e a página impressa, observando, no primeiro, um caráter selvagem, com liberdade de gestão, variabilidade de orientação, enquanto o segundo, objeto de análise nesta tese, seria proteiforme, constituído de um bloco regular, justificado, um modelo fixo, apresentado numa imutabilidade de um tipo de impressão (GRESILLON, 2007).

A escrita manuscrita seria um local carregado de “[...] marcas cintilantes e frágeis da subjetividade. Ela é também, muito antes, a expressão de uma tradição cultural nacional” (GRESILLON, 2007, p. 70), em que “nossas ferramentas de escrita participam da elaboração de nossas ideias” (NIETZCHE, *apud*, GRESILLON, 2007, p. 72). Sendo assim, ao mudar do lápis ou da caneta para o computador (teclas/tela), a mecânica da escrita se altera, mas as operações estudadas pela Crítica Genética se mantêm.

A partir dessas considerações, o que nos interessa apresentar e reconhecer é a expansão da Crítica Genética que admite ajustes conceituais, teóricos e metodológicos ao longo do seu desenvolvimento, que acomodam a expansão do seu objeto “manuscrito” para “documentos de processo”, que incluiriam anotações, diários, esboços, maquetes, vídeos, roteiros, partituras dentre outros (SALLES; CARDOSO, 2007), abrangendo diferentes suportes, que se aproximem do estudado nesta tese.

³⁹ Biasi (2010, p. 45) compreende que, em vez de 30 ou 40 testes iniciais que exigiam o papel, a escritura na tela não supõe mais que 2 ou 3 ensaios mentais preliminares. Logo, ‘o rascunho digital constitui um documento de uma riqueza cognitiva sem precedentes: ele fornece ao geneticista acesso aos processos psíquicos muito mais iniciais/primários do que’ (BIASI, 2010, p. 45). Não partilhamos dessa prerrogativa de ‘riqueza cognitiva’, já que comungamos a concepção da complexidade da relação sujeito/linguagem, distanciando-nos de uma concepção de metacognição.

Portanto, além de não se restringir à escrita manuscrita, os estudos da Crítica Genética também têm se expandido para outros tipos de materiais, sejam eles escritos, digitados, datilografados, filmados ou outros, desde que, nesse material, seja possível ao geneticista analisar o processo de construção da obra. Dentre essas diferentes formas, interessam-nos, especialmente, devido ao foco desta pesquisa, os materiais digitados, nos quais se podem resgatar rasuras imateriais, por meio do acesso ao histórico da produção, uma vez que, do mesmo modo que ocorre com o papel, “no documento digital, rastros dos movimentos genéticos podem ser identificados por registros visuais e temporais” (GÓES, 2013, p. 31), no denominado manuscrito digital. Também não nos dedicaremos a diferenciar o material digital do manuscrito, tendo em vista que nossa preocupação reside em analisar as rasuras digitais, observando a relação sujeito-linguagem quando imersa numa prática social de escrita mediada por recursos digitais, reconhecendo índices de heterogeneidade do dizer e dos letramentos.

A Crítica Genética, nesse cenário, pode “resgatar processos por meio de vídeos gerados por programas específicos capazes de gravar o percurso de criação do que é gerado e visualizado na tela de um computador” (GÓES, 2013, p. 31), sem a preocupação em diferenciar esse material do manuscrito, mas, sim, em analisar, por meio de critérios temporais e visuais, o processo de escrita, denominado nascimento da obra.

Vale destacar, devido à natureza do nosso estudo, rasura digital, uma distinção entre o que se reconhece como eletrônico e como digital. Considerando-se que:

Um documento eletrônico é acessível e interpretável por meio de um equipamento eletrônico (aparelho de videocassete, filmadora, computador), podendo ser registrado e codificado em forma analógica ou em dígitos binários. Já um documento digital é um documento eletrônico caracterizado pela codificação em dígitos binários e acessado por meio de sistema computacional. Assim, todo documento digital é eletrônico, mas nem todo documento eletrônico é digital. (CÂMARA TÉCNICA DE DOCUMENTOS ELETRÔNICOS, 2011).

Diante dessa conceituação, bem como dos estudos da Crítica Genética, optamos por reconhecer os movimentos retrospectivos do sujeito sobre o seu próprio dizer resgatados no histórico do *Google Docs*, da presente tese, como rasuras digitais, já que essas são oriundas de um documento eletrônico (estão acessíveis pelo computador), bem como sua codificação se deu em dígitos binários acessados pelo

computador. Portanto, optamos por rasuras digitais, a fim da sistematização do objeto de pesquisa, já que “nascem em meio digital, não trafegam ao longo do percurso gerador da obra pelo meio tradicional” (CIRILLO, 2012, p.153), bem como podem ser identificadas por meio de critérios temporais e visuais.

Outros autores, como Erway (2010), entendem os textos produzidos por meio de recursos tecnológicos como *born digital*⁴⁰, conferindo-lhe cinco características: flexibilidade, simulação, reprodutividade, conservação e transmissibilidade (cf. SALARELLI; TAMMARO, 2008). De forma mais específica, conforme afirmam Salarelli e Tammaro (2008): a) **flexibilidade** devido à capacidade de reescrever, apagar, deslocar por meio de recombinações binárias, realizadas no mesmo suporte, por terem sido definidas no programa, como por exemplo, o *Microsoft Word*⁴¹ ou o *Google Docs*, da presente pesquisa; b) **simulação**, pois permite experimentar possibilidades e retornar a outras anteriormente escritas; c) **reprodutividade**, pois, enquanto o papel exige que seja recopiado, o digital tem comandos que permitem “copiar” e “colar”, como o *Ctrl+c/Ctrl+v*, a fim de duplicar o enunciado escrito; d) **conservação**, pois o documento tem assegurado o seu armazenamento em diferentes mecanismos, tais como *pen drive*⁴², *onedrive*⁴³, *googledrive*⁴⁴, *Camtasia Studio 7.0*⁴⁵, *SmartPen*⁴⁶ e outros que permitam a captura de tela, aumentando a acessibilidade e diminuindo as chances de perda e; e) **transmissividade**, entendida como capacidade de

⁴⁰ *Born digital* em função de que o documento foi produzido diretamente a partir de uma materialidade digital, nasceu neste meio, foi criado nele, e não como os materiais que são digitalizados posteriormente, tais como os escaneados, fotografados.

⁴¹ Programa utilizado para produção de textos, semelhante a uma folha e papel (contudo, não permite, por exemplo, a escrita entre as linhas ou fora da margem, compatível com diferentes sistemas, e a partir do qual o escrevente pode controlar as alterações (Menu: revisão, controlar alterações, painel de revisão). Além disso, o escrevente pode usar o bloqueador de rastreamento, em controlar alterações, que bloqueia o controle ou pode ser acessado, posteriormente por meio de senha.

⁴² Dispositivo portátil de armazenamento com memória flash, acessível através da porta USB.

⁴³ Serviço de armazenamento de arquivos oferecido pela Microsoft, aos usuários com conta da Microsoft.

⁴⁴ Serviço de armazenamento e sincronização de arquivos disponibilizado pela Google aos usuários com conta gmail (Google).

⁴⁵ Programa de captura de telas, que permite filmar em tempo real as atividades realizadas no computador, ou seja, permite o acompanhamento da escrita, letra por letra, consultas realizadas durante o processo e salvando o processo em AVI ou MP4. Contudo, normalmente, versões desse tipo de programa, quando gratuitas, são limitadas. Frequentemente, é utilizado para fazer tutoriais. Nessa categoria, inclui-se também o Bandicam com as mesmas funcionalidades do Camtasia.

⁴⁶ Caneta digital que captura a escrita, desenhos e rabiscos realizados no papel, posteriormente, convertendo-os em dados digitais. Funciona como uma caneta tradicional, com tinta, contudo, algumas além de captar a escrita, também captam áudio. Dentre os pesquisadores que a utilizam, destaca-se o professor Eduardo Calil, da Universidade Federal de Alagoas, que investiga a escrita de crianças.

transmissão via *World Wide Web*⁴⁷ por meio da internet, tipo de difusão facilitada, que permite transmissão e manutenção do modelo original.

As características definidas por Salarelli e Tamaro (2008)

não eliminariam os rastros dos processos criados nesse meio, mas os mantêm em camadas submersas, que alguns programas já se aprimoram, ainda que lentamente, para recuperá-los e exibi-los. (GÓES, 2018, p. 37).

Isso porque o computador tem recursos que podem resgatar as mudanças provocadas por rasuras (WILLEMART, 2008). Sendo assim, o fato de escrevermos utilizando teclado, não exclui nossa possibilidade de realizar apagamento, nem mesmo apaga os rastros do processo de escrita. Contudo, pode contribuir para a recorrência de um tipo de rasura em relação a outro. Por exemplo, o deslocamento seria facilitado devido à flexibilidade e simulação dos textos produzidos por meio de recurso digitais.

Por fim, vale destacar que os manuscritos digitais ou rascunhos digitais são amplamente estudados pelo grupo de pesquisa PRO.SOM da Universidade Federal da Bahia, o qual já produziu diferentes estudos. Nesses estudos, à luz da Crítica Genética, o grupo analisa formas de registro e resgate de operações genéticas a partir de equipamentos eletrônicos. Teoricamente, preconizam que o processo de criação, por meio de recursos tecnológicos, contaria com a atuação, além das mãos do autor, de uma “terceira mão” (GÓES, 2018), aquela da inteligência artificial, reconhecida em operações linguísticas habilitadas pela máquina por meio de comandos do homem, por exemplo, sugestão de palavras, correção automática e dicionários virtuais.

Góes (2013), a partir do *corpus* de legendas filmicas, por exemplo, dedicou-se a verificar o processo de criação de arquivos de vídeos, bem como os trabalhos de Silva (2013) e Ferrari (2016), que mais se aproximam do tipo de material analisado na presente tese. Silva (2013) analisa o processo criação de um roteiro a partir de uma obra literária e Ferrari (2016) utiliza como dossiê de análise documentos de processos digitais (*Word* e *Google Docs*).

Silva (2013), adotando procedimentos teóricos-metodológicos da Crítica Genética, em pesquisa de mestrado, vinculada à área de Literatura e Cultura, analisou

⁴⁷ A *World Wide Web*, *Web* ou *www* foi criada por Tim Berners-Lee e constitui-se como “o universo da informação acessível na rede global. Ela é um espaço abstrato povoado, principalmente, por páginas interconectadas de texto, imagens e animações, com ocasionais sons, mundos tridimensionais e vídeos com os quais os usuários podem interagir” (ARAYA; VIDOTTI, 2010, p. 26)

o roteiro da minissérie “A Pedra do Reino” (levada ao ar em 2007, na Rede Globo). À época, a produção contou com três roteiristas, que tomaram como ponto de partida a obra “O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vi-e-Volta”, de Ariano Suassuna. Para a análise, o pesquisador recorreu aos e-mails trocados pelos roteiristas, a fim de recompor a cronologia do processo de criação. Silva (2013, p. 140) destaca, em sua pesquisa, “um movimento genético de intensa síntese”, visto que, do primeiro documento (prototexto) para o terceiro, observou o “enxugamento de tramas, personagens e informações”, as quais foram planejadas pelos roteiristas. À luz de Corrêa (2011), entendemos que, sob a perspectiva etnográfico-discursiva, é possível recompor dados etnográficos a partir do texto, considerando, para tanto, os sujeitos do discurso.

Observou-se, ainda, que o projeto inicial de adaptação da obra foi substituído pelo processo de recriação, com eliminações, alterações e inserções, ao longo do trabalho. A partir desse estudo, Silva (2013) destaca o trabalho criador dos roteiristas, deixando latente a contribuição de todos os roteiristas envolvidos no processo de adaptação da obra. Também se destacou a existência de modificações provocadas pelas injunções (econômicas) enfrentadas no processo criativo, que precisava garantir a viabilidade (financeira e humana) para sua validação. Portanto, as modificações realizadas mostram-se motivadas por diferentes fatores que residiam na estruturação do gênero discursivo minissérie, partindo de um gênero discursivo romance, mas também na possibilidade econômica de executar o projeto.

Ferrari (2016) percorreu o processo de criação de um audiolivro, “A guerra dos mundos” (1898), de Wells, partindo da análise de documentos digitais e impressos. Nesse estudo, o autor analisa as estratégias de adaptação dos autores para transpor a obra literária para outro gênero e outra mídia. Dentre os processos analisados, Ferrari (2016) apresenta a condensação da narrativa, em função das coerções de tempo impostas pelo audiolivro; a criação, supressão e, até mesmo, junção de personagens, além da primazia dada aos conflitos dramáticos. Também observou a transformação da descrição literária em ações dramáticas e a inserção de efeitos sonoros. Esses achados, conforme destaca o autor, demonstram o minucioso trabalho de criação, apontando, ainda, para necessidade latente de trabalhos sobre a autoria colaborativa, não contemplada em seu estudo.

Notamos, portanto, que os estudos da Crítica Genética apresentados nesta seção sinalizam a possibilidade de análise, também nos estudos linguísticos, como o da presente tese, dos gestos de retorno do sujeito sobre o próprio dizer, por meio de recursos tecnológicos, denominados rasuras digitais. Nesses estudos, especificamente em Góes (2018), entende-se que os recursos tecnológicos contariam com a Terceira mão (da inteligência artificial). Esse modo de olhar permite-nos ver que, nesses estudos, embora não seja explicitado, remeter-se-ia à atuação da memória metálica definida por Orlandi (2012), distanciando-se da concepção assumida nesta tese sob a atuação da memória digital (DIAS, 2018), que não invalida a existência do metálico, algoritmizável, contudo, reconhece a possibilidade de reformulação e escape dos dados fornecidos pelo algoritmo, numa relação com os já ditos (interdiscurso).

Ao pensarmos sobre a “Terceira mão”, entendemos que ela poderia nos levar a crer que, na escrita manuscrita, haveria apenas as duas mãos empíricas produzindo o texto escrito e que esse processo seria “novo”, apagando, por exemplo, os copistas da Idade Média que não apenas copiavam, mas produziam junto. Todavia, dada a concepção heterogênea da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1990), assumida nesta tese, reconhecemos que o sujeito não é fonte do (seu) dizer, mas atravessado por outros dizeres, outros discursos, tendo apenas a ilusão de que as suas palavras são suas, indiferentemente do tipo de escrita, manuscrita ou digital. Assumimos que o recurso tecnológico “participa da produção de efeitos de sentido e de certo cálculo de sentido” (CORRÊA, 2020, p. 77), mas, sobretudo, como destaca o mesmo autor, não se deve apagar ou atribuir supremacia desse em relação aos sentidos produzidos por discursos e sujeitos em tempos e espaços determinados.

Entendemos que os caminhos definidos pelo algoritmo não são de uma entidade fora do sujeito, mas, sim, criados por sujeitos que produzem sentidos e são produzidos por esses sentidos, uma vez que, ao mesmo tempo em que criam cálculos, também são interpelados por eles. Para Santaella (2011), o computador exige que o tempo seja mais rápido, uma vez que o procedimento tecnológico, com sua temporalidade, produz efeitos sobre o sujeito que, conforme Orlandi (2017, p. 82), “se entrega ao tempo do digital, do imediato, o da urgência [...] sendo afetado pela tecnologia da escrita [...] em que inconsciente e ideologia se manifestam falando naquilo que ele fala/falha”.

Desse modo, concebemos que os recursos participam da produção e dos efeitos de sentido, cabendo-nos analisar em que medida as rasuras digitais seriam, também, provocadas por esses recursos. Para Orlandi (2020), a textualização produzida na internet seria diferente em relação à memória, pois des-historiciza o sujeito. Assim, “um texto produzido em computador e um texto produzido a mão são distintos em sua ordem porque as memórias que os enformam são distintas em suas materialidades: uma é histórica e a outra é formal” (ORLANDI, 2020, p. 15). A memória formal, descolada da histórica, é denominada pela autora de metálica, pois lineariza o interdiscurso, reduzindo-o a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, homogeneizando os efeitos. Conseqüentemente, culminaria em formulações algoritmizadas⁴⁸ adequadas de uma língua lógico-matemática⁴⁹ ilusoriamente única, pois mantêm a incompletude constitutiva da língua(gem) e reforça a “vontade da onipotência de um dizer total, onnipresente” (ORLANDI, 2012, p. 183).

Partimos das contribuições de Orlandi, contudo, as interpretamos à luz dos estudos de Ferragut (2019, p.118), sobre formação algorítmica, considerada “a formação discursiva que atravessa o algoritmo na relação homem-máquina”. Assim, consideramos que, nos enunciados produzidos no digital, há um sujeito inscrito numa determinada formação discursiva que, ao enunciar recorrendo ao *Google Docs*, digita, sinalizando o primeiro movimento de sentidos, mas, antes de encerrar o processo, o *Google* passa a apresentar sugestões (supostas correções), oferecendo-lhe resultados ligados a outro movimento de sentidos; esse, por fim, resulta da relação de sentidos entre sujeitos e máquina algorítmica. Logo, dado esse atravessamento presente no processo de escrita no digital, haveria atuação da memória digital, compreendida como “o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e

⁴⁸ Como destacam Oliveira Neto, Tonin e Prietch (2010), na linguagem algorítmica, o sistema computacional interpreta uma sequência da linguagem natural, por meio da análise de informações morfológicas (parte das palavras ou expressões isoladas, analisadas com auxílio dos delimitadores, tais como pontuação e espaço em branco), lexicais (estrutura e classificação de palavras), sintáticas (nível de agrupamento de palavras, regras gramaticais para gerar uma estrutura árvore) e semânticas (sentido de palavras reagrupadas) armazenadas. Os autores destacam o nível semântico como o mais complicado, por vincular informações morfológicas, sintáticas e informações pragmáticas vinculadas à ambigüidade.

⁴⁹ Rino *et al.* (2002) e Nau *et al.* (2017), num estudo com revisor gramatical, descrevem que o sistema se organiza por: um catálogo de léxico, verificador mecânico para identificação de problemas de digitação (excesso de espaços), verificador ortográfico e gramatical e as regras gramaticais mapeadas por meio de critérios distribucionais (contexto mínimo, à esquerda e à direita) e estruturais.

se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (DIAS, 2018, p. 105).

Conforme Dias (2018), a memória digital é historicizada e pode ser reconhecida naquilo que escapa da estrutura totalizante da memória metálica (considerada, por Orlandi, des-historicizada). Nesta tese, reconhecemos, nas rasuras digitais, que, quando o escrevente rasura autorizando, desautorizando, ou propondo outros caminhos, sejam eles algoritmizados ou não, o dizer se inscreve na história. Adotamos, portanto, a memória digital, ou seja, para o resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento do discurso digital pelo trabalho do interdiscurso. Logo, as rasuras digitais seriam esse resíduo, sempre historicizado, que acomodaria os sentidos sócio-históricos da língua e dos sujeitos que enunciam.

Portanto, nos caberia reconhecer a atuação da memória digital, que, em alguma medida, agiria sobre as rasuras digitais, a fim de considerar que, ao escrever por meio de recursos digitais, a máquina atua, mas não é responsável pelos sentidos produzidos. Reconhecemos, ancorados em Orlandi (2020) e Dias (2018), a atuação imbricada entre sujeito, máquina e discurso, em que seriam confrontados sentidos historicizados e sentidos acumulados, portanto, uma escrita que se constitui entre a memória discursiva e a metálica, entendida como memória digital. Logo, não há apenas um algoritmo “oferecendo” sugestões ao escrevente, por exemplo, mas também um sujeito em busca de evocar determinados sentidos, supostamente aceitando ou recusando as sugestões que lhes são apresentadas, pois a memória digital é da ordem do histórico e, também, da repetição algorítmica.

Sendo assim, embora o conceito de Terceira mão (GÓES, 2018) não seja assumido nesta tese, entendemos que, de modo mais complexo, o fato de as resenhas acadêmicas terem sido produzidas no computador, portanto, por meio de recursos tecnológicos, em alguma medida, faz com que as rasuras digitais possam, também, ser resultado da atuação de uma língua lógico-matemática, a do algoritmo que, ao indicar percursos (alterações possíveis no texto), ao mesmo tempo bloqueia sentidos, seu movimento, seu deslocamento e sua historicidade (ORLANDI, 2012). Contudo, esses movimentos não excluem a incompletude e a dispersão de sentidos, nem mesmo invalida as negociações com os diferentes outros que constituem o dizer,

já que o meio tecnológico participa das produções de sentidos, que são produzidos por discursos e sujeitos (cf. CORRÊA, 2020).

Desse modo, para dar sequência, apresentamos alguns estudos sobre a rasura, agora no campo dos estudos sobre a linguagem, campo no qual se inscreve a presente tese.

2.2 Rachaduras, fissuras: rasura e rasura digital no campo dos estudos da linguagem

Fora da Crítica Genética, as rasuras também são examinadas em alguns estudos, dentre os quais destacamos, primeiramente, Abaurre (1994), Abaurre *et al.* (1995ab), Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) e Mayrink-Sabinson (1997), que as denominam de diferentes formas, como *refacção*, *reelaboração* e *reescrita*. Nesses trabalhos, as pesquisadoras, de modo inaugural nos estudos linguísticos, analisam o gesto de retorno do sujeito sobre a própria escrita, não de uma maneira marginal, mas como “um espaço privilegiado para a observação de aspectos relevantes à modalidade escrita da língua que adquirem saliência para a criança, em diferentes momentos e pelos mais variados motivos” (ABAURRE, 1994, p. 372).

Reconhecemos a importância desses estudos, devido à análise do processo de escrita, e não meramente de seu produto final, mas principalmente, por analisar a escrita infantil, observando a reescrita, a reelaboração e refacção de enunciados infantis não como “manifestações *imperfeitas* de uma gramática *adulta*” (ABAURRE, 1996, p. 121, grifos da autora), mas como diferentes momentos da aquisição da escrita. Distanciamos-nos desses estudos na medida em que, indiretamente, as rasuras, para essas autoras, sinalizariam possíveis tomadas de consciência do escrevente diante da sua escrita. Todavia, também nos aproximamos, na medida em que, nesta tese, também as rasuras digitais são analisadas sem uma “preocupação” com o enquadramento da escrita esperada pela universidade, mas como diferentes modos de manifestação do dizer.

Em outros estudos, mais próximos do enquadramento teórico por nós assumido, como os de Calil (1997, 1998, 1999, 2004, 2006, 2012), Calil e Felipeto (2008), Capristano (2013), Capristano e Chacon (2018), Machado (2014), Capristano e Machado (2015) e Machado e Capristano (2016) e Machado, Capristano e Jung (2019), a rasura é interpretada como manifestação de heterogeneidade mostrada

(AUTHIER- REVUZ, 1998, 2011) pela qual circulam os escreventes em suas práticas escritas. Nesses estudos, há preocupação em propor hipóteses explicativas para o gesto de rasurar como parte do processo de aquisição da escrita⁵⁰, tomando a rasura como marcas do *status* de divisão enunciativa do escrevente, bem como seu caráter movente, visto que “pode direcionar-se tanto para a unidade quanto para a dispersão” (MACHADO, 2014, p. 22).

Parte-se do pressuposto de que rasuras se constituem como sinais do retorno do sujeito sobre o seu dizer, voltando-se “sobre aquilo que foi dito ou escrito, para anular, substituir, deslocar, acrescentar, dizer de outro modo algo que já havia falado ou escrito” (CALIL, 2008. p. 104). Portanto, momentos nos quais o pesquisador consegue ver as não-coincidências enunciativas que permitem a construção de novos sentidos. Esses novos sentidos, por sua vez, não partem de um roteiro pré-definido, o que nos colocaria numa prerrogativa cognitivista de desenvolvimento, categorizando “erro” e o “acerto”, mas, sim, sinalizam que, quando a escrita se encontra predominantemente submetida à observação do sujeito sobre seu dizer, emergem caminhos possíveis, os quais não são ditados pelo sujeito, mas pela própria ordem da língua. Por isso, os gestos de rasurar podem ir em direção ao previsível ou à ruptura, contudo, podendo ser observados caminhos preferenciais, os quais o pesquisador delinea a partir do estabelecimento de regularidades, conforme será explicitado na metodologia desta tese.

Nos estudos de Calil (1997, 1998, 1999, 2004, 2006, dentre outros), Calil e Felipeto (2008) e Calil e Pereira (2018), o objeto de análise são as rasuras orais ou rasuras orais comentadas (ROC), uma vez que os autores produzem um filme-sincronizado, tendo acesso à fala de uma díade de alunos, bem como ao que foi escrito no momento daquela fala, utilizando, para isso, câmeras e canetas eletrônicas. Nesses estudos, de modo geral, rasuras são consideradas como um estranhamento do escrevente, marcado por um “voltar sobre” o material escrito, “uma pista que apontaria não somente de onde veio, mas também para onde se poderia ter ido” (CALIL, 2004, p. 58).

Especificamente nos estudos de Calil (1998) e Calil e Felipeto (2008), o rasuramento como manifestação da heterogeneidade demonstra uma submissão ao

⁵⁰ Dentre os estudos citados, somente Machado, Capristano e Jung (2019) analisam rasuras na escrita universitária. Os demais dedicam-se à escrita infantil.

outro (cultura, sociedade, linguagem etc.), podendo configurar-se como processo criativo ou uma ruptura previsível, devido ao fato da possibilidade de irem tanto em direção ao estabilizado na língua, como também para uma ressignificação do dizer ou para outro movimento. Calil (2016, p. 531), especificamente, destaca que rasuras identificadas em seus estudos visavam ao estabelecimento de unidades textuais “indiciando o modo como as alunas estavam pensando sobre esse problema durante o manuscrito em curso”.

Aproximamo-nos dos estudos de Calil em função de assumirmos a mesma perspectiva de rasura, ou seja, como manifestação da heterogeneidade, contudo, distanciamos-nos tendo em vista a tecnologia (caneta ou filmagem) que serve para registro das interações realizadas durante o processo de escrita à mão. Em nosso estudo, as rasuras emergem de uma situação de escrita que nasce por meio de recursos tecnológicos (especificamente, o *Google Docs*) e não trafegam ao longo do processo pelo meio tradicional, sendo definidas por critérios⁵¹ espaciais e temporais.

Em outros estudos, como os de Capristano (2013), Machado (2014), Capristano e Machado (2014) e Machado e Capristano (2015), as rasuras são compreendidas como manifestações da heterogeneidade mostrada, analisando rasuras ligadas à segmentação gráfica, na escrita infantil. Nesses estudos, à luz de contribuições da Crítica Genética, dos estudos sobre rasura na escrita infantil supracitados, bem como de contribuições de estudos do campo da enunciação e do discurso (como os de Authier-Revuz), entende-se que as rasuras “apontam diferentes conflitos do escrevente com as possibilidades de seleção/substituição e com as de concatenação/afastamento” (MACHADO, 2014, p. 29). Neles, as autoras, ao analisarem o primeiro gesto de escrita (antes da rasura) e o último gesto de escrita (após o rasuramento), entendem que as possibilidades que se mostram entre os gestos não são livres, mas dependentes de elementos metafóricos oriundos de representações pré-fabricadas (seleção/substituição) e metonímicas (concatenação/afastamento)⁵², também efeito dessas possibilidades preconcebidas

⁵¹ Os critérios serão explicados na metodologia desta tese.

⁵² A reflexão sobre as relações metafóricas e metonímicas utilizada pelas autoras foi primeiramente definida em Capristano e Chacon (2018). Nesse estudo, os autores destacam, à luz das contribuições de Jakobson, que o arranjo entre as entidades linguísticas não é aleatório, existindo zonas privilegiadas. Destacam ainda a existência de duas faces, relações de combinação (metonímicas), como a contiguidade e o afastamento, que se ligam pela cadeia de concatenamento e pela oposição aos elementos da cadeia, mas também por relações metafóricas, uma vez que as substituições e seleções podem ocorrer por similaridade ou por contraste. Para Capristano e Chacon (2018), os processos

(CAPRISTANO, CHACON, 2018). Sendo assim, as seleções que ganham mais destaque são regidas pela memória da inserção do sujeito no funcionamento linguístico. Ao analisar as rasuras, Machado (2014) reconhece que, na aquisição da escrita e diante da necessidade de alocar espaços em branco, a criança o faz, principalmente, ancorando-se em suas práticas orais e letradas, havendo um trânsito entre essas práticas. Por conseguinte, os resultados foram ao encontro da constituição heterogênea da escrita definida por Corrêa (1997) – conferir Capítulo 1.

Capristano e Machado (2015), ao analisarem rasuras em produções textuais infantis, concluíram que, além de sinalizar o trânsito do escrevente por práticas orais e letradas, também permitem enxergar alguns “pontos sensíveis da língua, sinalizando a possibilidade do não um” (AUTHIER-REVUZ, 1990). Portanto, não seriam evidências de conhecimento ou capacidade metalinguística, mas “sinais do deslocamento da criança em relação à (sua) escrita e à escrita do *outro* e, portanto, indícios da divisão enunciativa do sujeito escrevente” (CAPRISTANO, 2013, p. 675, grifos da autora). Ainda reconhecem, nesses dois estudos, que a ausência de rasuras não equivale à ausência do processo de divisão enunciativa, uma vez que o escrevente pode, sim, “deparar-se com a disparidade entre a sua escrita e a escrita do *outro* sem deixar marcas desse movimento” (CAPRISTANO, 2013, p. 677, grifos da autora).

Em outros estudos, numa incursão inicial sobre as rasuras digitais, devido ao fato de não observarem estudos linguísticos focalizados nesta temática e reconhecendo o advento da escrita digital na sociedade, Machado, Capristano e Jung (2019) analisaram rasuras em contexto digital, presentes em artigos de opinião produzidos por acadêmicos do 1º ano de Odontologia e Sistemas de Informação. Teoricamente, as autoras partiram da perspectiva dos letramentos (LEA, STREET, 1998), ancorando-se, também, na noção de dimensões escondidas definida por Street (2010). O objetivo das autoras era analisar as rasuras em contexto digital, a fim de verificar se essas sinalizavam negociações com as dimensões escondidas das práticas de letramento. Para tanto, recorreram a um histórico da produção de uma resenha por meio da ferramenta *Google Docs*. Dentre os principais resultados, destacam-se que as rasuras, em contexto digital, parecem emergir: “(a) ligadas à

metafóricos e metonímicos são indissociáveis, pois, na possibilidade de substituição (processo metafórico), inscreve-se a possibilidade desse elemento representar toda a cadeia, ou seja, representando parte/todo, num processo metonímico.

seleção do léxico; (b) ligadas à norma linguística; (c) ligadas ao enquadramento do gênero; e (d) ligadas aos posicionamentos sociais expressos nos textos” (MACHADO, CAPRISTANO, JUNG, 2019, p. 954).

Esses pontos de negociação foram reconhecidos por Machado, Capristano e Jung (2019) como frutos de negociações (cf. AUTHIER-REVUZ, 1998) com dimensões escondidas e mostradas das práticas de letramento, em função da “possibilidade, sempre presente no processo de produção de textos, de outras palavras, outras normas, outros gêneros, outros posicionamentos conviverem com as palavras, normas, gêneros e posicionamentos acionados pela docente” (MACHADO, CAPRISTANO, JUNG, 2019, p. 954). Para as autoras, as rasuras, portanto, não são desajustes a serem extirpados, mas, sim, sinalizam que as representações sobre a atividade avaliativa, a língua válida e os possíveis interlocutores, ora são comungadas entre acadêmico e professor, ora se diferenciam.

Destacamos que, como antecipado na Introdução desta tese, mantivemos a concepção de rasura ao longo dos estudos (MACHADO, 2014; MACHADO, CAPRISTANO, 2015 e CAPRISTANO, MACHADO, 2016), contudo, refinamos a discussão inicial proposta em Machado, Capristano, Jung (2019), definindo uma identidade às rasuras digitais, a fim de melhor especificar suas características e diferenciá-las das rasuras da escrita manuscrita⁵³. Por conseguinte, nesta tese, reconhecemos os movimentos retrospectivos do sujeito sobre o próprio dizer, registrados por meio de recursos técnicos, como rasuras digitais, que mostram o sujeito negociando a constituição do (seu) dizer com outros que constituem o sujeito e o seu dizer.

O deslocamento do “em contexto” para “digital” se deve, primeiramente, por compreender que, embora o lápis e a caneta sejam objetos representativos da escrita, são mais que meros artefatos, impõem diferentes tipos de injunções. Retomemos, por exemplo, a memória afetiva de quando nossas professoras nos “autorizaram” o uso da caneta, inicialmente, somente em trechos de cópia do quadro negro. Agora, desloquemo-nos para os inúmeros pedidos dos alunos, já em etapa universitária: “posso fazer a lápis?”. Esse pedido não é ingênuo, mas, sim, indica conflito com a

⁵³ Não é objetivo deste estudo comparar rasuras manuscritas e digitais, contudo, entendemos que rasuras digitais são analisadas à luz de critérios temporais e visuais, enquanto as manuscritas pautam-se nos critérios visuais. Ainda, nas rasuras digitais, o texto é produzido por meio de recursos tecnológicos sob contribuição digital e, nesse sentido, sempre está sob o risco de ser homogeneizado, com base numa língua lógico-matemática, que evocaria o discurso autorizado acessível.

noção de que há controle dos sentidos e que o fato de usarem “lápiz” lhes daria maior liberdade sobre o (seu) dizer, uma vez que acessível (sem o conhecimento do interlocutor) a possibilidade de equívoco, inerente à linguagem.

Com base nas contribuições de Dias (2018), como já destacamos, entendemos que a escrita mediada por recursos tecnológicos impõe outros tipos de injunções oferecidos pelos mecanismos algoritmizáveis que simulam uma des-historicização da língua por meio de um construto técnico com base em uma visão de língua lógico-matemática de acúmulo e repetição do mesmo, conforme definições programadas pela inteligência artificial⁵⁴, mas também abre espaço para um lugar de contradição, onde o sentido escapa à estrutura totalizante da máquina, saindo do lugar da repetição e inscrevendo-se no funcionamento do interdiscurso (DIAS, 2018). A especificidade da escrita no digital, para Orlandi (2012), produziria um mito de que “quanto mais, melhor”, apagando as especificidades e, algumas vezes, promovendo a uniformização do dizer. Ou seja, ocorreria um falso empoderamento do escrevente (na acepção de usuário da tecnologia), em que tudo lhe estaria acessível (correções, conteúdos), cabendo-lhe somente “controlar” o seu dizer, conforme recursos da máquina.

Desse modo, a partir dessa definição teórica de como compreender a atuação da memória digital na escrita digital, definimos rasura digital por meio da análise de dois fatores, espaciais e temporais, captáveis pela ferramenta *Google Docs*: a) da **direção espacial**, observa-se se a rasura segue a direção espacial da Língua Portuguesa (esquerda para a direita), bem como a diferenciação visual – texto inserido (cor diferente); texto excluído (tachado); texto anteriormente escrito (cor preta); b) do **ordenamento temporal**, parte-se da possibilidade de os registros tecnológicos permitirem alocar a ocorrência em termos cronológicos.

Com base nesses critérios, em termos de distribuição espacial, ao registrar **um movimento prospectivo**, que segue direção espacial da língua portuguesa (esquerda para a direita), teríamos um movimento de continuidade, parte da constituição do dizer. Como antecipado na Metodologia, esse movimento não será

⁵⁴ Esse termo refere-se ao “projeto e desenvolvimento de programas de computador que simulam o pensamento humano, capaz de desenvolver um comportamento inteligente (MICHAELS, 2020). Todavia, como destaca Gunkel (2017), inteligência artificial foi originalmente utilizado em uma conferência organizada por John McCarthy, no Dartmouth College, em 1957, e fruto de análise de um artigo de Alan Turing, em 1950, sobre o “jogo de imitação” e o questionamento se as máquinas poderiam pensar. Nesse jogo, Turing propõe a participação de três participantes (homem, mulher e interrogador), cabendo ao interrogador ficar separado e, com base nas respostas, definir se estava dialogando (por computador de modo síncronico, via chat) com um homem ou uma mulher.

estudado nesta tese, contudo, entendemos que alguns movimentos retrospectivos foram determinados por movimentos prospectivos. Já os registros de **movimentos retrospectivos**, interpretados pela distribuição espaço-temporal, são caracterizados como **rasura digital**. Vale acrescentar que os movimentos retrospectivos poderiam ser confundidos, na escrita manuscrita, com movimentos prospectivos, caso não houvesse um indício (cor diferente de caneta, sobreposição, idiosincrasias na escrita).

Em síntese, como no estudo de Machado, Capristano e Jung (2019), nesta tese, apropriamo-nos de parte do conceito da Crítica Genética de “manuscritos digitais” ou “rascunho digital”, compreendidos como as diferentes versões salvas para a produção da resenha acadêmica, a fim de analisar o que denominamos de “rasuras digitais”, ou seja, gestos retrospectivos de apagamento, substituição, inserção e deslocamento no texto escrito por meio eletrônico. Entendemos que esses gestos nos permitem visualizar caminhos abandonados, dizeres substituídos, que mostram o sujeito negociando a constituição do (seu) dizer com os outros que constituem o sujeito e o seu dizer.

Os gestos abandonados, excluídos, e os gestos eleitos, após o rasuramento, não são aqui compreendidos como frutos do processo criativo do escrevente, como no arcabouço teórico da Crítica Genética, nem mesmo como atuação puramente mecânica algoritmizável, mas, sim, como índices de negociação, marcas de um “*esforço* que o enunciador deverá fazer para tratar – suprimir ou acolher [...] estes *outros sentidos* que não *dormem*, mas *existem*, não *abolidos* pelo contexto, em um ponto X do dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 30, grifos da autora).

Por fim, dada a concepção de rasura assumida nesta tese, como manifestação da heterogeneidade mostrada, que sinaliza não coincidências do dizer, apresentamos, na sequência, uma síntese do aporte teórico que nos permite assim compreender a rasura, ou seja, da concepção de heterogeneidade enunciativa definida por Authier-Revuz (1990) e apropriada nos estudos linguísticos sobre rasura (CALIL, 2001, CAPRISTANO, 2013, MACHADO, 2014, dentre outros).

2.3 Os outros e a noção de heterogeneidade em enunciativa

Em seus estudos, Authier-Revuz (1990, 1998, 2000, 2004 e outros) destaca o conceito de heterogeneidade fundante, ou seja, constitutiva. Para construir esse conceito, a autora ancora-se em Bakhtin, especificamente, no dialogismo, em que “o tu é condição de existência do eu”, portanto, dotado de vozes consoantes ou dissonantes; Também ancora-se na psicanálise, em Freud, pela releitura de Lacan, que concebe o sujeito inconsciente, efeito da linguagem, clivado, descentrado e capturado, bem como nos trabalhos que consideram o discurso como produto do interdiscurso, como os de Pêcheux (1975).

A partir da reunião desse arcabouço teórico, Authier-Revuz (1998) define duas maneiras pelas quais se apresenta a alteridade do discurso, a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. A primeira, linguisticamente descritível, uma vez que inscreve o outro na linearidade do discurso, já a segunda é base constitutiva do discurso, visto que as palavras são sempre discursos dos outros, habitadas e carregadas, território do já dito. Contudo, ao remeter a essas duas formas iniciais, ressalta que não existe um espelhamento, nem independência entre as heterogeneidades (mostrada e constitutiva), já que a mostrada é uma negociação do sujeito com a constitutiva, por mecanismo de denegação⁵⁵ (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 71-72).

Authier-Revuz (1998, 2000, 2004) distingue que é por meio da descrição linguística que se interpretam as possibilidades de sentido presentes no discurso. Para tanto, a autora reconhece a existência de heterogeneidade mostrada, *marcada* e *não marcada*. As formas *marcadas*, explícitas, são consideradas “um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso” (AUTHIER, 2004, p. 12), a exemplo das formas sintáticas do discurso indireto e o discurso direto; formas mais complexas como as marcas de conotação autonímica, sinalizadas por aspas, itálico, ou entonação e marcas de comentários, glosas, retoques ou ajustamentos, que indiciam uma atividade de controle-regulagem. Já as formas *não marcadas* indiciam a presença do outro pelo não dito, atuando como forças centrífugas que diluem os limites entre o eu e o outro, por meio da ironia, antífrase,

⁵⁵ A denegação, para a Psicanálise, é uma forma de resistência, já que “não se trata de uma simples negação, mas de uma negação que, ao negar, afirma um suposto, um outro” (HARTMANN, 2007, p. 105).

imitação, alusão, reminiscência, estereótipo, discurso indireto livre, ou seja, formas reconhecidas apenas “*a partir de índices recuperáveis no discurso, em função do seu exterior.*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18, grifos da autora).

Com base nessa distinção, temos entendido as rasuras como formas de heterogeneidade mostrada, sem categorizá-las como marcada ou não marcada, uma vez que funcionariam, em termos de “virtualidade”⁵⁶ (CALIL, 2004, p. 47), o que nos permite analisá-las de modo similar a glosas⁵⁷ que, embora não marcadas linguisticamente, colocam “em cena ao menos duas direções que se abrem para o escrevente no momento de segmentar” (CAPRISTANO, MACHADO, 2015, p. 341). Cabe, portanto, ao pesquisador, analisar os “lugares” em que ocorrem, interpretando o embate que se faz ver entre essas duas direções.

Partimos das contribuições de Authier-Revuz (1990) sobre as heterogeneidades enunciativas, entendendo, no mesmo sentido que Paulillo (2004), que a diferença não reside na marca em si (no nosso caso, na rasura), mas no modo como o sujeito reage ao encontro com o heterogêneo, que pode ser diversificado:

às vezes, o representa de modo pontual, circunscrevendo-o num território isolado do discurso outro [...] outras vezes, investindo num lugar meta-discursivo, [...] numa tentativa de buscar um lugar de refúgio [...]; outras vezes, manifestando-o através da *ratage*⁵⁸ ou simplesmente vacilando, numa espécie de assunção radical e jubilosa da indeterminação (PAULILLO, 2004, p. 255-256)

Authier-Revuz (2004, p. 70, grifos da autora) reconhece, ainda, que as marcas de heterogeneidade mostrada não podem ser consideradas reflexo fiel (parcial ou completo) da realidade incontornável que é a heterogeneidade constitutiva do discurso, mas sim, “elementos de *representação* fantasmática – que o *locutor (se) dá de sua enunciação*”. Em outras palavras, embora a autora dedique-se à análise de

⁵⁶ Figueira (2003) reconhece em enunciados infantis que, embora não possuam estruturas fraseológicas explícitas que demarquem a heterogeneidade enunciativa, como as destacadas por Authier-Revuz (1990), pode-se reconhecer, teoricamente, um “ar de menção” em alguns episódios, em que a fala da criança encontra-se dividida entre quem fala e quem pode ouvir o falar, podendo corrigir-se. Calil (2006), a partir desse estudo, analisa rasuras orais, observando que, embora as rasuras orais dos alunos estudados não apresentem estruturas morfossintáticas de glosas, conservam um teor de menção, portanto, presentes em termos de virtualidades, visto não serem explicitamente marcadas.

⁵⁷ Flores *et al.* (2009) explica que as glosas enunciativas possuem três propriedades: a) são identificáveis no fio do discurso, por características sintática-semânticas; c) são expressões reflexivas, como um comentário sobreposto; c) são opacificantes.

⁵⁸ A definição de “*ratage*”, nos estudos de Paulillo (2004), ancora-se na contribuição dos estudos de Brès e Gardes-Madray (1991) que denominam “*ratage*” a diferença do tempo do dizer e do tempo do “a dizer”, ou seja, a temporalidade do dizer. Paulillo (2004), analisa pausas, alongamentos vocálicos ou algumas formas de metadiscorso que buscam ocupar o tempo para que o “a dizer” possa se construir.

formas marcadas diretamente no discurso, concebe a adjetivação “fantasmática”, pois essas formas se dariam a ver em pontos nos quais o sujeito, ilusoriamente, concebendo ser a fonte do seu dizer, negociaria com a heterogeneidade constitutiva do dizer, ou seja, com a possibilidade (desconhecida, mas inerente) da presença do “não um”, compreendido como outro⁵⁹.

A partir dessa concepção, Authier-Revuz (1995, 2004) sistematiza quatro campos de não coincidências nos quais, localmente, o dizer pode se mostrar alterado, denominando-os de alteridades representadas:

- a) Não coincidência interlocutiva;
- b) Não coincidência do discurso consigo mesmo;
- c) Não coincidência entre as palavras e as coisas;
- d) Não coincidência das palavras com elas mesmas;

As não coincidências interlocutivas ancoram-se numa “concepção pós-freudiana do sujeito, não coincidente consigo mesmo pelo fato do inconsciente, como fundamental e irreduzível entre dois sujeitos não ‘sistematizáveis’” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 22, grifos da autora). Essa perspectiva apoia-se no dialogismo bakhtiniano e na carga sócio-histórica das palavras, bem como no sujeito lacaniano, clivado. Vincula-se ao fato de que, por meio de glosas ou outras estratégias, o enunciador busca representar uma determinada palavra, um modo de dizer ou um sentido não imediatamente partilhado entre enunciador e destinatário. Por exemplo, em: “X, compreenda...” ou “X, se você vê o que quero dizer”.

As não coincidências do discurso com ele mesmo, por sua vez, sinalizam a presença de palavras pertencentes a outro discurso, com base no dialogismo e na noção de interdiscurso da Análise do Discurso, pois se assume que toda palavra se circunscreve no já dito de outros discursos. Logo, inevitavelmente, será habitada pelo discurso do outro, tais como em “X, como diz o fulano ou X, no sentido de tal discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 183).

⁵⁹ O outro aqui é compreendido como outro enunciador, outra língua, outra época, outro sentido, outro lugar etc., e não deve ser confundido com o outro de Bakhtin, outro enunciador. A noção de outro aproxima-se, portanto, da noção de Outro de Lacan, ou seja, “o lugar estranho, de onde emana todo discurso: lugar da família, da lei, do pai, na teoria freudiana, elo da história e das posições sociais, lugar a que é remetida toda subjetividade” (CLÉMENT, 1976, *apud* AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 64).

Já as não coincidências entre as palavras e as coisas residem no fato da concepção de língua como um sistema acabado, contudo imerso em infinitas singularidades, assim haveria um “jogo” inevitável de nomeação, “entre a captura do objeto pela letra, que desemboca na perda” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23). Representariam hesitações, fracassos na produção de uma suposta “palavra certa”, logo, adequada à coisa, como em: “X, como eu diria” ou “X, melhor dizendo, Y”.

Por fim, as não coincidências das palavras consigo mesmas residem nas formas que ocultam, excluem, especificam o sentido, em função da polissemia, homonímia, em que se percebe o sujeito procurando um sentido pela exclusão de outros, como por exemplo, em: “X, em sentido próprio, figurado ou X, não no sentido [...]”.

Essas formas não são consideradas reflexos do acesso direto ao real da enunciação, mas como hipóteses teóricas sobre o funcionamento real (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 191), ou seja, respostas dos enunciadores ao encontro com a não coincidência, que se mostrariam por representações como:

Hesitação (X, enfim X, se quisermos, se assim se pode dizer, se for possível falar de “X” em...); de retoque ou de retificação (X, ou melhor, Y; X, eu deveria ter dito Y; X, o que estou dizendo? com jogos sutis (, eu ia dizer Y); ou confirmações (X, é mesmo X que que quero dizer) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 15)

As ocorrências das não coincidências marcariam a reflexividade, ou seja, a capacidade de a língua, com suas diferentes formas, explicar-se, sem sair da língua, logo, uma metalinguagem, contudo, não no sentido formal de um sujeito refletindo sobre a língua, mas de uma reflexividade como fenômeno constitutivo do processo interacional.

Com base nas contribuições teóricas de Authier-Revuz, reconhecemos que rasuras podem ser consideradas marcas de retoque que sinalizam a recuperação do dizer do outro, já que se pode perceber uma dupla designação: “a de *um lugar* para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e de uma *alteridade* a que o fragmento remete” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30, grifos da autora). Constituir-se-iam, por isso, como “um modo de denegação, no discurso, da heterogeneidade constitutiva, que depende do *outro no um* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.74, grifos da autora).

Concebemos que, em termos de virtualidades, as rasuras podem ser interpretadas como formas sem elemento autonímico ou metalinguístico, uma vez

que, a cada substituição, apagamento, deslocamento ou inserção, o escrevente abandona um dizer ou o substitui por outro, deixando subentendido um movimento de “X, quer dizer Y” (substituição, deslocamento), “X quer dizer Ø” (apagamento); “X quer dizer X+” (inserção). Portanto, lugares denominados por Lacan de “*point de capition*”, uma vez que se pode perceber o sujeito num movimento de retorno, olhando seu enunciado de um outro lugar (interlocutivo, do discurso consigo mesmo, das palavras e as coisas ou das palavras com elas mesmas).

Essa interpretação nos é lícita, uma vez que Authier-Revuz (1982, p. 44) destaca que “é na letra do discurso, na base do material linguístico, do significante, que se detém a escuta analítica [...]. Os lapsos, os chistes, os sonhos, não são senão as emergências surpreendentes de uma presença semelhante”. As rasuras configurar-se-iam como chistes, lapsos que denunciam uma presença, mesmo que inconsciente, de outras possibilidades de dizer.

Nesses gestos, coloca-se o “não um” em destaque, ou seja, a dispersão do discurso, instaurando o não controle do dizer. Portanto, as marcas de não coincidências do dizer consigo mesmo definidas por Authier-Revuz (1998), bem como as rasuras (na nossa concepção), são feridas que dão forma à relação com o outro.

Diante de tais exposições, a partir da concepção de heterogeneidade mostrada de Authier-Revuz, consideramos as rasuras como marca local de uma não coincidência enunciativa, alteridade representada por denegação. As rasuras sinalizariam a divisão enunciativa do escrevente entre utilizador e observador da (sua) escrita, numa tentativa de controle do sentido, que deixa latente a distância entre a palavra e o sentido que ela suscita, quebrando “a univocidade aparente da *cadeia discursiva* [...] inscrevem o *outro*” no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29, grifos da autora). Por conseguinte, rasuras indiciariam “uma aparente negociação do *um* com os outros que o constituem e determinam a emergência dos enunciados que produz” (CAPRISTANO, 2013, p. 666).

Interessamo-nos, nesta tese, como já destacado, analisar os movimentos de retorno do sujeito sobre o próprio dizer por meio de ferramenta tecnológica, movimentos denominados de rasuras digitais, observando, nesses gestos, marca do “tropeço” na cadeia do discurso que sinaliza o não um, negociações com o outro, conforme as contribuições de Authier-Revuz (1990, p. 30-31). Nos estudos dessa autora, propõe-se a possibilidade de identificação de diferentes outros: outra

variedade, outro discurso (técnico, feminista, marxista); outro sentido (polissemia, homonímia, metáfora).

Partimos dessas discussões teóricas de Authier-Revuz (1990), sem nos limitarmos somente a elas, para definir parte das formas de análise desta tese, por analisarmos o mesmo objeto de investigação da autora, a heterogeneidade mostrada, mas em marcas diferentes, as rasuras, que emergem no contexto diferente, o das novas tecnologias de informação e comunicação, inseridas numa prática de letramento diversa da estudada por Authier-Revuz (1990). Por isso, ao longo de nossa análise, expandiremos essa proposta, lançando mão, também, do aporte teórico de Bakhtin (2003), especificamente, tema, estilo, estrutura composicional, endereçamento, como antecipado no Capítulo 1, seção destinada ao gênero resenha acadêmica, explicitadas na subseção 1.3.

Com base nos pressupostos teóricos de Authier-Revuz, nesta tese, apropriamos-nos do conceito de heterogeneidade mostrada para analisar as rasuras digitais, observando, nessas rachaduras, marcas das diferentes representações do discurso do outro, formas que “circunscreve[m] o outro, e fazendo isso, afirma[m] que o outro não está em toda parte” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 72) permitindo, portanto, analisar “de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer para se constituir de outro lado, pelo tipo de relação que ai se joga com o outro.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31). Tal como as retificações e comentários metalinguísticos estudados por Authier-Revuz (2004, p. 73), as rasuras “colocam em jogo [...] uma forma ideal potencial do discurso”, que, ao mesmo tempo que recusa, visa a subtrair a heterogeneidade constitutiva do discurso.

Após a caracterização teórica que sustenta a noção de rasura assumida nesta tese, apresentamos, no capítulo seguinte, os aspectos metodológicos que permitiram a sua construção.

CAPÍTULO 3

MODOS DE FAZER CIÊNCIA NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Como antecipamos na Introdução desta tese, neste estudo, objetivamos propor uma interpretação sobre os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita, quando realizada no contexto digital, numa prática de escrita acadêmico-científica. Para tanto, elegemos os seguintes objetivos específicos: a) mapear os movimentos retrospectivos presentes na produção textual de uma resenha acadêmica, caracterizando o gesto denominado de rasura digital; b) analisar as rasuras digitais, verificando como se representam nelas as negociações do sujeito escrevente com os diferentes outros (AUTHIER-REVUZ, 1990) que constituem a (sua) escrita; e c) verificar a existência de tendências nos modos como se mostram as negociações realizadas pelos escreventes com os diferentes outros que constituem o (seu) discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990).

A partir desses objetivos e visando respondê-los, apresentamos, neste capítulo, o enquadramento metodológico desta pesquisa, bem como descrevemos a coleta e os materiais desta tese, oriundos de um curso de extensão, destinado a acadêmicas do primeiro ano de Pedagogia de uma universidade privada do interior do Paraná, a fim de tratar a produção de escrita acadêmico-científica, a partir de uma proposta de escrita do gênero resenha acadêmica. Por fim, apresentamos o corpus selecionado para o desenvolvimento desta tese, ou seja, as rasuras digitais, identificadas ao longo da escrita de uma resenha acadêmica.

3.1 Questões metodológicas: pontos de partida

Para a constituição desta tese, partimos, inicialmente, da identificação dos momentos nos quais indiciariamente era possível observar o retorno do escrevente sobre o próprio dizer, marcado pela rasura digital, quantificando esses dados, a fim de definir alguns dos caminhos trilhados pelo sujeito quando da escrita de uma resenha acadêmica, por meio de recursos digitais. A partir dos resultados quantitativos, pudemos, em conjunto, analisar qualitativamente, à luz do aporte teórico bakhtiniano sobre gêneros discursivos e a noção de heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1998), as rasuras digitais. Assim, buscamos entender o contexto

no qual ocorriam e organizamos essas rasuras a partir do que nelas se mostrava, também indiciariamente, como funcionamento mais geral (ou, ainda, a partir do que elas mostravam das negociações do sujeito com os diferentes outros que constituem o seu dizer).

Em função da necessidade desses procedimentos metodológicos, a presente pesquisa pode ser considerada uma pesquisa **qualitativa**, que se apoia em procedimentos quantitativos. Entendemos, em consonância com Mussi (*et al.*, 2019), Souza e Kerbauy (2017) e Flick (2009) que não há oposição entre pesquisas qualitativas e quantitativas, mas, complementariedade, já que os dados quantitativos podem apoiar os qualitativos e vice e versa. cremos, portanto, que essa integração metodológica pode proporcionar maior credibilidade e legitimidade aos resultados encontrados, evitando reducionismos (FLICK, 2009).

Especificamente, os procedimentos qualitativos permitiram um olhar mais particular e pormenorizado para o funcionamento nem sempre repetível das rasuras digitais. Já os procedimentos quantitativos usados nesta pesquisa viabilizaram a construção de índices numéricos que, por sua vez, nos permitiram apresentar e comparar resultados mais gerais sobre a distribuição das rasuras digitais.

Tanto os procedimentos qualitativos quanto os quantitativos foram construídos inspirados no Paradigma Indiciário, proposto por Ginzburg. Essa escolha se deve à perspectiva enunciativo-discursiva⁶⁰ assumida nesta pesquisa, visto que entendemos que, ao concebermos a linguagem como discurso, efeito de sentido entre locutores, cabe ao “analista buscar explicar condições que possibilitaram a emergência daquela (e não de outra) realização linguística” (SUASSUNA, 2008, p. 357), sem considerar o acesso a essa realização como o acesso ao real da língua e, para tanto, a abordagem indiciária, a nosso ver, se mostrou eficiente.

Dada a importância do Paradigma Indiciário para esta pesquisa, na sequência, apresentamos, com mais detalhes, esse modelo científico que nos serviu de inspiração, bem como trabalhos que, no campo dos estudos da linguagem, têm se baseado nele para desenvolver suas investigações.

⁶⁰ Acorando-se em Bakhtin (2003), que concebe a enunciação como determinada pelas condições históricas concretas e constituída pelas formas linguísticas e elementos extraverbais, bem como na noção de sujeito multifacetado da Análise do Discurso, entendemos o texto como discurso, portanto, vinculado às suas condições sociais de produção que são integrantes da significação.

3.1.1 Paradigma Indiciário

O paradigma indiciário configura-se como modelo de fazer ciência da história cultural, especificamente, da historiografia. Concebe que a história original ocultou uma série de detalhes que eram relevantes para a explicação dos fatos históricos. Em “Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História”, Ginzburg (1999) destaca a importância de se olhar para os dados “marginais”, que poderiam ser pistas, indícios que permitiriam captar dados da realidade que haviam sido ocultados.

Nesse modelo de fazer ciência, reconhece-se que a história oficial, quando busca a origem pura que forma o cânone, ao centralizar-se em um único ponto, o das culturas hegemônicas, obscurece ou delega ao esquecimento as culturas subalternas (CERNICCHIARO, 2018; ROJAS, 2012). O Paradigma Indiciário, proposto por Ginzburg (1983, 1989), como modelo epistemológico, baseia-se em pistas, relacionando-se ao método proposto pelo crítico Morelli para a obra de arte. No modelo proposto por Morelli para análise da autenticidade de obras de arte, destacava-se que detalhes da obra, como traçados das mãos e dedos, são importantes traços de indicação e autoria. Já Ginzburg, no campo da História, concebe que o investigador pode debruçar-se sobre os vestígios a partir dos quais chegaria a respostas relevantes.

O Paradigma Indiciário nasce, teoricamente, por volta do século XIX, mas tem raízes muito mais antigas (GINZBURG, 1983), uma vez que pode ser observado, por exemplo, no ato dos caçadores buscarem pistas para encontrar suas caças. Para sua constituição, parte-se do fato de que, na história, muitos detalhes haviam sido ocultados, por não serem considerados “importantes” ou por serem relatos de grupos que não tinham voz. A partir disso, Ginzburg (1983) propõe um paradigma centrado no método abduutivo, que busca a conclusão por meio da interpretação de indícios, partindo dos fatos para sugerir hipóteses.

No campo dos estudos da linguagem, diferentes autores ancoraram-se no Paradigma Indiciário, tais como Abaurre (1997), Corrêa (1997; 2004), Duarte (1998), Capristano (2007), dentre outros. Abaurre (1994), por exemplo, apresenta diferentes estudos de seu projeto integrado “*A relevância dos dados singulares para a aquisição da escrita*”. Em seus estudos, a autora, bem como seu grupo, analisa percursos particulares do processo de aquisição da linguagem de crianças, sem negligenciar

ocorrências episódicas e singulares, lançando o olhar, portanto, justamente para as manifestações episódicas e idiossincráticas da escrita infantil.

Nos estudos de Corrêa (1997; 2004), a partir de uma metodologia indiciária, foram observados rastros da individuação do sujeito em dissertações produzidas por vestibulandos. Para tanto, o autor dedicou-se à identificação de marcas linguísticas em lugares privilegiados, nos quais se podia observar a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita, definindo a heterogeneidade constitutiva da escrita e a circulação por três eixos⁶¹.

Analisando, também, redações de vestibulando, Duarte (1998) dedicou-se a ponderar sobre a caminhada interpretativa dos candidatos a vestibular, desde a leitura dos textos da coletânea da prova até a produção textual da redação, observando os indícios deixados na redação a partir dos quais se depreenderiam procedimentos de leitura dos escreventes. Em seus resultados, chegou a quatro procedimentos de leitura: a) os que se prendem à coletânea; b) os que articulam, criativamente, as informações lidas; c) os desviantes do tema, vinculados à fatos da realidade política da época; d) os vinculados à leitura orientada ideologicamente, que produzem efeitos de sentido aparentemente estranhos.

Em outro estudo, ancorado no Paradigma Indiciário, Capristano (2007) analisou o processo de segmentação na escrita infantil, considerando os dados de segmentação não-convencional como indícios, “pequenos fatos” que possibilitariam fazer generalizações. Com base nesse modo de olhar, levantou hipóteses motivadoras de marcas linguísticas de segmentação não-convencional, a partir de um levantamento quantitativo e posterior busca por regularidades sobre o funcionamento das ocorrências encontradas que “permitia pensar o relacionamento entre os pequenos fatos de escrita infantil e o que poderia ser tido como global e/ou possível de ser generalizado” (CAPRISTANO, 2007, p. 70)

⁶¹ Assumir a heterogeneidade da escrita significa compreender que o escrevente circula por um imaginário da língua em diferentes manifestações, particularizando o imaginário para situações específicas e concretas que se estendem ao longo de diferentes e instáveis modos de conceber escrita/mundo e escrita/fala (CORRÊA, 1997). Essa circulação se estabelece por três eixos, sistematizados para fins metodológicos, contudo solidários, que organizam o imaginário, socialmente partilhado, do escrevente sobre a (sua) escrita: a) o eixo da gênese da escrita, em que o escrevente lida com uma noção de escrita que a vê como plasmada na oralidade, ou seja, momento em que o escrevente toma a escrita como uma representação fiel, termo a termo, da oralidade; b) o eixo do código escrito institucionalizado, no qual o escrevente busca “adequar” sua escrita a partir da imagem que faz do código institucionalizado e; c) o eixo da dialogia com o já falado/já escrito, em que atuam as imagens do que o escrevente julga apropriadas para a sua escrita, na relação que a sua escrita mantém com a exterioridade, a partir de suas experiências, orais e escritas.

Com base nas contribuições de estudos como os descritos anteriormente e do recorte realizado nesta tese, assumimos que seria possível, a partir de uma análise qualitativa das rasuras digitais, vislumbrar negociações do sujeito escrevente com outro, negociações que, por sua vez, indicariam conhecimentos não legitimados pelas práticas de letramento, dada a natureza heterogênea dos letramentos.

Nesse sentido, inspiramo-nos no Paradigma Indiciário, compreendendo que a decifração permitiria ao pesquisador levantar hipóteses explicativas sobre as relações entre os significantes que se mostram (uma vez sempre já lá) no entrecruzamento entre língua (historicidade), sujeito (escrevente/leitor – histórico e socialmente constituído) e língua lógico-matemática (quantidade e repetição). Portanto, importantes índices de negociação do sujeito com o (seu) dizer constituído sócio-historicamente pela opacidade.

Somando-se a isso, reconhecemos que, ao mesmo tempo em que o pesquisador domina uma teoria, constrói uma metodologia, também determina algumas perspectivas e é determinado por outras (TFOUNI, 1992), cabendo-lhe nesse processo de decifração, não apenas “conhecimento teórico ou o raciocínio lógico, [...] mas também experiência e prática retirada de sua busca” (ROJAS, 2012, p. 175), visto que não é o fato em si que chega às mãos do decifrador, mas um jogo de imagens que o escrevente faz sobre a escrita (CORRÊA, 1997).

Reconhecendo as rasuras digitais como indícios a serem analisados a partir de um ponto de vista enunciativo-discursivo, ancorando-se, teoricamente, na noção de heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1998), a inspiração do Paradigma Indiciário permite-nos considerar o marginal e o residual, detalhes que poderiam ser julgados insignificantes, passam a compor explicações centrais de hipóteses e escolhas metodológicas. Nessa perspectiva, as possíveis regularidades e repetições constituem ocorrências que se somam aos dados residuais, os quais se ressignificam e não se excluem.

Vale destacar que o procedimento indiciário adotado se vincula a uma pesquisa de caráter qualitativo, em que partimos de hipóteses que serão confirmadas ou não a partir de indícios circunstanciais e locais, ou seja, observamos fatos linguísticos-discursivos que nos admitam elaborar hipóteses e investigar pistas deixadas pelo escrevente da história do sujeito com a língua e a linguagem.

Por fim, assumimos que o Paradigma Indiciário nos permite considerar os indícios que, nas enunciações escritas acadêmico-científicas, assinalam a relação entre sujeito e linguagem, sempre em construção e, mais especificamente, a relação sujeito/linguagem no processo que pode conduzir enunciados a submeterem-se a algumas convenções da escrita acadêmico-científica ou a reconstruí-las. Para melhor compreender como se construiu essa tese, na próxima seção, apresentamos os passos metodológicos seguidos.

3.2 Caminhos trilhados ou passos metodológicos

A fim de propor uma interpretação sobre os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita, quando realizada no contexto digital, numa prática de escrita acadêmico-científica, optamos, como anteriormente destacado, por examinar a escrita por meio de recursos digitais, especificamente, a ferramenta *Google Docs*. O *Google Docs*, ferramenta do *Google*, é acessível a todos os usuários da *Google*, com conta no domínio “@gmail” e foi eleita devido ao fato de: a) a pesquisadora ter familiaridade com a ferramenta; b) os participantes já terem realizado atividades envolvendo o uso da ferramenta; e c) a ferramenta ser gratuita.

Optamos, também, por trabalhar com a constituição do gênero resenha por uma turma do 1º ano do curso de Pedagogia. Essa opção, por sua vez, foi feita em razão de os professores de Estágio Supervisionado I e Sociologia dessa turma (à época, nossos colegas de trabalho) terem solicitado uma atividade interdisciplinar composta pela escrita de uma resenha acadêmica, e, como consequência dessa solicitação, as alunas do curso de Pedagogia terem explicitado dificuldade para realização da atividade. As alunas, devido a essa dificuldade, pediram-nos que as auxiliasse, promovendo uma oficina, regularizada por meio de projeto de extensão, que será detalhado na próxima seção.

Essa oficina permitiu a constituição do nosso corpus. Após transcorrido o período de escrita da resenha, reunimos as versões por sujeitos os quais foram numerados a fim de garantir a confidencialidade da identidade dos escreventes; arquivamos em formato “pdf” as versões salvas pelo *Google Docs* ao longo da produção da resenha do escrevente, numerando-as a partir de critérios cronológicos, para reconstruir o processo de escrita de cada escrevente. Desse modo, foi organizado o banco de

textos salvos para iniciar a identificação das rasuras digitais, objeto de estudo desta tese.

Para a análise das rasuras identificadas nos materiais do banco de textos, foi necessário estabelecer critérios para quantificação dos dados, definindo-se pelas rasuras em razão do tipo de ação envolvida, a saber: apagamento, inserção, substituição e deslocamento. Para essa etapa, realizamos a identificação das rasuras em três momentos distintos da pesquisa, realizada pelo mesmo pesquisador, chegando a resultados quantitativos gerais sobre a distribuição das rasuras ao longo dos diferentes escreventes e versões.

Após a quantificação dos dados, recorreremos ao aporte teórico de Authier-Revuz (1990) acerca das diferentes negociações com o “outro” e as contribuições teóricas acerca do gênero discurso de Bakhtin e outros pesquisadores, a fim de realizar a análise qualitativa que nos permitiria, em conjunto com a análise quantitativa, apresentar mais elementos explicativos sobre o objeto estudado. Com base nessas contribuições teóricas, propusemos uma organização para os dados a fim de compor nosso material de pesquisa, conforme apresentamos na próxima seção.

3.2.1 A constituição dos materiais de pesquisa

O material selecionado para o desenvolvimento desta tese, conforme antecipado, teve origem no contexto de um projeto de extensão universitário intitulado “Letramento Acadêmico: a prática da escrita na Universidade”, o qual foi por nós concebido, enquanto professora e pesquisadora em formação, no período entre 03 de setembro e 11 de dezembro de 2018. O projeto foi destinado às acadêmicas do 1º ano de Pedagogia, sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CEPEH), da Universidade Paranaense – UNIPAR, aprovado sob o parecer n. 2.675. 458 (Anexo 2).

O referido projeto foi realizado nessa universidade privada do interior do Paraná, na qual atuamos como docente. O projeto de extensão objetivava promover oficinas de produção textual dos gêneros acadêmicos *resumo* e *resenha*, tendo caráter interdisciplinar. Desde a sua constituição, as acadêmicas tinham conhecimento de que o projeto final seria a produção de uma resenha do livro “Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na Sociedade”, livro produzido pela Secretaria de

Educação Básica, Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação em 2007, para fins de pesquisa. As acadêmicas também sabiam que as resenhas seriam parte da avaliação da disciplina de Sociologia da Educação e parte da pasta final⁶² da disciplina de Estágio Supervisionado do primeiro ano.

Desse modo, primeiramente, as acadêmicas foram convidadas a participar do projeto de extensão por nós ministrado. Para sua execução o projeto de extensão contou com as seguintes atividades:

- (i) Realização de oficina presencial, totalizando 04 horas, por nós ministrada, na qual se discutiram os desafios de escrever na universidade e, especialmente, os desafios ligados à produção textos acadêmicos-científicos nos quais as escreventes agenciam os gêneros resumo e resenha⁶³;
- (ii) Criação do ambiente virtual “*Google Class*”, inserindo neste espaço: (a) link de acesso ao livro “Ética e Cidadania, construindo valores na escola e na sociedade”⁶⁴, livro a ser resenhado em formato pdf; (b) slides da oficina presencial; (c) bibliografia da disciplina; e (d) três modelos de resenha acadêmica;
- (iii) Inserção das acadêmicas em um ambiente virtual “*Google Class*”, criado para o projeto, no qual foram compartilhados materiais de leitura, exemplos de resenhas;
- (iv) Preenchimento de formulário de identificação de dados dos alunos;
- (v) Criação de um Fórum de participação facultativa: “Qual a sua principal dificuldade ao escrever textos acadêmicos, como a resenha?”

No início do projeto, participavam 46 alunas, contudo, 20 foram excluídas da pesquisa, por não realizarem a produção escrita da resenha, totalizando, portanto, 26 acadêmicas.

⁶² Os acadêmicos, no encerramento da disciplina de Estágio, precisam apresentar uma pasta para avaliação do estágio. Nessa pasta, constam todos os documentos comprobatórios do estágio, bem como todas as atividades realizadas pelo aluno inerentes à disciplina.

⁶³ O material de organização da oficina utilizou como aporte teórico dos gêneros “Produção textual na Universidade” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010) e “Resenha” (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004) que fazem parte da bibliografia da disciplina.

⁶⁴ Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015509.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Em termos organizacionais, a oficina iniciou-se com o compartilhamento de três modelos de resenha com as alunas, por meio do *Google Class* (como antecipado, as escreventes já se encontravam *familiarizadas* com o recurso, bem como dispunham, mediante *e-mail* institucional de acesso à extensão *Google Class* para diferentes disciplinas). Inicialmente, solicitamos a todas que lessem, antes da oficina, a resenha do livro “Produção textual na universidade”, resenhada por Antonio Escandiel de Souza⁶⁵.

Iniciamos a oficina com um diálogo sobre se haviam lido o texto original da resenha, se o leitor de uma resenha costuma lê-la antes ou depois de acessar a obra original. Também perguntamos às acadêmicas se elas já haviam escrito uma resenha⁶⁶, bem como quais dificuldades elas poderiam ter durante a escrita de um exemplar do gênero. A partir dessa discussão, elencamos o que consideramos como elementos principais da resenha: Quem escreve a resenha? Para quem? Com qual finalidade? Posteriormente, seguimos para a discussão sobre “como se escreve uma resenha”, buscando explicitar, por meio da análise de uma das resenhas encaminhadas como modelo, as características linguístico-discursivas esperadas numa resenha acadêmica.

Para a etapa do “como”, ancoramo-nos no referencial teórico o livro “Resenha” de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), e Motta-Roth e Hendges (2010), componentes da bibliografia da disciplina. Nessas obras, destacam-se, principalmente, as seguintes características formais do gênero, tais como: (a) *organização do plano*, que compreende a síntese das informações principais da obra (título, autor, contextualização do livro, tema, autor, área em que se insere, veículo de publicação; (b) *mecanismos de conexão*, ou seja, necessidade de utilização de

⁶⁵Dada a divergência entre as concepções sobre resenha acadêmica entre teóricos e professores (OLIVEIRA, 2010), explicada no Capítulo 1, foram apresentadas aos professores de Sociologia e Estágio algumas resenhas, a fim de discutir as expectativas dos docentes sobre o gênero, a bibliografia da disciplina, tendo em vista ser uma atividade interdisciplinar e objeto de avaliação nas referidas disciplinas.

⁶⁶Sabe-se que, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998) preconizem o ensino a partir de gêneros discursivos, tais como a resenha, a maioria dos alunos considerou que nunca havia escrito uma resenha, somente resumos. Muitos destacaram que também nunca haviam lido uma resenha. Por ocasião desses comentários, os alunos foram lembrados de que a resenha não é um gênero essencialmente acadêmico e, portanto, possivelmente, eles haviam lido resenhas de filmes (por exemplo, na parte de traz das fitas antigamente locadas) ou de livros e filmes, em revistas, jornais ou blogs. Alguns alunos, verbalmente, atestaram que já haviam lido. Contudo, coube problematizar que essas resenhas são jornalísticas, assim, em função da finalidade, apresentavam algumas características diferentes daquelas da resenha acadêmica que havia sido apresentada para que eles lessem.

elementos conectivos a fim de estabelecer relações entre as ideias e os parágrafos; (c) *expressão de subjetividade* (necessidade de comentários avaliativos); (d) *inserção de vozes* (menção ao autor e a outros autores); (e) *compreensão global* do texto (necessidade de compreensão atrelada ao conteúdo e aos efeitos produzidos para atingir o objetivo proposto).

Durante a oficina, também apresentamos o quadro proposto por Motta-Roth e Hendges (2010), a seguir:

Quadro 1: Apresentação estrutural de uma resenha

1 APRESENTAR O LIVRO

Passo 1 Informar o tópico geral do livro **e/ou**

Passo 2 Definir a audiência-alvo **e/ou**

Passo 3 Dar referências sobre o autor **e/ou**

Passo 4 Fazer generalizações **e/ou**

Passo 5 Inserir o livro na disciplina

2 DESCREVER O LIVRO

Passo 6 Dar uma visão geral da organização do livro **e/ou**

Passo 7 Estabelecer o tópico de cada capítulo **e/ou**

Passo 8 Citar material extratextual

3 AVALIAR PARTES DO LIVRO

Passo 9 Realçar pontos específicos

4 (NAO) RECOMENDAR O LIVRO

Passo 10A Desqualificar/Recomendar o livro **ou**

Passo 10B Recomendar

Fonte: Motta-Roth e Hendges (2010)

O quadro exposto e o livro de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli configuram-se, na oficina, como materiais didáticos destinados ao ensino do gênero na universidade.

No final da oficina, o ambiente virtual de aprendizagem foi apresentado⁶⁷, a fim de mostrar às acadêmicas a dinâmica do arquivo compartilhado, individualmente. Como antecipado, o *Google Docs* é um pacote de aplicativos do *Google* baseado em AJAX, que permite aos usuários criar e editar documentos *on-line*, colaborando, em tempo real, com outros usuários, salvando automaticamente as alterações em

⁶⁷ A oficina foi realizada em um laboratório de informática a fim de que as acadêmicas pudessem acessar o ambiente com auxílio da professora.

diferentes versões. O arquivo foi compartilhado com a professora e acadêmica, individualmente, no qual constava a seguinte informação:

Caro acadêmico, este é um arquivo compartilhado somente entre mim você para a redação da sua resenha do livro 'Ética e Cidadania'. Peço que, para o acompanhamento de sua participação no projeto, TODO o processo de escrita seja feito neste arquivo. NÃO É PRECISO SALVAR, O GOOGLE DOCS SALVA AUTOMATICAMENTE.

O arquivo foi compartilhado com as acadêmicas no dia 01 de outubro de 2018 e elas puderam escrever a resenha até o dia 11 de dezembro de 2018, totalizando 72 dias contados, após a oficina presencial, para a produção da resenha.

Consideramos que a presença de dimensões verbalizadas, tais como o léxico, a norma linguística, o enquadramento do gênero e o agenciamento de vozes, não invalidam a existência de presumidos do gênero – no sentido de Corrêa (2013)⁶⁸ –, ou seja, a não simetria entre o conjuntamente sabido e partilhado entre professor e aluno, que marginaliza este em função de não partilhar o conhecimento daquele, numa relação hierárquica e assimétrica. Em resposta a essa dissimetria, os textos produzidos pelos acadêmicos, muitas vezes, não atendem à expectativa institucional, quando, por exemplo, apresentam uma “mistura de gêneros”, ou seja, a convivência de fragmentos de diferentes gêneros em um único enunciado, fenômeno aqui denominado, a partir de Corrêa (2006), de relações intergenéricas.

As relações intergenéricas, a nosso ver, justamente desmistificam o caráter homogêneo dos gêneros discursivos, quando vistos como enunciados relativamente estáveis e não como modelos a serem seguidos, como ocorre no tratamento escolar da escrita. Sobre isso, Capristano e Oliveira (2014) e Cangussú (2016), analisando produções textuais infantis, também ancoradas em Corrêa (2006), verificaram que a

⁶⁸ Entendemos, com base nas reflexões de Corrêa (2013), que os presumidos sociais se referem às diferentes representações dos professores e das alunas sobre o que seja a escrita de uma resenha acadêmica. Partimos do pressuposto de que esses escreventes (alunas e docente) não compartilham o mesmo “horizonte espacial e ideacional” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, s.d.-1926, p. 5), o conjuntamente visto, o conjuntamente sabido e o conjuntamente avaliado, impossível de ser explicitado – como defendem, por exemplo, Lillis (1999) e Delcambre e Lahanier-Reuter (2011), na proposição das chamadas “dimensões escondidas”. Portanto, uma mera explicitação, uma apresentação de modelos, não garantiria a compreensão por parte das alunas de todas as dimensões de uma resenha, tendo justamente em vista as lacunas no nível da epistemologia, da autoridade e da contestação do conhecimento (LEA; STREET, 1998). Portanto, consideramos que os presumidos sociais fazem parte de todo processo enunciativo e não poderiam ser apagados pela mera explicitação ou verbalização. Do ponto de vista do ensino, essa explicitação/ verbalização é desejável, mas não suficiente para a eliminação dos presumidos sociais, já que eles são condição para a enunciação – aqui entendida como sempre opaca.

presença de ruínas dos gêneros discursivos⁶⁹, presentes nessas produções textuais, não são meros desvios ou equívocos, mas manifestações de relações intergenéricas, que mostram as crianças buscando atender às exigências de diferentes outros com os quais dialoga, o que é, também, a opção desta tese. Para nós, as relações intergenéricas, muitas vezes marginalizadas e condenadas nas práticas letradas acadêmicas, fazem parte dessas mesmas práticas e mostram a não homogeneidade dos enunciados produzidos pelas acadêmicas e a própria “heterogeneidade dos letramentos” (SOBRINHO, 2018).

Outro ponto a ser destacado sobre a produção de resenhas no ensino superior, em geral, e na oficina que estamos aqui descrevendo, em particular, é o de que, para escrever uma resenha acadêmica, caberia ao escrevente assumir a identidade como membro dessa comunidade discursiva, a acadêmico-científica, e, para isso, como afirma Hyland (2012), caberia ao sujeito se comunicar como um *insider*⁷⁰, ou seja, “usando a linguagem como membro legítimo”. Todavia, essa imersão não se dá meramente por práticas instrucionais que dariam conta de explicitar todos os aspectos envolvidos na produção do gênero discursivo em questão, mas com o encontro entre professor e aluno como sujeitos dotados de uma identidade acadêmica (HYLAND, 2012, p. 25). Desconsidera-se que esse “assumir”, por parte dos acadêmicos, demanda

uma gama de práticas, entendimentos e valores, em familiaridade com uma literatura comum, com conhecimento de teorias aceitas e de interesse, fluência em práticas de pesquisa sigilosas, e conhecimento de conferências, de revistas especializadas, de departamentos de prestígios e outras parafernálias da vida acadêmica diária são importantes (HYLAND, 2012, p.25).

Portanto, é ilusório reconhecer que, na medida em que o sujeito se matricula num curso universitário, lhe seria garantida a condição de *insider*, visto que essa condição é fruto da apropriação de práticas sociais inerentes àquele grupo, não

⁶⁹ Para Corrêa (2006, p. 209), “ruínas são partes mais ou menos informes de gêneros discursivos, que, quando presentes em outro gênero, ganham o estatuto de fontes históricas – retrospectivas ou prospectivas – da constituição de uma fala ou de uma escrita”. Quando consideradas como fragmentos de enunciados genéricos, elas podem ser vistas, também, como o resultado de uma ‘regeneração’, pensada esta última como o processo pelo qual os sinais de um conjunto de saberes (as ruínas de uma civilização!) podem assumir o papel de elementos fundadores de novos saberes”

⁷⁰ Insider para Gee (2001) significa inserção (membro legítimo) em determinadas práticas sociais, em contextos específicos de uso da língua mediante a socialização.

cabendo a ele “escolher”, mas submeter-se às condições e às relações de poder estabelecidas nessa comunidade, gradativamente, pela sua inserção nessas práticas.

Por fim, a problematização dos aspectos verbalizados e o reconhecimento dos presumidos sociais pode levar a crer ser improdutiva a análise dos aspectos verbalizados, ou até considerar obsoleta tentativas de ensino, uma vez que sempre existirão presumidos, mas não é. Assumir a identidade acadêmica, pressupõe, sim, a imersão em práticas mediadas pelo docente, sendo fundamental reconhecer os acadêmicos como sujeitos reais, a fim de explicitar aspectos que lhe apoiem, bem como reconhecer quando não explicitados como esperado pelo docente, que outros conhecimentos de suas práticas letradas os sujeitos acadêmicos se ancoram. Ao mesmo tempo, acreditamos que sempre haverá presumidos sociais, visto que a situação na qual se integra o enunciado é parte constitutiva da sua significação (cf. VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1926), logo, os presumidos acompanham a produção de sentidos (CORRÊA, 2011).

3.2.2 A constituição teórica dos materiais

Embora o projeto tenha sido um primeiro passo, visto sua preocupação de compartilhar com as acadêmicas conhecimentos acerca de práticas de escrita solicitadas na academia (em vez de simplesmente considerá-las “aptas”, devido à aprovação no vestibular), reconhecemos ter sido um passo ainda pequeno, diante da real necessidade, já que, em razão do limite de tempo (04 horas, pois a oficina teria que ser ministrada em horário de aula), pudemos apenas discutir, brevemente, as coerções da escrita em contexto universitário, apresentar algumas características estáveis do gênero, a partir de algumas das resenhas lidas, bem como apresentar questões de formatação, indiretamente vinculando a um modelo de socialização acadêmica, que, em atendimento à expectativa institucional, prioriza as características regulares do gênero, muitas vezes, apagando a instabilidade que reside no uso deste gênero por um sujeito.

Quando explicitadas as relações de poder subjacentes ao gênero resenha, problematizamos que o objetivo da produção da resenha vincula-se ao discurso de ciência como “lugar do discurso *verdadeiro*, que escamoteia os ecos das diferentes posições ideológicas, e, dessa forma, que se assenta em complexas relações de

poder” (SENEN, 2017, p. 40, grifos nossos). Logo, a resenha escrita por pesquisadores nasce vinculada às coerções de necessidade de compartilhamento de conhecimento com os pares, atribuição de valor científico aos objetos de estudo de diferentes áreas. Por isso, é produzida por pesquisadores que atuam como uma “bússola ao leitor” (FERRAZ, 2007) devido à apresentação crítica, que possibilitaria ao leitor avaliar a contribuição da leitura da obra, exigências essas, muitas vezes, distantes para acadêmicos ingressantes na universidade.

Entretanto, em atividades acadêmicas como aquela proposta no curso, embora não verbalizado, muitas vezes, tradicionalmente, é utilizada como mero mecanismo para avaliar a leitura do aluno pelo docente. Além disso, a avaliação da obra leva em conta o domínio de características do gênero, que podem ser diferentes de um docente para outro, bem como a leitura realizada pelos diferentes sujeitos, os quais agenciariam informações principais da obra lida com os conteúdos de uma determinada disciplina e reconheceriam (ou não) a presença de relações intertextuais ao longo da obra que mereceriam ser apresentadas ao leitor. Tais incursões, na nossa concepção, distanciam-se do modelo de socialização, visto que se observa, subjacente a essas considerações apresentadas, certo reconhecimento sobre o caráter relativamente estável de um gênero discursivo mobilizado sob a ação de um sujeito, logo, com os diferentes usos particulares, abertos ao dinamismo e com a problematização sobre os dizeres modelares que negligenciam os conhecimentos sócio-historicamente acumulados pelos escreventes.

Percebemos, portanto, um encontro, entre o horizonte da prática de socialização acadêmica e o horizonte dos letramentos acadêmicos. De um lado, observamos aproximação à socialização acadêmica, vinculada aos sentidos produzidos pela professora de instituição particular (que apresenta modelos), priorizando a estabilidade do gênero, conduzindo, implicitamente, ao processo de aculturação do escrevente a uma determinada comunidade, desconsiderando a história de escrita dos sujeitos. De outro lado, observamos aproximações com os letramentos acadêmicos de uma pesquisadora em formação que alerta ao fato de que a escrita de uma resenha acadêmica pressupõe relações de poder em que um autor, normalmente pesquisador dotado de autoridade, apresenta, criticamente, uma obra ao grupo de pares. Todavia, na academia, essa resenha é frequentemente utilizada meramente para fins de avaliação de leitura e escrita, tendo em vista que alunos ingressantes não

estariam autorizados a assumir essa escrita no interior do quadro institucional habilitado.

À luz do cenário de pesquisa inicialmente apresentado, as rasuras digitais, analisadas nesta tese, são frutos de uma prática de ensino concebida numa perspectiva “discursivo-textual” (CAMARGO; BRITO, 2001) em que se percebe a valorização do discurso acadêmico e do desenvolvimento intelectual. Essa visão está, também, vinculada, fortemente, ao modelo de socialização (LEA; STREET, 1998), em que, num exercício de mimetismo, o acadêmico poderia conhecer algumas formas verbais recorrentes, a partir das quais o estudante faria adaptações, nos momentos oportunos, dada a suposta regularidade do discurso acadêmico. Também, em alguma medida, há preocupação com o reconhecimento de que as práticas de escrita não podem ser concebidas como mero exercício de mimetismo, dadas as diferentes relações de poder.

Entendemos que a oficina, embora insuficiente, se mostrou mais do que muitos escreventes já tiveram no ensino universitário, em eventos de letramento nos quais apenas se solicitava a produção escrita, sem problematizar as condições para produzi-la. A falta de problematização das condições de o escrevente produzir os diversos gêneros acadêmico-científicos é criticada por Zavala (2010) e outros pesquisadores. Para eles, essas práticas “tradicionais” ancoram-se no princípio de que a aquisição da escrita já se encerrou com a entrada do aluno na universidade ou que o vestibular selecionou os sujeitos “aptos” à inserção nas diferentes práticas sociais de escrita solicitadas na academia, concepção que também não assumimos em nossos estudos.

Com um distanciamento temporal e reflexivo sobre a oficina e seu resultado, reconhecemos que as acadêmicas envolvidas observaram, na oficina, uma oportunidade de conhecer “como se escreve uma resenha” e, a partir disso, adotar um modelo que poderia ser replicado às demais disciplinas e atividades. Essa postura, indiretamente, vincula a atividade à perspectiva da socialização acadêmica e, ao mesmo tempo, apaga o dinamismo e a plasticidade da linguagem e, portanto, também, a do gênero discursivo resenha. Por nosso turno, como professora, ao priorizarmos a estabilidade do gênero, aproximamo-nos de um processo de aculturação, vinculado ao letramento como socialização acadêmica. Essa não foi, entretanto, a única perspectiva por nós assumida já que, ao longo das discussões

orais, também discutimos com a turma sobre as inerentes relações de poder e autoridade subjacentes àquele espaço de socialização. Nesse sentido, é possível dizer que, na oficina, conviveram preceitos tanto do modelo de socialização quanto do modelo de letramento acadêmico, no sentido de Lea e Street (1998).

Dito de outra forma, o tratamento dado ao gênero, na oficina realizada para este estudo, foi complexo, uma vez que esteve vinculado aos modelos de socialização acadêmica e letramento acadêmico, dada, também, a complexa relação entre os escreventes (acadêmicas ingressantes do curso de Pedagogia) e nós, que éramos, ao mesmo tempo, docente daquela instituição privada e pesquisadora em formação, na área de ensino-aprendizagem de línguas, imersa numa rede complexa de sentidos.

Tal constituição complexa fez com que, por um lado, a oficina recorresse a modelos considerados ideais para a prática interdisciplinar (visto que envolvia docentes de Estágio Supervisionado, Sociologia e Linguagem e Interação) de escrita do gênero resenha, selecionados pelos docentes das disciplinas envolvidas, bem como ao material bibliográfico das disciplinas, considerando a organização composicional e o fato de os modelos circunscreverem-se no mesmo campo de estudo dos alunos, a educação. Portanto, idealizou-se, mesmo que inconscientemente, que a apresentação de modelos (antes e após a realização da oficina), seguida de uma exposição topológica da estrutura composicional do gênero, poderia levar os escreventes a incorporar o modelo e, conseqüentemente, atenderem à demanda institucional avaliativa do gênero.

Por outro lado, a oficina também foi construída tendo como direção o modelo de letramento acadêmico, já que, em sua complexidade, também nos tinha, como sujeito docente que era, ao mesmo tempo, docente de instituição privada e pesquisadora em formação. As nossas inscrições históricas, como pesquisadora em formação, permitiram surgir, na oficina, por exemplo, explicitações sobre a distinção da finalidade do gênero no ambiente universitário e no meio científico; o alerta para o fato de o resenhista se colocar na posição de pesquisador experiente, portanto, capaz de avaliar a contribuição científica do texto resenhado; o alerta para o fato de que, muitas vezes, as resenhas podem se configurar como meros mecanismos de “promoção” de um trabalho, por apagar suas possíveis falhas em detrimento da excessiva valoração ao “novo estudo” (algumas vezes nada novos, apenas mais um eco do mesmo, promovido pela coerção institucional da necessidade de “publique ou pereça”); ou

mesmo, a presença de um acordo não verbalizado entre os pares, que exigiria para destaque de pontos fracos o uso de estratégias de polidez, a fim de modular o tom respeitoso aos estudos apresentados.

Sendo assim, a oficina buscou promover uma prática de ensino que contribuísse para o ingresso do acadêmico como membro da comunidade discursiva acadêmica, ainda que de maneira hipotética, como antecipado e, a partir desse evento, nesta tese, elegemos as rasuras digitais identificadas ao longo do processo de escrita de uma resenha acadêmica, como objeto de estudo. Logo, cabe-nos, na próxima seção, apresentar o objeto de pesquisa da presente tese.

3.3 Caracterização do objeto de pesquisa

Como apresentado na Introdução desta tese, já havíamos estudado, na oportunidade do mestrado (MACHADO, 2014), rasuras manuscritas na escrita infantil, especificamente, quando o conflito era a delimitação de espaços em branco (segmentação gráfica), observando teoricamente essas rasuras como marcas da heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 1997).

Naquela ocasião e agora, entendemos que, teoricamente, as rasuras não são operações mecânicas de correção, mas sinalizam o movimento do sujeito em relação à (sua) própria escrita e a escrita do outro, um trânsito por possibilidades abertas pela própria linguagem. Sendo assim, denunciam o “não um” constitutivo do fio do discurso em espaços abertos de significantes. Vale destacar que as rasuras são índices de pontos localmente afetados pelo “não um”, mas a ausência de rasuras não significa ausência desse movimento, dada a reflexividade, enquanto propriedade da língua de se autorrepresentar. Portanto, as rasuras são fruto da imagem que o escrevente mobiliza sobre a (sua) escrita e a escrita do outro, em que ilusoriamente ocuparia “uma posição de domínio, de exterioridade, em relação ao seu dizer, posição exterior ‘dominante’ a partir da qual ele poderá objetivar o dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 85,).

Nesta tese, as rasuras digitais foram selecionadas a partir dos gestos retrospectivos nos quais se pôde identificar o retorno do escrevente sobre o seu próprio dizer, ao longo das diferentes versões (registradas pela ferramenta *Google*

Docs, durante a produção de uma resenha acadêmica), gravadas por mecanismos tecnológicos, tais como os exemplos a seguir:

Quadro 2: Tipos de rasuras digitais

Rasura	Exemplo
Apagamento	A) NÃO É PRECISO SALVAR, O GOOGLEDOCS SALVA AUTOMATICAMENTE.
Inserção	<u>na busca pela igualdade de seus maiores.</u>
Substituição	O livro A obra aborda de forma sintetizada,
Deslocamento	devendo sempre haver sempre um questionamento

Fonte: Dados da pesquisa.

Para identificação e validação dos gestos que seriam considerados rasuras digitais, como antecipado, partimos dos critérios de direção espacial e ordenamento temporal. A partir desses critérios e da observação e análise dos nossos dados, definimos os seguintes parâmetros:

a) examinar apenas gestos retrospectivos em linhas anteriormente escritas, os quais permitem ao pesquisador resgatar o que se mostra como uma primeira “escolha”, que é preterida, em favor do que se mostra como uma segunda “escolha”, que passa a ocupar o lugar da primeira. Portanto, deve haver um retorno material, visível, escrito, a partir do qual o pesquisador identificará as operações de *apagamento*, *inserção*, *substituição* ou *deslocamentos* realizados em relação aos gestos prospectivos (continuidade em direção à ordem da escrita do Português, ou seja, esquerda para direita).

b) examinar gestos retrospectivos que emergem sem interferência direta de um interlocutor imediato, por meio de gestos de *apagamento* (no *Google Docs*, marcados pela escrita tachada), *inserção*, *substituição* ou *deslocamento* (os três gestos, no *Google Docs*, marcados pela alteração da cor do texto), sinalizando uma cisão do discurso, ilusoriamente uno, que se abriria para outra possibilidade de dizer, conforme exemplo, na página a seguir:

Figura 2: Rasura digital – substituição.

O primeiro capítulo trabalha a questão da inclusão social no meio escolar, o exposto **feitoredigido** pela professora e coordenadora Maria Terezinha C. Teixeira dos Santos, aborda a temática, e provoca o leitor a refletir sobre o que está sendo feito para que a “Escola de Todos” em verdade aconteça, a autora elenca medidas que devem ser priorizadas e que poderão facilitar para chegar a esse objetivo, entre eles estão: a

Fonte: Dados da pesquisa.

Inicialmente, a escrevente registra “feito pela professora”, substituindo-o por “redigido pela professora”, possivelmente, após a leitura de todo o trecho inicialmente produzido. Logo, embora não analisemos os gestos prospectivos, nota-se que o gesto retrospectivo (substituição) foi determinado por uma ação prospectiva.

Convém destacar que foram excluídas inserções (materiais e visíveis) **prospectivas**, em linhas que não haviam sido escritas, visto serem interpretados como gesto de continuidade, em função de sua localização espacial da direção esquerda para a direita empregada no português, e não de retorno (característico do gesto de rasurar), conforme exemplo a seguir:

Figura 3: Inserções prospectivas de continuidade e não de rasura

preservar a vida ou a propriedade privada? O livro mostra que a resposta não é fácil, mas que cabe ao professor focar a moralidade humana, objetivando o exercício da cidadania pautada nas leis e também mostrar aos seus alunos que vivemos em um país democrático que valoriza as diferenças e expressão de ideias, ou seja, a pluralidade. Nesse aspecto os estudantes devem ser educados para ter liberdade de pensamento e opiniões.

O capítulo 4 discute a importância de aprender a lidar e a conviver com as diferenças sob a ótica de uma sociedade que visa a democracia e a inclusão, este é sem dúvidas um grande desafio para os profissionais da educação que se preocupam constantemente com a construção de uma escola e um ensino de qualidade. Este deve atingir o objetivo de formação da cidadania e de preparação de estudantes para a vida. A diversidade humana, as diferenças sociais, econômicas,

Fonte: Dados da pesquisa.

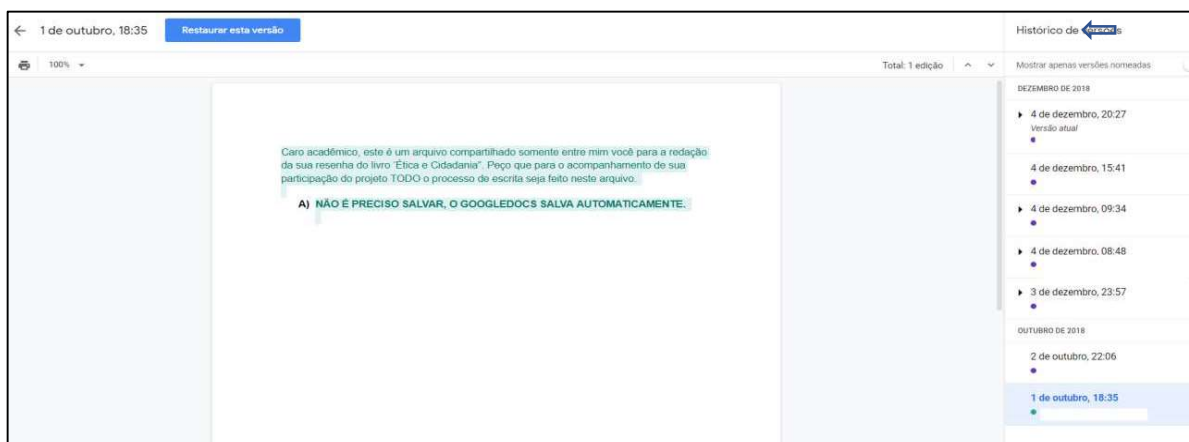
Observamos que a escrevente não retorna ao dito anteriormente, mas, sim, segue linearmente a escrita em direção à continuidade (para frente – esquerda para direita). Logo, em termos visuais, a mudança de cor, devido à inserção do espaço, após “opiniões”, seguido de um “*enter*” (que corresponderia a pular uma linha); também em termos espaciais, a distribuição seguindo a ordem prospecta (esquerda

para a direita) convencionada na Língua Portuguesa, o que a insere num movimento prospectivo de “continuidade” e não um olhar para trás.

Como já explicitamos, o *Google Docs* salva automaticamente as alterações realizadas pelo escrevente ao longo de diferentes versões, organizadas numa ordem cronológica, conforme Figura 4, (destaque para a seta indicando histórico de versões). Para salvamento, a ferramenta *Google Docs* toma como base: (a) se foram realizadas alterações; e (b) o tempo de permanência do sujeito no arquivo. Logo, somente serão criadas novas versões se o escrevente realizar alguma alteração, mesmo que essa alteração seja um mero acréscimo de espaçamento.

Quanto ao tempo, dependerá da *internet* utilizada pelo escrevente, girando em torno de 30 segundos o intervalo entre os salvamentos, em função do PING (Packet Internet Network Grouper), ou seja, comando interno (realizado sem a intervenção do escrevente), que envia dados para os equipamentos e aguarda respostas.

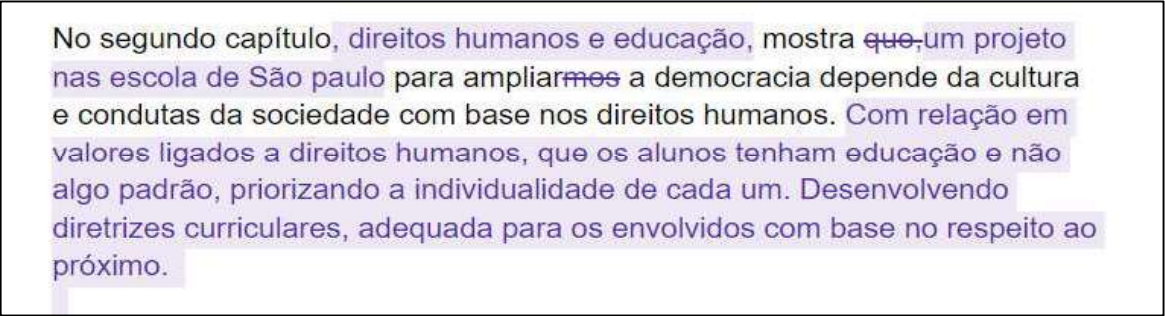
Figura 4: Histórico de versões do arquivo do *Google Docs*



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme figura, a escrevente, bem como a pesquisadora com a qual o arquivo foi compartilhado, conseguem resgatar diferentes versões, gravadas automaticamente, em sequência cronológica (visualizado do dia 01/10 às 18h35 ao dia 04/12 às 20h27). Além disso, também podemos visualizar as alterações realizadas nesse processo, tais como: apagamentos, inserções, substituições, deslocamentos, apresentados no início deste capítulo e conforme Figura 5, na página subsequente.

Figura 5: Rasura em contexto digital



No segundo capítulo, direitos humanos e educação, mostra ~~que,~~ um projeto nas escola de São paulo para ampliarmos a democracia depende da cultura e condutas da sociedade com base nos direitos humanos. Com relação em valores ligados a direitos humanos, que os alunos tenham educação e não algo padrão, priorizando a individualidade de cada um. Desenvolvendo diretrizes curriculares, adequada para os envolvidos com base no respeito ao próximo.

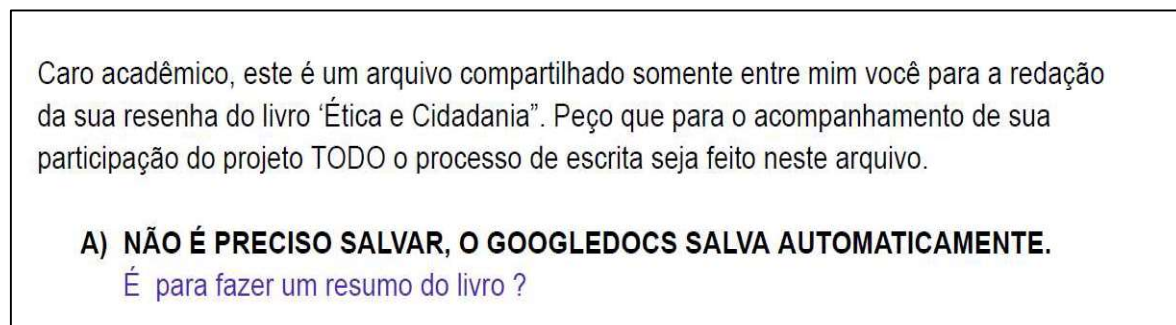
Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme Figura 5, pelo *Google Docs*, reconhecemos rasuras digitais, por exemplo, nas ocorrências nas quais a escrevente faz inserções, como em “direitos humanos e educação” e “um projeto nas escolas de São paulo”. Nessa ocorrência, destacamos um gesto material visível, observado por meio da: a) direção espacial, tendo em vista a localização da rasura em relação as palavras anteriormente escritas (definidas pela ordem espacial da língua da esquerda para direita), marcadas pelo aplicativo em preto. Portanto, inicialmente, a escrevente registra: “*No segundo capítulo mostra que para ampliarmos a democracia depende da cultura e condutas da sociedade com base nos direitos humanos*”; b) visibilidade de uma cor diferente ou tachado na escrita que, no *Google Docs*, significa alteração (inserção, deslocamento, substituição ou apagamento). Interpretamos essa rasura como uma inserção, devido à direção espacial e às marcas visuais presentes em “direitos humanos e educação” e “um projeto nas escolas de São Paulo” e apagamentos na escrita tachada presente em “~~que~~” e “~~ampliarmos~~”.

Com base na análise das diferentes versões geradas individualmente, após o encerramento do prazo de escrita definido na oficina, foi possível constituir um material de pesquisa formado por 26 processos de produção textos, de 26 escreventes.

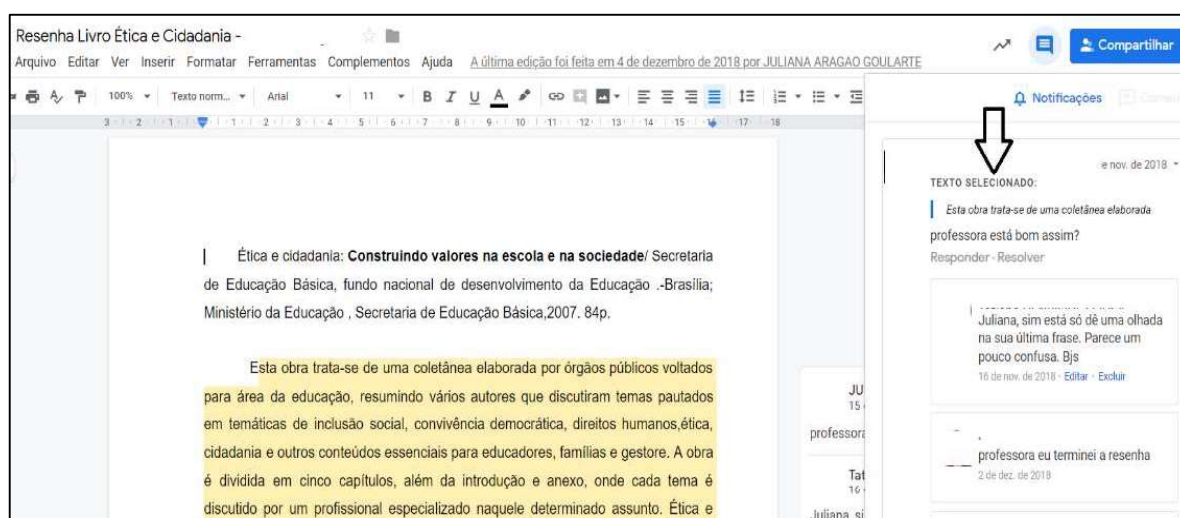
Inicialmente, dentre esses 26 processos de produção textos, 03 foram excluídos. Dentre esses, 02 (dois) em razão de serem processos colaborativos (Figura 04), tendo em vista a produtiva interação com a docente durante a redação, por meio de questionamentos no corpo do texto (Figura 06) ou interação no canal de interação disponível na ferramenta (Figura 07), conforme figuras a seguir.

Figura 6: Escrita colaborativa excluída.



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 7: Escrita colaborativa excluída.

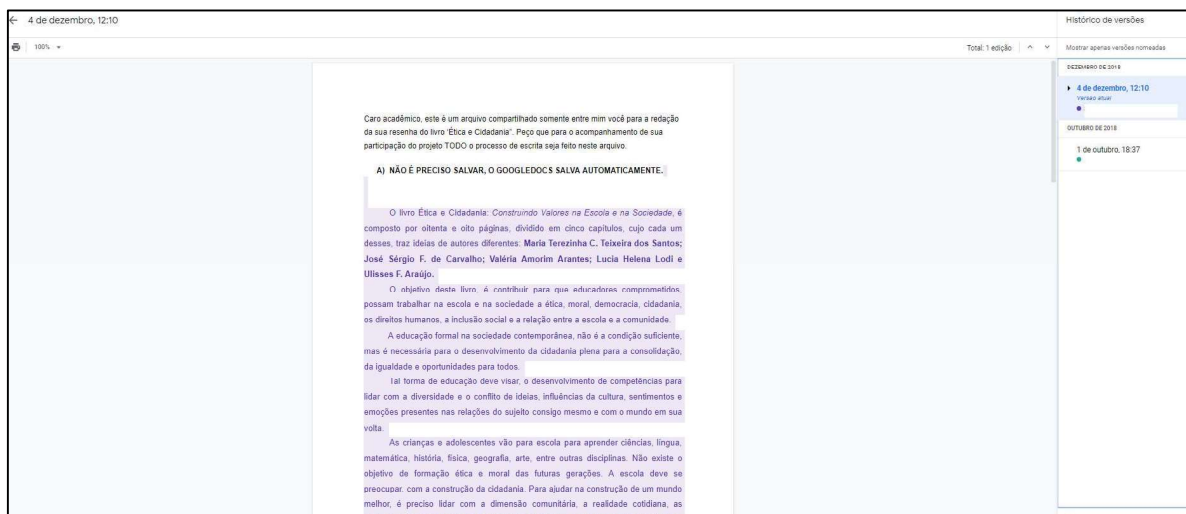


Fonte: Dados da pesquisa.

Sabemos que todo texto se constitui como uma réplica entre os participantes da interação, estejam eles presentes ou não, contudo, na concepção assumida neste estudo, as rasuras são movimentos retrospectivos de retorno do sujeito sobre o próprio dizer, sem interferência direta e local de um terceiro, fisicamente representado. Por isso, nesse caso, optamos pela exclusão, dada a produtiva intervenção da docente na produção escrita a pedido da escrevente. Entendemos que dados como esse mereceriam uma análise a partir de parâmetros não mobilizados nesta pesquisa.

Em outro caso, também excluído, a escrevente produziu a resenha em outro arquivo e, posteriormente, somente copiou e colou o texto no arquivo compartilhado (Figura 08):

Figura 8: Escrita fora do arquivo compartilhado em apenas uma versão.



Fonte: Dados da pesquisa.

Na análise do histórico de versões (canto direito), podemos identificar somente uma versão, a qual, aparentemente, parece ter sido escrita num “fôlego só”, já que não é possível identificar marcação de rasura, configurando-se, possivelmente, como apenas um recorte de “Copia e Cola”, de um outro programa de editor, para o arquivo compartilhando e, por isso, foi excluído do presente estudo.

Sendo assim, selecionamos 23 processos de produção textos, especificamente, 236 rascunhos digitais (versões de enunciados), salvos pela ferramenta, a partir de 1 (uma) proposta de produção textual intitulada “Escrita da resenha: Ética e Cidadania”. Por fim, destacamos que, dentre essas 236 versões, 130 (55%) foram selecionadas por apresentarem movimentos retrospectivos visíveis sobre a própria escrita, ou seja, rasuras digitais, conforme quadro de distribuição que apresentamos a seguir:

Quadro 3: Organização dos materiais (continua)

Escrevente ⁷¹	Número de versões	Versões com rasura
02	13	08
03	15	09
04	42	32
06	09	05
11	11	03
12	05	02
18	09	06
19	08	04

Quadro 4: Organização dos materiais (conclusão)

⁷¹ A fim de garantir a confidencialidade da identidade dos escreventes, as produções das escreventes foram listadas em ordem alfabética e, posteriormente, numeradas. Como apresentado nesta seção, algumas escreventes foram excluídas da pesquisa e, conseqüentemente, deste quadro geral.

Escrevente ⁷²	Número de versões	Versões com rasura
21	05	02
22	11	05
24	10	06
26	08	04
29	21	09
34	06	02
35	15	10
36	07	04
37	07	05
41	05	02
42	01	01
43	03	02
44	14	04
45	05	03
46	06	02
TOTAL	236	130

Fonte: Dados da pesquisa.

Selecionamos 130 (55%) versões que representam textos com rasuras para compor o *corpus* desta pesquisa, excluindo 106 (45%) nos quais não foram identificados gestos retrospectivos, apenas alterações prospectivas.

Por fim, cabe-nos apresentar os critérios de **inclusão** adotados para a quantificação e classificação⁷³:

- a) alterações retrospectivas nas quais o escrevente apenas exclui o enunciado, sem inserir um novo enunciado em seu lugar, denominadas de **apagamento**;
- b) inserções retrospectivas de material linguístico de diferentes naturezas (pontuação, acento, espaços em branco relativos à palavra, palavras, expressões, parágrafos inteiros etc.), denominadas de **inserções**;
- c) alterações retrospectivas nas quais o escrevente exclui e, imediatamente, insere novo enunciado, funcionando, portanto, como uma troca, denominadas, nesta tese, de **substituições**.
- d) alterações retrospectivas nas quais o escrevente recorta parte do enunciado e, posteriormente, o cola em outro lugar foram consideradas **deslocamentos**.

⁷² A fim de garantir a confidencialidade da identidade dos escreventes, as produções das escreventes foram listadas em ordem alfabética e, posteriormente, numeradas. Como apresentado nesta seção, algumas escreventes foram excluídas da pesquisa e, conseqüentemente, deste quadro geral.

⁷³ Conforme descrito no capítulo destinado à apresentação da concepção de rasura, as classificações empregadas neste estudo ancoram-se, principalmente, nos estudos da Crítica Genética (principalmente, BIASI, 2010), bem como nos estudos posteriores realizados no campo dos estudos sobre a linguagem, tais como Calil (1997, 1998); Calil e Felipeto (2000), Capristano (2003), Machado, Capristano e Jung (2019).

A seguir, para melhor compreensão, exemplificamos os gestos estudados na presente tese. Na Figura 9, abaixo, vemos o gesto aqui nomeado de **apagamento**, no qual a escrevente “apaga” o trecho “para se ter como prioridades”. O trecho apagado pela escrevente não é substituído por outro trecho, visto que as palavras posteriores não se encontram de cor diferente. Trata-se, pois, de uma anulação feita pela escrevente.

Figura 9: Rasura digital – Apagamento.

promovidas mudanças. Sendo sugeridas medidas de políticas públicas ~~para se ter como prioridades~~ a fim de melhorar a inclusão.

Fonte: Dados da pesquisa.

No segundo gesto, denominado de **inserção**, notamos que a escrevente retorna a um determinado segmento do texto, inserindo partes na sequência textual já construída, como no exemplo a seguir:

Figura 10: Rasura digital – Inserção.

Desenvolvimento:

Inclusão escolar

No primeiro capítulo, a autora apresenta a escola como uma metamorfose ambulante, devendo haver sempre um questionamento do cotidiano, e se o

Fonte: Dados da pesquisa.

Na **inserção**, a escrevente coloca no enunciado o subtítulo “desenvolvimento”, em negrito, sem apagar trechos anteriormente escritos, demonstrando uma possível preocupação estrutural em demarcar as partes do texto.

No **deslocamento**, a escrevente transfere parte do enunciado de um lugar da cadeia discursiva para outro, tal como o exemplo a seguir:

Figura 11: Rasura digital – Deslocamento.

Inclusão escolar
 No primeiro capítulo, a autora apresenta a escola como uma metamorfose ambulante, devendo ~~sempre~~ haver ~~sempre~~ um questionamento ~~constante~~ do cotidiano, e se o ambiente realmente está inclusivo. Salienta que já há uma jurisdição que garante o direito educacional a todos. Para suprir ~~estasa~~ garantia

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente, inicialmente, registra “devendo sempre haver um questionamento” e, posteriormente, desloca o advérbio, modificando o enunciado para “devendo haver sempre um questionamento”. Movimentos de deslocamento são facilitados pelo mecanismo digital, devido à distribuição espacial ser adaptável.

O último gesto, reconhecidamente mais complexo, foi a **substituição**, na qual ocorre um processo de “permuta”. Esse gesto, inicialmente, pode ser observado como um apagamento seguido de inserção, contudo, dada à relação de permuta estabelecida no fio do discurso, caracterizamos como substituição, conforme o exemplo a seguir:

Figura 12: Rasura digital – Substituição.

É revelado que entretanto, a educação que é oferecida continua a ser insistentemente “regular”, no sentido de não ser inclusiva. Incondizente com as diferenças nitidamente exibidas ~~diariamente~~ ~~no dia-a-dia~~, nas quais devem ser

Fonte: Dados da pesquisa.

Notamos que a escrevente abandona a escrita anterior, “diariamente”, que é excluída e, posteriormente, substituída por “dia-a-dia”, portanto, há um embate *diariamente* vs *dia-a-dia* que pode ser identificado pela rasura. Em outras ocorrências, existem substituições concatenadas, seguindo um fluxo de substituições que se relaciona diretamente à substituição anterior, como a seguir:

Figura 13: Rasura digital – Substituição concatenada.

A escola tem papel fundamental no exercício da cidadania, pois fornece a formação desses sujeitos, — que posteriormente, serão indivíduos ativos com espírito crítico e democrático, e Esse processo de construção concebido da ação educativa desenvolve

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessas ocorrências de substituição concatenada, podemos identificar substituições que, aparentemente, poderiam ser caracterizadas como duas substituições “,” por “.”, e “e” por “Esse”, todavia, a substituição do “e” minúsculo pelo maiúsculo, está diretamente ligada à substituição anterior, a pontuação final. Em casos como esse, levamos em consideração não somente o caráter dual do gesto, mas, também, a sua relação concatenada, vista a relação intrínseca conjectural dos gestos, por isso, consideramos, para termos de quantificação, apenas uma substituição, já que a segunda é consequência direta da primeira.

Sendo assim, para melhor exemplificar os gestos analisados, num trecho como o abaixo, consideramos a presença de 02 **inserções** do artigo “o” e 01 **substituição** de “tem direito são livres para” por “tem o direito para ser livre”.

Figura 14: Rasura digital – Inserções + substituição.

importância e o valor a cultura brasileira, todos os seres humanos têm o direito ~~são~~ para ser livres ~~para~~, ter opinião, religião, crítica e formas de pensar diferente, sem seguir normas ou um padrão de ideia, que o meio social considera correto.

Fonte: Dados da pesquisa.

Por fim, salientamos que, para a quantificação, consideramos os gestos, ou seja, as marcas visíveis de retorno (apagar, inserir, substituir e deslocar) e não a quantidade de palavras envolvidas no gesto. Isso significa dizer que, em situações como a da Figura 15, embora ocorra exclusão de “a ética e cidadania”, logo, 04 (quatro) palavras gráficas, para fins de quantificação foi considerada apenas 01 (uma) rasura digital, 01 (uma) substituição, já que a alteração foi “tema”. Tal critério se deve ao fato de adotarmos os gestos “**apagamento/inserção/substituição**”, ou seja, gestos que

adquirem valor em função de sua relação direta com os gestos antecessores e não com a quantidade de palavras.

Figura 15: Rasura digital - apagamento+ inserção+ substituição concatenadas.

O livro “Ética e Cidadania: Construindo Valores na Escola e na Sociedade”, aborda uma importante reflexão em conjunto de diferentes autores, sobre ~~a ética e cidadania~~ **tema** no ambiente escolar, e como tal assunto se reflete no âmbito social, sendo introduzido inicialmente conceitos de ética, cidadania, convivência democrática, direitos ~~Humanos~~ **humanos** e inclusão social. Tais conceitos se revelam imprescindíveis já que o debate traz questões sobre a importância de formar um cidadão reflexivo, crítico e com valores éticos e morais tão essenciais na sociedade contemporânea.

Fonte: Dados da pesquisa.

Além da análise dos diferentes tipos de rasuras, também realizamos o entrecruzamento⁷⁴ entre a negociação com o outro e o tipo de rasura, a fim de verificar possíveis tendências. Cremos que a relação entre o tipo de rasura (apagamento, substituição, deslocamento e inserção) com os diferentes outros (estilo, estrutura composicional, conteúdo temático, sentido, suporte, discurso e endereçamento) nos permitirá, por exemplo, verificar em qual negociação haveria maior atuação da língua sinal/código, já que, operações como o apagamento e a substituição parecem contar com a atuação do autômato, devido às sugestões apresentadas no processo de escrita e pela marcação em vermelho de supostos desvios, enquanto que, no deslocamento e na inserção, parece haver maior atuação do escrevente. Logo, ao se analisar quais os outros se mostrariam mais recorrentes em determinados tipos de rasuras, poderíamos realizar interpretações qualitativas mais robustas sobre o processo de escrita de uma resenha acadêmica por meio de recursos digitais.

Por fim, com base nos critérios apresentados nesta seção, foram identificadas **614** rasuras digitais que serão alvo da análise na apresentação dos resultados desta tese, no próximo capítulo.

⁷⁴ Agradecemos à contribuição do professor Dr. Manoel Corrêa, quando da qualificação desta tese, sobre a necessidade de analisar esse entrecruzamento, a fim de apresentar considerações mais conclusivas sobre o comportamento das rasuras digitais na escrita no gênero resenha acadêmica.

CAPÍTULO 4

RASURAS DIGITAIS NA ESCRITA DE UMA RESENHA ACADÊMICA

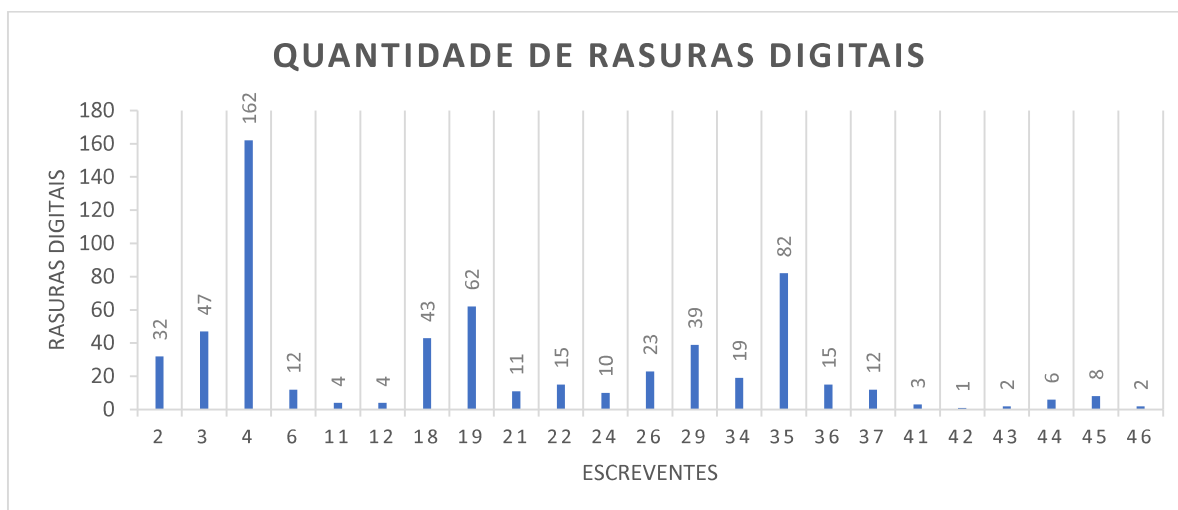
4.1 Olhar quantitativo

Como definido inicialmente, objetivamos, nesta pesquisa, propor uma interpretação sobre os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita, quando realizada no contexto digital, numa prática de escrita de uma resenha acadêmica, denominados como rasura digital. Para tanto, amparadas pelo quadro teórico apresentado nos capítulos anteriores, as rasuras são interpretadas como marcas da heterogeneidade mostrada, portanto, momento de negociação com a heterogeneidade constitutiva, sendo possível, por meio das marcas visíveis retrospectivas, enxergar a negociação com diferentes outros constitutivos do sujeito e do dizer.

Embora a identificação dos diferentes outros requeira uma análise qualitativa, cremos ser imprescindível, como destacamos na Metodologia, uma análise quantitativa inicial, para a definição dos pontos em que se mostram as negociações com diferentes outros que, posteriormente, serão explicados qualitativamente, objetivando verificar a existência de tendências. Sendo assim, a fim de atender ao nosso primeiro objetivo específico – a saber: mapear a distribuição dos movimentos retrospectivos presentes na produção textual de uma resenha acadêmica, identificando e caracterizando o gesto denominado de rasura digital –, observamos 614 rasuras digitais, em 130 versões⁷⁵, produzidas por 23 escreventes, conforme Gráfico 1, na página a seguir.

⁷⁵ Conforme explicitado no Capítulo 3, entendemos por versões o rascunho digital, ou seja, os arquivos salvos cronologicamente pela ferramenta *Google Docs* que recuperam, em parte, o processo de escrita das escreventes.

Gráfico 1: Distribuição quantitativa das rasuras digitais.



Fonte: Dados da pesquisa.

A variabilidade da distribuição das rasuras digitais em relação aos escreventes apresentou assimetria, já que, por exemplo, ao longo das versões da escrevente 46, identificamos duas rasuras digitais e da escrevente 04, 162 rasuras digitais. Essa mesma assimetria pode ser vista (conforme já apresentamos na metodologia) na diversidade da quantidade de versões realizadas, uma vez que a escrevente 42, por exemplo, escreveu apenas uma única versão e a escrevente 04 produziu o texto em 42 versões.

Analisando o total de rasuras (614) dividido pela quantidade de escreventes (23) teríamos uma média de 26,7 rasuras por escrevente. Observando a quantidade de rasuras (614), considerando a quantidade de versões (130), teríamos, por sua vez, uma média de 4,7 rasuras por versão. Com base nessas médias, podemos destacar, por meio dos dados quantitativos dos sujeitos, que somente as escreventes 02 e 29 não atingiram ambas as médias, visto que, na quantidade rasura/versão, embora próximas, ficaram abaixo da média. Em função disso, realizamos o Teste Z⁷⁶ que confirmou a hipótese de que os valores das respectivas escreventes (4 e 4,3) podem ser considerados estatisticamente iguais à média padrão (4,7), o que nos permite

⁷⁶ O teste Z é utilizado para comparar duas proporções provenientes de amostras distintas, precisando, para tanto, que os dados de um determinado período sejam considerados referência, ou seja, parâmetro para comparação (MEYER, 2000). Com base neste teste podemos afirmar que com $\alpha = 0,05 = 1,96$, não rejeitamos H0 e o valor rasura/versão 4 e 4,7 dos escreventes, considerado estatisticamente igual a média amostral de 4,7, pois o valor de Z calculado está fora da região de rejeição.

compreender que quanto mais versões, entendidas como processos de escrita, maior será a emergência de rasuras digitais, conforme Tabela a seguir:

Tabela 1 – Distribuição quantitativa dos escreventes que se enquadram na média rasura/sujeito/versão.

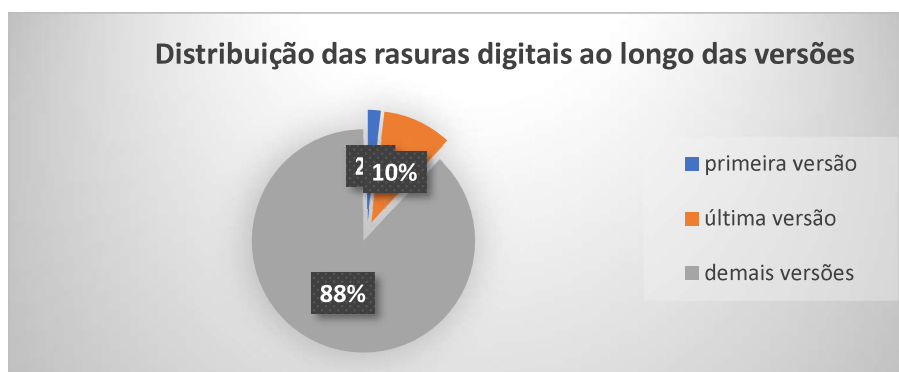
Escrevente	Média Rasura/versão ($\geq 4,7$)	Média rasura/sujeito ($\geq 26,7$)
02	4*	32
03	5,2	47
04	5,0	162
18	7,1	43
19	15,5	62
29	4,3*	39
35	8,2	82

Fonte: Dados da pesquisa, confirmados pelo Teste estatístico Z.

Vale ressaltar que, mesmo reconhecendo que a maior quantidade de rasuras se deve, principalmente, a maior quantidade de versões, também entendemos o fato de algumas escreventes não rasurarem (ou rasurarem pouco) não significa ausência de negociação. Assumimos, à luz de Authier-Revuz (1998), a heterogeneidade como constitutiva do sujeito e do discurso, portanto, sempre presente, dado os diálogos com os já ditos. Nesse sentido, as rasuras são apenas pontos sensíveis em que a negociação com a heterogeneidade constitutiva se mostraria.

Ainda buscando mapear a distribuição dos movimentos retrospectivos presentes na produção textual de uma resenha acadêmica, identificando e caracterizando o gesto denominado de rasura digital, notamos, também, que, das 614 rasuras digitais, 88% do total de rasuras foram distribuídas e diluídas ao longo das versões intermediárias. Apenas 12, ou seja, 2% das rasuras ocorreram na primeira versão de escrita, enquanto 61, logo 10%, emergiram na última versão, conforme Gráfico 2:

Gráfico 2: Distribuição das rasuras ao longo das versões.



Fonte: Dados da pesquisa.

Houve, portanto, maior incidência de rasuras ao longo das versões intermediárias, como se pode ver no Quadro 4, abaixo:

Quadro 5: Distribuição das rasuras entre as versões primeira, intermediária e última.

Escrevente ⁷⁷	Rasuras na 1ª versão	Rasuras na última versão	Rasuras nas versões intermediárias
02	01		31
03	01		46
04	01	01	160
06		01	11
11		01	03
12		03	01
18		02	41
19	02	13	47
21	01		10
22			15
24	01	03	06
26	01	14	08
29		12	27
34			19
35		01	81
36		05	10
37		04	08
41	01		02
42	01		
43	01	01	
44			06
45		03	05
46		01	01
TOTAL	11 (2%)	65 (10%)	538 (88%)

Fonte: Dados da pesquisa.

O fato de se identificar rasuras desde a primeira versão, bem como a quantidade de rasuras das versões intermediárias, sinaliza que as rasuras não só se restringem a uma tentativa de reparação final, propagada nas práticas de escrita escolares, mas, sobretudo, resultam da ação inerente à propriedade da língua de remeter-se a si mesma, já que, por exemplo, três escreventes rasuraram apenas nas versões intermediárias e quatro escreventes rasuraram apenas na primeira versão e nas intermediárias. Logo, a maior produtividade de rasuras nas versões intermediárias

⁷⁷ A fim de garantir a confidencialidade da identidade das escreventes, as produções das escreventes foram listadas em ordem alfabética e, posteriormente, numeradas. Como apresentado nesta seção, algumas escreventes foram excluídas da pesquisa e, conseqüentemente, deste quadro geral.

sinaliza a não existência de uma linearidade na construção do dizer, inevitavelmente afetado por sua heterogeneidade. Indiferentemente do percurso, a todo momento (e não somente na etapa final, cujo teor, tradicionalmente, seria reparador) existem lugares abertos na língua e no discurso nos quais o sujeito parece suspender a (sua) escrita, negociando com diferentes possibilidades da língua e do discurso, denunciando a opacidade de ambos.

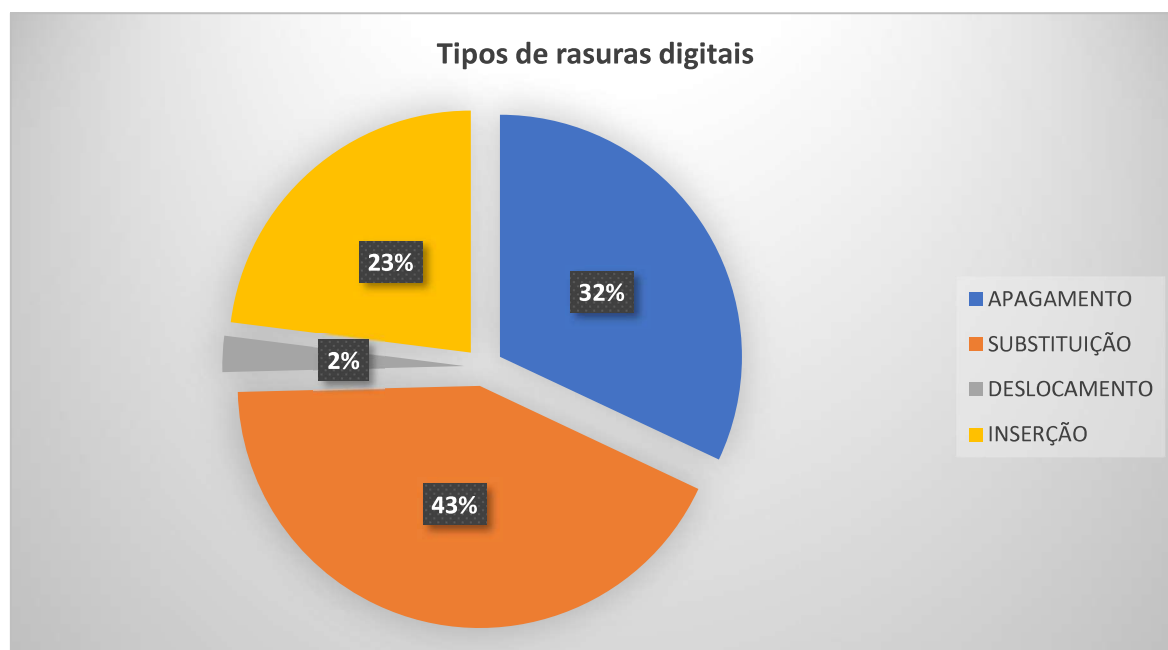
Além da grande produtividade de rasuras nas versões intermediárias, a comparação da quantidade de rasuras na primeira versão em relação à quantidade na última versão permite-nos ouvir ecos de práticas letradas escolares que estimulam um processo de “revisão” do texto antes de sua finalização.

Vale destacar que o processo de escrita e reescrita, a partir da reforma de ensino da década de 1990, foi estimulado como forma de deslocamento da análise do produto (texto) para o seu processo (escrita) (FIAD, 2010). Desse modo, buscou-se conceber a escrita como trabalho, ou seja, “uma construção que se processa na interação”, bem como buscou-se ver a revisão como “um momento que demonstra a vitalidade desse processo construtivo.” (FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 55).

Nessa perspectiva de escrita como trabalho, concebe-se que o processo de escrita ocorre em etapas recursivas, portanto, em termos de percurso a ser continuado, em que as revisões podem ser motivadas por comentários do professor ou espontâneas (FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1991), o que poderia explicar a maior quantidade de rasuras na versão final 10% (61) em relação à primeira versão 12% (2).

Ainda mapeando e caracterizando o gesto denominado de rasura digital, quando observadas as distribuições dos tipos de rasuras, conforme o gráfico, localizado na página a seguir, identificamos maior incidência de substituições.

Gráfico 3: Distribuição por tipo de gesto.



Fonte: Dados da pesquisa.

A operação de **substituição** foi a mais recorrente, sendo identificada em 43% (262) das ocorrências. Na sequência, o **apagamento**, em que ocorre a exclusão, com 32% (196); a **inserção**, que consiste no acréscimo, com 23% (141) e, com menor emergência, o **deslocamento**, com 2% (15). Em termos gerais, compreendemos que, na escrita em contexto digital, os recursos tecnológicos contribuem para os tipos de rasuras digitais mais recorrentes (substituição e apagamento), enquanto atuam de modo menos evidente sobre os dois gestos menos recorrentes (inserção e deslocamento).

Essa atuação sinaliza que as rasuras digitais ocorrem em pontos afetados pela língua como sinal (algoritmizado) e como signo sócio-historicamente constituído na inter-relação com o sujeito, máquina e língua. A automação anteciparia problemas e recomendaria ações resolutivas a partir de um inventário construído pelos caminhos preferenciais, trilhados por escreventes, e criado com base em uma variante linguística prestigiada e numa noção prescritiva de língua. Os caminhos oferecidos pela máquina refletiriam apenas uma pequena dimensão do que seja o ato de escrever, abarcando, principalmente, questões de ordem gramatical e ortográfica, atendendo a uma concepção de letramento autônomo, cuja máquina promoveria ilusoriamente modelos de boa escrita. Contudo, não se limitariam as rasuras digitais a dimensões algoritmizadas, já que há sempre sujeitos, negociando com as diferentes

possibilidades da língua. Todavia, cabe confirmar essa hipótese por meio da análise qualitativa⁷⁸.

Embora tenhamos que confirmar tal hipótese, reconhecemos que a ferramenta *Google Docs* disponibiliza ao escrevente, desde que familiarizado com os comandos do aplicativo, o uso de mecanismos como: i) explorar (aparecem buscas no Google do termo que foi selecionado); ii) definir (abre dicionário vocabular); iii) corrigir (ferramentas, especificamente, o item ortografia e gramática, que permite fazer correções, com base numa imagem de língua homogênea calcada em regras prescritas acumuladas no algoritmo). Portanto, a substituição e o apagamento podem ter sido, em alguma medida, motivados pela atuação da língua lógico-matemática, algoritmizável – no sentido proposto por Orlandi (2020). Essa atuação, na concepção de rasura digital assumida, não ocorre de forma desvinculada da inscrição histórica dos sujeitos escreventes que, ilusoriamente, aceitam, rejeitam ou criam outros caminhos para a (sua) escrita.

Dentre as explicações possíveis para a quantidade de substituições, destacamos, ainda, a possibilidade de acesso ao primeiro registro de escrita, que seria ocultado na escrita manuscrita, fazendo o pesquisador compreendê-la como **apagamento**, mas que, na ferramenta *Google Docs*, fica registrado por meio da marca de tachado no texto.⁷⁹

Portanto, em alguma medida, a existência do amparo de alguns comandos “facilitadores” na escrita por meio de recursos digitais permite a atuação algorítmica sobre a escrita. Contudo, esse amparo não apaga o sujeito, que, supostamente e ilusoriamente, aceita e recusa recomendações oriundas de um inventário construído a partir de escritas de diferentes sujeitos e com base numa noção prescritiva de língua. Desse modo, a rasura digital pode ser compreendida a partir das contribuições teóricas de Dias (2018) como um lugar de contradição, visto que o espaço da repetição (algoritmo) se inscreve no funcionamento do interdiscurso. Essa atuação é

⁷⁸ Essa hipótese será melhor explorada na seção 4.3, quando da análise das marcas linguísticas recorrentes à luz das contribuições teóricas de Authier-Revuz (1998), Bakhtin (2000), dentre outros – que nos permitirão investigar as diferentes negociações do sujeito com os diferentes outros que constituem o sujeito e o (seu) dizer, bem como o entrecruzamento do tipo de rasura com essas negociações, para chegar a mais hipóteses explicativas, buscando definir tendências sobre o comportamento das rasuras digitais.

⁷⁹ Em nossos trabalhos com rasura manuscrita, principalmente em Machado (2014), somente quando um apagamento era malsucedido (possibilitando a visualização da escrita primeira) era considerado **substituição**. Nos demais casos, entendemos, metodologicamente, como **apagamento**, uma vez que não tínhamos acesso ao primeiro gesto de escrita (aquele antes da rasura).

interpretada, em nosso estudo, como atuação da língua tomada como sinal/código lógico-matemático, supostamente transparente e homogêneo e como signo linguístico social e historicamente constituído, uma vez que inserido num ato de enunciação, sob atuação da memória digital, conforme o exemplo abaixo:

Figura 16: Rasura digital por substituição – Regência.

Ao final de seu registro a professora, que ocupa o cargo de secretária da educação municipal no interior do estado de Minas Gerais, elenca ações pertinentes ~~à~~ a serem adotadas na esfera

Fonte: Dados da pesquisa.

Na figura 16, por exemplo, identificamos uma substituição na qual o gesto inicial de escrita “à serem adotadas” foi substituído por “a serem adotadas”. Rasuras digitais como essas são comuns na escrita digital, uma vez que algumas regras gramaticais, com orações simples, são facilmente mapeadas pelo autômato, que marca com tachado, em vermelho, os registros não convencionais de regência, ortografia, concordância, dentre outros, a fim de que o escrevente realize ou não a substituição.

Nessas ocorrências, reconhecemos que as rasuras se constituem como indício da negociação com outro dizer, vinculado à língua (sinal/código), ao conduzir a escrita por caminhos “algoritmizáveis” e valorizados nas práticas tradicionais de ensino da escrita, ligadas ao letramento autônomo, ou seja, fruto de construto técnico organizado pela repetição e pela quantificação, num processo de acúmulo, em que ganha status a quantidade e a normatividade atribuída como desejada pelo endereçamento previsto para o gênero. Ou seja, reproduz a noção prescritiva de língua subjacente ao modelo de letramento autônomo e a perspectiva de letramento como habilidades a serem apreendidas pelo escrevente, as quais, com o advento da tecnologia, podem ser mapeadas pelo algoritmo.

Nessas ocorrências, haveria, portanto, uma simulação, calcada em critérios língua (lexicais, sintáticos, morfológicos, semânticos) facilmente algoritmizáveis, analisados isoladamente ou por meio de agrupamento e combinação de palavras. A palavra aqui como “sinal”⁸⁰ imutável, a ser identificado, palavra como “item de

⁸⁰ Para Bakhtin (2006, p. 16), o signo “dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao ‘sinal’ inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato”.

dicionário” e não como signo, flexível, histórico e social (BAKHTIN, 2006), já que privilegia uma determinada variante linguística, tomada como padrão a ser seguido.

Estabelece-se, assim, um controle (que direciona a um caminho supostamente ideal, apagando os demais), limitando, mas não proibindo, a mobilidade e a historicidade dos sentidos, tomados como transparentes. Consequentemente, os escreventes podem produzir enunciações que evocam regras gramaticais prescritivas, numa supremacia da forma imutável sobre a multiplicidade de sentidos, vinculadas às práticas escolares tradicionais que valorizam a dimensão técnica da escrita.

Em outras circunstâncias, as substituições estavam vinculadas a aspectos lexicais, tais como no exemplo a seguir:

Figura 17: Rasura digital – substituição – aspectos lexicais.

O primeiro capítulo trabalha a questão da inclusão social no meio escolar, o exposto ~~feito~~redigido pela professora e coordenadora Maria Terezinha C. Teixeira dos Santos,

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente registra “feito” e, posteriormente, substitui por “redigido”. Embora a rasura por substituição possa ter relação com os autômatos, não podemos considerar tal substituição como atuação dos recursos facilitadores, uma vez que, por exemplo, os sinônimos indicados para “feito” não contemplavam “redigido”. Portanto, reconhecemos, nessa ocorrência, uma tentativa da escrevente de se alçar a uma escrita superior, sob atuação da memória digital, buscando responder à imagem da escrita valorada pelo endereçamento projetado em produções textuais universitárias. Sendo assim, não atrelamos, diretamente, a emergência desse tipo de rasura a somente um fator.

Do mesmo modo, embora o **apagamento** (Figura 17) possa ter contribuição do algoritmo (nesta tese, interpretado como língua lógico-matemática), seria precipitado assim considerar, pois pode ser “motivado” tanto pelo estranhamento do escrevente com o seu (dizer) submetido à atuação da língua lógico-matemática (sinal), quanto da língua sócio-histórica (signo). Tal como o exemplo a seguir, em que ocorre um apagamento em um subtítulo do gênero. O que parece operar, neste tipo de ocorrência, é o estranhamento com a possibilidade de outras formas de dizer, nas

quais pode-se organizar o texto em segmentos intitulados. Notamos, aqui, a atuação de ecos de outras práticas letradas, com outras produções escolares, logo, forte indício da “heterogeneidade dos letramentos” (LUIZ SOBRINHO, 2018), sempre plurais.

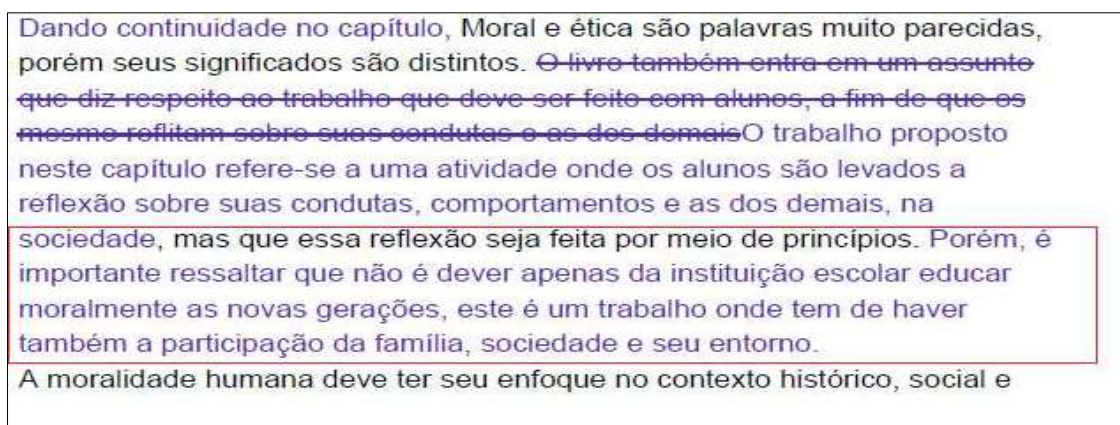
Figura 18: Rasura digital – substituição – título



Fonte: dados da pesquisa.

De modo diferente, a **inserção** e, principalmente, o **deslocamento** foram os tipos de rasura com menor recorrência. Reconhecemos, por exemplo, que o deslocamento, no suporte digital, é facilitado devido à “flexibilidade e simulação” (cf. SALARELLI; TAMMARO, 2008), contudo, também cremos que, nesses dois tipos de rasuras, haveria menor influência da máquina, visto vincular-se a locais de maior envolvimento do escrevente, pois, na maioria das vezes, não há um recurso tecnológico que impõe essa negociação. Por conseguinte, nessas ocorrências, o estranhamento do escrevente com o seu (dizer) poderia vincular-se mais à atuação da língua sócio-histórica (signo), tais como na rasura a seguir, em que a escrevente insere: “Porém, é importante ressaltar que não e dever...”, ou seja, introduz uma estrutura argumentativa na qual apresenta seu posicionamento sobre a informação apresentada no período anterior.

Figura 19: Rasura digital – inserção – sequência argumentativa.



Fonte: Dados da pesquisa.

Sendo assim, seja nas rasuras mais recorrentes (substituição e apagamento) ou nas menos recorrentes (inserção e deslocamento), vemos o sujeito negociar com a possibilidade de o seu dizer ser outro, havendo, nessa negociação, a atuação da língua enquanto sinal e/ou enquanto signo e da heterogeneidade dos letramentos. Essa atuação é compreendida, nesta tese, à luz das contribuições teóricas de Dias (2019), como atuação da memória digital, que não exclui a presença da memória metálica, quantificadora, mas abre espaço para aquilo que escapa ao acúmulo do algoritmo, inscrevendo-se no funcionamento do discurso digital pelo trabalho do interdiscurso, logo, abrindo espaços para outros sentidos diferentes daqueles indicados pela máquina.

Portanto, cientes da atuação da memória digital, reconhecemos que algumas rasuras digitais indiciam a atuação da língua lógico-matemática sobre o dizer, mas não são meramente fruto dessa atuação. Entendemos que as operações da máquina, cada vez mais refinadas, podem conduzir a trajetos pré-determinados por um algoritmo, criado por sujeitos a partir de sequências comuns de textos produzidos por diferentes sujeitos em contextos linguísticos semelhantes. Contudo, há um escrevente e há diferentes imagens construídas sobre a (sua) escrita. Sendo assim, para melhor delineamento desta pesquisa, avaliaremos, como já antecipado nesta seção, o entrecruzamento da negociação com os diferentes outros e tipo de rasura, na seção 4.3.

Em síntese, em resposta ao objetivo de “mapear os movimentos retrospectivos presentes na produção textual de uma resenha, caracterizando o gesto denominado rasura digital, observamos uma assimetria entre a quantidade de rasuras/sujeitos e rasuras/versões. Nessa assimetria, destacamos que a maior quantidade de versões contribui para incidência de um número maior de rasuras. Vale pontuar que, embora o recurso digital contribua para o gesto de rasurar, alguns escreventes não rasuram ou rasuram pouco ao longo da escrita, o que não significa ausência de negociação, dada a heterogeneidade constitutiva da linguagem. Ao mesmo tempo, o maior número de rasuras sinaliza intensas negociações do escrevente com diferentes outros com vistas à instauração do (seu) dizer.

As rasuras digitais ocorrem, principalmente, em versões intermediárias, sinalizando a não existência de um trajeto linear, mas de constantes negociações em diferentes pontos abertos da linguagem. Por fim, a substituição foi o gesto mais

recorrente, o que se deve, em alguma medida, ao fato de o *Google Docs* registrar os gestos de escrita, permitindo ao pesquisador e escrevente visualizar a escrita abandonada (tachada); mas, também, essa recorrência indicia a atuação da língua como sinal lógico-matemático (que recomenda ações resolutivas a partir de um inventário) e da língua signo sócio-historicamente constituída, já que o inventário foi construído a partir de caminhos adotados por sujeitos e sob o qual está subjacente uma noção prescritiva de língua vinculada à noção de letramento autônomo. Portanto, sinaliza que haveria atuação da memória digital no ato de escrever no digital, num encontro entre sentidos acumulados e historicizados, ligados à heterogeneidade dos letramentos e com os já ditos.

Observamos, porém, a necessidade de melhor descrição dos tipos de rasuras, relacionando-os aos diferentes outros, a fim de melhor analisar a negociação do escrevente com a constituição do sujeito e do (seu) dizer, submetido à atuação da memória digital. Contudo, antes de apresentarmos a correlação entre tipo de rasura e seu envolvimento com os diferentes “outros”, responderemos ao segundo objetivo ao analisar as rasuras digitais, verificando como se representam nelas as negociações do sujeito escrevente com os diferentes “outros” (AUTHIER-REVUZ, 1990) que constituem a (sua) escrita.

4.2 Os diferentes “outros” mostrados pelas rasuras

Nesta seção, dedicamo-nos a responder ao nosso segundo objetivo específico ao analisar as rasuras digitais, verificando como se apresentam nelas as negociações do sujeito escrevente com os diferentes outros (AUTHIER-REVUZ, 1990) que constituem a (sua) escrita. Para tanto, como já destacamos ao longo desta tese (principalmente, no Capítulo 2), reconhecemos as rasuras como manifestações da heterogeneidade mostrada, não linguisticamente marcadas, com base em Authier-Revuz (1990). Nesse sentido, elas são gestos que remetem à imersão de uma dupla designação; “a de um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento remete” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30).

Com base nesse modo de conceber rasura, nesta seção, como detalhamos na Metodologia, apresentamos os resultados da análise qualitativa, partindo de um

processo abduativo⁸¹, inspirado no Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1983). Assim, examinamos as rasuras digitais, a partir das pesquisas de Authier-Revuz (1990), especialmente na discussão a respeito das formas de manifestação da heterogeneidade mostrada (por meio de negociações com *outra língua, outro registro discursivo, outro discurso, outra modalidade de consideração de sentido, outra palavra, outro interlocutor*), formas usadas como balizas para a organização que propusemos para os nossos dados. Além dessas balizas, para a organização da análise das rasuras digitais, baseamo-nos, também, em contribuições de Bakhtin (2003), especialmente, nas discussões sobre as diferentes dimensões dos gêneros discursivos: *tema, estrutura composicional e estilo*, bem como a noção de *suporte* de Komesu (2014).

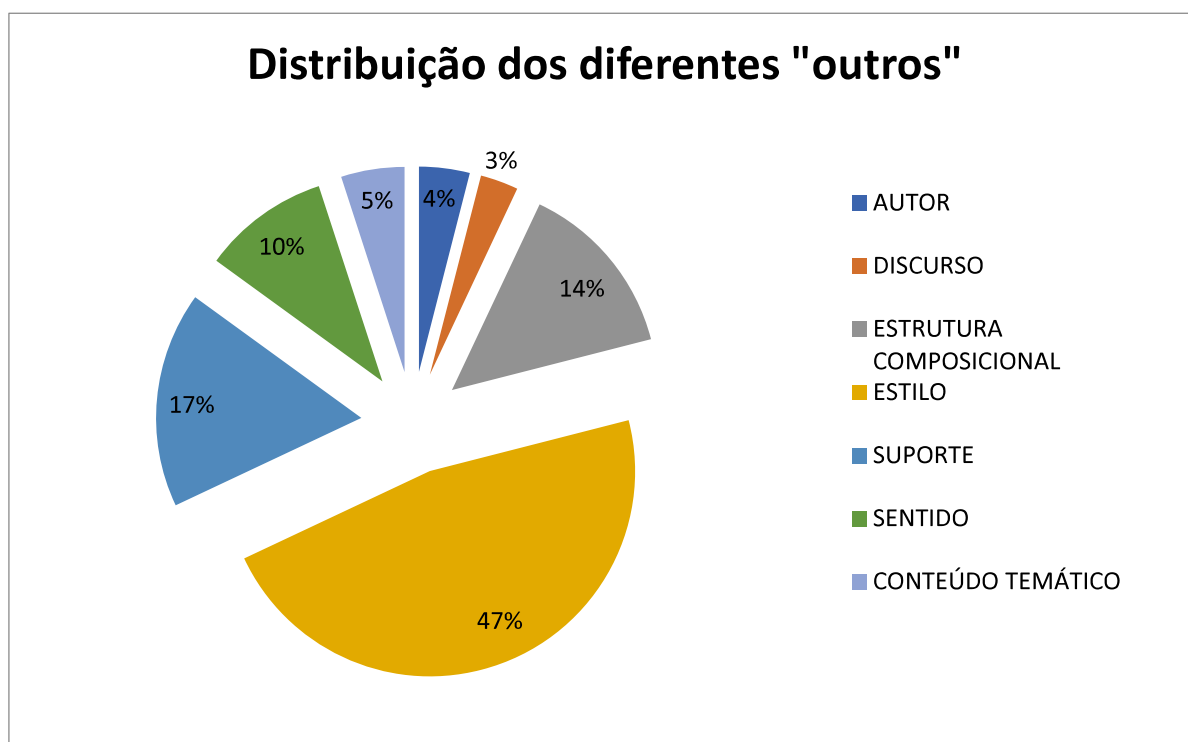
Authier-Revuz (1990), quando trata dos modos de manifestação da heterogeneidade mostrada, propõe a existência de negociações com “outra língua”, compreendida como negociação com outro *registro*, outro *socioleto*, bem como outro registro discursivo, vinculado a diferentes instâncias (familiar, adolescente, etc.). A autora também destaca negociações com outro interlocutor, diferente do locutor. A nosso ver, é coerente com a hipótese de pesquisa desta tese o entendimento de que as rasuras digitais ocorrem em função da negociação dos sujeitos com algumas dimensões da língua e da enunciação (cf. AUTHIER-REVUZ, 1990) e, simultaneamente, em razão da negociação dos sujeitos com as diferentes dimensões constitutivas dos gêneros do discurso (cf. BAKHTIN, 2003).

Em função disso, propusemos uma organização para os nossos dados de pesquisa que considera a negociação com *outro estilo* (ao invés de *outra língua* e outro *registro*), bem como outro conteúdo composicional⁸², à luz dos estudos bakhtinianos, separando-os, metodologicamente, do outro *sentido* (dos estudos de Authier-Revuz, 1998). A partir desse arcabouço teórico, chegamos aos seguintes resultados sobre as negociações identificadas:

⁸¹ Como apresentado na metodologia, consiste na busca a conclusão por meio da interpretação de indícios, partindo dos fatos para sugerir hipóteses

⁸² Embora entendamos o conteúdo composicional conforme Bakhtin (1926) como o dizível, ocupando, portanto, do domínio do sentido, optamos por manter dos estudos de Authier-Revuz (1998) a manifestação da heterogeneidade enunciativa por outro sentido, na qual acomoda as relações de sinonímia, homonímia e polissemia, em função dos estudos de rasura ao qual nos filiamos amparar-se, principalmente, na concepção adotada por essa autora.

Gráfico 4: Mapeamento das negociações.



Fonte: Dados da pesquisa.

De modo geral, em resposta ao nosso objetivo específico de “analisar as rasuras digitais, verificando como se apresentam nelas as negociações do sujeito escrevente com os diferentes ‘outros’”, pudemos verificar que, dentre as 614 rasuras, 290 (47%) se deram com resultado de negociações com outro *estilo*; 101 (17%) com *outro suporte*; 84 (14%) com *outra estrutura composicional*; 63 (10%) com *outro sentido*; 29 (5%) *outro conteúdo temático*; 26 (4%) *outro autor*; 21 (3%) *outro discurso*. Logo, a negociação mais recorrente foi com *outro estilo* e as menos recorrentes com *outro discurso* e *outro endereçamento*. Dessas negociações, apresentaremos, inicialmente, as mais incidentes para, por fim, apresentar aquelas menos incidentes.

Conforme o Gráfico 4, 47% das rasuras digitais sinalizaram negociação com *outro estilo*. Entendemos que o estilo, à luz de Bakhtin (1926, 2006), é determinado pelas esferas da atividade humana e de comunicação na qual o enunciado se insere, variando devido à relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso e com o endereçamento projetado, que determinariam uma “escolha” estilística (BAKHTIN, 2013).

Sendo assim, a relação valorativa estabelecida pelas escreventes com o endereçamento presumido para a escrita acadêmico-científica conduziria a

negociações com algumas possibilidades de emprego de recursos lexicais e gramaticais que o escrevente imagina ser mais apropriados à escrita nessa prática, ou seja, com outros recursos linguísticos gramaticais, fraseológicos ou lexicais ligados às formas típicas do gênero (BAKHTIN, 2003).

Haveria, portanto, ação do destinatário que não atua passivamente, mas ocupa uma posição responsiva ativa em relação ao enunciado (BAKHTIN, 2003). Por conseguinte, essa atuação sinaliza, por um lado, a presença do endereçamento e da busca por empregar recursos linguísticos e gramaticais a partir dos quais o autor presume existir uma compreensão responsiva e, por outro lado, sinaliza um diálogo com as práticas de letramento institucionais vinculadas à dimensão gramatical da ordem da prescrição⁸³, que autoriza, dadas as relações de poder, validar apenas uma variedade linguística, considerada padrão.

Acrescentamos, ainda, que a maior recorrência de rasuras ligadas à negociação com outro estilo, em função da escrita ser desenvolvida no contexto digital, também pode ser indício de fatos da linguagem emergentes da memória digital, dada a atuação, em alguma medida, do autômato do computador que, ao sugerir caminhos, toma a palavra como sinal a ser identificado a ser validado pelo escrevente, a partir de um inventário criado pelos caminhos previstos por diferentes escreventes e sob os quais reside uma noção equívoca de homogeneidade da língua.

O fato de a escrita no ambiente *Google Docs* possibilitar mecanismos “facilitadores”, já descritos nesta tese, ferramentas que propõem correções à luz de um padrão de escrita esperado para o idioma selecionado, pode ser fator importante a ser avaliado. Haveria, nessas ocorrências, certo cálculo de problemas previstos pelo autômato, vinculados à língua como sinal/código lógico-matemático, sob privilégio de uma variedade linguística prestigiada. Contudo, validar ou não essas sugestões estaria vinculado às imagens projetadas pelo escrevente sobre como atender ao estilo de escrita subjacente ao endereçamento presumido para o gênero resenha acadêmica.

⁸³ Gramática normativa aqui compreendida na acepção de Travaglia (2003, p. 24), ou seja, como um “conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecida por especialistas, com base no uso da língua pelos bons escritores”. Nessa acepção, adota-se somente uma variedade, considerada padrão como correta, ignorando-se as demais variedades da língua. Para tanto, ancora-se em argumentos de ordem estética, elitista, política, comunicacional e histórica, considerando a concepção de “boa escrita” como absoluta.

Vale destacar que a concepção de língua transparente, sinal a ser identificado, não pode ser delegada, exclusivamente, ao autômato, visto estar presente já nas práticas de letramento escolar, vinculadas ao modelo de letramento autônomo. Nessas práticas, digitais ou não, escrever, muitas vezes, constitui-se como uma habilidade neutra, que objetiva codificar e decodificar símbolos. Portanto, dada a heterogeneidade dos letramentos, as escreventes não só estariam negociando com a língua como código matemático, mas, também, com o endereçamento presumido e com a concepção formal de língua valorizada nas práticas de escrita escolares.

Ainda analisando a distribuição dos diferentes outros sintetizados no Gráfico 4, a segunda negociação mais recorrente se deu com *outro suporte* (17%). Os suportes, como nos estudos de Bonini (2003) e Komesu (2014), não são compreendidos como canal físico, veículo ou meio de base física separada da linguagem, mas como dispositivos pelos quais os gêneros circulam. Komesu (2014) destaca que o fato de o texto não existir fora do meio do qual ele emerge pode levar à equivocada ideia de que os textos digitais seriam dotados de um caráter de evolução, controle, progresso e transparência, valores conferidos ao digital. Isso significa dizer que, de participante do processo de significação, equivocadamente, o suporte passaria a ser principal responsável por ele.

Nessa concepção, o caderno, o livro, a tela de computador, a tela do celular ou, até mesmo, o corpo, são suportes, aos quais se confere sócio-historicamente diferentes *status* (cf. Komesu, 2014). Por conseguinte, ao se tomar o suporte no qual emergem as rasuras (escrita digital, em atendimento à proposta de escrita de uma resenha acadêmica, redigida por meio da ferramenta *Google Docs*), não se pode deixar de considerar os fatores expostos por Komesu (2014), ou seja, o fato de que, sob esse suporte, existirem ecos que o ligam à “evolução”, “controle”, “transparência” e, principalmente, “progresso”.

Komesu (2014), bem como nós, na presente tese, não nos filiamos a essa concepção de progresso inerente à tecnologia. Reconhecemos que, nessa concepção, denominada por Lankshear e Knobel (2005) de letramento digital vertente “*it*”, repousa a ideia de que os produtos do digital seriam “melhores” devido ao escrevente ter acesso a recursos “facilitadores” dos editores de textos. Não iremos adentrar nesta discussão, uma vez que não é preocupação desta tese qualificar a escrita em termos de “boa” ou “ruim”, contudo, reconhecemos a existência dessa visão

e nos distanciamos de avaliações prescritivas, observando que o suporte participa do processo de construção de sentidos, atuando sobre os sentidos produzidos por sujeitos e discursos e incorrendo em alguns tipos de negociação.

Sendo assim, assumimos que o suporte não pode ser considerado mero meio de circulação de práticas sociais, pelo qual circula o gênero discursivo, mas como participante do processo de produção e sentidos e, como tal, é determinado por algumas regras de funcionamento⁸⁴, nem sempre reconhecidas pelo escrevente. As rasuras digitais ligadas ao suporte, direta ou indiretamente, sinalizam negociação com o deslocamento “digital/escrever” e, de modo mais recorrente, com a necessidade de padronização da definição de espaços, em especial, entre o registro de uma palavra e uma pontuação (ausência de espaço após vírgula e pontuação ou delimitação rigorosa de espaços entre palavras). Cremos que parece agir, mais do que um algoritmo, que comporta, em alguns casos, verificadores de excesso de espaços (RINO *et al.*, 2002), já que parece atuar também, a imagem que o escrevente faz sobre a (sua) escrita e sobre a (sua) escrita no digital, em que as idiossincrasias de espaçamento são menos flexíveis que no manuscrito. Haveria, portanto, maior tentativa de controle sobre a escrita, a fim de atender a um padrão de homogeneidade.

Ainda discutindo o Gráfico 4, é possível verificar que a terceira maior incidência de negociação se deu com a *estrutura composicional*. Dos dados levantados nesta tese, 14% se referiam à outra *estrutura composicional*. Nesta tese, a estrutura composicional é entendida como a forma material do enunciado, sua estrutura, tais como procedimentos de organização e acabamento do enunciado, com base nos participantes da comunicação.

Para Bakhtin (1997), todos os enunciados têm uma forma padrão, relativamente estável, de estruturação do todo. Esses procedimentos característicos de cada gênero não nos são dados, mas sim, adquiridos mediante a interação com enunciados concretos. Por exemplo, uma estrutura composicional de uma resenha acadêmica se dará com a presença de uma (ou mais) forma(s) textual(is) historicamente típica(s) de enunciado. Entretanto, quando uma forma textual de um determinado gênero, resenha, por exemplo, é utilizada, pela forma textual de outro gênero, por exemplo, o

⁸⁴ O suporte papel é dotado de regras, tais como disposição de margem, espaços entre palavras não totalmente delimitados, ao passo que a escrita digital, impõe outras regras, margens previamente determinadas pelo suporte, comandos a fim de definição de maiúsculo e minúsculo, espaçamento entre palavras visível e padronizado, dentre outras.

trabalho escolar, a forma não se altera completamente “no que se refere à produção, circulação e recepção” (SOBRAL, 2009, p. 69).

Em síntese, o fato de se introduzir um elemento “externo” muda algo na forma de composição, modificando o estilo, ou mesmo sugerindo outro tema, mas não altera sua forma arquitetônica, ou seja, a reunião dialética entre forma, conteúdo e material.

A presença de negociações com *outra estrutura composicional* indicia, na concepção por nós assumida, a natureza heterogênea dos letramentos (LUIZ SOBRINHO, 2018), ou seja, a presença do outro (letramento) em um (letramento) não como interferência, mas como práticas dialógicas. Nesta tese, consoante à Luiz Sobrinho (2018), reconhece-se a convivência entre letramentos que se mostra nos momentos em que o escrevente rasura, demonstrando, em certo grau, a possibilidade de outra estrutura composicional.

Dando sequência à discussão dos resultados apresentados no Gráfico 4, dentre as negociações com menor recorrência, temos as negociações com *outro sentido*⁸⁵, que corresponderam a 10% das ocorrências. Entendemos que as rasuras ligadas à negociação com “outro sentido”, à luz das contribuições de Authier-Revuz (2004, p. 83), circunscrevem-se como uma não coincidência das palavras com elas mesmas, que corresponderia às “glosas que designam, ao modo da rejeição - por especificação de um sentido contra outro” ou que integram ao sentido fatos da polissemia e da homonímia. Essas negociações residem no fato de colocar em foco a consubstancial possibilidade de equívoco, sempre lá, mas apagada pela ilusão da constituição de língua como sistema acabado. Sinaliza, portanto, a língua imersa em infinitas singularidades, num “jogo” inevitável de nomeação, “entre a captura do objeto pela letra, que desemboca na perda” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23).

Sendo assim, essas ocorrências representariam hesitações, fracassos na produção de uma suposta “palavra certa”, logo, adequada à coisa, como em: “X, como eu diria” ou “X, melhor dizendo, Y”. Por fim, podemos considerá-las formas que ocultam, excluem, especificam o sentido, em função da polissemia, homonímia, em

⁸⁵ Embora tenhamos adotado, para a análise das rasuras digitais, duas balizas teóricas e entendamos que o domínio do sentido, ou seja, do dizível acomodaria a noção de conteúdo temático definida nos estudos bakhtiniano, nesta tese, como antecipado, assumimos a noção de sentido de Authier-Revuz (1998), logo, observando as relações de sentido vinculadas à homonímia, polissemia e sinonímia, dado o caráter de heterogeneidade enunciativa conferido nos estudos dessa autora comungarem com os desta tese, como destacamos no Capítulo 2, especialmente, na seção 2.3.

que se percebe o sujeito procurando um sentido pela exclusão de outros, como por exemplo, em: “X, em sentido próprio, figurado ou X, não no sentido [...]”.

Nessas ocorrências, os escreventes excluem um sentido e “procuram” outro sentido numa rede de sentidos possíveis historicamente, alçando à língua valorada pelo endereçamento projetado nas práticas acadêmico-universitárias. Esse outro sentido pode ser, também,

[...] ilusoriamente escolhido mediante as recomendações definidas pelo algoritmo que ‘lineariza’, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, *sem distinguir posições*. (ORLANDI, 2020, p. 15, grifos nossos).

Dada essa dupla possibilidade, atuaria a memória digital que, ao mesmo tempo em que acomoda sentidos sugeridos pelo algoritmo e, também, abre espaço para outros sentidos, aqueles não sugeridos, mas buscados pelo escrevente que estabelece uma relação valorativa com o enunciado e seu endereçamento, visando a alçar o sentido supostamente apropriado e superior, a escrita outra, a escrita acadêmico-científica, no interior de uma resenha acadêmica.

Ainda com relação ao Gráfico 4 e às ocorrências de negociações com diferentes outros menos recorrentes, identificamos que apenas 5% das rasuras referem-se a negociações com *outro conteúdo temático*. Consideramos *conteúdo temático*, a partir de Bakhtin (2003 [1979]), como negociação com o objeto de discurso do gênero, sua unidade de sentido e sua orientação ideológica. Para Bakhtin, tema e significação estão interligados, uma vez que não se pode entender uma significação desvinculada de seu tema, nem entender o tema independentemente da significação que lhe serve como base.

O conteúdo temático, nesse enquadramento teórico, não se restringe ao assunto, mas “à maneira como o gênero seleciona elementos da realidade e como os trata na constituição de seu objeto de discurso” (PEREIRA, BRAGA, 2015, p. 312). O conteúdo temático é, então, um conjunto interligado de elementos únicos que apoiam o processo de significação, visto que os sentidos são construídos numa dada situação concreta e se manifestam na enunciação concreta. Ele está, também, vinculado aos aspectos verbais e extraverbais da enunciação, isto é, configura-se como “lugar em que significação + enunciação produzem sentido” (SOBRAL, 2009, p. 75).

Nas ocorrências que mostram negociações com *outro conteúdo temático*, atuavam as diferentes práticas languageiras que produzem efeitos sobre a imagem de qual conteúdo valorar, o dizível na produção de uma resenha acadêmica, inserida numa prática social de escrita acadêmico-científica.

Em Bakhtin (1926), o conteúdo temático, denominado “herói”, ganha *status* de participante da expressão verbal, juntamente com o falante e o interlocutor. Portanto, sua função, no processo de interação verbal, não é acessória, mas inerente, uma vez que o enunciado também se dirige a ele e sofre alterações em função dele. Por conseguinte, por exemplo, quando professores solicitam a acadêmicas de Pedagogia a escrita de uma resenha acadêmica sobre educação, os enunciados produzidos também se dirigem à educação, ao que é permitido ou proibido dizer sobre e para este herói. Sendo assim, entendemos que os sentidos são produzidos na inter-relação autor, interlocutor e suas avaliações sobre o tema.

Outra negociação pouco recorrente, assinalada no Gráfico 4, se deu com *outro autor*, correspondendo a 4% das ocorrências identificadas. Para definição da noção de *outro autor*, ancoramo-nos na concepção de “autor-criador” de Bakhtin (1997). Nessas ocorrências, as rasuras digitais denunciaram a negociação com outro sujeito do discurso, ou seja, com a possibilidade de outro “autor-criador” (cf. BAKHTIN, 1997), tomado com o elemento constitutivo da obra. Assumimos, com base em Bakhtin (1997), que o autor-criador não corresponde ao autor-pessoa ou autor-homem, componente da vida, embora ambos habitem o mundo. Não haveria, portanto, um rompimento entre essas figuras, já que

o autor deve ser compreendido, acima de tudo, a partir do acontecimento da obra, em sua qualidade participante, de guia autorizado pelo leitor. Compreender o autor no mundo histórico de sua época, compreender seu lugar na sociedade, sua condição social (BAKHTIN, 1997, p. 220).

Negociar com outro autor não se trata, empiricamente, de negociar com o autor-homem ou autor-pessoa, ou seja, com a acadêmica que rasura, mas com momentos em que se mostra uma negociação com certa posição axiológica (compreendida como vozes sociais e históricas) refratada e refratante, porque construída a partir da imagem valorada por esse autor-pessoa, absorvendo e refletindo a multiplicidade de vozes do mundo. Em outras palavras, autor é aquele que fala a partir de uma determinada posição ocupada em relação ao seu interlocutor, a partir de diferentes vozes valoradas

pelo autor-pessoa. Mostra-se, nessas ocorrências, o rompimento da ilusória univocidade do (seu) dizer, sinalizando o encontro entre diferentes autores-criadores.

Dando sequência aos resultados apresentados no Gráfico 4, dentre as negociações com diferentes outros menos recorrentes, identificamos que apenas 3% das ocorrências estavam ligadas à negociação com *outro discurso*. Assumimos que *outro discurso* se instaura por meio de palavras que remetem a uma outra realidade concreta de determinada condição discursiva (AUTHIER- REVUZ, 1998), em fronteiras entre o interno (eu falo) e o externo (algo que fala em outro lugar). Desse modo, as não coincidências do discurso com ele mesmo sinalizam a presença de palavras pertencentes a outro discurso, com base no dialogismo e na noção de interdiscurso de Pêcheux, pois se assume que toda palavra se circunscreve no já dito de outros discursos. Por isso, inevitavelmente, a palavra sempre será habitada pelo discurso do outro, tais como em “X, como diz o fulano ou X, no sentido de tal discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 183). Especialmente nas rasuras digitais analisadas, observamos um embate de posições discursivas divergentes sobre a temática do livro resenhado, tais como educação, inclusão e conhecimento.

Em síntese, quando analisadas as diferentes negociações com os diferentes outros nas rasuras digitais presentes na escrita de uma resenha por meio de recursos tecnológicos, a negociação com *outro estilo* foi mais recorrente, acomodando 47% das negociações identificadas. O fato de essa negociação se mostrar tão produtiva se deve à atuação da memória digital, dada a atuação, em alguma medida, do autômato do computador que, ao sugerir caminhos, toma a palavra como sinal a ser identificado, a ser validado pelo escrevente, a partir de um inventário criado pelos caminhos previstos por diferentes escreventes com base numa noção prescritiva de língua. Esse escrevente, por sua vez, ao, supostamente, validar tal caminho, parece buscar alçar ao estilo valorizado pelo endereçamento presumido para a resenha, texto acadêmico-científico, ligado, principalmente, à concepção de língua atrelada às práticas letradas escolares que tendem a valorar apenas uma variante linguística, assumindo-a como um padrão a ser seguido.

Na sequência, para atender ao nosso terceiro objetivo específico, analisaremos se existem tendências nos modos como se mostram as negociações realizadas pelos escreventes com os diferentes outros, organizando as marcas linguísticas recorrentes

e o entrecruzamento entre negociação e tipo de rasura a fim de checar as hipóteses explicativas mais gerais sobre as rasuras digitais.

4.3 As negociações com os diferentes “outros” e tipos de rasuras

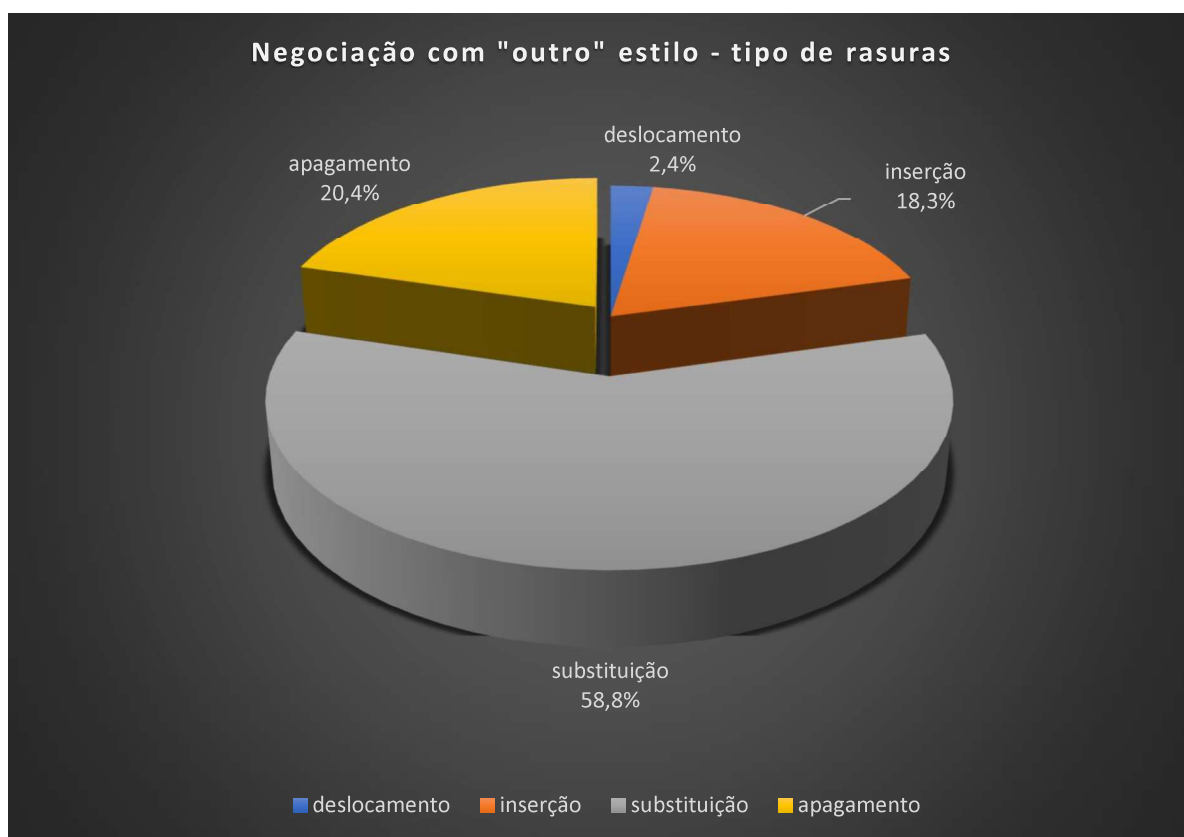
4.3.1 A atuação da negociação com *outro estilo* para emergência de rasuras digitais

Em resposta ao nosso terceiro objetivo específico, o de verificar a existência de tendências nos modos como se mostram as negociações (no sentido de AUTHIER-REVUZ, 1990) realizadas pelos escreventes com os diferentes outros que constituem o (seu) discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990), analisando, para tanto, o entrecruzamento da negociação com o tipo de rasura, nesta seção, examinamos, especificamente, as tendências observadas nas rasuras digitais ligadas à negociação com *outro estilo*.

Para isso, depreendemos que, nessas ocorrências, abrir-se-ia espaço para o não um, ou seja, para a possibilidade de o dizer ser outro mediante a negação de parte do enunciado, sinalizando o encontro com *outro estilo*, sob atuação da memória digital (DIAS, 2019), em função da relação valorativa estabelecida entre escrevente, objeto do discurso e endereçamento projetado.

Sendo assim, partindo dos resultados apresentados na seção anterior, das rasuras digitais ligadas à negociação com *outro estilo* – 47% (290) do *corpus* total –, considerando que, nessas ocorrências, haveria atuação da memória digital, analisamos o entrecruzamento dessa negociação com os diferentes tipos de rasuras (apagamento, inserção, substituição e deslocamento), chegando aos seguintes resultados, descritos no Gráfico 5, na página seguinte:

Gráfico 5: Mapeamento das negociações outro estilo – tipo de rasuras.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nas rasuras digitais ligadas à negociação com *outro estilo*, identificamos a seguinte distribuição por tipo de rasura: 58,8% (170) substituições; 20,4% (59) apagamentos; 18,3% (53) inserções e 2,4% (7) deslocamentos. Compreendemos que o fato de a substituição ter sido mais recorrente indicia atuação da máquina que, ao sugerir caminhos, contribuiria para o gesto de substituição, somadas a rupturas ligadas à imagem de escrita projetada pelo escrevente como valorada pelo endereçamento.

Assim, uma vez que o estilo são dois (autor e interlocutor), o escrevente parece buscar alçar o estilo valorizado nas práticas letradas acadêmico-científicas, autorizando as sugestões indicadas pela máquina, dispositivo que participa da produção de sentidos e sob a qual existe uma ideia de evolução e concepção prescritiva de língua. Para validar essa hipótese e definir tendências, analisamos, isoladamente, todas as ocorrências e propomos uma organização a partir das marcas linguísticas que se mostravam envolvidas, as quais são apresentadas na Tabela 2:

Tabela 2 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com outro estilo.

MARCAS LINGUÍSTICAS	APAGAMENTO	DESLOCAMENTO	INSERÇÃO	SUBSTITUIÇÃO
Dimensão ortográfica	0,4% (1)			21,1% (61)
Dimensão oracional	8,5% (24)	0,7% (2)	4,5% (13)	15% (43)
Pontuação	8% (22)	1% (3)	7,3% (21)	10,4% (30)
Dimensão sintática	3,1% (9)	0,7% (2)	4,5% (13)	4,5% (13)
Vocabulo por ele mesmo				6,5% (19)
Definição de espaços em branco			2% (6)	0,7% (2)
Nomeação	0,4% (3)			0,7% (2)
Total	20,4% (59)	2,4% (7)	18,3% (53)	58,9% (170)

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme a Tabela 2, nas rasuras ligadas à negociação com *outro estilo*, observamos o envolvimento de diferentes fatores linguísticos, tais como: a) *dimensão ortográfica*, quando a rasura está ligada à relação grafema/fonema, à acentuação gráfica ou à definição de maiúsculo e minúsculo em nomes próprios; b) *dimensão oracional*, quando as rasuras estão ligadas à estruturação da oração, particularmente à inserção de conectivos e à estilística da frase; c) *pontuação*, quando ligadas à organização sintática marcada ou indiciada pelos sinais de pontuação; d) *dimensão sintática*, quando ligadas à concordância, regência e à colocação pronominal; e) *Vocabulo por ele mesmo*, quando as rasuras estão ligadas à “escolha” de um vocabulo, especificamente nos momentos nos quais ocorre a substituição de X por X, ou seja, há substituição, mas não há modificação quando comparadas à escrita inicial e à final; f) *definição de espaços em branco*⁸⁶, quando as rasuras mostram ligadas à alocação de espaços em branco para definir paragrafação; g) *nomeação*, para os casos em que a rasura está ligada ao registro de um nome próprio, particularmente, a momentos em que as escreventes se veem em conflito entre registrar o nome completo dos autores do livro resenhado ou apenas parte deste nome.

Embora “b”, “c” e “d” estejam ligados à dimensão sintática da frase, foram separados, tendo em vista que, em “d”, há atuação da máquina nas rasuras, uma vez

⁸⁶ A alocação de espaços em branco tem diferentes finalidades na escrita, como, por exemplo, definir paragrafação, separar palavras e alinhar texto junto à margem. Foi interpretado como negociações com *outro estilo* somente a alocação de espaços em branco ligada à paragrafação, tendo em vista que as demais foram compreendidas como **negociação com outro suporte**, dada as regras de alocação de espaço e necessidade de layout impostas pela escrita digital.

que essas regras são mapeadas e acumuladas algoritmicamente, enquanto em “b” e “c”, essa atuação seria menos evidente.

Na Tabela 2, notamos ainda que, quando as escreventes negociam com *outro estilo*, essa negociação ocorre, principalmente, pela substituição. Ademais, essa substituição ocorre, preferencialmente, quando as rasuras se ligam à dimensão ortográfica – 21,1% (61 rasuras). Já nos demais tipos de rasuras, em que cremos haver maior atuação das escreventes, os apagamentos ligam-se preferencialmente à estruturação da oração – 8,5% (24) – e os deslocamentos e inserções, à pontuação. Assim, em função da diversidade de fatores envolvidos e do nosso objetivo de identificar tendências nos modos como se mostram as negociações, analisamos qualitativamente o entrecruzamento mais recorrente, ou seja, a negociação com o *outro estilo* via substituição ligadas à dimensão ortográfica (21,1%).

Nas substituições ligadas ao *outro estilo*, nos pontos sensíveis de emergência de negociações ligadas à ortografia, o escrevente parece buscar alçar-se à escrita valorizada pelo endereçamento, remetendo à língua como sinal isolado, já que ganham destaque aspectos ortográficos, especificamente, acentuação gráfica e o emprego de maiúsculo/minúsculo em nomes próprios.

Chama-nos a atenção, nesses dados, não somente a marca linguística mais recorrente, a ortográfica, mas a inexistência de rasuras ligadas a conflitos com a relação grafema/fonema, particularmente, as relações arbitrárias, em que um grafema pode corresponder a diferentes fonemas ou um fonema a diferentes grafemas. Reconhecemos, nessa inexistência, a atuação da máquina, uma vez que, ao substituir imediatamente a palavra, não haveria o lapso temporal necessário para o registro da substituição. Portanto, a não ocorrência desse tipo de substituição não significa que elas não existam, já que, em outras práticas escritas, elas se mostram como locais de incidência de registros não convencionais e de rasuras.

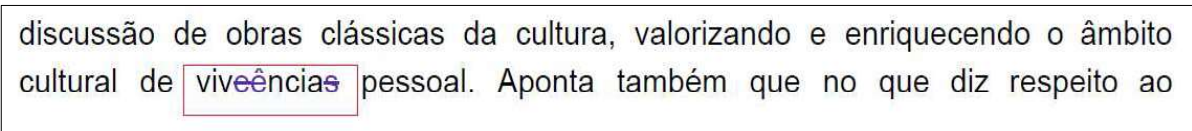
No contexto digital, dada a velocidade de salvamento do *Google Docs*, essas substituições podem não ter sido registradas. Conforme apresentamos na metodologia, o tempo de salvamento das alterações depende da velocidade da internet, mas gira em torno de 30 segundos. Sendo assim, podemos entender que, se o escrevente grafar a palavra de maneira não convencional e, nesse intervalo de tempo, alterar, não gerará, no sistema, uma substituição, embora ela tenha sido

realizada. cremos que, por isso, não foram identificadas rasuras na dimensão ortográfica ligada às arbitrariedades grafema-fonema.

Embora, como destacado anteriormente, a emergência do estilo envolva, pelo menos, duas pessoas – autor (escrevente) e ouvinte (representante autorizado) (BAKHTIN, 1926) – e embora a língua ofereça possibilidades e múltiplas combinações, impõe-se ao escrevente, na maioria das ocorrências, o estilo como tentativas higienizadoras que remetem a uma pequena dimensão do que seja escrever, ou seja, a busca pelo ajustamento da interação a um endereçamento superior, sob a atuação da memória digital, tendo em vista que os ajustamentos realizados foram autorizados ou negados pelas escreventes e amparados por uma noção prescritiva de língua valorada nas práticas letradas escolares. Isso se observa tanto pelas marcas linguísticas identificadas (acento e maiúscula), quanto pelas ausentes (relação grafema/fonema).

Os tipos de rasuras digitais identificados e não identificados, em relação à ortografia, devem-se, portanto, à existência de mecanismos de sugestões do *Google Docs*. Esses, por sua vez, denunciam, imediatamente, com marcação em vermelho, a palavra escrita de modo não convencional⁸⁷, como se pode verificar pela Figura 20.

Figura 20: Rasura digital – substituição - negociação *outro estilo*



discussão de obras clássicas da cultura, valorizando e enriquecendo o âmbito cultural de viveências pessoal. Aponta também que no que diz respeito ao

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente, na Figura 20, registra “vivencia”. Na primeira rasura, a escrevente substitui o registro de “e” por “ê”, inserindo um sinal de acentuação previsto pelas convenções ortográficas. Possivelmente, a acentuação gráfica tornou-se lugar de rasura pela denúncia (marcação tachada em vermelho abaixo da palavra) realizada pela máquina, constituindo-se, portanto, momento no qual a escrevente é levada a considerar a (sua) escrita como registro de um código lógico-matemático.

Desse modo, sinaliza o caráter higienizador conferido à negociação com *outro estilo*, mas, também, indicia a heterogeneidade dos letramentos (digitais, escolares,

⁸⁷ As palavras que sofreram alteração pelo acordo ortográfico de 1990, tais como “assembléia”, não apresentam indicação de desvio pela presença do acento agudo, em algumas versões do *Google Docs*.

científicos) que atuam sobre as imagens que as escreventes fazem sobre si, sobre o endereçamento do gênero e sobre a sua escrita. Essas imagens parecem querer atender às exigências da variedade legitimada pela comunidade na qual visam a se inserir, ou seja, a acadêmico-científica, sendo a dimensão ortográfica valorizada nessas práticas de escrita.

Em síntese, o fato de a maioria das rasuras digitais identificadas ocorrerem ligadas à negociação com *outro estilo*, por meio da substituição, tipo de rasura privilegiado pela máquina (que denuncia e apresenta sugestões de escrita) e o fato de recaírem sobre aspectos ortográficos denunciados por ela, permite-nos compreender que, na escrita de uma resenha acadêmica, por meio de recursos digitais, o estilo, considerando as diferentes possibilidades gramaticais, fraseológicas e gramaticais abertas pela língua, vinculou-se, prioritariamente, a ajustamentos locais higienizadores de adequação entre os participantes da interação (autor-ouvinte), à imagem de língua valorada nas práticas sociais escolares.

Observa-se, nessas rasuras, ecos do letramento autônomo e da perspectiva de letramento como habilidades a serem desenvolvidas pelo escrevente. O fato deste ter sido um lugar mais recorrente pode ser indício de que, ao agenciar gêneros discursivos acadêmicos, o escrevente parece mobilizar, principalmente, uma pequena dimensão da escrita, a ortográfica, a fim de alçar sua escrita à escrita do outro, já que, as rasuras digitais foram menos recorrentes em outros fatores linguísticos mais relacionais, como estruturação oracional e sintática.

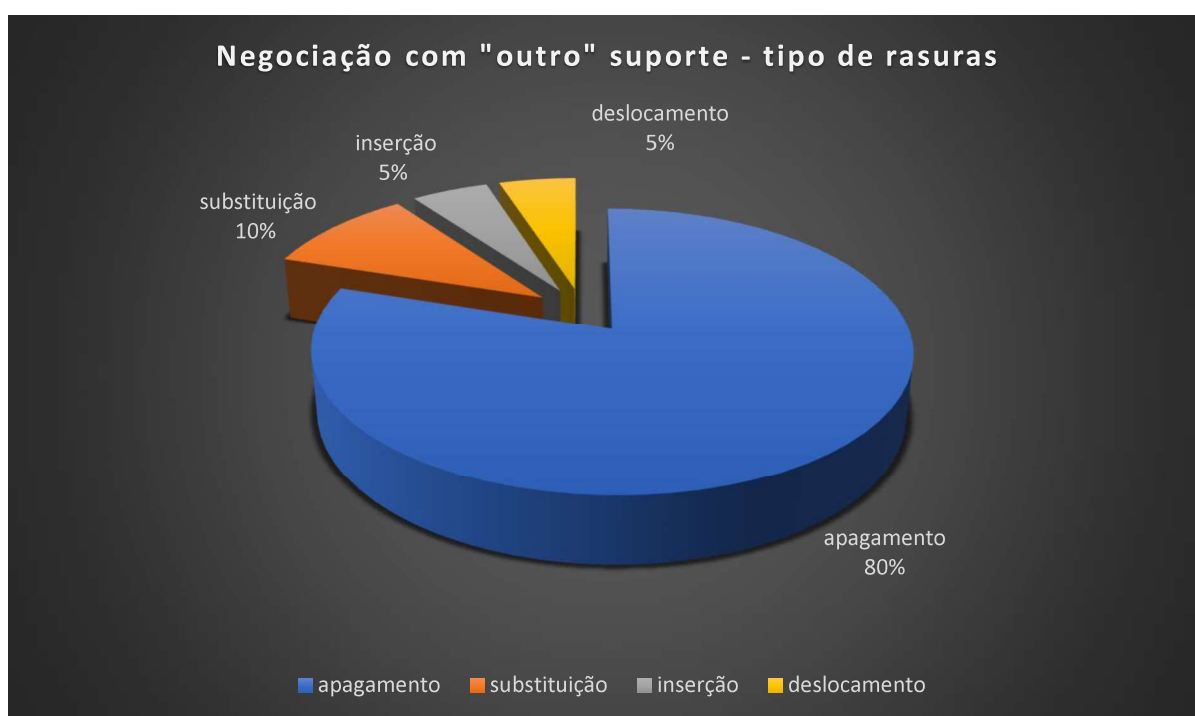
Apresentada a tendência mais recorrente identificada nesta tese, nas seções subsequentes, analisamos as demais negociações, especificamente, da maior para a menor, considerando os dados apresentados na seção 4.2 em que apresentamos quantitativamente as diferentes negociações com os diferentes outros. Por isso, na próxima seção, destacamos as tendências observadas em relação às negociações com *outro suporte*.

4.3.2 O suporte como ponto de partida para a emergência de rasuras

Ainda objetivando definir tendências nos modos como se mostram as negociações realizadas pelas escreventes com os diferentes outros que constituem o (seu) discurso, apresentamos os resultados da segunda negociação mais recorrente.

Para tanto, analisamos os 17% (101), em relação ao total de rasuras digitais, que estavam ligadas à negociação com *outro suporte*. Como adiantado, consideramos que suporte não se limita ao *lócus* físico ou digital, dotado de formato específico, cuja finalidade reside em ser base/ambiente de fixação de um determinado texto (MARCUSCHI, 2003), mas, sim, como dispositivos a partir dos quais os gêneros circulam e que, por conseguinte, participam do processo de significação (KOMESU, 2014). A partir dessa perspectiva, analisamos o entrecruzamento dessa negociação com os diferentes tipos de rasuras (apagamento, inserção, substituição e deslocamento), chegando aos seguintes resultados, descritos no Gráfico 6:

Gráfico 6: Mapeamento das negociações outro suporte – tipo de rasuras.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nas rasuras digitais ligadas a *outro suporte*, identificamos a seguinte distribuição por tipo de rasura: 80% (81) apagamentos; 10% (10) substituições; 5% (5) inserções e 5% (5) deslocamento. Compreendemos que o fato de o apagamento, operação que conta com a atuação da máquina, ter sido mais recorrente indicia que o sujeito parece negociar com a necessidade de ajustamento de um código isolado ao seu representante autorizado, o digital, que, supostamente, lhe conferiria maior poder e controle. A fim de realizar uma análise qualitativa que nos permitisse explicar a

tendência identificada, analisamos todas as ocorrências e mapeamos quais marcas linguísticas se mostravam envolvidas, conforme dados a seguir:

Tabela 3 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com *outro suporte*.

MARCAS LINGUÍSTICAS	APAGAMENTO	DESLOCAMENTO	INSERÇÃO	SUBSTITUIÇÃO
Delimitação de espaços em branco	80% (80)		5% (5)	4% (4)
Registros “testes”				6% (6)
Transferências de trechos em bloco		5% (5)		
Total	80% (81)	5% (5)	5% (5)	10% (10)

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessas ocorrências, observamos o envolvimento de diferentes fatores linguísticos, tais como: a) *delimitação de espaços em branco*, nos quais as escreventes demonstram preocupação com a definição de espaços em branco entre palavras e próximos à pontuação ou margem; b) *registros considerados “testes” do suporte*, nos quais as escreventes, aparentemente, escrevem uma palavra a fim de testar o mecanismo de escrita digital, apagando-a na sequência e; c) *transferência de trechos em blocos*, nos quais as escreventes copiam parágrafos inteiros e os colam no mesmo lugar.

Quando analisados os fatores linguísticos envolvidos, notamos que, na negociação com *outro suporte*, por meio do apagamento e da inserção, as rasuras ligam-se, principalmente, à delimitação de espaços em branco. Quando a rasura se dá por meio de deslocamento, o escrevente parece lidar com a característica facilitadora do suporte de transmissibilidade, deslocando grandes blocos informacionais. Nas substituições, as rasuras residem em registros “teste” sobre o escrever no digital.

Em função da diversidade de fatores envolvidos descritos anteriormente e do nosso objetivo de identificar tendências nos modos como se mostram as negociações, analisamos qualitativamente o entrecruzamento mais recorrente, ou seja, *negociação com o outro suporte*, por meio do apagamento, cuja marca linguística recai sobre a delimitação de espaço em branco.

Quando analisadas as rasuras ligadas à negociação com *outro suporte*, no entrecruzamento com o apagamento, o fator linguístico mais recorrente foi a alocação

de espaços em branco. Interpretamos os espaços em branco da escrita como “signos e/ou sinais gráficos – cujo funcionamento relacionar-se-ia, sobretudo, ao aspecto gráfico-visual do enunciado escrito – responsáveis pela divisão, de diferentes maneiras, do fluxo textual das porções menores (CAPRISTANO, 2007, p. 24-25). Especificamente, na escrita digital, sob atuação da memória digital, o escrevente negociaria com a intersemiose constitutiva dos letramentos digitais, ou seja, a imagem que a escrevente projeta para a (sua) escrita e sobre a (sua) escrita no digital, que não autorizaria idiosincrasias de espaçamento.

Como destacado na seção anterior sobre o estilo, a delimitação de espaços em branco tem diferentes funcionalidades na língua, especificamente, quando relacionada a *outro suporte* por meio do *apagamento* ocorreram: a) antes da pontuação, 75,4% (61); b) em locais de margem, 9,8% (08); c) depois da pontuação, 7,4% (06); d) entre palavra, 7,4% (06). Nos casos mais recorrentes, notamos um diálogo com a necessidade de exclusão do espaço em branco antes de pontos ou vírgulas, tais como o exemplo a seguir:

Figura 21: Rasura digital - apagamento - outro suporte

E muito bom que exista estas diversidades no ambiente escolar, a valorização devem fazer parte do dia a dia dentro da sala de aula, os alunos devem aprender a não aceitar todo e qualquer tipo de discriminação, seja ela as diferenças de raça, cultura, socioeconômico, nacionalidade, idade ou orientação sexual, a escola pode trabalhar estas a diversidade em modo de trabalhos, palestras, entre outras coisas.

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente, conforme Figura 21, nas dez ocorrências em destaque, apaga os espaços em branco alocados antes da vírgula. Embora os espaços em branco sejam signos que projetam relações gráfico-visuais do enunciado, as rasuras digitais identificadas recaem, exclusivamente, sobre espaços em branco antes da pontuação, uma vez que não há marcação de apagamentos ou rasuras nos espaços não convencionais das margens, por exemplo. Portanto, na negociação com *outro suporte*, via apagamento, o lugar privilegiado para essa negociação com a dimensão gráfico-visual dos enunciados foi a definição de espaços próximos à pontuação.

Esse tipo de rasura foi identificado em 75,4% das ocorrências. Entendemos que, embora esse lugar seja reforçado pelo autômato que, matematicamente, define a quantidade de espaços, não podemos considerar essas rasuras como meras operações algoritmizadas, tendo em vista que, em outros lugares (diferentes dos próximos à pontuação), a distribuição não homogênea de espaços em branco não se mostrou significativa para as escreventes. Alocar espaços em branco próximos à pontuação é, pois, um lugar supostamente valorado pelo endereçamento projetado pelo escrevente, quando analisadas as dimensões de *layout* da escrita digital. Portanto, o fato de 75,4% das rasuras digitais ligadas ao *outro suporte* se darem próximos à pontuação constitui-se como indício da heterogeneidade dos letramentos.

Em síntese, as rasuras digitais que indiciam negociação com *outro suporte* ocorrem, principalmente, por meio do apagamento ligado à delimitação de espaços em branco, quando registrados antes de um sinal de pontuação. O apagamento neste lugar pode se dar pela possibilidade de definição de espaços algoritmizáveis, mas, sobretudo, o fato de as escreventes apagarem espaços, neste local, entre palavra e pontuação, sinaliza uma negociação com dimensões estéticas do *layout*, que supõem valorada pelo seu endereçamento que, mesmo no texto manuscrito, não admitiria a presença de espaços.

Assumimos que, nas rasuras ligadas ao *outro suporte*, via apagamento, em espaços entre palavra e pontuação, se mostra a atuação da memória digital, sinalizando indícios da heterogeneidade dos letramentos (manuscritos e digitais). Nesses momentos, o sujeito parece negociar com a organização estética da escrita, ancorando-se nas suas práticas letradas (manuscritas e digitais) sob atuação da memória digital.

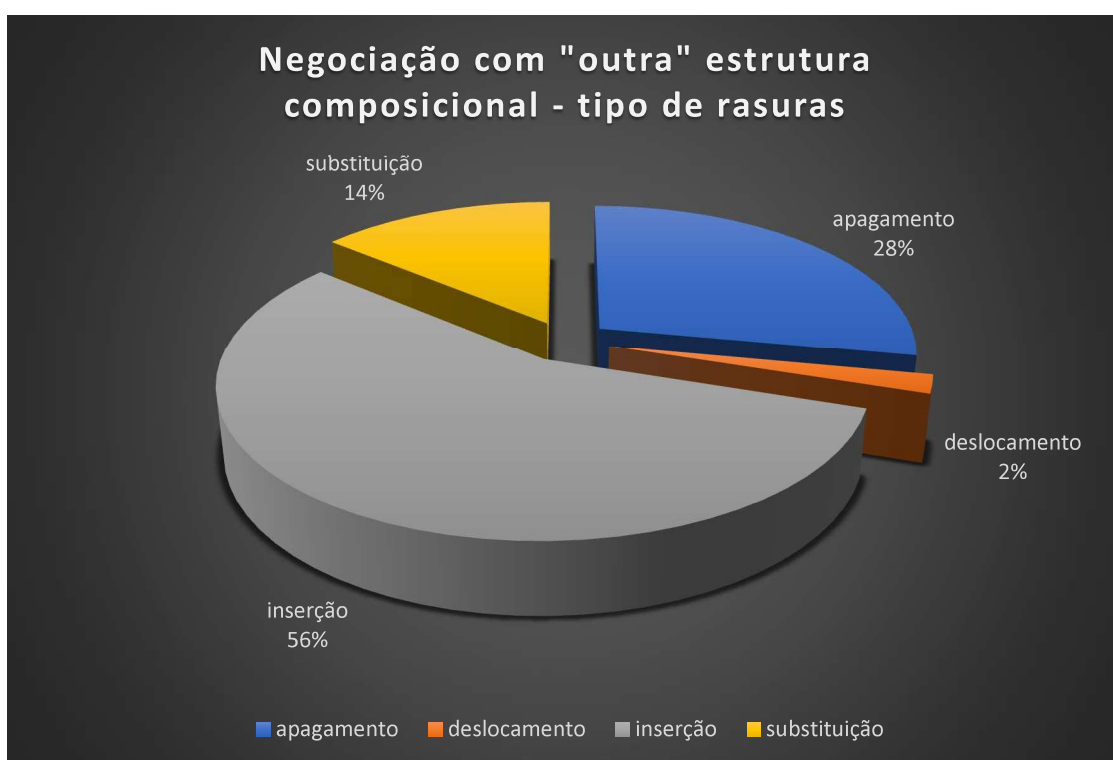
Para dar sequência ao presente estudo, na próxima seção, apresentamos as tendências identificadas na análise das rasuras cuja negociação se dava com outra estrutura composicional.

4.3.3 Os efeitos da estrutura composicional nas rasuras digitais.

Nesta seção, atendendo ao objetivo de definir tendências nos modos como se mostram as negociações realizadas pelos escreventes com os diferentes outros que constituem o (seu) discurso, partimos das 84 rasuras digitais (14% das negociações

identificadas) ligadas à negociação com *outra estrutura composicional*, analisando as rasuras digitais em relação ao seu entrecruzamento com os tipos de rasuras. Para tanto, consideramos que essas rasuras sinalizam o encontro de relações intergenéricas, ou seja, constituem-se como vestígios de outras formas composicionais de gêneros, numa “convivência sincrônica” (cf. CORRÊA, 2006) entre o gênero proposto e *outros gêneros* com os quais este dialoga, numa relação de réplica que indicia a natureza heterogênea dos letramentos (LUIZ SOBRINHO, 2018). Com base nessa concepção, ao analisarmos o entrecruzamento da negociação com *outra estrutura composicional* e tipo *rasura*, chegamos aos seguintes resultados:

Gráfico 7: Mapeamento das negociações outra estrutura composicional – tipo de rasuras.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nas rasuras digitais ligadas à outra estrutura composicional, identificamos a seguinte distribuição por tipo de rasura: 56% (46) inserção; 28% (24) apagamento; 14% (12) substituição e; 2% (2) deslocamento. Como adiantamos na Seção 4.1, acreditamos que, nas inserções e deslocamentos, há maior participação do escrevente e menor submissão ao autômato, contudo, cabe-nos verificar quais as marcas linguísticas que foram inseridas, a fim de avaliar os lugares preferenciais para sua emergência e em que medida esses lugares remeteriam aos participantes

escrevente-máquina. Assim, analisamos todas as ocorrências e mapeamos as marcas linguísticas que se mostravam envolvidas, conforme dados a seguir:

Tabela 4 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com *outra estrutura composicional*.

MARCAS LINGUÍSTICAS	APAGAMENTO	DESLOCAMENTO	INSERÇÃO	SUBSTITUIÇÃO
Capa, rodapé e cabeçalho de trabalho escolar	2% (2)	1% (1)	18% (15)	1% (1)
Títulos ou subtítulos	8% (7)	1% (1)	5% (4)	1% (1)
Referências bibliográficas	17% (14)		12% (10)	4% (3)
Dados do escrevente				
Inform. autores e/ou da obra			7% (6)	1% (1)
Indicação de página			4% (3)	
Fonte/tamanho letra				6% (5)
Demarcação da fonte do dizer	1% (01)		10% (8)	1% (1)
Total (100% - 84)	28% (24)	2% (2)	56% (46)	14% (12)

Fonte: Dados da pesquisa.

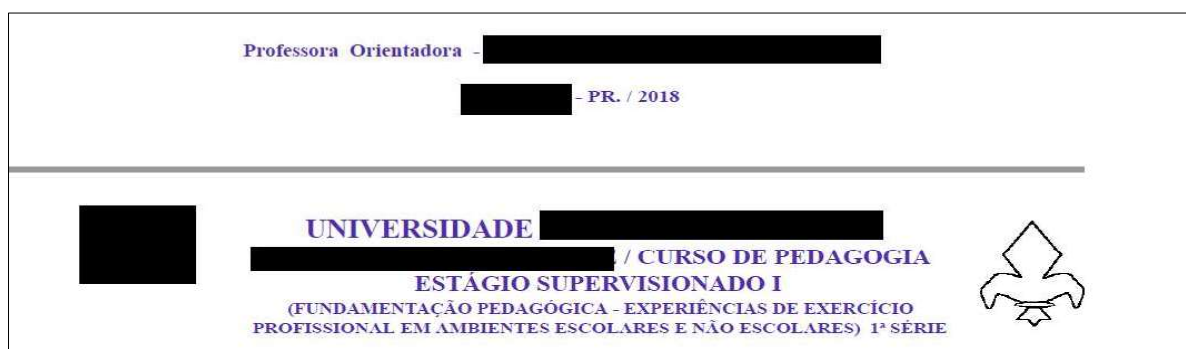
Nessas ocorrências de rasuras digitais ligadas à negociação com *outra estrutura composicional*, observamos o envolvimento de diferentes fatores linguísticos, como: i) *presença/ausência de capa, rodapé e cabeçalho de trabalho escolar* (momentos nos quais os escreventes ora inserem elementos composicionais do gênero resenha acadêmica ou trabalhos escolares); ii) *presença/ausência de títulos ou subtítulos* (em que os escreventes lidam com a imagem da necessidade ou não da presença/ausência de títulos e subtítulos ao longo do gênero resenha); iii) *referências bibliográficas* (ocorrências ligadas à necessidade ou não de indicação de referências bibliográficas); iv) *dados do escrevente* (negociação com presença (ou não) da inserção do nome do resenhista no texto); v) *informações dos autores e/ou da obra* (ocorrências ligadas à necessidade de apresentação de dados da obra e dos autores do livro); vi) *indicação de página da citação* (ocorrências ligadas à presença/ausência de indicação de paginação ao longo das citações e/ou paráfrases da obra resenhada); vii) *fonte e tamanho letra* (ocorrências ligadas à preocupação com a apresentação visual e/ou normas de trabalhos científicos); viii) *demarcação da fonte do dizer* (ocorrências ligadas à demarcação das vozes na resenha ou comentário

metaenunciativo, do locutor com sua própria palavra que se torna receptor do seu próprio dizer (cf. AUTHIER-REVUZ, 2008a).

Acrescentamos ainda que, quando as escreventes negociaram com *outra estrutura composicional*, mostraram-se vários fatores linguísticos, sendo mais recorrente a presença/ausência de capa, cabeçalho e rodapé. Em função da diversidade de fatores envolvidos descritos anteriormente e do nosso objetivo de identificar tendências nos modos como se mostram as negociações, analisamos qualitativamente o entrecruzamento mais recorrente, ou seja, a negociação com *outra estrutura composicional* por meio da inserção cuja marca linguística recai, principalmente, sobre a capa, rodapé e cabeçalho de trabalho escolar 18% (15) e apagamentos cuja marca linguística envolvida se dá nas referências bibliográficas, sendo 17% (14).

Nas ocorrências mais recorrentes, rasuras ligadas à negociação com *outra estrutura composicional*, por meio da inserção de elementos composicionais que recaem sobre a capa, rodapé e cabeçalho de trabalhos escolares, foram identificadas 18% (15). Nessas ocorrências, reconhecemos a natureza interacional do gênero, em que um autor escreve projetando a imagem de um destinatário, contudo, não como sujeito empírico, mas como posição de sujeito. Portanto, nessas rasuras, nas quais aparece a inserção de elementos da estrutura composicional presentes em diferentes gêneros acadêmico-científicos, mas também daqueles denominados “trabalhos escolares”, se mostraria um dos diversos outros que, constitutivamente, fazem parte do Outro, conforme Authier-Revuz (1990), logo, interlocutor não concretizado, mas participante, que suscitaria ajustamentos na estrutura composicional, tais como do exemplo a seguir:

Figura 22: Rasura digital – inserção – estrutura composicional.



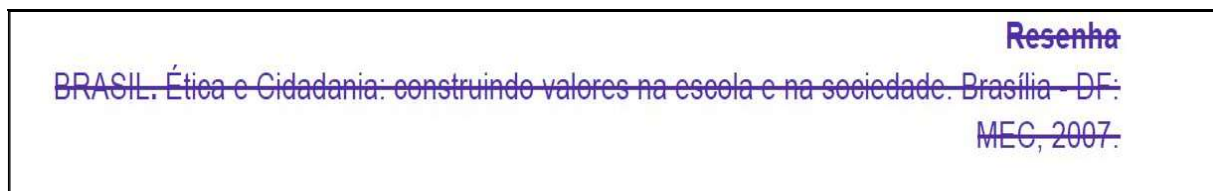
Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente insere capa, elemento da estrutura composicional de trabalhos escolares e não verbalizado como necessário na resenha acadêmica, durante a oficina ministrada. Consideramos, como já antecipamos nesta tese, que a “imagem dos “outros/destinatários não são, pois, figuras exteriores, molduras para os enunciados produzidos pelo sujeito, mas, sim, elementos constitutivos desses enunciados” (CAPRISTANO, OLIVEIRA, 2014, p. 350). Por conseguinte, as “várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p.305) e, nas rasuras digitais, mostraram-se nos arranjos ligados também à estrutura composicional.

Portanto, ao inserir capa, rodapé ou cabeçalho, reconhecemos a presença de uma negociação localmente marcada na estrutura composicional devido a ecos de diferentes endereçamentos, neste caso, àqueles das práticas sociais de escrita institucionais manuscritas que exigem, bem como padronizam, no caso da instituição estudada, a apresentação da capa como elemento fundamental, fazendo ver um resíduo que escapa, produzindo sentidos outros, dada a memória digital. Observa-se, nesse resíduo, uma marca da heterogeneidade dos letramentos, tendo em vista os ecos de outras práticas escolares.

Em outras ocorrências, também recorrentes, 17% (14) das rasuras digitais estavam ligadas à negociação com *outra estrutura composicional*, por meio de apagamento, localmente marcadas nas referências bibliográficas do texto resenhado, o escrevente ora apaga (17% – 14), ora insere (12% – 10) as referências bibliográficas da obra resenhada, como nos exemplos a seguir:

Figura 23: Rasura digital – apagamento – outra estrutura composicional.



Fonte: Dados da pesquisa.

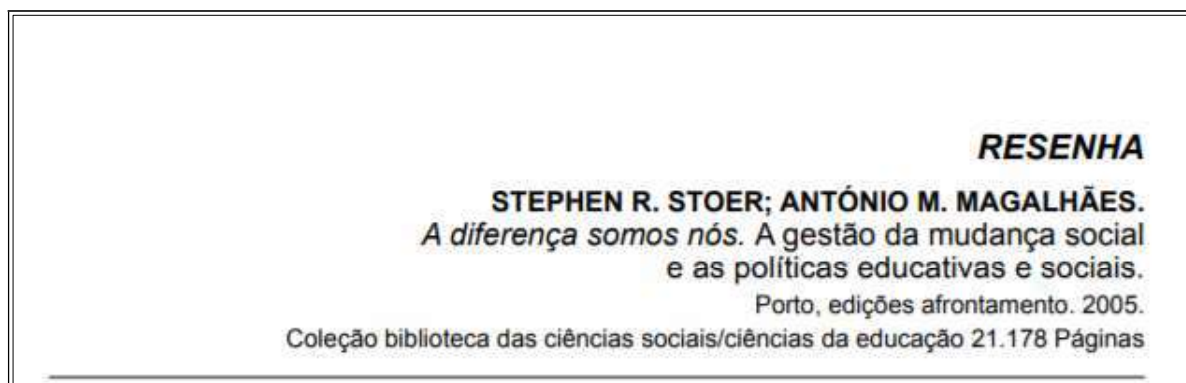
Figura 24: Rasura digital – inserção – outra estrutura composicional.



Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 23, a escrevente apaga as informações das referências bibliográficas da obra resenhada. De modo diferente, na Figura 24, a escrevente insere os dados de referências bibliográficas, indiciando uma tentativa de decalque deste componente linguístico do gênero, tomando por base um dos modelos de resenha apresentados na oficina, conforme Figura 25:

Figura 25: Modelo de resenha compartilhado.



Fonte: Dados da pesquisa.

Esse “decalque” se constitui como uma forma de reverberação dos modelos de resenhas apresentados na oficina e interpretado como tentativa de alçamento ao endereçamento conferido à escrita acadêmico-científica, um diálogo com a (sua) escrita e a escrita autorizada, considerada homogênea. A rasura digital (Figura 24) sinaliza que não há, nessa circunstância, construção de formas, mas repetição, que não se limita ao sugerido pela máquina, deixando subjacente a existência de uma cultura homogênea das convenções de escrita que regulariam o gênero.

Assim, caberia à escrevente, para incorporar essa cultura, apenas “vestir a máscara acadêmica”, integrando-se a práticas pela repetição e pelo acúmulo, de uma imagem de língua como sinal algoritmizável, facilitada pelos recursos de copiar e colar, mas sinaliza, também, uma tentativa de a escrevente atender a relação valorativa estabelecida com o objeto do seu discurso e com o endereçamento projetado para a (sua) escrita.

Notamos, portanto, que a escrita e a escrevente, nessas circunstâncias, recorrem aos recursos do algoritmo, mediante à repetição do mesmo, num exercício de mimetismo, similar a um aluno que, em suas incursões iniciais com a escrita manuscrita, tenta reproduzir a caligrafia da professora, considerando ilusoriamente aquele traçado como o padrão único a ser seguido, já que a repetição não é somente da ordem da máquina, mas do enunciado, único como acontecimento, mas aberto à repetição, uma vez ligado àqueles que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008).

Todavia, vale destacarmos que o mimetismo não se deu em uma marca linguística aleatória, mas num ponto sensível, as referências bibliográficas, lugar sob o qual ecoa *status* de credibilidade na escrita acadêmico-científica. Logo, as ocorrências de apagamento e/ou de inserção das referências bibliográficas podem ser consideradas índices locais da negociação do sujeito com a imagem de escrita autorizada, a escrita outra, a acadêmico-científica. Em outras palavras, ilusoriamente, o escrevente, ao realizar o mimetismo (cópia da formatação e estrutura de uma das resenhas modelo), parece buscar alçar a imagem de escrita acadêmico-científica, num ponto sensível que denota autoridade na escrita acadêmico-científica.

Em síntese, as rasuras digitais que indiciam negociação com *outra estrutura composicional* sinalizam que a inserções de capa, rodapé e cabeçalho, são elementos composicionais que evocam a diversidade de endereçamentos (avaliação, professor, universidade, escrita acadêmico-científica, trabalho escolar, dentre outras). Ao mesmo tempo, também indiciam a natureza heterogênea dos letramentos, sempre plurais, dada a presença desses elementos não verbalizados como necessários durante a oficina, mas presentes como ecos de outras produções textuais, pertencentes aos gêneros trabalhos escolares.

Mesmo nas ocorrências em que se percebe apenas a repetição de um dos modelos apresentados, reconhecemos que a escrevente negocia, sob a atuação da memória digital, com exigências sócio-historicamente constituídas por diferentes

destinatários sobre o que dizer, como dizer e o que valorizar numa prática de escrita acadêmico-científica.

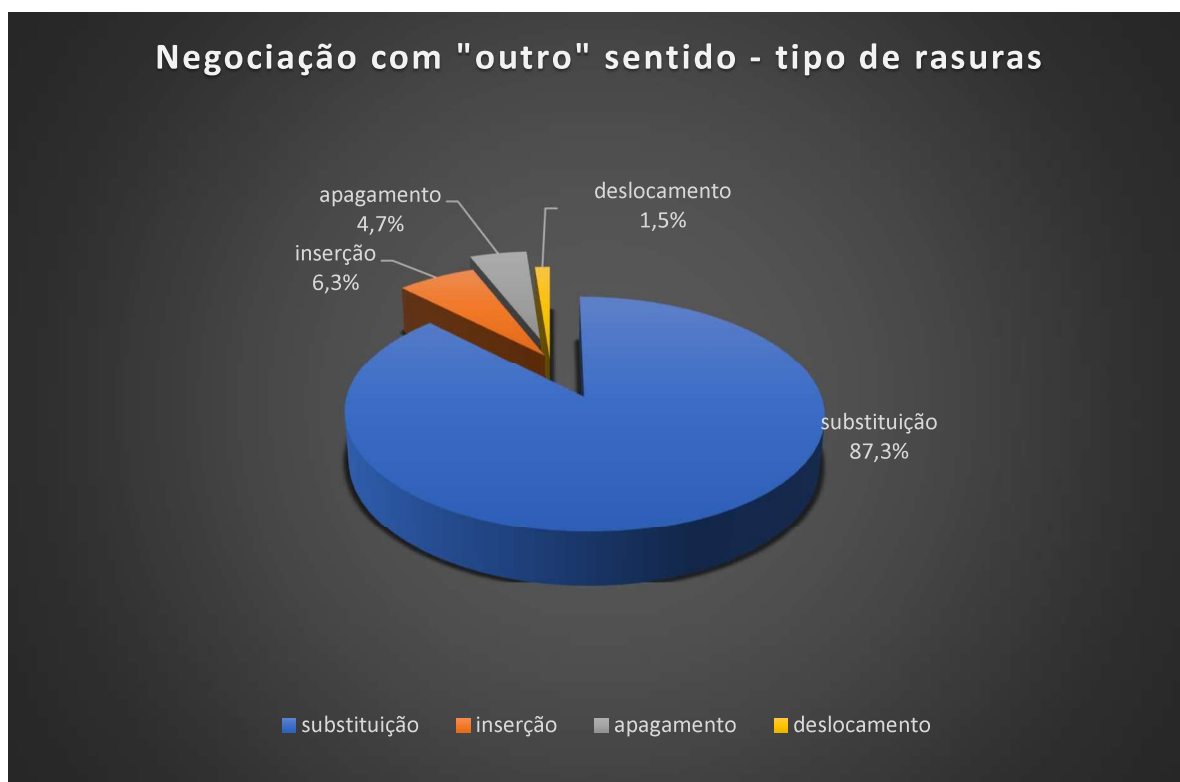
Na próxima seção, ainda analisando as tendências das negociações menos recorrentes, apresentamos os resultados da negociação com outro sentido.

4.3.4 Na fronteira entre memória discursiva e memória digital: negociações com outros sentidos

Nesta seção, dando sequência à análise qualitativa, a fim de verificar a existência de tendências nos modos como se mostram as negociações realizadas pelos escreventes com os diferentes outros que constituem o (seu) discurso, analisamos, especificamente, as tendências observadas em relação ao *outro sentido*, examinando o entrecruzamento entre a negociação e o tipo de rasura e a marca linguística recorrente.

Para tanto, como adiantamos na seção 4.2, compreendemos *outro sentido* nas ocorrências que indiciam uma não coincidência das palavras com elas mesmas, abrigando rasuras que parecem jogar com outros sentidos, em movimentos como polissemia, homonímia, sinonímia, metáforas ou trocadilhos (AUTHIER-REVUZ, 2004). Nas rasuras digitais ligadas à negociação com outro sentido, haveria atuação da memória digital que acomoda sentidos sugeridos ou não pela máquina, os quais são, ilusoriamente, aceitos, negados ou criados a fim de atender à imagem de escrita valorada pelo endereçamento projetado para o gênero.

A partir desse escopo teórico, organizamos as rasuras digitais ligadas à negociação com *outro sentido*, em relação aos tipos de rasuras, chegando aos dados apresentados no Gráfico 7, na página seguinte.

Gráfico 7: Mapeamento das negociações *outro sentido* – tipo de rasuras

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando observadas as rasuras ligadas à negociação com *outro sentido* (63, 10% das rasuras digitais identificadas neste estudo), destacamos a seguinte distribuição: substituição 87,3% (55), inserção, 6,3% (4), apagamento, 4,7% (3) e deslocamento 1,5%.

Compreendemos que o fato de a substituição ter sido o tipo de rasura mais recorrente, como também identificado nas rasuras cuja negociação com outro estilo (Seção 4.3.1), indicia a atuação do autômato, que apontaria para alguns sentidos (autorizados ou não pelo escrevente), apagando outros, portanto, sinalizando a atuação da memória digital sobre o sujeito e sobre o (seu) dizer. Haveria um indício de um fracasso no alçamento da suposta palavra certa, valorizada pelo outro nas práticas acadêmicos-científicas, sob atuação da memória digital. Contudo, para melhor refinar essa hipótese, mapeamos todas as ocorrências, organizando-as a partir das marcas linguísticas que se mostravam envolvidas, conforme dados apresentados na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com *outro sentido*.

MARCAS LINGUÍSTICAS	APAGAMENTO	DESLOCAMENTO	INSERÇÃO	SUBSTITUIÇÃO
Sinonímia/Antonímia	1,6% (1)			77,8% (49)
Operadores argumentativos /modalizadores	3,2% (2)	1,6% (1)	6,3% (4)	
Estruturação sintático-semântica				9,5% (6)
Total (100% – 63)	4,8% (3)	1,6% (1)	6,3% (4)	87,3% (55)

Fonte: Dados da pesquisa.

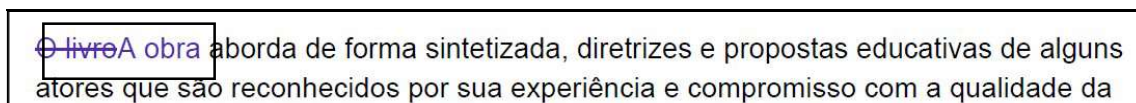
Nessas ocorrências, observamos o envolvimento de diferentes fatores linguísticos: a) *sinonímia/antonímia/homofonia* (permuta de uma palavra por outra que abrigam relações semânticas); ii) *operadores argumentativos e/ou modalizadores* (relação estabelecida por meio de modalizadores e operadores argumentativos); e iii) *estruturação frasal* (efeitos de sentido vinculados à estrutura sintático-semântica do enunciado).

Quando, por exemplo, as escreventes marcam a negociação por meio da substituição, o fator linguístico de maior recorrência reside nas relações sinonímicas/antonímicas, em que ocorre um intercâmbio lexical local. Todavia, nas inserções, nos deslocamentos e nos apagamentos, tipos de rasuras que cremos haver maior atuação da escrevente, as negociações se dão com os operadores argumentativos e modalizadores, que atuam numa base relacional ao longo do enunciado. Nessas ocorrências, em função do envolvimento de um número pequeno de marcas linguísticas e ocorrências, em vez de analisarmos somente o tipo mais recorrente, como fizemos nas seções anteriores, optamos por analisar o tipo mais recorrente presente em cada marca linguística.

Nas ocorrências mais recorrentes, rasura digital ligada a *outro sentido*, por meio da substituição, envolvendo estabelecimento de relações sinonímicas⁸⁸, conforme exemplo a seguir, a escrevente substitui um item lexical por outro, estabelecendo entre eles uma relação semântica de sinonímia:

⁸⁸ Entendemos que não existem sinônimos perfeitos, os quais só existem numa categorização de listagem destituída de análise contextual.

Figura 26: Rasura digital – substituição - outro sentido



Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente, na Figura 26, inicialmente, registra “O livro”, no primeiro gesto, abandonando, substituindo por outro, “A obra”. Esse tipo de rasura sinaliza a presença de um embate entre duas possibilidades de sentido da língua “o livro x a obra”. Os enunciados (escritos e abandonados) indiciam uma relação de sinonímia, na qual se perceberia a cisão e a possibilidade de o dizer ser outro. Logo, sinal de um “encontro dos enunciadores com o equívoco que joga suas palavras” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 25), que mostra o encontro com o não-um, ligado ao “sentido a mais”, podendo-se interpretar a ocorrência como gesto de: “O livro, eu falhei dizendo ‘o livro’, A obra”.

Vale destacar que poderíamos atribuir a essas substituições ligadas à sinonímia à atuação da língua lógico-matemática, devido ao autômato “catalogar possíveis sinônimos”, todavia, ao observarmos os pares, escrita “abandonada” e escrita “escolhida”, essa afirmação não se comprova, tendo em vista que, em muitas ocorrências, a máquina não apresenta tais opções sinonímicas, tais como: sociedade/meio social; ética e cidadania/tema; alega/defende; participa/modifica, dentre outras.

Portanto, consideramos que, embora a máquina facilite a operação de substituição, essas rasuras não podem ser conferidas isoladamente a ela, já que remetem à tentativa de o sujeito “fiar-se na existência de uma ‘comunidade de sentido’” (CORRÊA, 2020, p. 71), numa rejeição de um sentido em relação a outro. Nos estudos de Corrêa (2020), por exemplo, observam-se tentativas de o professor/pesquisador, ao longo da (sua) escrita, alçar uma “língua homogênea e sem conflito”, apagando, para isso, as especificidades (consideradas defeitos), buscando promover a aproximação com o outro (produção local de pesquisa institucionalizada).

Nesta tese, analogamente, cremos ocorrer uma tentativa de a escrevente alçar a língua do outro (aqui considerado, instituição, campo científico), indiciando o alçamento a uma escrita outra, pertencente a uma posição hipoteticamente superior, uma ruptura aberta pela memória digital.

No segundo tipo de marca linguística identificada, as marcas linguísticas recaem nos operadores argumentativos e/ou modalizadores, mediante a inserção, conforme exemplo da Figura 27, na página a seguir.

Figura 27: Rasura digital – substituição – outro sentido.

O livro reúne obras de profissionais renomados, de muita qualidade e visivelmente apaixonados por seu trabalho, com conhecimentos agregadores, além de relacionar muito bem a disciplina de Filosofia, já que ilustra a necessidade de desenvolver seres críticos, reflexivos, democráticos, ..., capacidades atribuídas por tal disciplina, também é muito

Fonte: dados da pesquisa.

A escrevente, conforme a Figura 27, registra: “O livro reúne obras de profissionais renomados, de muita qualidade e apaixonados por seu trabalho”; em seguida, insere um advérbio, registrando: “O livro reúne obras de profissionais renomados, de muita qualidade e visivelmente apaixonados por seu trabalho”, portanto, insere “visivelmente”. A inserção do advérbio modalizador confere uma avaliação, ou seja, o ponto de vista da imagem que a escrevente faz sobre os autores da obra, projetando, após a inserção, certo grau de certeza.

Nesse tipo de envolvimento, diferentemente das ocorrências anteriores que parecem operar localmente sobre o léxico (num intercâmbio de palavras), a escrevente parece lidar com a base relacional ao longo da construção sintático-semântica do enunciado, sobretudo, escapando da estrutura totalizante, um indício da atuação da memória digital, construída ao longo da imagem que a escrevente faz sobre o gênero discursivo resenha, que pressupõe apresentação crítica da obra resenhada.

No terceiro tipo de marca linguística identificada, denominado de “estruturação sintático-semântica” por meio da operação de substituição, a escrevente parece lidar com a relação sintático-semântica dos enunciados, conforme exemplo a seguir;

Figura 28: Rasura digital – substituição – outro sentido.

Dando continuidade no capítulo, Moral e ética são palavras muito parecidas, porém seus significados são distintos. ~~O livro também entra em um assunto que diz respeito ao trabalho que deve ser feito com alunos, a fim de que os mesmo reflitam sobre suas condutas e as dos demais~~O trabalho proposto neste capítulo refere-se a uma atividade onde os alunos são levados a reflexão sobre suas condutas, comportamentos e as dos demais, na sociedade, mas que essa reflexão seja feita por meio de princípios. Porém, é importante ressaltar que não é dever apenas da instituição escolar educar moralmente as novas gerações, este é um trabalho onde tem de haver também a participação da família, sociedade e seu entorno. A moralidade humana deve ter seu enfoque no contexto histórico, social e

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente, na Figura 28, registra “*O livro também entra em um assunto que diz respeito ao trabalho que deve ser feito com os alunos, a fim de que os mesmo reflitam sobre suas condutas e as dos demais, mas que essa reflexão seja feita por meio de princípios*”. Posteriormente, substitui por “*O trabalho proposto neste capítulo refere-se a uma atividade onde os alunos ao levados a reflexão sobre suas condutas, comportamento e as dos demais, na sociedade, mas que essa reflexão seja feita por meio de princípios*”.

Notamos que, embora a operação de substituição tenha, na nossa interpretação, a atuação algorítmica, em ocorrências como essa podemos observar a atuação do escrevente que substitui, sem apoio dos facilitadores, buscando apagar a possibilidade de equívoco da linguagem. De modo similar, embora quantitativamente poucas, nas rasuras ligadas aos operadores argumentativos, não há a manipulação de itens lexicais isolados, mas, sim, o agenciamento de recursos da língua em sua base relacional, visando fiar-se a um sentido valorado pelo endereçamento.

Em síntese, os fatores linguísticos de envolvimento das rasuras ligadas à negociação com *outro sentido* residem, principalmente, no reconhecimento de relações sinonímicas, por meio da substituição, contudo, algumas ocorrências também incidem sobre os operadores argumentativos, ou modalizadores, ou estruturação frasal. No tipo de rasura mais recorrente, substituição ligada à sinonímia, embora a escrevente opere a língua em recursos lexicais isolados, não há mera atuação da máquina por meio de mapeamento de possíveis sinônimos, pois a escrevente parece buscar alçar-se à imagem de escrita acadêmico-científica, pertencente a uma posição superior, a outra escrita, sob a atuação da memória digital,

num gesto de escape à regulação algorítmica, tendo em vista que não se limita aos vocábulos sugeridos pelo autômato, mas trilha outros caminhos abertos na língua.

Já as marcas linguísticas menos recorrentes, ligadas à estruturação frasal, novamente, se dão, principalmente, por meio da substituição, em que a escrevente parece não lidar com pontos localmente marcados em itens lexicais, mas com a possibilidade do equívoco, sempre lá, buscando rompê-lo por meio de substituições sintático-semânticas que supõe mais “claras” e coerentes ao endereçamento projetado para o gênero discursivo.

Por fim, nas marcas linguísticas ligadas a modalizadores e/ou operadores argumentativos, a operação mais recorrente foi a inserção de vocábulos, tais como os advérbios, a fim de marcar posicionamento sobre o dizer, buscando, assim, atender a características do gênero resenha acadêmica, que supõe uma apresentação crítica da obra resenhada.

4.3.5 A atuação de *outro conteúdo temático* sob a emergência das rasuras digitais

Nesta seção, objetivamos analisar as tendências identificadas nas rasuras digitais ligadas à negociação com *outro conteúdo temático*. Como antecipado, partimos da compreensão de *conteúdo temático* como o dizível, não numa visão ingênua de assunto, mas no domínio de sentido ocupado pelo gênero, portanto, parte integrante da significação (BAKHTIN, 2003). As resenhas acadêmicas apresentam, de modo geral, determinado conteúdo temático, composto pela apresentação concisa e avaliação de uma determinada obra. Na organização que propomos para os nossos dados, observamos a seleção informacional, bem como a atribuição de sentidos do conteúdo considerado essencial, uma vez que reconhecemos o tema ligado à situação concreta, expressão verbal e extraverbal.

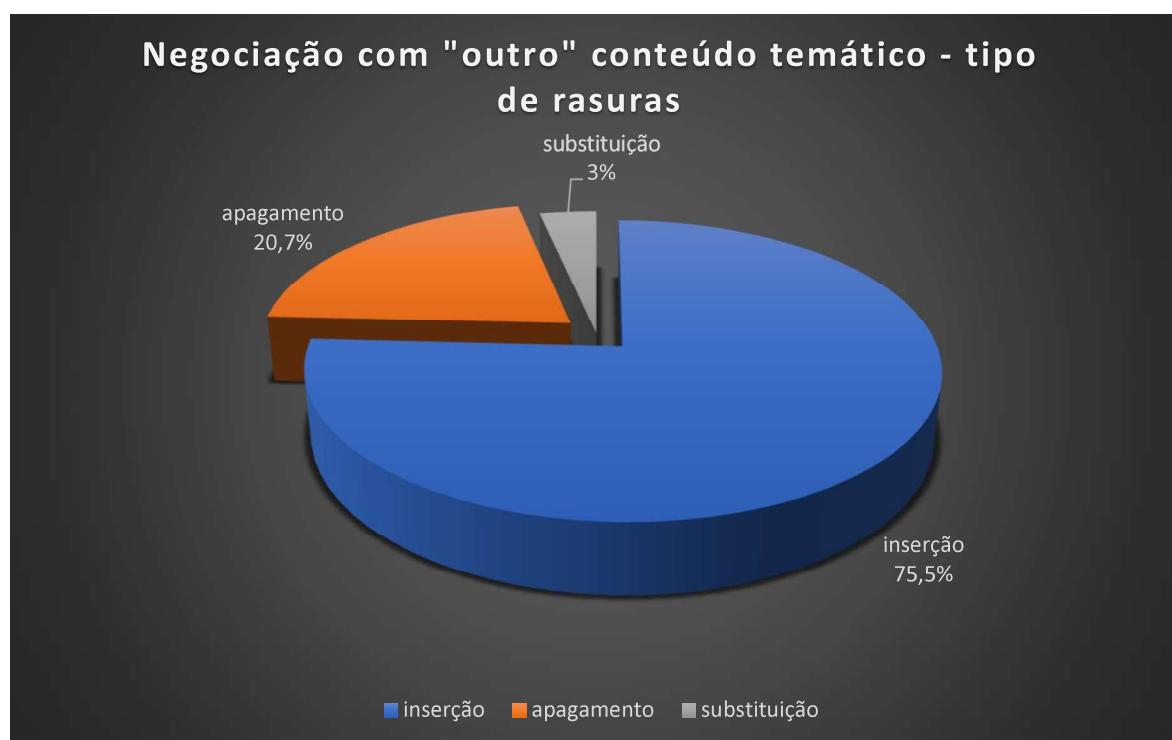
As rasuras digitais que indiciam negociação com outro conteúdo temático sinalizam, direta ou indiretamente, momentos em que o escrevente parece achar possível alçar-se a uma *exauribilidade semântico-objetiva* do tema do enunciado. Toma-se aqui o conceito de exauribilidade semântico-objetiva de Bakhtin (2016) como aspectos ligados à necessidade de conclusibilidade do enunciado, a fim de que se abra a possibilidade de resposta. Essa plenitude, destaca o mesmo autor, é

determinada por três fatores, a exauribilidade semântica objetal, o projeto de discurso e as formas típicas de composição.

Conforme Bakhtin (2003), alguns gêneros mais factuais possibilitam a exauribilidade temática, contudo, em gêneros como o de nossa pesquisa (científicos), essa possibilidade seria alcançada de forma relativa, já que haveria um mínimo de acabamento que abriria espaço à posição responsiva. Esse mínimo, por sua vez, seria definido na negociação com a inserção, exclusão, substituição de conteúdos a fim de construir uma resenha acadêmica sobre um determinado tema (educação), para um determinado interlocutor, em que os sentidos seriam construídos pela inter-relação autor, interlocutor e tema.

Com base nessa perspectiva teórica, quando analisadas as rasuras digitais ligadas à negociação com *outro conteúdo temático* e o entrecruzando com o tipo de operação realizada identificamos os seguintes resultados:

Gráfico 8: Mapeamento das negociações *outro conteúdo temático* – tipos de rasuras.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nas rasuras digitais ligadas à negociação com *outro conteúdo temático* (5% – 29 rasuras digitais), o tipo mais frequente foi inserção, 75,9% (22), seguida do apagamento, 20,7% (6) e; substituição 3,4% (1).

Não foram identificados deslocamentos vinculados a *outro conteúdo temático*. O fato de as inserções serem mais recorrentes indicia a atuação da imagem que o escrevente faz sobre como alçar a exauribilidade temática atribuída ao gênero resenha, sob atuação da memória digital e de sua abertura para a ruptura. Contudo, a fim de melhor compreender o comportamento das rasuras digitais ligadas à negociação com *outro conteúdo temático*, olhando para os fatores enredados nelas, mapeamos quais as marcas linguísticas se mostravam envolvidas, conforme dados da Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com *outro conteúdo temático*.

MARCAS LINGUÍSTICAS	APAGAMENTO	INSERÇÃO	SUBSTITUIÇÃO
Sumarização	3,4% (1)	10,4% (3)	
Inform. avaliativa	6,9 (2)	34,4% (10)	
Inform. complementares	10,4% (3)	31,1% (9)	3,4% (1)
Total (100% – 29)	20,7% (6)	75,9 (22)	3,4% (1)

Fonte:

da pesquisa.

Dados

As marcas linguísticas identificadas nas rasuras ligadas à negociação com outro conteúdo temático vinculam-se: i) à *sumarização do conteúdo da obra* (tentativa de alçar exauribilidade temática); ii) a *informações avaliativas* (comentários com apresentação do ponto de vista do resenhista sobre a obra ou tema); iii) a *informações complementares do tema/obra* (apresentação de informações adicionais ligadas a obra). Quando as escreventes negociavam com outro conteúdo temático, marcando uma inserção ou um apagamento, essa negociação se dava vinculada à inserção tomada de um posicionamento avaliativo. Os casos em que a negociação se marca pela substituição envolvem informações aparentemente consideradas complementares. Nessas ocorrências, em função do envolvimento de um número pequeno de marcas linguísticas e ocorrências, como na seção anterior, analisaremos o tipo mais recorrente presente em cada marca linguística.

Nas marcas linguísticas denominadas “informação avaliativa”, a inserção foi o tipo de operação mais frequente (34,4%). Nesses casos, destacamos a tentativa de a escrevente negociar com a necessidade (marcada durante a oficina) de apresentação de uma avaliação sobre a obra, tais como o exemplo a seguir:

Figura 29: Rasura digital – inserção – *outro conteúdo temático*.

Contudo, destaco a relevância do livro para o ambiente educativo, e a importância de discutir os temas abordados no livro, para alcançar uma escola com espírito democrático, pluralista e crítico, tendo como referência os valores dos direitos humanos. Pois, uma boa educação visa desenvolver da melhor forma as potências de cada aluno em seu meio social, priorizando a convivência social, a cidadania, e uma tomada de consciência. ~~Recomendo~~ para todos que fazem parte da comunidade escolar, que são agentes de transformações. De fato, todos que fazem parte do processo educativo devem se preocupar com a formação do estudante, para que no futuro o mesmo seja um cidadão ativo na

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente insere, ao longo do enunciado, “[...] para alcançar uma escola com espírito democrático, pluralista e crítico, tendo como referência os valores dos direitos humanos. Pois, uma boa educação visa desenvolver da melhor forma as potências de cada aluno em seu meio social, priorizando a convivência social, a cidadania, e uma tomada de consciência”, sinalizando preocupação com a necessidade valorativa de criticidade atribuída ao gênero, o que, em alguma medida, o distanciaria do resumo, por exemplo. Além disso, o fato de a maior parte das ocorrências se darem nesse local sinaliza tentativas de a escrevente apropriar-se das práticas de dizer exigidas pela comunidade discursiva na qual está se inserindo, sem apoio de mecanismos algoritmizáveis diretos.

Já nas marcas linguísticas denominadas “informações complementares”, a inserção também foi o tipo de operação mais recorrente (31,1%). Nesses casos, a escrevente também parece negociar com características do gênero, num encontro entre o que supõe que deva ser sumarizado com a necessidade de atribuição de informatividade ao seu texto. O caminho preferencial direciona-se à informatividade, tendo em vista que, com mais frequência, insere informações (09 ocorrências) do que as apaga (03 ocorrências), tais como no exemplo a seguir:

Figura 30: Rasura digital – inserção – *outro conteúdo temático*.

porém seu trabalho é limitado, ela não age sozinha, analisando esta citação podemos concluir: Bobbio (2002) afirma que “a democracia não se refere só à ordem do poder público do Estado, mas deve existir em todas as relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Começa na relação interindividual, passa pela família, a escola e culmina no Estado. Uma sociedade democrática é aquela que vai conseguindo democratizar todas as suas instituições e

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente insere “*analisando esta citação podemos concluir: Bobbio (2002) afirma que “a democracia não se refere só à ordem do poder público do Estado, mas deve existir em todas as relações sociais, econômicas, políticas e culturais...”*”⁸⁹, uma citação não referenciada da obra resenhada. Ao inserir referências bibliográficas externas à obra, a escrevente parece lidar com a imagem do que seja escrita acadêmica, na qual, conforme discussões na oficina, valoriza os argumentos de autoridade, logo, buscando atender a critérios conferidos a outra escrita, a acadêmico-científica.

Há, nesse gesto, indício de negociação do sujeito com determinações extraverbais, sobre as formas de inscrever o outro no seu discurso, vinculada aos presumidos sociais do gênero (METZ, 2020). Além disso, ao recorrer a uma citação direta, em detrimento de uma indireta, para posicionar-se, pode indiciar, conforme já destacado por Hirvela e Du (2013), a dificuldade de os escreventes universitários assumirem-se como escritores e buscarem formas mais seguras, uma outra voz, para garantir a voz de autoridade conferida à escrita acadêmico-científica. Esses fatos sinalizam o processo de busca de alçar-se à escrita considerada outra, nesta tese, a escrita acadêmico-científica, por meio da produção de uma resenha.

Por último, nas marcas linguísticas menos recorrentes denominadas “sumarização”, a inserção foi o tipo de operação mais recorrente (10,3%). Nesses casos, destacamos, como no exemplo a seguir, a tentativa de a escrevente negociar com a característica do gênero, discutida na oficina, de apresentar uma síntese da obra:

Figura 31: Rasura digital – inserção – *outro conteúdo temático*.

O livro “*Ética e Cidadania-: Construindo Valores na Escola e na Sociedade*”-, aborda uma importante reflexão em conjunto de diferentes autores, sobre a ética e cidadania no ambiente escolar, e como tal assunto se reflete no âmbito social, sendo introduzido inicialmente conceitos de ética, cidadania, convivência democrática, direitos Humanos e inclusão social. Tais conceitos se revelam imprescindíveis já que o debate traz questões acerca sobre a importância de formar um cidadão reflexivo, crítico e com valores éticos e morais tão essenciais na sociedade contemporânea-.

Fonte: Dados da pesquisa.

⁸⁹ Citação da obra de “Teoria geral da política” de Norberto Bobbio.

A escrevente, conforme se mostra na Figura 31, insere ao enunciado anteriormente escrito o seguinte enunciado: “*sendo introduzido inicialmente conceitos de ética, cidadania, convivência democrática, direitos Humano e inclusão social. Tais conceitos se revelam imprescindíveis já que*”. Nesse tipo de ocorrência, notamos uma negociação com a necessidade de apresentação da obra de modo sumarizado no gênero resenha acadêmica. Acrescentamos, também, que o fato de a emergência de rasuras ocorrer relacionada à sumarização se dá, principalmente, pelo diálogo entre os gêneros resumo e resenha acadêmica, bem como com a necessidade, verbalizada durante a oficina, da realização da apresentação da obra resenhada, uma vez que o gênero prevê como possíveis interlocutores pessoas que não conheçam a obra.

Em síntese, embora as rasuras digitais vinculadas a marcas linguísticas de conteúdo temático tenham sido poucas, quando comparadas às demais, não podem ser negligenciadas, uma vez que as inserções realizadas indiciam, principalmente, a atuação da memória digital, sem atuação direta do autômato, uma vez que as negociações que se mostram nessas rasuras abarcam dimensões do gênero resenha ligadas à apresentação de posicionamento, inscrição do outro como autoridade e à exaurilidade temática.

Nessas rasuras, a máquina não tem o poder direto de conduzir a escrevente, portanto, o diálogo que se estabelece com outro conteúdo pela sumarização, pelo comentário avaliativo ou pelas informações complementares são importantes indícios da participação do “herói” na constituição do gênero e sinalizam modos como a escrevente busca assumir a identidade acadêmica. Não se trata aqui um exercício de ventríloquo, mas de um estranhamento entre a sua (escrita) e a escrita do outro. Portanto, essas rasuras digitais indiciam a captura da escrevente pela imagem da escrita acadêmico-científica, em função das diferentes práticas de letramento em que está inserida.

4.3.6 A emergência de diferentes autores na rasura digital.

Nesta seção, objetivamos analisar tendências identificadas nas rasuras digitais ligadas à negociação com *autor*. Como antecipado, consideramos que essas ocorrências sinalizam uma possibilidade de cisão de diferentes autores-criadores, ou

seja, diferentes posições axiológicas ou vozes sociais que dão unidade ao texto (BAKHTIN, 1988; 1997).

Não se trata de análise do ente físico (empírico) “autor-pessoa”, mas das diferentes funções e posições valorativas exercidas e a sua relação recíproca com o objeto estético. Com base nessa concepção teórica, analisamos, inicialmente, o entrecruzamento da negociação *outro autor* com o tipo de rasura, conforme Gráfico a seguir.

Gráfico 9: Mapeamento das negociações *outro autor* – tipos de rasuras.



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando analisadas as rasuras digitais ligadas à negociação com *outro autor*, o tipo de rasura mais recorrente foi o apagamento, 58% (15), depois a substituição, com 23,1% (6) e, por fim, a inserção 19,1% (5). Não foram identificados deslocamentos nesse tipo de negociação. Embora tenhamos atribuído, neste estudo, ao apagamento, a atuação da língua lógico-matemática, notamos que, nas rasuras digitais ligadas à negociação com *outro autor*, isso não se confirma, já que não existiriam configurações da máquina pré-estabelecidas que remetem a essa dimensão do gênero. Desse modo, caber-nos-ia analisar as tendências nesse tipo de rasura e, para tanto, como nas demais análises, mapeamos quais as marcas linguísticas se mostravam envolvidas, conforme dados a seguir:

Tabela 7 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com *outro autor*.

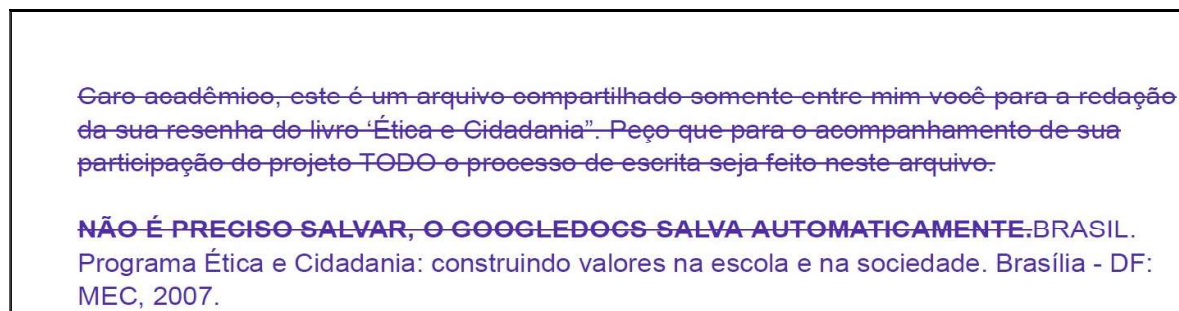
MARCAS LINGUÍSTICAS	APAGAMENTO	INSERÇÃO	SUBSTITUIÇÃO
Imagem professor/comando	50% (13)		7,6% (2)
Imagem do escrevente-autor	4 (1)	7,6 (2)	11,5 (3)
Imagem de exteriores-autores	4 (1)	11,5 (3)	4% (1)
Total (100% – 26)	58% (15)	19,1% (5)	23,1 % (6)

Fonte: Dados da pesquisa.

As marcas identificadas dessa negociação com outro autor, neste estudo, vinculam-se a: i) *imagem do professor/comando como autor*, ii) *imagem do escrevente como autor*, iii) *imagem de exteriores como autores* (mediante citação e/ou aspeamento). Com base nessa organização, notamos que, quando a escrevente negocia com *outro autor*, o apagamento, operação mais recorrente, liga-se à imagem do professor/comando como autor. Já nas inserções, a escrevente negocia com a imagem de exteriores como autores, aparentemente, buscando definir os limites das vozes presentes nos enunciados, um presumido do gênero, que remete às diferentes formas de sinalizar a inscrição de um dizer atribuído ao outro (METZ, 2020).

Por último, as substituições vinculam-se à imagem da escrevente como autora, ligando-se à presença/ausência do nome ou do emprego da 1ª pessoa do singular. Conforme as seções anteriores, dado o envolvimento de poucas marcas linguísticas, analisaremos as tendências observadas em cada uma delas.

As rasuras digitais ligadas à negociação com *outro autor*, denominadas de imagem do professor/comando/avaliação como autores, ocorrem, principalmente, por meio do apagamento (50% – 13). Nessas ocorrências, a escrevente parece negociar a autoria com o outro, sinalizando negociações com outras posições axiológicas, conferido à imagem do autor-criador professor, comando, avaliação, e delimitando o ingresso da escrevente em seu projeto de dizer, conforme a Figura 32, a seguir:

Figura 32: Rasura digital – apagamento – *outro autor* 1.

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente apaga o comando “*Caro acadêmico [...]*”, enunciado cuja autoria é atribuída ao professor/comando, marcando a alternância de sujeitos. Esse apagamento é interpretado como um marco da inserção de um “novo autor”, uma vez que o enunciado da atividade, em sua forma de acabamento, abriu espaço para uma posição responsiva e a conseqüente emergência de um novo autor-criador em resposta. Em outras palavras, a rasura indicia o momento no qual parece “nascer” um novo autor-criador que, ligado ao anterior, pelo elo da cadeia entre os enunciados, abre espaço para uma réplica, que autoriza esse autor-pessoa (acadêmico) a ocupar uma nova posição em relação ao seu interlocutor. O apagamento, nesses casos, indicia quase um jogo em que se marcaria o embate com a possibilidade de um enunciado constituir-se a partir de dois ou mais autores-escritores, como se ambos, nessas circunstâncias, não estivessem sempre lá.

As rasuras ligadas à negociação com *outro autor*, denominado *escrevente-autor como autor*, deram-se em momentos em que a escrevente insere uma marca que, linguisticamente, indicia a sua inserção como autor do enunciado. Essas marcas ocorrem, principalmente, pela substituição (11,5% – 3). Nessas ocorrências, ocorre a substituição da voz atribuída ao professor (marcada, linguisticamente, no comando) pela voz atribuída ao escrevente (marcada, linguisticamente, pela inserção do nome do escrevente), atrelado à capa de trabalho escolar ou à inserção de enunciados valorativos em 1ª pessoa do singular, conforme o exemplo a seguir:

Figura 33: Rasura digital – apagamento – *outro autor 2*.

Meu posicionamento ~~a~~-a respeito ~~disso~~, é ~~de~~ ~~que~~ ~~considero~~ ~~muito~~ ~~que~~ ~~positivas~~ as ideias aqui trabalhadas, é realmente necessário priorizar tais aspectos na educação, pois ~~como já dizia todos~~ sabemos que é na escola que passamos boa parte das

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente registra “*Meu posicionamento a respeito disso é positivo*” substituído por “*Meu posicionamento a respeito é de que considero muito positivas as ideias aqui trabalhadas ...*”. Ao substituir o enunciado, insere “*de que considero muito*”. Nessa inserção/substituição, a escrevente parece buscar ratificar a sua autoria, especificamente, quando expressa seu posicionamento. Em ocorrências como essa, haveria indícios da busca por formas linguísticas que garantiriam evocar a (sua) voz como autoridade tal como o gênero discursivo prevê, apresentando uma obra, assumindo a autoridade no meio acadêmico para fazê-lo.

Nas rasuras digitais ligadas à negociação com *outro autor*, denominadas como marcas linguísticas da *imagem de exteriores-autores*, a escrevente parece negociar as relações intertextuais exigidas no gênero resenha acadêmica, por meio de marcas linguísticas como aspeamento, inserção de pronome de 3ª pessoa no enunciado, realizando, com mais frequência, a operação de inserção (11,5% – 3), tal como na Figura 34, a seguir:

Figura 34: Rasura digital – inserção – *outro autor*.

Descreve então, que, a escola é uma realidade em processo contínuo, ela não é, e sim, está sendo. Um contexto de inclusão social educacional, a ser refletido pela sociedade e público escolar é: “até que ponto as diferenças são vistas como fator positivo no cotidiano da sala de aula?”. “Realmente todos são bem-vindos a escola?”

Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente registra o seguinte enunciado: “*até que ponto as diferenças são vistas como fator positivo no cotidiano da sala de aula?*”. “*Realmente todos são bem-vindos a escola?*”. Posteriormente, insere sinais de aspas ao enunciado, imprimindo distanciamento da instância autor-escrevente para instauração da imagem exteriores-

autores, marcados pelo uso das aspas, que remetem a uma negociação da escrevente “com determinações da escrita acadêmicas, isto é, normas de referência aos dizeres do outro” (METZ, 2020, p.124). Nesse tipo de ocorrência, nas palavras de Authier-Revuz (1998), haveria uma incisa reflexiva, que marcaria um desvio entonativo em relação à entonação conferida ao conteúdo expresso na obra resenhada. Portanto, se instalaria uma “entonação distanciadora incorporada à substância gráfica ou fônica do segmento X” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 99).

Em síntese, as rasuras ligadas à negociação com *outro autor*, em que ocorre o apagamento, podem ser interpretadas, principalmente como “*dixi*” percebido pelo ouvinte, num sinal que o locutor finalizou, autorizando a transferência da fala ao outro (cf. BAKHTIN, 1997). Ao mesmo tempo, ilusoriamente, a escrevente supõe que, ao apagar a presença de um autor-criador, o enunciado se configuraria como seu, supostamente crendo controlar as diferentes vozes que habitam a (sua) escrita, por meio da inserção de pronomes, ou pelo aspeamento, bem como crendo atender a determinações da escrita acadêmica.

Embora as rasuras digitais ligadas à negociação com outro autor tenham sido mais recorrentes em apagamentos, operações nas quais o autômato aparentemente teria atuação, isso não se confirma nessas rasuras. Os dizeres apagados, bem como os assumidos, não se relacionam, diretamente, com possibilidades abertas, até o momento, pela máquina, mas, sim, à prática de escrita acadêmico-científica. Por conseguinte, constitui-se, portanto, como indício da atuação da memória digital, como lugar de escape da estrutura totalizante da máquina.

Sendo assim, para dar sequência à análise qualitativa, na próxima seção, apresentamos as tendências em relação às rasuras digitais que indicam negociação com *outro discurso*.

4.3.7 O confronto de diferentes discursos mostrados nas rasuras digitais.

Nesta seção, objetivamos analisar as tendências identificadas nas rasuras digitais ligadas à negociação com *outro discurso*, em atendimento ao nosso terceiro objetivo específico. Para tanto, consideramos que essas rasuras indiciam não coincidências do discurso com ele mesmo, que atuaria como outro, ou seja, apontam para presença estranha de palavras representadas como pertencentes a outro

discurso. Como exemplo disso, Authier-Revuz (2004) assinala: “X, como se diz lá nesse meio, nesse tipo de discurso”. Emerge, aqui, mais do que uma “adequação” a uma outra língua/variedade, mas, sim, a possibilidade de o discurso ser outro. Com base nessa concepção teórica, inicialmente, analisamos o entrecruzamento entre a negociação com *outro discurso* e o tipo de rasura, conforme dados do Gráfico a seguir:

Gráfico 10: Mapeamento das negociações *outro discurso* – tipo de rasuras



Fonte: dados da pesquisa.

Nas rasuras digitais ligadas a *outro discurso*, identificamos a seguinte distribuição por tipo de rasura: 48% (09) de substituições; 33,3% (7) de apagamento e, por fim, 19% (5) de inserções. Não foram identificados deslocamentos. Embora tenhamos assumido maior participação do autômato nas operações de substituição, com base na concepção assumida nesta tese, nas rasuras digitais ligadas à negociação com *outro discurso*, não haveria diretamente apoio do algoritmo sobre essas substituições, que são da ordem dos já ditos e dos sujeitos sócio-historicamente constituídos. Assim, reconhecendo o estatuto das rasuras digitais ligadas ao *outro discurso*, organizamos as negociações, buscando ordená-las com base nos discursos que se mostraram, mapeamos quais as marcas linguísticas se mostravam envolvidas, conforme dados a seguir:

Tabela 8 – Marcas linguísticas envolvidas nas rasuras ligadas à negociação com *outro discurso*.

MARCAS LINGUÍSTICAS	APAGAMENTO	INSERÇÃO	SUBSTITUIÇÃO
Conhecimento: senso comum e/ou ciência			9,5% (2)
Papel da escola, da família, do professor	14,2% (3)		19% (4)
Educação como salvadora e/ou direito	4,7% (1)	9,5% (2)	
Natureza humana e o outro	4,7% (1)	4,7% (1)	4,7% (1)
Educação inclusiva: direito ou desejo	9,5% (2)	4,7% (1)	4,7% (1)
Ser profissional: bem comum e/ou bem coletivo		4,7% (1)	
Negacionismo e/ou escolha			4,7% (1)
Total (100% – 21)	33,3% (7)	23,8% (5)	42,8 (9)

Fonte: Dados da pesquisa.

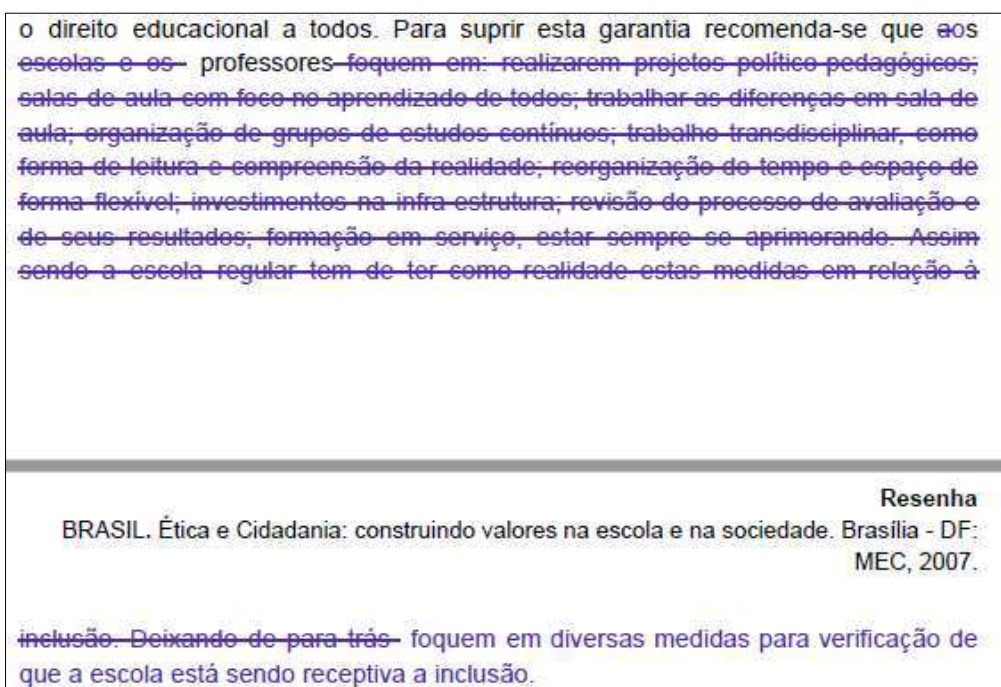
Nas rasuras ligadas à negociação com *outro discurso* identificamos o encontro dos seguintes já ditos, marcados linguisticamente: i) *conhecimento: senso comum e/ou ciência* (ligados às diferentes formas de concepção sobre conhecimento e saber oriundo de diferentes práticas sociais); ii) *papel da escola, da família e do professor* (ligados à definição de atribuições de poder a diferentes instituições sociais); iii) *educação como salvadora e/ou direito* (ligados ao embate de concepções sobre educação); iv) *natureza humana e o outro* (ligados à definição sobre a natureza humana e do outro nas relações sociais); v) *educação inclusiva - direito ou desejo* (vinculados às imagens da educação inclusiva para todos ou para aqueles que desejam tê-la); vi) *ser profissional: bem comum e/ou bem coletivo* (embate entre a docência como satisfação pessoal ou compromisso social) e; vii) *negacionismo e/ou escolhas* (ligados à possibilidade de negação da existência de problemas no exercício da democracia e a atribuição de poder às escolhas individuais).

Notamos, portanto, nesta organização, que, quando um escrevente negocia com *outro discurso*, marcando essa negociação por uma substituição ou um apagamento, se mostra um embate entre diferentes discursos sobre o papel da escola, da família e do professor, dado o conteúdo temático da obra resenhada. Já as negociações marcadas pela inserção, residem, principalmente, no encontro entre discursos vinculados ao escopo do conteúdo temático, sob ecos da imagem da educação como salvadora e/ou como um direito a ser assegurado. Nessas ocorrências, mostram-se, assim, embates entre diferentes posições de sujeito.

Em detrimento da diversidade de fatores identificados, a fim de apresentar tendências, focalizaremos, especificamente, os casos mais recorrentes, ou seja, as

rasuras digitais ligadas à negociação com *outro discurso*, vinculado a marcas sobre o papel da escola, da família, do professor, mediante a substituição. Nessas ocorrências, há um embate entre as diferentes concepções sobre o papel da escola, da família e do professor na educação devido à existência de “roupagem outra para o mesmo conteúdo *versus* ponto de vista outro sobre o real.” (cf. AUTHIER-REVUZ, 1998), num jogo entre a fronteira interior/exterior, conforme exemplos a seguir:

Figura 35: Rasura digital – substituição – *outro discurso*.



Fonte: Dados da pesquisa.

A escrevente registra “[...] *recomenda-se que as escolas e os professores foquem em: realizarem projetos políticos pedagógicos*”, posteriormente, substituindo por “[...] *recomenda-se aos professores foquem em diversas medidas para verificação de que a escola está sendo receptiva a inclusão*”. Notamos a marcação de uma fronteira entre si e o outro, por diferença, uma vez que há um deslocamento do discurso função da escola e professores *versus* função dos professores em relação à implementação de práticas inclusivas. O professor passa de executor do projeto para fiscalizador, operando, o interior (eu falo aqui) com o exterior (algo fala em outro lugar).

Em síntese, as rasuras ligadas à negociação com *outro discurso* ocorrem, preferencialmente, por meio de substituições, deixando transparecer o encontro entre diferentes discursos ligados ao conteúdo temático do gênero discursivo, remetendo a

outra realidade concreta, numa fronteira entre “eu falo aqui” e “algo fala em outro lugar” (cf. AUTHIER-REVUZ, 1998). As rasuras digitais que sinalizam negociações com outro discurso permitem inferir que o escrevente parece estar em conflito com diferentes já ditos que habitam os discursos. Vale destacar ainda que, embora a substituição tenha sido um tipo de rasura resultante, em geral, da atuação algorítmica, no caso das rasuras digitais ligadas à negociação com *outro discurso*, isso não se confirma, tendo em vista que as marcas linguísticas identificadas estabelecem relações que não podem ser algoritmizadas, pois constituem um encontro marcado por palavras que evocam discursos constituídos sócio-historicamente entre diferentes posições de sujeito.

Para finalizarmos, na próxima seção, apresentamos um panorama das negociações identificadas com os diferentes outros definidos nesta tese.

4.4 Panorama geral sobre as rasuras digitais

Em atendimento ao objetivo de mapear a distribuição dos movimentos retrospectivos presentes na produção textual de uma resenha acadêmica, identificando e caracterizando o gesto denominado de rasura digital, identificamos 614 rasuras digitais, em 130 versões, produzidas por 23 escreventes. Essas rasuras se organizaram com 538 (88%), nas versões intermediárias; 54 (10%), na última versão e 2% (11), na primeira versão. A maior recorrência de rasuras digitais nas versões intermediárias sinaliza a não existência de uma linearidade no processo de escrita, já que se mostram presentes em todo o processo, e não somente na etapa final, considerada tradicionalmente reparadora. Desse modo, ao observar que o sujeito rasura em todo o processo de escrita, ratifica-se a propriedade inerente da língua, sua reflexividade, que se mostra pela constante tensão entre o um e o não um. As rasuras marcariam pontos sensíveis, aberturas no discurso sobre a exterioridade que o habita, sinalizando a “significância sobre a significância” (AUTHIER-REVUZ, 2008b).

Analisando os tipos de rasuras identificadas, de um lado, as substituições foram mais recorrentes, 43% (262), seguidas do apagamento 32% (196) e menos recorrentes, 23% (141), a inserção e 2% (15), o deslocamento. Nesses gestos, entendemos existir, de alguma forma, a atuação da memória digital devido à atuação

do autômato, a partir das sugestões de escrita apresentadas ao escrevente e a marca de tachado vermelho que permite a uniformização dos sentidos, do sujeito da tecnologia, mas, principalmente, do sujeito da linguagem que ilusoriamente aceita, recusa ou cria novos caminhos, que evocam sentidos sócio-historicamente constituídos.

Já em atendimento ao segundo objetivo específico, de analisar as rasuras digitais, verificando como se apresentam nelas as negociações do sujeito escrevente com os diferentes outros (AUTHIER-REVUZ, 1990) que constituem a (sua) escrita, das 614 rasuras, a negociação com *outro estilo* foi a mais recorrente, 290 (47%), ligadas à organização e acabamento do enunciado, na inter-relação autor-ouvinte/escrevente e endereçamento, em parte, pela atuação da língua como sinal, lógico-matemática, o que sugere caminhos ligados a uma concepção de língua, mas, também, à concepção de língua atrelada às práticas letradas escolares e com a relação valorativa estabelecida com o endereçamento projetado que demandaria recursos linguísticos de uma variante linguística prestigiada, assumida como um padrão a ser seguido a fim de alçar a escrita do outro.

De modo menos recorrente, observamos que, das rasuras digitais ligadas à *outra estrutura composicional*, 84 (14%) vinculavam-se ao acabamento do enunciado e à presença de ecos de outros gêneros discursivos, tais como o trabalho escolar, dada a heterogeneidade dos letramentos. Das rasuras digitais ligadas a *outro sentido*, 63 (10%) vinculavam-se a hesitações em busca de uma “palavra certa”, em função da polissemia, homonímia, mas, sobretudo, à “procura” de um sentido a fim de alçar a língua valorada pelo endereçamento projetado para o gênero discursivo nas práticas acadêmico-universitárias. Das rasuras digitais ligadas a *outro conteúdo temático*, 29 (5%) sinalizaram negociação com diferentes elementos da realidade que apoiam o processo de significação que abarca uma negociação latente entre autor, interlocutor e avaliação sobre o conteúdo temático.

Das rasuras digitais ligadas à negociação com *outro autor*, 26 (4%) indicaram negociação entre diferentes imagens de autor-criador, consideradas em termos de posições axiológicas, inerentes às diferentes vozes que habitam o dizer, rompendo sua suposta univocidade, mas, também, buscando lidar com determinações da escrita acadêmico-científica. Das rasuras ligadas à negociação com *outro discurso*, 21 (3%) mostraram-se nas palavras que evocam outra realidade concreta e nas quais se pôde

enxergar, principalmente, o embate entre posições discursivas divergentes sobre a temática da obra.

Por fim, verificando a existência de tendências nos modos como se mostravam as negociações realizadas pelos escreventes com os diferentes outros que constituem o (seu) discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990), observando o entrecruzamento entre negociação e tipo de rasura, pudemos depreender que, na escrita de uma resenha acadêmica, por meio de recursos digitais, as escreventes rasuram, principalmente, sinalizando preocupação com o *outro estilo*, vinculado à imagem atribuída ao endereçamento que valoraria questões ortográficas (maiúsculo e minúsculo e acentuação gráfica), em alterações locais. Essas rasuras alocam-se numa pequena instância do que seja escrever, a ortografia, aspecto tradicionalmente valorizado nas práticas de letramento autônomo, sob a perspectiva do modelo de habilidades, uma vez que reduzem o processo de escrita a regras homogeneizantes, evocando a escrita meramente como técnica.

Nas demais rasuras, menos recorrentes, a negociação com *outro suporte* se dá, principalmente, por meio do apagamento de espaços em branco, alocados antes da pontuação. O fato de este lugar mostrar-se como um ponto sensível remete à natureza heterogênea dos letramentos (manuscritos e digitais), tendo em vista que, nos letramentos manuscritos, nas práticas escolares, a distribuição irregular ou assimétrica dos espaços em branco é advertida como inadequação nas práticas de alfabetização e, nas práticas digitais, há mecanismos que promovem a sua padronização. Também de modo menos recorrente, as rasuras ligadas à negociação com *outra estrutura composicional* ocorrem, principalmente, por meio da inserção de capa, cabeçalho e rodapé, lugares valorizados nos letramentos escolares, logo, uma tentativa de alçamento à escrita do outro, sinalizando a heterogeneidade dos letramentos.

Ainda entre as negociações menos recorrentes, as rasuras ligadas à negociação com *outros sentidos* ocorreram, principalmente, por meio da *substituição*. Embora essa seja uma operação que conta com apoio da máquina, observamos, nas substituições, tentativas de alçar a uma escrita supostamente valorizada pelo endereçamento projetado, buscando, desse modo, a palavra ilusoriamente superior, a fim de atender a uma exigência do outro. Também de modo menos recorrente, as rasuras ligadas à negociação com *outro conteúdo temático* ocorreram, sobretudo, por

meio da inserção de informações, sem o apoio direto dos recursos facilitadores, em que o escrevente parece negociar, em especial, com as dimensões do gênero resenha ligadas à apresentação de posicionamento crítico sobre a obra resenhada.

Por fim, as negociações de ainda menor incidência ligam-se à negociação com *outro autor* e *outro discurso*. Nas rasuras ligadas à negociação com *outro autor*, considerado autor-criador, as escreventes, na maioria das vezes, apagam o comando da produção textual, num gesto virtual de um “*dixi*” que sinalizaria a alternância de autores e a inscrição do escrevente no texto. Nas rasuras ligadas ao *outro discurso*, as substituições denunciam um encontro, na maioria das vezes, por embate, entre diferentes discursos que evocam já ditos sócio-historicamente constituídos sobre o conteúdo temático do enunciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em alusão à epígrafe de Paulo Freire, que remete à impossibilidade de neutralidade e à necessidade de questionamentos a respeito da natureza do ato de estudar (e, analogamente, do ato de *pesquisar*), tais como “Em favor *de que* estudo? Em favor *de quem*? *Contra que* estudo? *Contra quem* estudo?”, a presente tese foi construída a fim de contribuir para o campo dos estudos linguísticos, buscando compreender, nas rasuras digitais, como se dão as práticas sociais de escrita de uma resenha, via recursos digitais, analisando as negociações identificadas no gesto de rasurar.

Para tanto, esta investigação foi desenvolvida *em favor do escrevente real* e não idealizado, que busca alçar-se à escrita tradicionalmente acatada como superior, a acadêmico-científica, com o apoio de recursos tecnológicos, considerados, nesta tese, como parte do processo de construção de sentidos, mas não como eixo central. Estivemos cientes da natureza da participação desses recursos na produção escrita do escrevente, mas, também, do limite da atuação da máquina e dos efeitos do imaginário reducionista de língua como técnica que ecoa da máquina (ou, ainda, dos recursos tecnológicos). Nossas reflexões caminharam no sentido de demonstrar que o tratamento da escrita requer questionamento sobre os diálogos promovidos pela inter-relação escreventes (professor-aluno), gênero discursivo e máquina, que se mostra nas rasuras digitais.

Especificamente, para analisar essa inter-relação, partimos do problema observado de que os alunos dos cursos de licenciatura, geralmente advindos de classes populares, como as escreventes cuja produção escrita foi investigada nesta tese, precisam lidar com a culpabilização que os etiqueta como aqueles que não conseguem atender às expectativas institucionais de escrita acadêmico-científica, entendidas quase como pré-requisitos para o ingresso no ensino superior.

Vale lembrar que esse acadêmico se constituiu a partir do surgimento de algumas políticas afirmativas para a democratização do ensino superior no Brasil que promoveu algumas mudanças (ver reflexões que fizemos na Introdução desta tese), melhorando, ainda que apenas em alguns aspectos, o incentivo ao ingresso de parcelas da população brasileira historicamente excluídas do acesso ao ensino superior.

A partir do reconhecimento das expectativas depositadas sobre os escreventes das Licenciaturas, o presente estudo foi construído *contra uma visão idealizadora da língua, do sujeito, do letramento e da tecnologia*, uma vez que assumimos a natureza heterogênea da língua, da linguagem e da escrita, a complexidade dos sujeitos sócio-historicamente constituídos, a pluralidade dos letramentos e a não existência de poderes intrínsecos ao digital.

Consequentemente, nos filiamos a estudos contrários à visão reducionista de língua, que apagam a natureza social e histórica do dizer, vinculados ao letramento autônomo. Esses estudos pressupõem um processo de escrita acadêmico-científica ligado à ideia de “vestir a fantasia de cientista”, por meio do mimetismo que acomodaria o letramento no seu sentido singular e único. Consequentemente, esquece-se, nas práticas de escrita realizadas na universidade, que o processo de escrita é permeado pela relação do sujeito com a escrita e atravessado pela história do sujeito, da escrita e por relações de poder.

Entendemos que essa visão idealizadora (de sujeito, de escrita) se constitui como um dos problemas do processo de letramento nas universidades, uma vez que essas instituições desconsideram ou desconhecem que suas expectativas em relação à escrita do acadêmico contrariam a natureza plural dos letramentos. Isso se deve ao fato de se ancorarem, principalmente, numa visão única do letramento (supostamente, “o” correto), em geral, distante das práticas letradas dos alunos vindos das classes populares.

Assim, em busca de resolver a dissonância de expectativas (professor/universidade-aluno), o uso de recursos tecnológicos para as atividades de escrita tem evocado um discurso de maravilhamento, a partir do qual se confere à tecnologia caráter onipotente. Parte-se de uma noção equivocada atrelada à ideia de que a escrita, realizada por meio de recursos tecnológicos, exista fora de um processo histórico.

Parece existir uma falsa crença de que a máquina é capaz de resolver a dissonância entre as expectativas institucionais de escrita acadêmico-científica e a as vivências sócio-históricas do sujeito que ingressa no ensino superior, sobretudo os sujeitos vindos das classes populares. Esquece-se, porém, que não se trata de reparar a escrita do outro, mas, sim, de se abrir espaço para a pluralidade de letramentos. Esquece-se, também, que a língua e a escrita não podem ser

consideradas blocos homogêneos, ideologicamente transparentes, formadas por regras organizadas logicamente por uma máquina (alimentada, voluntária e involuntariamente, por sujeitos) ou por uma gramática normativa, já que suas existências e seus lugares de observação são da ordem do discurso.

Sendo assim, a partir do questionamento desse cenário de idealizações de língua, de escrita, de sujeito, de letramento e de tecnologia e considerando o momento histórico no qual impera a ideia de onipotência da tecnologia, dada a pandemia da COVID-19, nasceu a presente tese, que esteve inserida na linha de pesquisa de *ensino-aprendizagem de línguas*. Nesta teve, voltamo-nos para o processo de escrita de acadêmicas ingressantes de um curso Pedagogia, quando da necessidade de escrever uma resenha acadêmica, por meio de recursos digitais.

Sabemos da carência de estudos como este, principalmente, num momento em que todos fomos forçados a nos inserirmos em práticas letradas digitais, devido à pandemia. Contudo, também sabemos da necessidade de comprometimento com estudos como este, a fim de não conduzir a uma concepção coisificada que confere *status* valorativo à máquina (cf. LANKSHEAR, KNOBEL, 2005), sem levar em consideração o sujeito e os discursos historicamente construídos.

Essa visão ganha espaço na escrita digital, uma vez que é facilmente algoritmizável. Portanto, diferentemente do que, em geral, se pressupõe, o digital não impõe mudanças sobre a forma de projeção da escrita, o que temos são sempre sujeitos, sócio-historicamente constituídos, negociando com diferentes dimensões da língua e, ao negociar, no interior da escrita acadêmico-científica de uma resenha acadêmica, parecem lidar, principalmente, com ecos dos dizeres historicamente reforçados nas práticas escolares, ou seja, de que escrever bem é escrever ortograficamente consoante às normas. Há, portanto, um retorno do mesmo, comprovando que escrever, manuscrito ou digitalmente, é mais que acumular regras prescritivas impostas para língua, mas, sim, resulta de processos histórico-discursivos mediados pela linguagem.

Cientes de nosso comprometimento acadêmico, social e político, desenvolvemos esta tese, elegendo como objeto de investigação o que chamamos aqui de “rasuras digitais”. As rasuras digitais são compreendidas como movimentos retrospectivos do sujeito sobre o próprio dizer, registradas por meio de recursos tecnológicos permitidos pelas TDICs (tecnologias digitais de informação e

comunicação). Olhamos, especificamente, para as alterações feitas por escreventes – alunas de um curso de licenciatura (Pedagogia) de uma universidade privada – usando um editor de textos (*Google Docs*). Alterações armazenadas pelo chamado histórico de versões, a fim de recuperar, na análise das rasuras, as negociações com os diferentes outros que constituem o dizer.

Nossa hipótese de partida foi a de que essas rasuras digitais sinalizavam o sujeito negociando com a constituição do (seu) projeto de dizer, no interior de um gênero discursivo. Para confirmar (ou não) essa hipótese, o objetivo geral desta tese foi o de propor uma interpretação sobre os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita, quando realizada no contexto digital, numa prática de escrita acadêmico-científica (a resenha).

Especificamente, buscamos, em primeiro lugar, mapear os movimentos retrospectivos presentes na produção textual de uma resenha acadêmica, caracterizando o gesto denominado de rasura digital. Depois, analisamos as rasuras digitais, verificando como se representavam nelas as negociações do sujeito escrevente com os diferentes outros (AUTHIER-REVUZ, 1990) que constituem a (sua) escrita. Por fim, verificamos a existência de tendências nos modos como se mostravam essas negociações.

Esses objetivos foram desenvolvidos a partir da busca por responder a quatro perguntas que nortearam nossa pesquisa e as quais respondemos na sequência.

Nossa primeira pergunta questionava: *Considerando que “as novas tecnologias, embora sejam tecnologias da escrita, atravessam a relação do sujeito com a linguagem de maneira particular” (ORLANDI, 2012, p. 69) e participam da produção de sentidos, como podemos caracterizar os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) produção escrita, quando realizada no contexto digital?*

Reconhecemos que podemos caracterizar os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) produção escrita em contexto digital como rasuras digitais, marcas que sinalizam a heterogeneidade da língua, da escrita e do discurso, lugares nos quais se pode enxergar o sujeito negociando com os diferentes outros que o constituem e constituem o seu dizer sob a atuação da memória digital. Assumimos as rasuras digitais como o resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve no funcionamento do discurso digital pelo trabalho do interdiscurso. Sendo assim, as rasuras digitais acomodariam, por um lado, os sentidos da máquina,

algoritmizados e frutos de uma concepção sócio-histórica de língua homogênea e, por outro, os deslocamentos de sentidos abertos pela diversidade social e histórica dos sujeitos que enunciam e da língua. Haveria, portanto, uma atuação constituída por sujeito, máquina e discurso, sendo incoerente pensar apenas em um algoritmo “oferecendo” sugestões ao escrevente, já que existem sujeitos evocando sentidos por meio dos já ditos, pois a memória digital é da ordem do histórico e também da repetição algorítmica.

Perguntamo-nos, também: *O que significa ou quais são os efeitos, para a produção escrita de uma resenha, a emergência de movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) produção escrita, quando realizada no contexto digital?*

Assumimos que a emergência de movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita, quando realizada no digital, significa compreender que as rasuras se constituem como índices de negociação dos sujeitos com os outros que constituem o próprio sujeito e seu dizer (cf. Authier-Revuz, 1990). Permitem ver um sujeito negociando a constituição do (seu) projeto de dizer, sinalizando negociações com outras possibilidades da língua e do gênero discursivo, quando da escrita por meio de recursos tecnológicos. Nessa negociação, as rasuras digitais são afetadas pelo quadro institucional do gênero discursivo, pela temática na qual se filia e pelas relações sócio-históricas que o sujeito estabelece com a escrita e com os recursos tecnológicos.

Observamos, ainda, que os recursos digitais participam da produção de sentidos, mas são sujeitos e discursos que constituem possibilidades de interpretação (cf. CORRÊA, 2020). Sendo assim, o algoritmo, ao apresentar ao escrevente um “caminho” rumo ao homogeneizado, historicamente propagado pela noção prescritiva de língua, vinculou as rasuras digitais, principalmente, a uma noção de letramento autônomo, que apagaria os demais caminhos possíveis abertos pela língua(gem).

Já em relação aos efeitos, observamos que a produção da resenha por meio de recursos digitais, especificamente, conduziu ao tratamento da língua como sinal, já que as escreventes privilegiaram aspectos ortográficos e a delimitação de espaços em branco com maior recorrência. Com menor incidência, as rasuras digitais ligaram-se à seleção lexical nas relações sinonímicas, apresentação das referências bibliográficas da obra resenhada, exposição de ponto de vista avaliativo da obra e embate entre os diferentes já ditos. Logo, em busca de alçar o modelo de escrita

valorizado, a escrita acadêmico-científica, os sujeitos privilegiaram aspectos prescritivos da língua.

Outra indagação feita nesta tese foi: *Se, de fato, rasuras digitais podem ser interpretadas como índices de negociação do sujeito com os outros que constituem o próprio sujeito e o seu dizer (cf. AUTHIER-REVUZ, 1990), é possível mapear essas negociações?*

Acreditamos ter demonstrado ser possível mapear essas negociações, lançando mão de recursos metodológicos e objetivos bem definidos. Na presente tese, mapeamos essas negociações ancorando-nos em preceitos teóricos de Authier-Revuz (1998), acerca das heterogeneidades enunciativas, bem como nas contribuições de Bakhtin (2003), sobre o gênero discursivo, especificamente, *estilo, conteúdo temático e estrutura composicional*, mas, também, na noção de *autor* das contribuições bakhtiniana e *suporte* de Komesu (2014), dentre outros. Desse modo, assumimos que as rasuras digitais identificadas no processo de escrita da resenha acadêmica, por meio de recursos digitais, sinalizam uma negociação do sujeito com os diferentes outros que o constituem e constituem o (seu) dizer. Essas negociações vinculam-se a fatos da língua(gem), indiciando diálogo com outro sentido, outro discurso, mas, também, com elementos constitutivos do gênero do discurso, como o estilo, estrutura composicional, conteúdo temático, o suporte e o autor, sinalizando a natureza heterogênea dos letramentos.

Por fim, nos questionamos se: *Nesse mapeamento, será possível encontrar regularidades, como, por exemplo, maior predominância de um tipo de negociação em detrimento de outros? É possível verificar tendências e relacioná-las aos tipos de rasuras identificados?*

A partir do mapeamento das rasuras digitais, foi possível identificar algumas regularidades: (a) as escreventes rasuram mais nas versões intermediárias (88%), logo, sob forte ação da propriedade da língua de remeter-se a si mesma, buscando lidar com a opacidade dos enunciados, tendo em vista os endereçamentos projetados para o gênero e para a (sua) escrita. Também, dentre os tipos de rasuras, a maior incidência se deu por meio da substituição (43%), cremos que pelo recurso digital salvar a escrita primeira, bem como pela presença de recursos facilitadores disponibilizados pelo aplicativo.

Já entre as tendências destacadas a partir das regularidades, observamos que a negociação com *outro estilo*, por meio da substituição, foi privilegiada. Essas rasuras digitais recaíram, principalmente, sobre a dimensão ortográfica, vinculada à definição de maiúsculo e minúsculo e sobre a acentuação gráfica, demonstrando ecos de uma concepção limitadora de língua ligada à prescrição de aspectos formais locais, valorizada nas práticas de letramento escolar.

Respondidas nossas perguntas de pesquisa, cremos ser possível confirmar nossa Tese de que *as rasuras digitais sinalizam o sujeito negociando com a constituição do (seu) projeto de dizer, no interior de um gênero discursivo, havendo, nessa negociação, atuação dos sentidos historicizados sobre uma noção de língua, vinculada às práticas de escrita escolares tradicionais*, já que, em 47% das ocorrências, a maior incidência se deu com *outro estilo*, tomado como outra forma ortográfica, que abarca uma visão reducionista do que é escrever, ligada à escrita em sua dimensão técnica. Nota-se que as rasuras digitais que indiciam a negociação do sujeito com *outro estilo* (considerado dois: autor e endereçamento), apontam uma visão prescritiva de língua e de escrita, associada a um único letramento, o escolar, que, tradicionalmente, privilegia a dimensão ortográfica da língua.

Cremos que nossos resultados ilustram o comprometimento desta tese em favor das Ciências Humanas, sua contribuição para a área de estudos da linguagem, especificamente, para a compreensão no âmbito do processo de ensino-aprendizagem. A importância de estudos como o da presente tese ancora-se no fato de apresentarmos, com ineditismo, um estudo sob viés discursivo que analisa a escrita no contexto universitário, por meio de recursos digitais, olhando especialmente para o resíduo, ou seja, para aquilo que é descartado, as rasuras, mas que, de modo importante, nos permite analisar pistas sob a relação sujeito-linguagem, no interior do gênero discursivo resenha, amplamente solicitado nas práticas universitárias. Ao mesmo tempo, abre espaço, nos estudos linguísticos, para a urgência de propostas de estudos que analisem e problematizem a escrita acadêmico-científica e a escrita por meio de recursos digitais, a fim de contribuir para práticas de ensino-aprendizagem mais emancipadoras, que comportem a diversidade dos letramentos e dos sujeitos.

Destacamos, ainda, que esses resultados demonstram a importância de pesquisas como a da presente tese, bem como a necessidade de outras que

problematizem o escrever no digital, sem olhar para esse digital como salvador, evidentemente, assumindo uma versão “*it*” (cf. LANKSHEAR; KNOBEL, 2005), mas observando como esses recursos participam da construção de sentidos, como podem conduzir a um apagamento do escrevente e a uma homogeneização do dizer, mas, principalmente, como podemos utilizar a máquina em vez de sermos coisificados por ela, uma vez que essa é uma realidade imposta ao processo de ensino-aprendizagem da escrita.

Cabe a pesquisadores, professores e escreventes não criarem uma aversão à escrita digital, não adotarem uma postura saudosista de que estaríamos aniquilando o processo de escrita, muito menos dicotomizarem a escrita digital e a manuscrita, mas, sim, assumirem a escrita digital como prática social, sob influência algorítmica, mas, sobretudo, de uma língua e de sujeitos sócio-historicamente constituídos. Desse modo, sem demonizá-la ou considerá-la salvadora, cremos ser necessário compreender até que ponto podemos romper com o homogeneizado e promover práticas de ensino e de aprendizagem de língua e de escrita cada vez mais cientes sobre a participação do digital na atribuição de sentidos e do nosso papel como escreventes e professores.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. *In*: CASTRO, M. F. P. (Org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, pp. 111-78.
- ABAURRE, M. B. M. Índícios das primeiras operações de reelaboração nos textos infantis. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 1, p. 367-372, 1994.
- ABAURRE, M. B. M. *et al.* Índícios das primeiras operações de reelaboração nos textos infantis. **Estudos Linguísticos**. São Paulo (SP), v. 1, 1994, pp. 367-372.
- ABAURRE, M. B. M. *et al.* Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. **Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP**, v. 25, p. 05-23, 1995^a.
- ABAURRE, M. B. M. *et al.* O caráter singular das operações de refacção nos textos representativos do início da aquisição escrita. **Estudos Linguísticos, XXIV (1995) Anais de Seminários do Gel**, Ribeirão Preto, SP, v. I, p. 76-83, 1995b.
- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. **Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto**. Campinas: Mercado de letras, 1997.
- ANICETO, E. A. F. **A escrita de resenhas na esfera acadêmica: a construção de posicionamento autoral e de processos identitários de estudantes recém-ingressos no ensino superior**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica – Minas Gerais, 2016.
- ARAYA, ERM.; VIDOTTI, SABG. **Criação, proteção e uso legal de informação em ambientes da World Wide Web** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ASSIS, J. A. Representações sobre os textos acadêmico-científicos: pistas para a didática da escrita na universidade. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 43 (2): p. 801-815, maio-ago., 2014.
- ASSIS, J. A.; BAILY, S.; CORRÊA, M. L. G. Ainda em torno da escrita no ensino superior: demandas para o ensino e a pesquisa. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 43, p. 9-22, 2017.
- ASSIS, T. B. **O uso das linguagens natural e controlada na recuperação da informação na web: caso das livrarias eletrônicas**. 2010. Monografia (Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. São Paulo: Editora UNICAMP, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. O estrato meta-enunciativo, lugar de inscrição do sujeito em seu dizer: implicações teóricas e descritivas de uma abordagem literal. o exemplo das modalidades irrealizantes do dizer. **Revista Matruga**, Rio de Janeiro, v.15, n.22, p.33-p.63, jan./jun., 2008a.

AUTHIER-REVUZ, J. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Calidoscópio**, v. 6, n. 2, p. 107-119, maio/ago., 2008b.

AUTHIER-REVUZ, J. Paradas sobre as palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 651-769, 2011.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativas. **Cad. Est. Ling., Campinas**, v. 19, p. 25-42m jul./dez., 1990.

BAKHTIN, M.M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. *In*: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1926.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306, 2003.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini *et al.* São Paulo: Ed. da UNESP; Ed. Hucitec, 1988, p.13-70. [1924]

BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated literacies**: reading and writing in context. London and New York: Routledge. p. 7-15, 2000.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIASI, P-M. de. Análise dos manuscritos: princípios e métodos. *In*: _____. **A genética dos textos**. Tradução Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 67-81, 2010.

BIASI, P-M. de. “Le cauchemar de Marcel Proust”. **Item – Institut de textes et manuscrits modernes**. [2019] Disponível em: <http://www.item.ens.fr/articles-en-ligne/le-cauchemar-de-marcel-proust/>. Acesso em: 10 out. 2019.

BOCH, F. Former les doctorants à l’écriture de la thèse en exploitant les études descriptives de l’écrit scientifique. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 543-568, 2014.

- BONINI, A. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. **Delta**, v. 19, n. 1, 2003.
- BORTOLANZA, J. Trajetória do ensino superior brasileiro: uma busca da origem até a atualidade. **Anais XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária**, Mar del Plata, Argentina, nov. 2017.
- BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. *In*: BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. (Orgs.). **A miséria do mundo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOVO, A. P. M. C. **O pesquisador em formação e o trabalho com a linguagem na escrita acadêmico-científica**: a construção de um posicionamento autoral. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Católica de Minas Gerais, 2019.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BRASIL. **Censo de Educação Superior 2019**. Diretoria Estatísticas Educacionais. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 21 set. 2020.
- CALIL, E. A topologia do sujeito na rasura. **Revista Veredas**, v. 7, p. 83-92, 1997.
- CALIL, E. A criança e a rasura na prática de textualização de história inventada. **Letras de Hoje**. Porto Alegre (RS), v. 33, n. 2, p. 13-21, 1998.
- CALIL, E. História inventada: relações entre (im)previsível e rasura. **Manuscrita**, v. 8, p. 209-220, 1999.
- CALIL, E. Rasura oral e autonomia no processo de escritura. **Letras Hoje**, v. 39, n. 3, p. 207-221, 2004.
- CALIL, E. Modalizações autonômicas como marcas de subjetividade em processos de criação. **Intercâmbio**, v. XV, 2006.
- CALIL, E. **Escutar o invisível**. Escritura & poesia na sala de aula. São Paulo: UNESP, 2008.
- CALIL, E. Rasuras orais em Madrasta e as duas irmãs: processo de escritura de uma díade recém-alfabetizada. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 3, p. 589-602, 2012.
- CALIL, E. O sentido das palavras e como eles se relacionam com o texto em curso: estudo sobre comentários semânticos feitos por uma díade de alunas de 7 anos de idade. **Alfa: Revista de Linguística (Unesp. online)**, v. 60, p. 531-555, 2016.
- CALIL, E.; FELIPETO, S. Entre o oral e o escrito: as posições de sujeito nas rasuras. **Letras Hoje**, v. 125, p. 347-353, 2001.
- CALIL, E.; FELIPETO, S. A singularidade do erro ortográfico nas manifestações d'alíngua. **Estilos de Clínica**, v. XIII, n. 25, p. 118-137, 2008.

CALIL, E.; FELIPETO, S. **Escutar o invisível**: escritura e poesia na sala de aula. São Paulo: UNESP, 2008.

CALIL, E.; PEREIRA, L. Á. Reconhecimento antecipado de problemas ortográficos em escreventes novatos: quando e como acontecem. **Alfa**: Revista de Linguística (Unesp. online), São Paulo, v. 62, n. 1, p. 91-123, 2018.

CAMARGO, M. J. P.; BRITO, L. P. L. Vertentes do ensino de português em cursos superiores. **Avaliação**, v. 16, n. 2, p. 345-353, jul., 2011.

CANGUSSÚ, T. A. **Endereçamento e relações intergenéricas em enunciados escritos por crianças no Ensino Fundamental I**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2016.

CAPRISTANO, C. C. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CAPRISTANO, C. C.; MACHADO, T. H. S. Uma análise quantitativa de rasuras ligadas à segmentação em enunciados produzidos no Ensino Fundamental I. **Revista Linguística** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 11, n. 1, jun., 2015, p. 216-229.

CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura no processo de aquisição da escrita. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 667-694, 2013.

CAPRISTANO, C. C.; CHACON, L. Relações metafóricas e metonímicas: notas sobre a 'aquisição' da noção de palavra. *In*: MARTHA, D. J. B.; TFOUNI, L. V. (Org.). **O (In)Esperado de Jakobson**. 1ed. Campinas: Mercado e Letras, 2014, v. 1, p. 197-218.

CAPRISTANO, C. C.; OLIVEIRA, E. C. Escrita infantil: a circulação da criança por representações sobre gêneros discursivos **Alfa**: Revista de Linguística (Unesp. online), v. 58, n. 2, p. 347- 370, 2014.

CERNICCHIARO, A. C. Restos e vestígios de uma carta rasurada. *In*: TFOUNI, L. V.; PEREIRA, A. C.; MILANEZ, N. **O paradigma indiciário e as modalidades de decifração nas Ciências Humanas**. São Paulo: EduFScar, 2018.

CIRILLO, J. Acervos digitais e crítica genética: ferramentas para as memórias de uma escritura digital. *In*: TELLES, C. M.; SANTOS, R. B. dos. (Orgs.). **Filologia, críticas e processos de criação**. Curitiba: Appris, 2012.

CHACON, L. A pontuação e a demarcação de aspectos rítmicos da linguagem. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 01-16, fev. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jun., 2020.

CÂMARA TÉCNICA DE DOCUMENTOS ELETRÔNICOS. **Documento digital é a mesma coisa que documento eletrônico?** Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/documentos-eletronicos-ctde/perguntas-maisfrequentadas.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. Campinas: 1997b. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

CORRÊA, M. L. G. A inter-incompreensão polêmica e sua versão solipsista em práticas de leitura emergentes. **ComHumanitas**, v. 11, n. 1, 2020.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. G. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 45, n.2, 205-224, 2006.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v. Especial, p. 333-356, 2011.

CORRÊA, M. L. G. Bases teóricas para ensino da escrita, **Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 481-513, set./dez. 2013.

CORRÊA, M. L. G.; KOMESU, F. Ler a opacidade: o enigma está no leitor. *In*: TFOUNI, L. ; PEREIRA, A.C.; MILANEZ, N. (Org.). **O paradigma indiciário e as modalidades de decifração nas Ciências Humanas**. São Carlos: EDUFSCar, p. 215-2208, 2018.

CORRÊA, S. C. S. **O Processo de criação da tradução da opera Wonyosy**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Salvador, 2012.

CUNNING, A.; LAI, C.; CHO, H. Students' writing from sources for academic purposes: A synthesis of recent research. **Journal of English for Academic Purposes**, v. 23, p. 47-58, 2016.

DELAHUNT, B. *et al.* 'Situating academic writing in the undergraduate curriculum: Some reflections'. **The All Ireland Journal of Teaching and Learning in Higher Education**, v. 4, n. 2, p. 1-69, 2012.

DELCAMBRE, I.; LAHANIER-REUTER D. Discours d'autrui et littéracies universitaires: qu'en disent les étudiants en sciences humaines? **Communications Internationales avec actes**, n. 2, 2011.

DIAS, C. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes **RASAL**. Linguística, 2019.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, C. L'écriture du fragmentaire quotidien entre mémoire discursive et mémoire métallique. **Itinéraires**: Littérature, textes, cultures. 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/itineraires/2289>. Acesso em: 19 fev. 2021.

DIAS, C. A escrita como tecnologia da linguagem. **Coleção HiperS@beres**, Santa Maria, v. 2, dez., 2009.

DIAS, C. Memória Metálica. **Enciclopédia Discursiva da Cidade**. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=119#:~:text=Esse%20conceito%20foi%20definido%20por,do%20computador%20e%20da%20internet..> Acesso em: 10 fev. 2021.

DUARTE, C. **Uma análise de procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário**. 1998. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270922>. Acesso em: 23 jul. 2018.

DURHAM, E. **O ensino superior no Brasil**: público e privado. São Paulo: USP, 2003. (Documento de Trabalho, n. 3/03). Disponível em: <http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt0303.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

ERWAY, R. Defining "Born Digital". **Online Computer Library Center**: Estados Unidos, 2010. Disponível em: <https://www.oclc.org/content/dam/research/activities/hiddencollections/borndigital.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

FELIPETO, S. **Rasura e Equívoco no processo de Escrita em Sala de Aula**. Londrina: EDUEL, 2008.

FERRAGUT, G. MPL e MBL: a avenida Paulista e o movimento antes de p e b – uma reflexão sobre a formação algorítmica. **Línguas e instrumentos linguísticos**, n. 44, jul./dez., 2019.

FERRARI, F. A. **Do romance à peça radiofônica**: estratégias de adaptação no processo de criação do audiolivro A Guerra dos Mundos, de H. G. Wells. 2016. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

FERRAZ, G. G. O caminho da boa resenha. **Revista Educação**, Ano 11, n. 122, p. 63-64, jun. 2007.

FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (Org.). **Questões da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 54-63.

FIAD, R. S. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, Especial. p. 357-369, 2011.

- FIAD, R. S. A pesquisa sobre a reescrita de textos. **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**, Universidade de Évora, 2010.
- FIGUEIRA, R. A. La propriété réflexive du langage: quelques manifestations du fati autonymique dans l'acquisition du langage. *In: Jacqueline Authier-Revuz et alii* (éds.). **Parles des mots: le fait autonymique en discours (193-204)**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2003.
- FISCHER, A. "Hidden Features" and "Overt Instruction" in academic literacy practices: a case study in engineering. _____. **Working With Academic Literacies: Case Studies Towards Transformative Practice**. Local: Editora, 2016, p. 75-85.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLORES, V. *et al.* **Dicionário da Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GARCEZ, L.H.C. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: UNB, 1998.
- GEE, J. P. Literacy, discourse and linguistics: introduction. **Journal of education**, v. 171, n. 1, p. 26-38, 1989.
- GEE, J. P. Reading as situated language: a sociocognitive perspective. **Journal of adolescent & adult literacy**, v. 8, n. 44, p. 714-725, 2001.
- GERALDI, V. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GINZBURG, C. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. *In: ECO, H.; SEBEOK, T. A.* **O signo de três**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GÓES, S. R. **Legendando Raccoon & Crawfish: proposta de estudo do processo criativo de uma legemdagem fílmica e de edição genética**. 2013, 128f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Salvador, 2013.
- GÓES, S. R. **Estudo do processo criativo da tradução e interpretação em Janela de libras da animação fílmica Raccoon & Crawfish: Percorrendo caminhos digitais**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, Salvador, 2018.
- GOODY, J.; WATT, I. As consequências do letramento. Trad. Waldemar Ferreira Neto. São Paulo: Paulistana, 2006. Edição original em inglês de 1963, n. 3, v. 5. **Jornal Comparative Studies in Society and History**, da Universidade de Michigan, EUA.

GÓRSKA, W. What can students' literacy practices teach us into writing development? *In: International Conference: University Literacies – Knowledge, Writing, Disciplines*, Lille, França. **Proceedings...** 2010. Disponível em: http://evenements.univ-lille3.fr/litteracies-universitaires/cd/version_anglaise/3_4_0_authors_index.html. Acesso em: 20 out. 2019.

GRÉSILLON, A. Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos. **Outros horizontes teóricos**. (Trad. Cristina Campos.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 214-231.

GUNKEL, D. Comunicação e inteligência artificial: novos desafios e oportunidades para a pesquisa em comunicação. **Galaxia** (São Paulo, online), n. 34, jan-abr., 2017, p. 05-19

GUNAWARDEN, M. *The Implications of Literacy Teaching Models*. **International Journal of Education & Literacy Studies**. vol. 5, n. 1, p. 94-100, 2017.

HARTMANN, F. **A voz na escrita**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

HENDERSON, R.; HIRST, E. Reframing academic literacy: re-examining a short course for “disadvantaged” tertiary students. **English teaching: practice and critique**, v. e, n. 2, 2006, p. 25-38.

HIRVELA, A.; DU, Q. “Why am I paraphrasing?”: undergraduate ESL writers' engagement with source-based academic writing and reading. **Journal of English for Academic Purposes**, 12(2), 87-98, 2013.

HYLAND, K. **Disciplinary identities**: individuality and community in academic discourse. Cambridge University Press, 2012.

KATO, M. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística, 7. ed. São Paulo, Ática, 1986.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KOMESU, F. C.; FISCHER, A. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. 2, 477-493, 2014.

KOMESU, F.; GAMBARATO, R. R. Letramentos acadêmicos no ensino superior: aspectos verbo-visuais no processo de textualização em contexto semipresencial. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 16, n. 1, 15-38, 2013.

KOMESU, F. Suporte: fonte, fixador, dispositivo sócio-histórico. *In: TFOUNI, L. O inesperado em Jakobson*, Campinas: Mercado das Letras, 2014.

KOMESU, F.; GALLI, F. C. S. Práticas de Leitura e escrita em contexto digital: autoria e(m) novos médiuns. **Revista Abralín**, v. 15, n. 2, p. 165-185, 2016.

KOMESU, F. Práticas de leitura e escrita em contexto acadêmico: relações (hiper)textuais singulares. **Raído**, Dourados, v. 8, n. 16, p. 79-93, dez. 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/3750>. Acesso em: 21 set. 2020.

LACAN, J. Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *In*: J. Lacan, **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 531-590.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Digital Literacies: Policy, Pedagogy and Research Considerations for Education. **Opening Plenary Address to ITU Conference**, Oslo, Norway, 20 out. 2005.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: An academic literacies approach. **Studies in higher education**, v. 23, n. 2, 157-172, 1998.

LEA, M. R.; STREET, B. V. The “Academic Literacies” model: theory and applications. **Theory into Practice**, v. 45, n. 4, p. 368-377, 2006.

LEBRAVE, J. “**La critique génétique**: une discipline nouvelle ou un avatar de la philologie?”. *Genesis*, Paris: ITEM/CNRS, n. 1, p. 42, 1992.

LEMOS, C. T. G. (2002) Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudo Linguísticos**, Campinas (SP), n. 42, pp. 41-69, 2002.

LILLIS, T. Whose common sense. *In*: JONES, C. **Essayist literacy and the institutional practice of mystery**. 127-140, 1999.

LILLIS, T. **Student Writing**: access, regulation, desire. New York: Routledge, 2001.

LILLIS, T.; SCOTT, M. Defining academic literacies research: issues of epistemology, ideology and strategy. **Journal of Applied Linguistics**, 4 (1) p. 5-32, 2007.

LILLIS, T.; TURNER, J. Student Writing in Higher Education: contemporary confusion, traditional concerns. **Teaching in Higher Education**, v. 6, n. 1, 57-68, 2001.

LINGARD, L., *et al.* Talking the talk’: school and workplace genre tension in clerkship case presentations. **The teaching environment**, v. 37, p. 612-620, 2003.

LUIZ SOBRINHO, V. V. **Heterogeneidade dos letramentos**: entre a tradição do escolar e a novidade do digital. 2018. Tese (Doutorado) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - São José do Rio Preto, 2018.

LUIZ SOBRINHO, V. V. ; KOMESU, F. Práticas letradas digitais e concepções de “língua” e “escrita” na internet em produções textuais escolares. *In*: BORGES, R. R. (Org.). **# SOU + TEC**: ensino de língua(gem) e literatura. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 133-150.

MACHADO, T. H. S. **Rasuras ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2014.

MACHADO, T. H. S.; CAPRISTANO, C. C.; JUNG, N. Letramento acadêmico: dimensões mostradas e escondidas em rasuras em contexto digital. **Revista Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 3, p. 933-956, 2019.

MACHADO, T. H. S.; CAPRISTANO, C. C. Rasuras ligadas à segmentação de palavras na aquisição da escrita. **Educação em Revista**, v. 32, n. 1, p. 337-364, 2016.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV**, v. 1, n. 1. São Paulo, 2003

MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **Revista brasileira de linguística aplicada**, n. 10, v. 2, 363-386, 2010.

MARTINS, A. C. P. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cir. Bras.**, São Paulo, v. 17, supl. 3, p. 04-06, 2002.

MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (Re)escrevendo: momentos iniciais. In: ABAURRE, M. B. M. *et al.* **Cenas de aquisição da escrita**: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de letras, 1997, pp. 53-59.

McCNAUGHT, K.; HOYNE, G. Predicting a student's success in Health Sciences based on their academic writing skills. **15th International First Year in Higher Education Conference**. Brisbane, Australia, 2012.

McGOWAN, U. Plagiarism detection and prevention. are we putting the cart before the horse? In: BREW, A.; ASMAR, C. (eds.) **Higher Education in a Changing World**. Proceedings of the HERDSA Conference. Sydney. 2005. Disponível em: http://www.itl.usyd.edu.au/herdsa2005/pdf/refereed/paper_412.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

METZ, M. C. **Escrita acadêmica e heterogeneidade**: presumidos sociais no par pergunta-resposta em situação de avaliação. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá- UEM, Maringá, 2020.

MEYER, P. L. **Probabilidade**: aplicações à estatística. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. In: **DELTA**, v.10, n.2, p. 329-338, 1994.

MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru: EDUSC, 2002.

MUSSI, R. F. F, *et al.*, Pesquisa quantitativa e/ou qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 414-430m jul./dez., 2019.

NAU, J., *et al.* Uma ferramenta para identificar desvios de linguagem na Língua Portuguesa. **Proceedings of Symposium in Information and Human Language Technology**. Uberlândia, MG, Brazil, October 2–5, 2017.

NEVES, C. E. B. *et al.* Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. **Sociologias**, v. 17, n. 9, p.124-157, 2007.

NEVES, C. E.B.; MARTINS, C. B. **Ensino superior**: uma visão abrangente. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9061/1/Ensino%20superior%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020).

OLIVEIRA, E. F. **Letramento acadêmico**: concepções divergentes sobre o gênero resenha crítica. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2010.

ONG, W. J. **Orality and Literacy**: the technologizing of the word. London: Routledge, 1991.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. Cam: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2020.

PACIELLO, A. S. Falsificação através de rasura em documento: falsidade ideológica ou material? **Unisul de Fato e de Direito**: revista jurídica da Universidade do Sul de Santa Catarina, [S.I.], v. 7, n. 13, p. 355, set. 2016.

PAULILLO, R. **A enunciação vacilante**: formas do heterogeneo no discurso de si. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270720>. Acesso em: 3 ago. 2018.

PEREIRA, R. A.; BRAGA, S. Ler e escrever na universidade: um fazer sócio-histórico-cultural. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 303-320, maio/ago. 2015

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento da Bakhtin**. Contexto: São Paulo, 2016.

QUINET, A. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.

RINO, L. H. M., *et al.* Aspectos da construção de um revisor gramatical automático para o português. **Anais do XXXI Gel Estudos Linguísticos**, 2002.

RISTOFF, D. I. Perfil socioeconômico do estudante de graduação: uma análise de dois ciclos completos do Enade (2004 a 2009). Rio de Janeiro: **Flacso/Brasil - Cadernos do GEA**, n. 4, jul./dez. 2013.

ROJAS, C. A. A. **Micro-história italiana: modo e uso**. Londrina: EDUEL, 2012.

RUIZ, Eliana Maria; FARIA, Melissa Bortoloto. A intertextualidade no gênero resenha. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. p. 99-128, maio 2012. ISSN 1982-4017. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/862/790. Acesso em: 22 dez. 2020.

SALARELLI, A.; TAMMARO, A. M. **A biblioteca digital**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2008 [2006].

SALLES, C. A.; CARDOSO, D. R. Crítica Genética em Expansão. **Ciência e Cultura**, v. 59, n. 1, p. 44-47, 2007.

SAMPAIO, H. **Evolução do ensino superior brasileiro (1808-1990)**. Documento de Trabalho 8/91. Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, 1991.

SANTOS, A. P.; CERQUEIRA, E. A. Ensino superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 9., 25-27 nov. 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009. Disponível em: Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT14092013162802>. Acesso em: 24 out. 2020.

SAVIANI, D. A questão da reforma universitária. **Educação & Linguagem**, ano 7, nº 10, p. 42-67, 2004.

SENEN, J. **Da inscrição do sujeito na escrita acadêmica**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SILVA, M. I. de L. Crítica genética na era digital: o processo continua. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 43-47, out./dez. 2010.

SILVA, E. M. A escrita de estudantes na universidade: uma análise das dimensões dos indivíduos. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 2, p. 311-318, maio/ago. 2015.

SILVA, P. H. T. da. **Seis mãos e o roteiro**: o estudo do processo de criação do roteiro da microssérie. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Salvador, 2013.

SILVEIRA, E. Ensaio sobre a variedade das rasuras em alguns manuscritos de Saussure. **DELTA**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 835-859, set. 2018.

SIQUEIRA, M. **O endereçamento em textos escolares**: sobre o seu caráter múltiplo. 2019. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019.

SOARES, M. **Letramento**: um tema de três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, A. E. Produção textual na universidade. **Revista Linguagem e Ensino**, v. 16, n. 1, 2013.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan. /abr., 2017.

STOOKE, R. K.; HIBBERT, K. Writing Goes Back to School: Exploring the “Institutional Practice of Mystery” in a Graduate Education Program. **Canadian Journal for the Scholarship of Teaching and Learning**, 8 (3), p. 1-16. 2017.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. **Revista Perspectiva**. 28 (2), p. 541-567, 2010.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Perspectiva**, v. 26, p. 341-377, 2008.

TFOUNI, L. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. São Paulo: Pontes, 1988.

TFOUNI, L. O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador(a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. **D.E.L.T.A.**, v. 8, n. 2, p. 205-223, 1992.

TFOUNI, L. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para a teoria do Letramento. In: MARCUSCHI, L. A. **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

TFOUNI, L. Letramento: mosaico multifacetado. *In*: TFOUNI, L. V. **Letramento, escrita e leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

WILLEMART, P. **Universo da criação literária**. São Paulo: Editora USP, 1993.

TFOUNI, L. Do manuscrito ao pensamento pela rasura. **Manuscrita**, n. 7, p. 21-35, 1998.

TFOUNI, L. A crítica genética hoje. **Alea**: Estudos Neolatinos. v. 10, n. 1. jan./jun., p. 130-139, 2008.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso?: Letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior. Trad. Luanda Sito e Marília C. Valsechi. *In*: VÓVIO, C.; SITO, L.; DE GRANDE, P. (orgs.). **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 71-95, 2010.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 32 maio/ago., 2006.

ZULAR, R. **Criação em processo**. Ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminura, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1 – TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE PARANAENSE – UNIPAR

Reconhecida pela Portaria – MEC N.º 1580, de 09/11/93 – D.O.U. 10/11/93
Mantenedora: Associação Paranaense de Ensino e Cultura – APEC

DIRETORIA EXECUTIVA DE GESTÃO DA PESQUISA E DA PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PESQUISA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Nome da Pesquisa: **PONTOS DE CONFLITO: AS RASURAS NA ESCRITA UNIVERSITÁRIA**

Pesquisador(es): **TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO**

Este estudo tem por objetivo: **Analisar quais os conflitos se mostram na produção escrita de alunos universitários**

Para a realização desta pesquisa, eu (participante da pesquisa e/ou responsável por um participante) serei submetido à realização dos seguintes procedimentos: O aluno realizará atividades de produção escrita (manuscrita ou digital), fornecendo ao docente rascunhos e diferentes versões dessa produção textual, bem como responderá a um questionário socioeconômico.

Riscos: Não há risco aos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Após ler e receber as explicações sobre a pesquisa, e ter meus direitos de:

- 1- Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
- 2- Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de permitir minha participação ou de qualquer indivíduo sob minha responsabilidade do estudo;
- 3- Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionada à privacidade.

Declaro por meio deste, estar ciente do exposto e concordar com minha participação na pesquisa, assim como qualquer indivíduo sob minha responsabilidade.

Nome do voluntário / Responsável:

RG:

Assinatura: _____ / /

Eu, **TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO**, declaro por meio deste que forneci todas as informações referentes ao estudo ao participante e/ou responsável.

RG: 7.636.087-1/PR

Praça Mascarenhas de Moraes, 4282 – Jmuarama – Paraná – CEP 87-50210

Tatiane@prof.unipar.br (44) 99916-9973

Assinatura do pesquisador: Tatiane H. Machado 080514

ANEXO 2 – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE PARANAENSE
- UNIPAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: PONTOS DE CONFLITO: AS RASURAS NA ESCRITA UNIVERSITÁRIA

Pesquisador: TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68330617.3.0000.0109

Instituição Proponente: Universidade Paranaense

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.675.458

Apresentação do Projeto:

Este projeto tem por objetivo discorrer sobre a escrita na universidade, investigando as rasuras, momentos em que se pode observar uma marca que indicia o retorno do sujeito sobre a sua escrita.

Para tanto, serão analisadas produções textuais, de diferentes gêneros discursivos, produzidas pelos escreventes ao longo do ano de 2017, bem como responderão a um questionário socioeconômico.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

De modo geral, objetivamos, neste trabalho, a partir de uma perspectiva discursiva, sob a perspectiva dos Novos Estudos de Letramento analisar as rasuras em textos de universitários, a fim de verificar quais os conflitos se mostram no processo sócio-histórico de construção do (seu) dizer.

Objetivo Secundário:

- (1) mapear as rasuras presentes nos textos de um grupo de acadêmicos universitários;
- (2) Definir por meio da análise das rasuras, quais os principais fatores sócio-históricos envolvidos na construção do projeto do dizer abandonado (1 gesto de escrita) e no projeto de dizer assumido

Endereço: Praça Mascarenhas de Moraes, 8482

Bairro: Umuarama

CEP: 87.502-210

UF: PR

Município: UMUARAMA

Telefone: (44)3821-2849

Fax: (44)9127-7860

E-mail: cepeh@unipar.br

Continuação do Parecer: 2.675.458

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_112702_1_É1.pdf	02/05/2018 15:20:52		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura.pdf	15/05/2017 10:09:48	TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	15/05/2017 10:06:09	TATIANE HENRIQUE SOUSA	Aceito
Outros	questionario.pdf	10/05/2017 14:29:27	TATIANE HENRIQUE SOUSA	Aceito
Brochura Pesquisa	projeto.pdf	10/05/2017 14:27:49	TATIANE HENRIQUE SOUSA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao.pdf	10/05/2017 14:27:37	TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/05/2017 14:25:36	TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UMUARAMA, 25 de Maio de 2018

Assinado por:

 Nelton Anderson Bsepalez Corrêa
(Coordenador)

Endereço: Praça Mascarenhas de Moraes, 8482

Bairro: Umuarama

CEP: 87.502-210

UF: PR

Município: UMUARAMA

Telefone: (44)3621-2849

Fax: (44)9127-7860

E-mail: cepeh@unipar.br